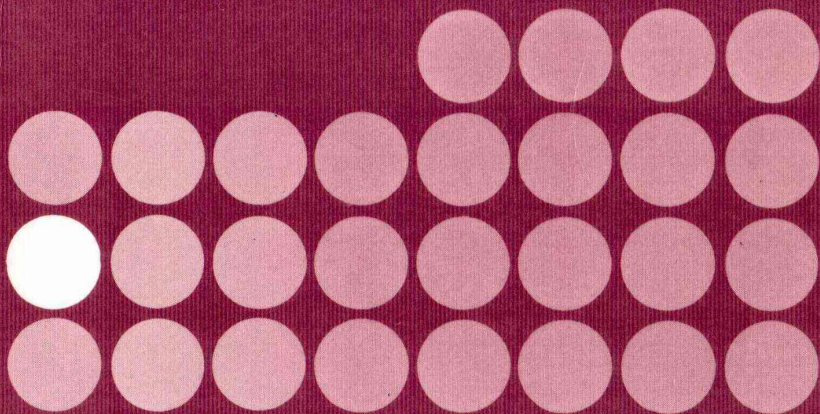


Salmos 1-72

introdução
e comentário

Derek Kidner



Mundo
Cristão



SÉRIE CULTURA BÍBLICA

SALMOS 1-72

À MINHA ESPOSA
Sl 13:6

SALMOS 1-72

**Introdução e Comentário
Aos Livros I e II dos Salmos**

por

DEREK KIDNER, M.A.

Diretor, Tyndale House, Cambridge

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

E

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO

Título do original em inglês:

PSALMS 1-72

**An Introduction and Commentary on
Books I and II of the PSALMS**

**Copyright © 1973 pela
INTER-VARSITY PRESS
Londres, Inglaterra**

SÉRIE TYNDALE COMMENTARY

**Tradução:
Gordon Chown**

Primeira Edição, 1980 — 4.000 exemplares

**Publicado no Brasil com a devida autorização e com
todos os direitos reservados pelas Editoras**

**SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
São Paulo, SP, Brasil**

PREFÁCIO GERAL

As boas-vindas já concedidas aos volumes já publicados dos *Comentários Tyndale do Antigo Testamento* e, inclusive ao volume sobre *Provérbios*, pelo Rev. Derek Kidner, nos encorajaram a convidá-lo a escrever dois volumes sobre os *Salmos*, dos quais este é o primeiro. O povo de Deus sempre se caracterizou pelo seu emprego de hinos e canções de vários tipos na sua adoração, e, sendo assim, os Salmos permanecem sendo um livro essencial para o estudo do Antigo Testamento, com relevância que continua até hoje.

Este volume continua o alvo desta série, que é equipar o que estuda a Bíblia, sem, porém, ter tido treinamento especializado na teologia, história e línguas bíblicas, com um comentário conveniente e atual de cada Livro. Embora a ênfase primária seja dada à exegese, questões críticas de importância não têm sido deixadas de lado quando são essenciais à compreensão do texto. O tamanho e a variedade de alguns Livros, tais como o dos Salmos, não permitem qualquer tratamento exaustivo dentro do número de páginas determinado para o comentário. O suficiente nos é oferecido, no entanto, para estimular o pensamento devocional tanto do pregador em público como do estudante em particular.

Embora todos sejam unidos quanto à sua crença na inspiração divina, fidedignidade essencial e relevância prática das Escrituras Sagradas, os autores individuais destes comentários têm feito livremente as suas contribuições. Nenhuma uniformidade detalhada de método tem sido imposta sobre o tratamento de Livros de tal variedade de matéria, forma e estilo como são os do Antigo Testamento.

Para economizar o número de páginas neste volume, a referência primária é feita ao texto da Tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil, e pressupõe-se que o leitor deste comentário tenha esta Versão à mão. Num dia de muitos comentários e traduções, alguns, como aquele que é provi-

denciado pelo Professor M. Dahood no seu volume sobre *Salmos* ("Anchor Bible"), dependem pesadamente da base de literatura ugarítica na sua interpretação do texto hebraico, mas o modo de entender aquela ainda é freqüentemente disputado. Sr. Kidner se refere a esta nova abordagem apenas em alguns pontos, a fim de não sobrecarregar o leitor geral com detalhes demasiados que, freqüentemente, são de natureza negativa.

O interesse no significado e na mensagem do Antigo Testamento continua inalterado e esperamos que esta série venha a promover o estudo sistemático da revelação de Deus, da Sua vontade e de Seus caminhos conforme registrados nas Escrituras. É a oração do editor, dos publicadores, bem como a dos autores, que estes livros possam ajudar muitos a entender e a obedecer a Palavra de Deus nos dias de hoje.

D. J. Wiseman.

ÍNDICE

Prefácio Geral	5
Prefácio da Edição em Português	8
Abreviaturas Principais	9
Introdução	11
Poesia Hebraica	11
A Estrutura do Saltério	15
Algumas Tendências no Estudo Moderno dos Salmos	18
A Esperança Messiânica	30
Gritos por Vingança	38
Títulos e Termos Técnicos	45
Episódios Davídicos nos Títulos	57
Comentário sobre Livros I e II	
Livro I — Salmos 1-41	62
Livro II — Salmos 42-72	185

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no tempo e no espaço e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V.T. deverá constar de 24 livros, de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto veterotestamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

Anderson	<i>The Book of Psalms</i> por A. A. Anderson (<i>New Century Bible</i> , Oliphants), 1972.
ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts</i> por J. B. Pritchard, ² 1955.
ARA	Almeida Revista e Atualizada.
ARC	Almeida Revista e Corrigida.
AV	Versão Autorizada em Inglês ("King James"), 1611.
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i> .
BDB	<i>Hebrew-English Lexicon of the Old Testament</i> por F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, 1907.
BH	<i>Biblia Hebraica</i> editada por R. Kittel e P. Kahle, ⁷ 1951.
Bib.	<i>Biblica</i> .
Briggs	<i>Psalms</i> por C. A. e E. G. Briggs (<i>International Critical Commentary</i> , T. & T. Clark), 1906-07.
Childs	<i>Memory and Tradition in Israel</i> por B. S. Childs (<i>SBT</i> 37, SCM Press), 1962.
Dahood	<i>Psalms</i> por M. J. Dahood (<i>Anchor Bible</i> , Doubleday), 1966-70.
Delitzsch	<i>Psalms</i> por F. Delitzsch, ⁴ 1883.
Eaton	<i>Psalms</i> por J. H. Eaton (<i>Torch Bible Commentaries</i> , SCM Press), 1967.
ET	<i>Expository Times</i> .
EV	Versões em Inglês.
Gelineau	<i>The Psalms: A New Translation</i> arranjados para serem cantados conforme a salmódia de Joseph Gelineau (Fontana), 1963.
G-K	<i>Hebrew Grammar</i> por W. Gesenius, editada por E. Kautzsch e A. E. Cowley, ² 1910.
HTR	<i>Harvard Theological Review</i> .
HUCA	<i>Hebrew Union College Annual</i> .
JB	Jerusalem Bible ("Bíblia de Jerusalém"), 1966.
JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i> .

JTS	<i>Journal of Theological Studies.</i>
K-B	<i>Lexicon in Veteris Testamenti Libros</i> por L. Koehler e W. Baumgartner, 1953.
Keet	<i>A Study of the Psalms of Ascents</i> por C. C. Keet (Mitre), 1969.
Kirkpatrick	<i>Psalms</i> por A. F. Kirkpatrick (<i>Cambridge Bible for Schools and Colleges</i> , CUP), 1891-1901.
Kissane	<i>Psalms</i> por E. J. Kissane (Browne and Nolan), 1953-54.
LXX	A Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
mg.	Margem.
Mowinckel	<i>The Psalms in Israel's Worship</i> por S. Mowinckel (Blackwell), 1962.
TM	O Texto Massorético.
NCB	<i>O Novo Comentário da Bíblia</i> , Edições Vida Nova (São Paulo, 1979).
NDB	<i>O Novo Dicionário da Bíblia</i> ; editado por J. D. Douglas et al. Edições Vida Nova, São Paulo, 1979.
NEB	The New English Bible (A Nova Bíblia em Inglês), 1970.
OTS	<i>Oudtestamentische Studiën.</i>
PBV	Prayer Book Version, 1662.
Perowne	<i>The Psalms</i> por J. S. Perowne (G. Bell), 1864.
RP	The Revised Psalter (O Saltério Revisto) (SPCK), 1964.
RSV	American Revised Standard Version, 1952.
RV	English Revised Version, 1881.
SBT	<i>Studies in Biblical Theology</i> (SCM Press).
Sir.	A Pesita (Versão siríaca do Antigo Testamento).
Targ.	O Targum (Versão aramaica do Antigo Testamento).
TB	<i>Tyndale Bulletin.</i>
TEV	Today's English Version: the Psalms, 1970.
TRP	<i>The Text of the Revised Psalter.</i> Notas por D. W. Thomas (SPCK), 1963.
VT	<i>Vetus Testamentum.</i>
Vulg.	A Vulgata (A Versão da Bíblia em Latim, feita por Jerônimo).
Weiser	<i>Psalms</i> por A. Weiser (<i>Old Testament Library</i> , SCM Press), 1962.
ZAW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft.</i>

INTRODUÇÃO

I. A Poesia Hebraica.

Repetidas vezes, o Antigo Testamento irrompe em poesia. Até mesmo as suas narrativas são ornadas aqui e ali com uma parêntese de versos, ou com uma seqüência mais longa de versos para ressaltar qualquer fato memorável (cf., e.g., Gn 2-4 em qualquer versão moderna), e esta é a forma que, de modo predominante, suas profecias assumem. Embora os Salmos formem o corpo principal de poesias nas Escrituras, e embora tivessem recebido (juntamente com Jó e Provérbios) um sistema distintivo de acentos por parte dos Massoretas¹ para marcar este fato, eles mesmos estão cercados por poesia e estão arraigados numa tradição poética longa e popular.

A poesia hebraica, pela sua flexibilidade de forma, se prestava bem para este emprego generalizado. Um ditado proverbial, um enigma, um apelo de um orador, uma oração, ações de graças, só para mencionar umas poucas variedades da expressão falada e escrita, todas estas podiam passar para os ritmos poéticos quase sem esforço, porque a sua métrica não era parcelada em "pés" ou em arranjos predeterminados de sílabas fortes e fracas; esta, pelo contrário, era ouvida no som de, digamos, três ou quatro acentos tônicos numa sentença ou frase curta, parêntese por uma linha que a ela correspondia, de cerca do mesmo comprimento. As sílabas mais leves que se entremeavam entre as mais fortes não tinham um número fixo, e a contagem de

¹ Eles eram os guardiães do texto, c. 500-1000 d.C. O TM é o texto hebraico padrão do Antigo Testamento. Para maiores detalhes ver NDB, verbete "Texto e Versões", I e II; pg. 1590.

compassos fortes numa linha podia, por sua vez, ser variada com certa liberdade dentro de um único poema. Havia lugar de sobra para a espontaneidade.

Algum indício destes ritmos pode ser sentido às vezes mesmo na tradução, quando a nossa ordem de palavras coincide mais ou menos com o hebraico, língua em que às vezes há linhas de dois acentos tônicos, ou de quatro ou ainda mais, sendo, porém, que o ritmo mais comum é 3:3, que aparece, e.g., na ARA do Salmo 26:2,

Examina-me, SENHÔR, e prova-me
sônda-me o coração e os pensamentos.

O Salmo seguinte, SI 27, tem sua maior parte num ritmo 3:2, que também deixou a sua marca na tradução. E.g., no versículo 1,

O SENHÔR é a minha luz e a minha salvação;
de quem terei medo?

Este padrão de 3:2 freqüentemente se chama *qînâ* (lamento), por causa da sua cadência descendente, com a sua sugestão de caráter final, que fez com que fosse uma medida predileta para elegias (como no Livro de Lamentações) e para cânticos de escárnio (e.g. Is 14:12ss.); mas este caráter final podia igualmente expressar alegria e confiança, como demonstra plenamente o Salmo 27.

A flexibilidade que se acha dentro da linha única de verso se estende a unidades maiores também. O que chamamos de parêntese de versos (ou, conforme o termo de Albright, um bicólon) pode se desenvolver às vezes para atingir o clímax mais alto de um terno ou tricólon, como no Salmo 92:9 [hebraico, v. 10]:

Eis que os teus inimigos, SENHOR,
eis que os teus inimigos perecerão;
serão dispersos todos os que praticam a iniquidade.²

² As canções de vitória de Moisés e Débora têm alguns exemplos excitantes disto (e.g. Êx 15:8, 11; Jz 5:21), e era uma característica da poesia cananita antiga. Ver W.F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan* (Athlone Press, 1968), págs. 4ss. Um hino ugáritico a Baal contém linhas quase idênticas ao SI 92:9, supra.

Semelhantemente, no poema como um todo, é a exceção mais do que a regra achar estrofes de igual comprimento ou mesmo de definição clara. Às vezes, sem dúvida, um refrão esboçará um desígnio distintivo, como nos Salmos 42 e 43 onde isto é levado a efeito de modo algo complexo, e, às vezes, um acróstico criará seu próprio arcabouço (do modo mais elaborado no SI 119); na maioria das vezes, porém, o movimento do pensamento está livre para formar qualquer padrão que fosse mais naturalmente adotado.

A característica fundamental destas poesias, no entanto, não era suas formas ou seus ritmos externos, mas, sim, seu modo de combinar ou ecoar um pensamento com outro. Isto tem sido descrito como sendo rima de pensamento, porém, mais freqüentemente, como “paralelismo”, um termo introduzido pelo Bispo Robert Lowth no século dezoito.³

Isto se reconhece imediatamente numa parelha de versos tal como o Salmo 103:10, onde as duas linhas são sinônimas:

Não nos trata segundo os nossos pecados,
nem nos retribui consoante as nossas iniquidades.

Nesta forma de paralelismo, a segunda linha (ou, às vezes, o segundo versículo) meramente reforça a primeira, de tal maneira que seu conteúdo fica enriquecido, e o efeito total se torna espaçoso e impressionante. Não se deve ressaltar por demais os matizes de diferença entre os sinônimos; estão em arreio duplo mais do que em concorrência. Assim, e.g., “homem”, e “o filho do homem” no Salmo 8:4, ou “minha alma” e “minha carne” em 63:1, são emparelhadas mais do que contrastadas.

³ Ver Preleção XIX, *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*, publicadas pela primeira vez em Latim, em 1753. A análise feita por Lowth ainda merece respeito geral, embora existam sugestões quanto a distinções adicionais (ver a nota seguinte) e a literatura descoberta em Ugarite tem ressaltado a atração da simples repetição, bem como do paralelismo, da poesia antiga. Para algumas modificações e críticas recentes das categorias de Lowth, ver S. Gevirtz, *Patterns in the Early Poetry of Israel* (Chicago University Press, 1963); e W. Whallon, *Formula, Character and Context* (Harvard University Press, 1969).

Os sinônimos por si mesmos seriam monótonos, no entanto, e a forma tem muitas variações. O “paralelismo culminante” de, e.g., Salmo 93:3, ou de 92:9 supra citado, mostra o efeito poderoso de deixar a segunda linha, como uma segunda onda, subir mais alto do que a primeira, para então, talvez, ser ultrapassada por uma terceira. Há várias outras maneiras de se modificar a regularidade de linhas que se emparelham, de tal modo, por exemplo, que a segunda se estenda sobre um aspecto único da primeira, como em 145:18 —

Perto está o SENHOR de todos os que o invocam,
de todos os que o invocam em verdade

— ou talvez seja o seu complemento ou contrapartida, como em 63:8, mais do que seu eco:

A minha alta apegar-se a ti;
a tua destra me ampara.

Este último exemplo tem algo em comum com a segunda categoria de Lowth, o “paralelismo antitético”, sobre o qual não se precisa dizer tanta coisa. Não nos familiarizamos mais com ele a partir dos ditados de Provérbios 10m., e é bem característico dos salmos didáticos; e.g. 27:12:

O ímpio pode emprestar e não paga;
o justo, porém, se empresta e dá.

A estas duas classes, sinônima e antitética, Lowth acrescentou uma terceira, que chamou de “paralelismo sintético ou construtivo”, no qual “as frases se correspondem uma à outra . . . meramente pela forma de construção”. Atribuía a esta categoria tudo quanto não se encaixava nos primeiros dois grupos, e nisto tem sido seguido por vários expositores modernos (na maioria dos casos sujeita ao acréscimo de uma ou duas sub-categorias).⁴ Alguns dos exemplos mais marcantes

⁴ E.g. Briggs (págs. xxxiv e segs.) dá exemplos de (a) um paralelismo “emblemático”, onde os sinônimos ficam mais complexos, como em 129:5-8; (b) “tipo escada” (cf. o paralelismo culminante referido supra, mas abrangendo também a progressão mais gradual, de palavra-chave em palavra-chave, em e.g. 25:1-7); (c) “introvertido”, seguindo o padrão quiástico a.b.b.á. (como em 30:8-10, onde 8 corresponde a 10, e 9a a 9b).

de Lowth, porém, poderiam muito bem ser classificados como paralelos virtualmente sinônimos (e.g. 19:7ss.; 62:11a), e quanto ao resto, pareceria melhor deixar de lado o termo “paralelismo” e falar meramente de pares ou coplas, nos muitos casos nos quais o pensamento e a dicção avançam diretamente na segunda linha de uma parêntese, sem sequer uma olhadela para trás.

Uma circunstância final merece ser ressaltada, e esta, também, era uma das observações de Lowth. É o fato marcante de que este tipo de poesia perde menos do que talvez qualquer outro no processo da tradução. Em muitas literaturas o apelo de um poema se acha principalmente nas felicidades verbais e suas associações, ou nas sutilezas métricas, que tendem a perder seu efeito mesmo numa língua afim. As notas da programação de qualquer recital de *Lieder* bastam para comprovar esta circunstância! A poesia dos Salmos, porém, tem uma larga simplicidade de ritmos e figuras de linguagem que sobrevive o transplante para quase qualquer terreno. Acima de tudo, o fato de que seus paralelismos são mais de sentido do que de som permite que esta poesia reproduza seus efeitos principais com pouquíssima perda quer de força quer de beleza. É bem qualificada, pela providência divina, a convidar “toda a terra” a “cantar a glória do Seu nome”.

II. A Estrutura do Saltério.

A maioria das versões modernas demarca a divisão do Saltério nos seus cinco “livros”, que começam, respectivamente, nos Salmos 1, 42, 73, 90 e 107. A base disto se acha no próprio Saltério, que coroa cada um destes grupos com uma doxologia. A Septuaginta (tendo como abreviatura LXX), traduzida no século II ou III a.C., é testemunha da antiguidade destas marcas, e ainda antes disto o cronista cita aquela que termina o Livro IV (1 Cr 16:35-36).⁵

Além destes, há outros indicadores quanto aos componentes da coleção e às etapas do seu crescimento. Um dos mais notáveis é o pós-escrito ao Livro II: “Findam as orações de Davi, filho de Jessé” (72:20). Isto imediatamente levanta a pergunta por que mais dezoito salmos de Davi se acham depois deste ponto, e uma dúzia de salmos por outros autores antes dele; e a resposta mais provável a isto é que houve tempo

⁵ Para uma interpretação do significado disto, ver Mowinckel, II, págs. 193ss.).

em que uma compilação completa em si mesma terminou aqui, e, mais tarde, outros livros de salmos, com sua própria seleção de matéria, foram acrescentados. Dentro da própria unidade, porém (1-72), há sinais de que os dois livros que a compõem fossem originalmente usados independentes um do outro. Por exemplo, dois salmos no Livro II (53 e 70) são réplicas quase exatas de matéria do Livro I; além disto, o termo Eloim (Deus), no livro II toma, em grande medida, o lugar do nome Javé (o Senhor) — uma diferença de linguagem religiosa costumeira que se compara com as preferências e aversões que se acham em nossos próprios círculos, onde um grupo tende a falar de “Deus”, e outro do “Senhor”, e uma geração emprega “Vós” na adoração enquanto outra emprega “Tu”. Assim como as palavras de um hino variam um pouco de uma coletânea para outra, para se enquadrar nas necessidades de diferentes grupos cristãos, assim também, segundo parece, havia variações entre a letra dos salmos, deixando sinais de pequenas coletâneas que finalmente foram ajuntadas para o emprego de todo Israel. O emprego diferente dos nomes divinos continua, como que entre blocos de matéria diferentes nos demais Salmos, sendo que Eloim tende a predominar em 73-83, mas Javé no restante do Livro III, i.e., em 84-89; após o qual, nos Livros IV e V, Javé é empregado quase sem variação.⁶ Sem dúvida, algumas destas distinções refletem as preferências pessoais dos autores; outras, porém, são evidentemente editoriais, adaptando um salmo existente à linguagem dos usuários. E.g., nos Salmos 84-85, 87-88, do Livro III, que vêm do mesmo grupo de cantores do templo que os Salmos 42-49 no Livro II, a preferência do Livro II por “Eloim” desapareceu.

Mencionamos “blocos de matéria”, e estes nos oferecem mais algumas introspecções na história do Saltério. O Livro II começa com um grupo de salmos (42-49) atribuídos aos filhos de Coré, uma corporação hereditária de oficiais do templo. O Livro III, conforme já vimos, contém mais quatro dos seus salmos, mas estes são precedidos pelos

⁶ S. R. Driver, *Introduction to the Literature of the Old Testament* (T. & T. Clark, 1896), pág. 371, cita as seguintes estatísticas: Livro I, Javé 272, Elohim (sem qualificar) 15; Livro II, E 164, I 30; Livro III, SI 73-83, E 36, J 13; SI 84-89, J 31, E 7; Livro IV, J somente; Livro V, J somente (executando-se 144:9; e também no SI 108 que é tirado de SI 57 e 60).

salmos de Asafe (73-83)⁷, um músico que era fundador de outra destas corporações do templo. Estes dois corpos de músicos, portanto, tinham, cada qual, seu estoque especial de matéria. Entre os salmos colecionados de Davi, Asafe e Coré, no entanto (e esta cifra inclui três salmos davídicos do Livro V), achamos cinqüenta e cinco que são assinalados "ao mestre de canto" (se esta for a tradução certa).⁸ Isto sugere que, em certa etapa, o diretor supremo da música do templo tinha sua própria compilação, precursora do Saltério completo, ou uma seleção especializada dele.

Os Livros IV e V têm mais alguns agrupamentos, que se vinculam principalmente pelos seus assuntos ou empregos mais do que pela sua autoria. Tais são: 93-100, que tratam da soberania universal do Senhor; 113-118, o "Halel Egípcio" ("louvor"), cantado na noite da Páscoa; 120-134, "Cânticos de romagem" (?⁹) que faziam parte do "Grande Halel", 120-136; e um Halel final que consiste em 146-150, todos os quais começam e terminam com Aleluia. Há também duas coletâneas de salmos davídicos, 108-110 e 138-145.

Em último lugar, talvez, a coleção recebeu o Salmo 1 como prefácio, o qual não tem título ou nome de autor, diferentemente da maioria dos Salmos no livro I.

O quadro que emerge é uma mistura de ordem e de informalidade de arranjo, que convida, mas ao mesmo tempo derrota, a tentativa de esclarecer cada detalhe da sua forma final. Há alguma progressão cronológica, sendo que Davi se evidencia mais na primeira metade, e que há uma clara alusão ao cativeiro perto do fim do Livro V (Salmo 137). Davi, no entanto, reaparece no salmo seguinte (138), e, por contraste, a queda de Jerusalém já fora lamentada no Salmo 74. O progresso do pensamento teológico ou cútico não se demonstra mais facilmente. Embora não tenha havido falta de teorias, que tendem a refletir as formas de pensamentos de sucessivas eras (e.g., Gregório de Nissa via nos cinco livros cinco passos para a perfeição moral, algo como o modo de Atanásio interpretar os quinze Salmos de Romagem;

⁷ O grupo Asafe tem um precursor solitário no livro II, i.e., Sl 50. Ewald foi, talvez, o primeiro a indicar que, transferindo-se 42:50 para seguir 72, os salmos de Davi, Coré (primeiro grupo) e Asafe viriam numa única sequência direta.

⁸ Ver pág. 53.

⁹ Ver pág. 57.

com disposição diferente, Delitzsch achou uma série de divisas ou palavras-chave que vinculavam cada salmo ao salmo seguinte no decurso de todos os 150), qualquer esquema que descobre uma necessidade lógica na posição de cada salmo provavelmente lança mais luz sobre a sutileza do seu proponente do que sobre o padrão do Saltério. Sua estrutura talvez se compare melhor com a de uma catedral edificada e aperfeiçoada no decurso de alguns séculos, numa variedade harmoniosa de estilos, mais do que a de um palácio que revela a simetria formal de um plano único que a tudo abrange.

III. Algumas Tendências no Estudo Moderno dos Salmos.

Poucas áreas de Antigo Testamento têm se revelado mais fascinantes para os estudiosos em anos recentes do que os Salmos. Depois de Wellhausen, a opinião crítica demonstrava a probabilidade de permanecer de acordo que o Saltério fosse um produto da maturidade pós-exílica de Israel, quando o ensino dos profetas e o colapso da monarquia tinham se combinado para dar novo destaque à piedade individual. Ainda em 1922, John Skinner podia falar de Jeremias como sendo, em certo sentido, “o primeiro dos salmistas”,¹⁰ sendo que suas profecias desrespeitadas o forçaram a contender com Deus, e descobrir, neste processo, o ambiente da comunhão pessoal. O ofício de profeta logo haveria de desaparecer, juntamente com a situação que criticara e exortara; logo mais, seria ouvido um novo tipo de voz, dirigindo-se a Deus mais do que ao homem, e “um novo tipo espiritual — o santo do Antigo Testamento”¹¹ — tornar-se-ia visível com os poetas do Saltério.

Já em 1904, porém, uma nova abordagem do estudo dos Salmos tivera como pioneiro H. Gunkel, que haveria de forçar a uma nova avaliação da procedência e função dos salmos, abordagem esta que outros estudiosos levariam muito além dos primeiros pensamentos do seu originador. O método de Gunkel era buscar, em primeiro lugar, o contexto vivencial dos salmos, pesquisando as canções e poesias a serem achadas noutras partes da Bíblia e em culturas contemporâneas; e, em segundo lugar, classificar a matéria mais pela sua forma do que pelo seu conteúdo, algo semelhante ao método de Lineu de herborizar (uma analogia

¹⁰ J. Skinner, *Jeremias — Profecia e Religião* (ASTE — SP), pág. 206, 1966.

¹¹ *Ibid.*, pág. 223.

que o próprio Gunkel empregava¹²). Uma das circunstâncias que emergiam disto era a semelhança íntima entre os tipos principais de matéria do Saltério para os hinos, lamentos, ações de graças, e peças para ocasiões reais, que surgiam das várias situações que se achavam no restante do Antigo Testamento. Gunkel concluiu que “esta poesia, que pertence ao culto, é tão antiga quanto o próprio culto, e brota da mesma era que a saga nacional, a justiça, a Torá, e todos os demais tesouros da vida nacional”.¹³ Jeremias, portanto (para voltar ao exemplo de Skinner), longe de ser o originador do salmo de súplica pessoal, estava retomando e desenvolvendo uma forma que já estavam bem estabelecida.¹⁴

Gunkel, a despeito de tudo isto, ainda considerava que a maioria da matéria no Saltério fosse pós-exílica, porém ainda escrita na linguagem idiomática criada pelos antigos rituais, embora estes tivessem sido superados pelo desenvolvimento e a religião tivesse “atingido a maioria” — pois esta metáfora célebre era dele, uma geração antes de ser empregada por Bonhoeffer. Segundo a consideração dele, foi o conservantismo dos hábitos religiosos que deixou as marcas dos antigos padrões cúlticos sobre a nova matéria espiritual, de tal modo que o suplicante particular empregava a linguagem cujo propósito original tinha sido servir ao rei; ou falava dos seus problemas e da sua cura como se fossem os assaltos de doença e os ritos da expiação.

Foi Mowinckel, na suas séries de monografias, *Psalmestudien* (Estudos nos Salmos), I-VI (1921-24), que levou esta linha de estudo mais perto da sua verdadeira conclusão, ao recusar a artificialidade de desligar os salmos dos rituais que, supostamente, os formaram. Gunkel, conforme ele indicou, tinha participado do preconceito dos seus dias, contra a religião cúltica, e assim, parara na metade do caminho que ele mesmo abrira. Devemos aceitar aquilo que os salmos dão a entender, e não somente vê-los, na sua maioria, como “verdadeiros salmos cúlticos compostos para . . . os próprios cultos no Templo”¹⁵,

¹² Cf. H. Gunkel, *The Psalms* (Facet Books, B. S. 19, Fortress Press, Philadelphia, 1967), pág. 5, nota de rodapé. Esta é uma tradução por T. Horner do artigo de Gunkel sobre os Salmos em *Religion im Geschichte und Gegenwart* (1909; 21930).

¹³ “The Poetry of the Psalter” em *Old Testament Essays*, ed. D. C. Simpson (Griffin, Londres, 1927), pág. 136.

¹⁴ *Ibid.* pág. 135.

¹⁵ Mowinckel, I, pág. xxiii.

como também “devemos formar um quadro tão completo e vívido quanto possível do antigo culto israelita e judaico, com suas muitas situações e atos”¹⁶. Os salmos e a liturgia deviam iluminar-se mutuamente.

Um resultado surpreendente desta abordagem foi a atribuição de novas datas aos salmos. Agora, a sua idade de ouro ficou sendo entendida como a da monarquia, embora fosse ainda demais atribuir mais do que um ou dois ao próprio Davi. Ainda mais notável, no entanto, foi a emergência de um novo quadro do culto israelita, construído não tanto a partir dos dados das leis (as quais Mowinckel considerava “parciais e fragmentárias”) como de “insinuações”, conforme a expressão dele, “nos próprios salmos”,¹⁷ com evidência apoiadora tirada de outros cultos orientais.

Seguindo esta indicação, diferentes estudiosos têm discernido festas diferentes como sendo as fontes principais dos salmos. O próprio Mowinckel via a festa da Colheita e dos Tabernáculos, no Ano Novo, como sendo a principal destas, celebrando a epifania e entronização de Deus com um ritual tão elaborado que deu origem a mais do que quarenta salmos. Nela, o drama da criação era encenado, com uma batalha ritual contra o mar e os seus monstros (cf. e. g., Sl 89:9-10), como as batalhas nos mitos cananitas e babilônicos. No devido tempo, Javé, cuja presença era simbolizada pela arca, subiria o monte Sião em procissão, para ali ser desafiado, admitido (24:7 e segs.) e finalmente aclamado com o grito: “Reina o SENHOR!” (e. g. 93:1). Como Rei, confirmaria Sua aliança com Israel e a casa de Davi, admoestando-os a guardarem as Suas leis (81:8ss.; 95:8ss.), e, como Marduque estabelecendo a sorte do ano vindouro, “julgaria o mundo com justiça” (96:13); noutras palavras, colocaria os eventos no seu curso correto e atribuiria às nações os seus destinos.

Segundo o ponto de vista de Mowinckel, toda esta atividade se preocupava com o aqui e agora, e não com o futuro distante. Anualmente, este grande dia, o Dia do Senhor, seria aguardado como sendo o tempo de restaurar todas as coisas em prontidão para o ano vindouro; gradualmente, porém, estas esperanças, não cumpridas, seriam projetadas para uma era futura. Assim sendo, a escatologia de Israel veio a nascer desta própria festa.

¹⁶ Ibid. pág. 35.

¹⁷ Ibid. pág. 36.

As reações a Mowinckel têm variado, conforme se poderia prever, entre uma impaciência que ultrapassaria seu próprio pensamento, e uma avaliação cautelosa que questionaria ou modificaria boa parte da sua posição. De modo geral, porém, conquistou aceitação considerável: todo comentarista tem que levá-lo em conta, e se agora a primeira pergunta que se levanta com respeito a qualquer salmo específico tende a ser a inquirição de Gunkel quanto ao grupo em que deve ser colocado, a segunda pergunta será, provavelmente, a de Mowinckel, a saber: “à qual ocasião cültica este grupo de salmos deve ter pertencido, e o que experimentou ou sentiu a congregação naquela ocasião?”¹⁸

Uma resposta algo exagerada a estes novos métodos veio de um grupo britânico de estudiosos que veio a ser conhecido como a escola Mito e Ritual (nome este tirado do título de um simpósio editado em 1933 por S.H. Hooke), e de certo número de escandinavos, notavelmente Engnell e Widengren, que assiduamente perseguiram a idéia de um padrão cültico comum ao antigo Oriente Próximo. Dificilmente havia um aspecto do festival babilônio *akitu* ou dos ritos de fertilidade cananita que, para eles, não deixasse sinal da sua presença nos salmos. Alguns estudiosos, não se restringindo à sugestão de Mowinckel de que Javé herdasse o culto jebusita de “Elyon o Altíssimo”, se convenceram que Ele celebrava um casamento anual com Anate¹⁹ e uma morte e ressurreição ritual como aquela de Tamuz,²⁰ em todos os quais Seu papel era desempenhado pelo rei. Este não era apenas o ponto de vista dos escandinavos Widengren e Hvidberg; T. H. Robinson o expressou (num estilo imperturbavelmente prosaico) nas palavras: “O casamento divino se seguia, consumado na choupana sagrada, e era sucedido pela morte de Javé. Após um período de lamentação, era restaurado à vida, e, com Sua consorte, era acompanhado para Seu lar no Templo, para ali reinar até que a mudança do ano trouxesse de volta a estação festiva”.²¹

Outros estudiosos, tendo uma apreciação mais forte de Javé como o Deus vivo, entenderam que a ação do rei era desempenhar o papel, não

¹⁸ Mowinckel, I, pág. 32. Ver abaixo, págs. 24-29; 60-61, as críticas à abordagem dele.

¹⁹ T. H. Robinson, “Hebrew Myths” em *Myth and Ritual*, ed. S. H. Hooke (Oxford, 1933), págs. 185-6.

²⁰ Cf. G. Widengren em *Myth, Ritual and Kingship*, ed. S. H. Hooke (Oxford, 1958), págs. 190ss.

²¹ *Myth and Ritual*, págs. 188-9.

do próprio Javé, mas do Seu filho adotivo, e reconstruíram o drama cúltico como sendo uma seqüência dupla de conflito e vitória: primeiro, o Criador esmaga Seus inimigos cósmicos, para então reasseverar Sua soberania e renovar a terra; depois, há a luta do rei davídico com os reis da terra e com o poder da morte, em que ele foi humilhado e quase tragado (cf. 18:4-5), para ser salvo no momento exato.

Um aspecto atraente desta abordagem era que libertava o saltério da sua associação de decoro eclesiástico. Imaginar um drama cúltico de batalhas, procissões e gritos de homenagem é ver, pelo menos, os salmos se vivificarem com um pouco da cor e emoção que são subentendidas nas suas alusões ao bater de palmas e à lamentação, à dança e à prostração. Numa reconstrução imaginativa do festival do Ano Novo, por exemplo, certo escritor retrata o extinguir gradual das tochas, enquanto o rei se despe das suas vestes reais, e, com a chegada da escuridão total, o rei jaz prostrado aos pés dos seus inimigos, onde clama a Javé com as palavras do Salmo 89: *Até quando, SENHOR? Esconder-te-ás para sempre? . . . Lembra-te, Senhor, do opróbrio dos teus servos . . .* “Finalmente, depois de a atmosfera se tornar quase intolerável na sua intensidade, Javé vem de fato libertar Seu povo. Vem com o amanhecer, simbolizado pelo sol, fonte suprema da luz e da vida, e é vitorioso . . .”²²

Isto é fascinante e memorável, ainda que levante a pergunta: Como poderemos saber se qualquer coisa disto aconteceu assim?

Voltaremos a este ponto: no ínterim, porém, podemos notar um segundo atrativo neste conceito cúltico-dramático. Colocava juntos certos temas do Antigo Testamento que, doutro modo, poderiam ter parecido isentos de relacionamento, ou arbitrários. Entre outras coisas, ligava o abismo entre o rei e o Servo sofredor. Aqui havia um modo de ver ambos os ofícios unidos de modo significante numa só pessoa. Além disto, a apresentação do rei como sendo “sacro”, um mediador sem igual entre Deus e Seu povo, de Quem ele era (conforme este ponto de vista) a personificação e o representante, formava um contexto para a profecia messiânica. Se a unção que o rei recebia fazia dele uma pessoa à parte, com um papel crucial para desempenhar em relação a Deus e aos homens, alguns dos títulos messiânicos exaltados começariam a parecer menos violentamente inapropriados aos antecessores do Mes-

²² D. Anders-Richards, *The Drama of the Psalms* (Darton, Longman & Todd, 1968), pág. 41.

sias, embora ainda fossem por demais magníficos para se enquadrarem em qualquer rei na sua própria pessoa.

Este próprio conceito de soberania sacra, porém, é precário, e tem sido sujeito a ataques de muitos lugares. Duvida-se que ele se teria sugerido a estudiosos bíblicos meramente pela evidência nas Escrituras sem a instigação da antropologia comparada.²³ Esta, na melhor das hipóteses, é uma fonte duvidosa, conforme deu a entender C. R. North quando criticou o método de Mowinckel de "trabalhar para dentro, a partir do largo círculo do *Umwelt* (mundo em derredor) semítico primitivo e geral, ao invés de trabalhar de dentro para fora, a partir do centro da consciência profética"²⁴, e, nesta área específica, mesmo a idéia de um padrão comum ao Oriente Próximo de monarquia ou de adoração é refutada pela evidência, conforme vários estudiosos já indicaram.

A matéria bíblica, de si mesma, mostra dois aspectos do rei, com uma certa tensão entre eles que a teoria da monarquia sacra resolve com demasiada facilidade. De um lado, vários salmos reais (2, 45, 110 em particular) empregam linguagem a respeito do rei que dá para este uma posição que parece ser divina, como "filho" de Deus (2:7) ou mesmo como Deus encarnado (45:6, lit.); e, nas narrativas, sua pessoa é sagrada, como Ungido do Senhor. Havia ocasiões, outrossim, nas quais presidia como sacerdote (cf. 2 Sm 6:12ss.; 1 Rs 8). De outro lado, não há descrição alguma do alegado combate e libertação do rei num festival anual, do qual alegadamente dependia tanto o bem-estar do seu povo. E é por certo significativo, conforme indica M. Noth,²⁵ que em Israel a monarquia somente chegou tardiamente em cena, e despertou sentimentos mistos entre os fiéis na ocasião da sua chegada. As atividades como sacerdote, exercidas pelo rei, referidas supra, pertenciam a ocasiões bem excepcionais; ele foi advertido que não devia tomar sobre si qualquer direito geral quanto a esta área (1 Sm 13:8ss.; 2 Cr 26:18).

Difícilmente poderíamos fazer melhor do que seguir o modo de o Novo Testamento tratar deste paradoxo, que não é diminuir qualquer

²³ Cf. as observações de Widengren com respeito à influência de Frazer sobre a Escola do Mito e Ritual, e do Grönhech sobre Pedersen e Mowinckel. Ver *Myth, Ritual and Kingship*, pág. 152, 154.

²⁴ ZAW 50 (1932), pág. 35, citado por A. R. Johnson em *Myth, Ritual and Kingship*, pág. 224.

²⁵ M. Noth, "God, King and Nation" em *The Laws in the Pentateuch, and Other Essays* (Edição Inglesa, Oliver & Boyd, 1966), págs. 161ss.

lado da questão (e.g. por emendas textuais ou por apagar as traduções), mas, pelo contrário, nos conduzir à solução sem igual que estava para receber em Jesus Cristo. Várias passagens tratam a questão desta forma. Uma delas é onde nosso Senhor insiste no paradoxo: o Senhor de Davi é o filho de Davi; outra é onde Pedro emprega o mesmo oráculo, e o do Salmo 16, para contrastar a incorrupção e o trono dos quais Davi falou, com o túmulo que ele mesmo haveria de ocupar; ainda outra passagem é a fileira de testemunhos tirados dos Salmos, em Hebreus 1, bem conhecida por muitas pessoas como sendo a Epístola para o Dia de Natal, onde pleno valor se atribui a expressões tais como: "Tu és meu Filho" e "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre".²⁶ Isto envolve, sem dúvida alguma, um ponto de vista francamente sobrenaturalista destes oráculos; é, porém, difícil entender por que se deva pensar que é impróprio para o Espírito Santo inspirar profecias a respeito do assunto central de toda a revelação.

Temos considerado alguns dos seguidores — ou, em certos casos, ultrapassadores — mais extremos de Mowinckel. No outro extremo, há os que discordam dele inteiramente, ou em certos pontos cruciais. Um exemplo destes últimos é R. de Vaux, que responde com uma negativa decidida à pergunta: "Existia um Festival do Ano Novo (nos tempos do Antigo Testamento)?" e com um "Não" — ou, no mínimo, um "Não Comprovado" — à pergunta: "Existia uma festa da entronização de Javé?" Ele concorda com aqueles que vêem uma objeção séria no fato de que não se acha explicitamente na Escritura uma conexão entre a Festa dos Tabernáculos e a soberania de Javé (quanto à única exceção que é alegada, Zc 14: 16, ele a rejeita como sendo fortuita, já que o capítulo inteiro trata do reino futuro de Javé). O grito, *Yahweh málak*, no SI 93: 1, etc., é meramente uma aclamação leal: "Reina o SENHOR"; não é uma fórmula de entronização. Os salmos que a contêm são salmos em louvor do reino de Javé, e não proclamações da Sua ascensão.²⁷ Quanto ao Dia do Senhor, que, para Mowinckel, originalmente significava o dia do mesmo festival, de Vaux concorda com aqueles que, como von Rad, o vêem como um dia de batalha, sendo que a guerra, e não a dignidade

²⁶ Este assunto é tratado com mais detalhe na Seção IV, abaixo, págs. 30ss. ("A Esperança Messiânica").

²⁷ R. de Vaux, *Ancient Israel* (Darton, Longman & Todd, 1961), págs. 502-506.

real divina, é o contexto invariável do Dia do Senhor no Antigo Testamento.²⁸

Entre os comentaristas, alguns seguiram o exemplo de Mowinckel em tratar um festival como sendo a influência preeminente, mas o identificaram de modo diferente. H.-J. Kraus argumenta em prol de uma festa que celebrava a escolha de Sião e a casa de Davi, mas não (até depois do Exílio) a entronização de Javé.²⁹ E A. Weiser considera um festival da Aliança como sendo a sementeira de quase a totalidade do Saltério. Mowinckel saúda a posição de Weiser como sendo, de modo geral, de acordo com a sua própria, embora Weiser mesmo não concordaria com isso, sendo que considera a História e a lei como os pilares gêmeos de renovação da aliança.³⁰ Sendo, porém que o esquema inteiro da salvação foi dramatizado na semana festiva, conforme o ponto de vista de Weiser, há, inevitavelmente, muito terreno em comum entre ele e Mowinckel.

Mais importante do que as concordâncias e discordâncias, no entanto, é o conceito de *atualização* que é vinculado à compreensão cúltica dos salmos. O drama cúltico, conforme se argumentava, era muito mais do que uma ajuda didática. Trazia os eventos que representava para o momento atual. Numa religião dominada pela magia, isto teria dado a entender o desencadear automático do poder para o bem ou para o mal, mas na religião do Antigo Testamento confrontava o adorador com Deus e Seus atos, convidando uma resposta imediata da fé. O Êxodo e Sinai, vividos de novo no culto, já não ficavam enterrados no passado; tornavam-se, para o fiel, a própria salvação dele e sua própria visão da teofania. "Eu te vi no santuário". Deus podia Se dirigir à congregação presente, e não meramente Se referir aos antepassados da mesma, como sendo aqueles "que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios" (50:5); e no ritual de entronização (pois Weiser o aceita, embora tenha o pano de fundo babilônio postulado) o grito "Reina o Senhor" abrange, conforme a expressão dele: "o passado total, por remoto que seja, e inclui a consumação do Reino de Deus no fim do tempo".³¹

²⁸ R. de Vaux, op. cit. pág. 264; G. von Rad, Teologia do Antigo Testamento, II (ASTE — SP), pág. 120.

²⁹ Mowinckel discute a teoria de Kraus quanto a isso em *The Psalms in Israel's Worship*, II, págs. 230-1.

³⁰ Weiser, pág. 32.

³¹ Ibid. pág. 618.

Tão logo, no entanto, alguém pergunta em que sentido a libertação do Êxodo foi experimentada pelo adorador de uma era posterior, é confrontado, de uma vez por todas, pelo aspecto final daquele evento. Somente poderia ser experimentada de novo ou pela analogia (como quando alguém considerasse uma situação presente como sendo o equivalente da triste situação de Israel no Egito), ou por um sentido de continuidade, sendo que a pessoa era herdeira da salvação que começou a correr seu curso no mar Vermelho. É somente neste sentido algo oblíquo que parece apropriado falar da “atualização” no culto israelita. Mesmo assim, tinha um papel importante para desempenhar em ressaltar o fato de que Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos, e que Seus atos têm a “característica dinâmica” (conforme a expressão de Brevard S. Childs) “de recusar-se a ser relegado para o passado”.³² Isto se exprime do modo hebraico imediato, quando Moisés diz à nova geração no fim dos quarenta anos no deserto: “Não foi com nossos pais que fez o SENHOR esta aliança, e, sim, conosco, todos os que hoje estamos vivos” (Dt 5:3). Aquele próprio pano de fundo, porém, no deserto, deve nos prevenir contra o tomarmos aquela linguagem vívida com literalidade inepta. Era uma maneira de confrontar a nova geração com a aliança que continuava, e com o Deus vivo; mas não era a única maneira. O mesmo fato poderia ser ressaltado por outros meios: não por meio de encaixar o passado no presente, e, sim, por meio de segurá-los firmemente separados. Este é o método do Salmo 95, que trata com o mesmo complexo de eventos. O “hoje” desta passagem se contrasta com o “dia de Massá”; o cenário atual em contraste com “o deserto”; a geração presente em contraste com aquela que submeteu Deus à prova.

Sendo assim, os festivais em Israel (conforme meu ponto de vista) não eram os meios, *ex opere operato*, de abolir o tempo ou de renovar a potência do passado: eram celebrados a fim de que “te lembres . . . do dia em que saíste da terra do Egito”, e: “lembrar-te-ás” de que foste escravo no Egito” (Dt 16:3, 12), e: “para que saibam as vossas gerações que fiz habitar os filhos de Israel em tendas, quando os tirei da terra do Egito” (Lv 23:43). Esta é a linguagem da resposta consciente e racional, e não da experiência mística. E, para evitar que pensássemos que fosse isto um acidente de linguagem, é corroborado pela forma alterada em que a Páscoa tinha que ser celebrada depois daquela primeira ocasião

³² Childs, pág. 88.

que não se podia repetir. O festival foi, a partir de então, uma comemoração sem sombra de dúvida — não um meio de tornar um evento passado “eficaz no presente” (para citar uma exposição da mesma numa declaração ecumênica moderna³³) — pois nunca mais o sangue protetor seria aplicado às ombreiras e à verga da porta. Aquele aspecto tinha sido o ato crucial da Páscoa no Egito; sua abolição foi tão eloqüente como o grito: “Está consumado!”

Já foi dito o suficiente para mostrar que a exposição que o Antigo Testamento faz de uma ocasião cültica pode ser marcadamente diferente das conclusões tiradas da religião comparada. E tudo isto ressalta a dificuldade de controlar a interpretação na ausência de um comentário feito na própria Bíblia para dirimir a questão. Como se distingue uma figura de linguagem vívida de um ato cültico? Certamente não por inquirir se na Babilônia ou em Ugarite as palavras eram dramatizadas cultivamente, porque os deuses deles eram muitos, e visíveis, e com atividades sexuais, e famintos; suscetíveis à magia, e revelados por augúrios. Poder-se-ia tomar emprestada a linguagem deles, mas a mudança que sofreria seria total. Para “ver a face de Deus”, o israelita não precisaria de olhos; para consultá-Lo, nenhuma adivinhação.

Voltamos à pergunta: até que ponto o culto era normativo? Há uma diferença imensa entre a resposta de alguém como Engnell, para quem até os “lamentos individuais” eram litânias da morte cültica de Javé, e a resposta de Westermann, por exemplo, de que o elemento nativo dos salmos “não era o isolamento de um ambiente cültico, mas, sim, o coração da vida do povo escolhido, de onde irradiava para todas as áreas”³⁴. As várias posições entre estes extremos tendem a ser debatidas a partir de premissas algo arbitrárias. É raro descobrir um jogo de critérios para distinguir salmos cülticos de salmos não-cülticos, tal como a lista de indicações externas e internas, dada por Szörényi (resumida no sumário valioso feito por D. J. A. Clines de *Pesquisas nos Salmos*³⁵); e

³³ A Decalração Anglicana/Católica Romana sobre a Eucaristia (1972), item II, que tira o argumento da Páscoa, assim entendida, e o aplica à Eucaristia.

³⁴ C. Westermann, *Isaiah 40-66* (SCM Press, 1969), pág. 8. Cf. *The Praise of God in the Psalms* (Epworth, 1966), pág. 155, do mesmo autor.

³⁵ “Psalm Research since 1955: I. The Psalms and the Cult”, *Tyndale Bulletin* 18(1967), pág. 107. (Não tenho conhecimento em primeira mão das obras de Szörényi).

mesmo esta lista sóbria e razoável rejeita a evidência oferecida pelos títulos dos salmos.

Neste ponto, somos confrontados, mais uma vez, com a colisão quase total entre a opinião moderna e o testemunho do próprio texto — isto porque os títulos fazem parte do texto, e aparecem na Bíblia Hebraica como versículo 1, ou parte do mesmo, onde quer que ocorram. Muitos destes sobrescritos dão testemunho explícito à função dos seus salmos no culto: “Salmo de ações de graça” (100); “Oração do aflito que, desfalecido, derrama o seu queixume diante do SENHOR” (102); “Cântico para o dia de sábado” (92); e assim por diante. Outros dão a entender a função, ao atribuir sua matéria aos cantores levitas, mormente a Asafe e os filhos de Coré.

Setenta e três dos salmos, no entanto, que consistem em quase metade do Saltério, se introduzem com a fórmula: “De Davi”; e quatorze destes são vinculados a episódios na sua carreira, a maioria deles sendo dos dias em que era perseguido. Tomando-os por aquilo que declaram ser, portanto, estes são salmos tirados diretamente da vida: do campo de batalha ou “na caverna”, não do santuário nem do drama cúltico. As direções musicais, no entanto, bem como as alusões “ao mestre de cântico” (conforme usualmente se traduz este termo³⁶), mostra que foram colecionados, e, onde necessário, adaptados, para o emprego no culto. Esta é a direção oposta de movimento (ou seja, da vida para o culto) do que se retrata pela maioria de estudiosos modernos. Intrinsecamente, não é menos provável do que sua antítese, e é rejeitada sem motivos obrigatórios. Gunkel, por exemplo, generaliza a partir da história das religiões, que “os salmos . . . compostos para o culto são, de modo geral, mais antigos do que aqueles que o poeta piedoso compôs para seu próprio uso”. Ele acrescenta, para “provar”, que na hinódia protestante, “o ‘coral’ é mais antigo do que o ‘cântico espiritual’ ”³⁷. Mowinckel não fica tão sem argumentos, mas ele também, como Gunkel, depende de generalizações. E.g., como exemplos das discrepâncias entre os salmos e os tempos de Davi, aponta as atitudes aprovadoras da monarquia antiga para com os sacrifícios de animais e as riquezas e poder (esquecendo-se, talvez, da famosa repreensão dirigida a Saul por Samuel em 1 Sm 15:22, e do fato de que Davi conhecia pobreza e perse-

³⁶ Ver VI, c. 3, abaixo, pág. 52.

³⁷ H. Gunkel, *The Psalms: a form-critical Introduction* (Fortress Press, 1967), pág. 5.

guição). Para uma discussão mais completa, ver *VIb* (págs. 46ss.) e *VII* (págs. 57ss.).

Pode parecer desnecessário dar muita importância às “letras miúdas” dos salmos (os títulos, conforme aparecem nas Bíblias em Inglês, quando aparecem). Além da falta de sabedoria em despojar-nos de parte dos nossos dados sem lhe prestar atenção, porém, permanece o fato de que qualquer documento que, segundo se sabe, é tirado da vida real, faz um impacto bem diferente sobre o leitor do que um que é encomendado para preencher um tipo padrão de necessidade. Se a intenção é que participemos nas profundas meditações do coração de um homem tão excepcional e tão severamente provado como Davi, ficaremos tanto mais pobres se insistirmos em tratar suas obras como sendo anônimas e divorciadas da sua vida cheia de eventos. Voltando à símile de Gunkel, se nos entregarmos à “herborização” demasiada entre os salmos, não devemos ficar surpreendidos se nada mais nos sobra do que uma fileira de amostras.

Isto, talvez, é inconscientemente corroborado pelo próprio Mowinckel, de quem lemos as seguintes palavras reveladoras: “O que nos chama a atenção nos salmos bíblicos é a uniformidade e formalidade que caracterizam a maioria deles. Um é tão semelhante a outro que é difícil diferenciar entre eles”³⁸. Embora ele faça disto a base da sua análise de tipos, é possível que a própria análise tenha devolvido algo da sua própria formalidade à matéria como ele a vê. Cada poema (na experiência de pelo menos um estudante deles), abordado sem este aparato, mas tendo-se em mente as informações que os salmos e seus títulos providenciam, emerge com sua própria individualidade forte. Voltar-se do estudo minucioso de um salmo, para então estudar o próximo, é se ver confrontado, por assim dizer, com uma nova personalidade, num encontro que exige certo esforço de reajustamento.

Se, em conclusão, pudermos mudar a metáfora, seria justo dizer que o Saltério, tomado nos seus próprios termos, não é tanto uma biblioteca litúrgica, guardando literatura padronizada para as exigências cúlticas, como uma casa hospitaleira, bem habitada, onde a maioria das coisas pode ser achada e tomada por empréstimo após um pouco de busca, e cujos primeiros ocupantes deixaram nela, em todo lugar, a marca das suas experiências e a impressão do seu caráter.

³⁸ Mowinckel, I, pág. 30.

IV. A Esperança Messiânica

O cristianismo compartilha com o judaísmo tradicional a convicção de que muitas passagens nos salmos são messiânicas: isto é, predições ou prenúncios de Cristo. Aqui, examinaremos em primeiro lugar o conteúdo das passagens que o Novo Testamento assim interpreta, e, depois, o alcance da matéria messiânica além destas partes do Saltério que foram assim citadas.

Em primeiro lugar, pois, o *conteúdo* da esperança messiânica. Confinando-nos àqueles salmos, em número de cerca de quinze, que o Novo Testamento cita nesta conexão, podemos achar os seguintes aspectos, no mínimo, daquele que estava para vir.

a. O Rei Ungido.

O Saltério faz pouca demora quanto a introduzir a figura do rei, que nele desempenhará um papel de tanto destaque. Já no início, no Salmo 2, apresenta-o em termos que deixam as limitações da dignidade real local muito para trás. O salmo serviria muito bem (e, sem dúvida, servia mesmo) de antema regular de entronização de um novo rei, quando, então, a sua linguagem seria interpretada como sendo retórica da corte, tratando o modesto império de Davi como se fosse o mundo. Há, no entanto, mais do que retórica aqui. O poema desenvolve o fato de que o rei davídico reina em prol de Deus, cujo trono está nos céus (2:4). As extremidades da terra são, portanto, possessão dele por direito, e ainda serão dele de fato. Além disto, pleno valor é atribuído ao seu título duplo, de *ungido* do Senhor e de *filho* do Senhor. Falaremos separadamente a respeito do segundo título; neste ínterim, o primeiro deles nos apresenta de imediato a palavra *māšîaḥ*, cuja forma aramaica era transliterada em textos gregos como *messias*, ou traduzida como *christos*, de onde temos “Messias” e “Cristo”.

A unção simbolizava a consagração³⁹ a um alto ofício, não somente investindo a pessoa ungida com uma alta categoria (de tal modo que, e.g., um ato de violência contra ele seria sacrilégio⁴⁰), como

³⁹ E.g. Lv 8:12, “. . . ungiu-o (a Arão) para consagrá-lo”.

⁴⁰ E.g. “Como não temeste estender a mão para matares o ungido do Senhor?” (2 Sm 1:14). Cf. “Não toqueis nos meus ungidos” (Sl 105:15).

também revestindo-a com poder para a sua tarefa (cf. 89:22ss.), sendo que o rito externo era completado, na melhor das hipóteses, com o dom do Espírito. Assim era a unção de Saul (1 Sm 10:1, 6) e a de Davi (1 Sm 16:13); assim também era a do Servo do Senhor, se este é o termo certo para a figura descrita em Isaías 61:1ss., com a qual Jesus Se identificou. A unção era o rito de iniciação tanto para sacerdotes como para reis, e, pelo menos numa ocasião, para um profeta (1 Rs 19:16).

O rei, portanto, era muito mais do que um líder. Embora algumas escolas de pensamento tenham exagerado sua qualidade sagrada, como se fosse ele o mediador da nação entre a terra e o céu, permanece verdade que a boa sorte da nação se vinculava a ele, e que algo da glória de Deus se via nele. A proeza de Davi, e não somente o seu ofício, pode ter conquistado para ele o título de “lâmpada de Israel” (2 Sm 21:17); mesmo assim, um sucessor dele, sem distinção alguma, ainda era “O fôlego da nossa vida, o ungido do Senhor” (Lm 4:20); e duas vezes, em se orando em favor do rei nos salmos, é chamado “escudo nosso” (84:9; 89:18). Quanto às honras divinas, a linguagem de filiação no Salmo 2, da co-regência com Deus no Salmo 110, e da própria divindade no Salmo 45, que discutiremos abaixo, se entendia, conforme podemos supor, como terminologia que não deveria ser levada até às últimas consequências (até que o Novo Testamento insistisse que assim fosse), sem, porém, ser inteiramente inapropriada. Entretanto, as dolorosas insuficiências dos próprios reis ajudavam a erguer os olhos dos homens em direção Àquele que haveria de vir. A adição do Targum ao Salmo 72:1 é apenas um exemplo disto, onde “o rei” fica sendo “o rei Messias”.

b. “Meu Filho”.

Esta é a linguagem do Salmo 2:7, um versículo que é muito citado no Novo Testamento. Abordando-o dentro do Antigo Testamento, achamos duas grandes marcas no caminho para ele: a declaração “Israel é o meu filho, meu primogênito” (Êx 4:22), e a promessa feita a Davi com respeito ao seu herdeiro ao trono: “Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” (2 Sm 7:14). Esta promessa se referia inicialmente a Salomão, como deixam claro o restante daquele versículo e o seguinte; era, porém, vinculada com a promessa de uma dinastia que não teria fim. Sendo assim, em cada novo reinado, é provável que a entronização do rei fosse a ocasião em que este entrava formalmente nesta herança (e possivelmente era presenteado com um “decreto” tal

qual o do Salmo 2:7 (ver o comentário), para assim se tornar a expressão suprema da filiação do seu povo e da posição deste de primogênito de Deus neste mundo (cf. 89:27 com Dt 28:1).

O Salmo 2, porém, oferece a ele a terra inteira, e parece que vincula o Senhor e Seu ungido como Pai e Filho em mais do que o mero nome. A impressão que este não é qualquer filho comum de Davi, e que esta linguagem não era mero *Hofstil* (estilo da corte), é confirmada pelo Salmo 110 onde, conforme nosso Senhor indicou, o próprio Davi saúda Alguém que é seu soberano, colocado à mão direita de Deus. Hebreus 1:13 tira um contraste adicional ao perguntar: "Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita . . ." Quanto a isto, F. F. Bruce comenta sagazmente: "Os anjos mais exaltados são aqueles cujo privilégio é 'assistir diante de Deus' como Gabriel (Lc 1:19), mas nenhum deles já foi convidado a ficar assentado diante dEle, muito menos sentar-se no lugar de honra sem igual, à direita dEle".⁴¹ Mais uma vez, ao chamar o rei de Filho, o Antigo Testamento introduziu um tema que, sem maior desenvolvimento, se encaixa no seu contexto imediato, mas que o supera totalmente pelo crescimento quando suas implicações se desdobram completamente.

O Novo Testamento, revelando que o Filho unigênito de Deus é co-eterno com o Pai, aplica o "hoje" do Salmo 2:7 à ressurreição do Filho encarnado, quando, como o rei na sua coroação, foi "poderosamente demonstrado Filho de Deus" (Rm 1:4; cf. At 13:33).

c. "Deus".

Ao evitarem a tradução óbvia do Salmo 45:6, RSV e NEB enfraqueceram o impacto de um texto que, traduzido de modo direto, diz ao rei: "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre" (AV, RV, cf. JB). Até a LXX, que é pré-cristã, não fez nenhuma tentativa no sentido de desviar o impacto disto, e suas vastas implicações se colocam além de qualquer dúvida em Hebreus 1:8, que contrasta este modo de falar ao Filho com aquilo que se fala aos anjos. É, talvez, o oráculo messiânico mais destemido que há no Saltério; mas não fica isolado. O mesmo capítulo de Hebreus acha referência a Cristo em duas outras declarações

⁴¹ F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews (New London Commentary)*, Marshall, Morgan & Scott, 1964), pág. 24.

que falam de Deus de modo imediato. Uma destas é Salmo 97:7 (“prostrem-se diante dele todos os deuses (ou anjos)”), onde o contexto é uma teofania. O comentário de Hebreus 1:6 dá a entender que, quando Deus Se manifesta na terra, fá-lo na Pessoa do Seu Filho. A segunda referência é ao Salmo 102:25-27 [heb. 26-28], que é citado em Hebreus 1:10-12 como palavras que Deus dirige a Alguém a Quem dá o título de “Senhor”,⁴² e a Quem atribui a eternidade e a criação do universo. A vocalização que a LXX dá ao Salmo 102:23-24, apóia a Epístola na sua inferência de que é de fato o próprio Deus quem fala.⁴³ Uma exegese tão espantosa do salmo deve ter sido por demais ofuscante para ser contemplada, até que os eventos, na vinda de Cristo, acostumassem os olhos dos crentes à plenitude da glória da verdade.

Caso atribuíssemos estas interpretações corajosas ao preconceito de uma única Epístola, poderemos acrescentar a esta lista a exposição do Salmo 68:18 em Efésios 4:8-11, onde a descrição da ascensão de Deus “às alturas”, levando cativo o cativo, é considerada cumprida pela ascensão de Cristo ao céu. Mais uma vez, o Novo Testamento desvenda a luz escondida do Antigo.

d. “Teu Servo”.

Este não é um título distintivo no Saltério, embora Davi tenda a empregá-lo quando está aflito (e.g. 69:17; 86:2, 4, 16), e a expressão “servo do Senhor” ocorra nos títulos de dois salmos davídicos (18 e 36). Empregamos o mesmo aqui como indicador conveniente do papel de sofredor inocente, que dá forte colorido ao retrato de Si mesmo que Jesus reconhecia no Saltério.

A maioria das referências que nosso Senhor faz aos salmos aludem, de fato, a este elemento que há neles; de fato, o Salmo trágico, 69, é a maior fonte empregada no Novo Testamento de citações e alusões a Cristo na coletânea inteira, sendo que seis ou sete versículos ou frases são tirados dele para interpretar Sua cruz e paixão. Neste salmo, e

⁴² Hb 1:10 segue diretamente após os versículos 8-9, assim: “Mas, acerca do Filho [diz]: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre . . .” E “No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra . . .”

⁴³ Ver o comentário sobre esta passagem no Vol. Dois. Quanto ao seu emprego em Hb 1:10-12, ver, especialmente, F. F. Bruce, op. cit. págs. 21-23, a quem devo boa parte desta matéria.

seus companheiros (notavelmente 22, 35, 40, 41, 109, 118), os Evangelhos, Atos e Epístolas acham suas palavras mais eficazes para ressaltarem assuntos tais como Seu zelo reformador (69:9a), Sua deliberada oblação de Si mesmo (40:6-8), Sua experiência de isolamento (69:8), a traição, o ódio e a rejeição dirigidos contra Ele (41:9; 69:4; 35:19; 118:22), Sua submissão à repreensão (69:9b), à zombaria (22:7-8; 69-21), ao despojamento das roupas (22:18), e, conforme parece ser, ao cravejamento à cruz (22:16). Muitos destes incidentes são tratados como sendo profecias cumpridas; de fato, Pedro nos diz que no Salmo 16 Davi, "Sendo, pois, profeta . . . prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo" (At 2:30-31). Em Atos 1:16-20 e Romanos 11:9-10, os apóstolos também nos mostram predições da triste sorte de Judas (109:8; cf. 69:25), e do Israel descrente (69:22-23). O próprio Jesus, na cruz, achou nos Salmos palavras para a Sua hora pior e para Seu último suspiro (22:1; 31:5).

e. Outros Termos.

Há algumas poucas outras expressões cujo conteúdo messiânico se desdobra com a vinda de Cristo.

1. A alta vocação do *homem*, ou, no termo paralelo, o *filho do homem* (8:4), se contrasta em Hebreus 2:5ss. com o fracasso da humanidade quanto a atingi-la, mas demonstra-se que Jesus, o Homem por excelência, a cumpriu — uma verdade a respeito dEle que complementa Seu título de "Deus" no Salmo 45, já discutido supra⁴⁴.

2. Salmo 110:4 designa o rei-guerreiro, que é entronizado à destra de Deus, "um sacerdote para sempre". Esta é a única referência deste tipo no Saltério; em Zacarias, porém, a coroação do sumo sacerdote Josué, que também tem um oráculo messiânico dirigido a ele (Zc 6:11ss.), confirmou dramaticamente este aspecto da vocação do Messias. O Salmo se refere ao passado, a Melquisedeque, o arquétipo do sacerdote-rei que se encontra em Gênesis 14:18ss., e a relevância de cada detalhe daquela narrativa para o sumo sacerdócio de Cristo é

⁴⁴ Salmo 80:17 emprega termos semelhantes aos de 8:4, mas fala de Israel. É, portanto, messiânico apenas no sentido de ser Cristo o verdadeiro Israel e a Videira verdadeira. O Targum, porém, interpretou o verso paralelo, 15b (omitido por RSV, etc.) como sendo messiânico, embora o Novo Testamento não faça uso dele.

exposta em Hebreus 7, que, por sua vez, leva para a discussão mais completa do sacerdócio e do sacrifício em Hebreus 8-10. Sendo assim, a frase única no Salmo 110, que é citada em Hebreus 5:6, é a origem de um dos grandes temas daquela Epístola, e, conseqüentemente, o meio de demonstrar que o sacerdócio terreno do Antigo Testamento estava destinado a ser ultrapassado pelo sacerdócio celestial de Cristo. Nossa compreensão do relacionamento entre a velha ordem e a nova teria sido inimaginavelmente mais pobre sem este versículo e a sua exposição.

3. “A *pedra* que os construtores rejeitaram” (118:22) foi identificada por nosso Senhor como sendo uma referência a Ele próprio; e Suas palavras foram reforçadas mediante Sua aceitação das Hosanas e “Bendito o que vem . . .” da parte da multidão — aclamações estas que foram tiradas deste salmo. Jesus, no entanto, abriu novos horizontes ao relacionar este oráculo da “pedra” a mais dois (Lc 20:18), e referindo ambos a Si mesmo. No seu primeiro contexto, a pedra sobre a qual os homens caem e se quebram não é outro senão o “Senhor dos Exércitos”, conforme os ouvintes judeus muito bem sabiam;⁴⁵ e a pedra que moerá em pó tudo sobre o que cai é a pedra “cortada sem mãos humanas” no sonho de Nabucodonosor: i.e., o reino para acabar com todos os reinos.⁴⁶

Sendo assim, Jesus tomou um salmo em que, segundo parece, personifica-se um Israel perseguido, e não somente tratou os retratos como sendo dEle próprio, e os perseguidores como sendo Seu povo descrente, como também Se identificou com Deus, a Rocha de Israel, de um lado, e com o reino (a pedra que se tornou em grande montanha) do outro lado. Sendo assim, Ele é a pedra da esquina não somente no sentido de vincular toda a Sua igreja, como também no sentido de unir o céu e a terra na Sua própria Pessoa.

Nossa segunda preocupação principal é pesquisar a *extensão* do elemento messiânico no Saltério.

Já vimos que o Novo Testamento tira matéria deste tipo de cerca de quinze salmos. Um exame, porém, mais pormenorizado de como estes são tratados sugerirá que são considerados como sendo amostras

⁴⁵ O mesmo emprego de Is 8: 13-15 se faz em 1 Pe 2:8, confirmado por 3:14b, 15.

⁴⁶ Dn 2: 34-35, 44.

de uma coletânea muito maior. Dificilmente pareceria demais tirar a inferência deste tratamento, que sempre quando Davi ou o rei davídico aparece no Saltério (a não ser quando está confessando o fracasso quanto ao viver à altura da sua vocação), prenuncia o Messias, até certo grau.

Isto é o que se dá a entender, por exemplo, na atitude do Novo Testamento para com Salmo 18 (= 2 Sm 22), que é o testemunho pessoal de Davi. É citado duas vezes nas Epístolas com referência a Cristo, e, em cada caso é a maneira da citação, ainda mais do que a matéria, que é de significância para nosso atual propósito. Hebreus 2:13 cita o versículo 2 (nas palavras da LXX de 2 Sm 22:3): “Eu porei nele a minha confiança”; e Romanos 15:9 cita o versículo 49 (LXX): “Por isso eu te glorificarei entre os gentios, e cantarei louvores ao teu nome”. O interesse especial destas frases para nós é sua *falta* de interesse especial. Não nos forcem, mediante alguma reivindicação ou paradoxo marcante, a procurar alguma figura sobrenatural para cumpri-las: encaixam-se perfeitamente na pessoa de Davi. O versículo 2, de fato, nos parece uma resposta por demais básica para ser distintivo do Messias, e, na realidade, é citado para comprovar precisamente esta circunstância de ser Ele um de nós: “Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos seus irmãos” (Hb 2:17; cf. vers. 11). Isto, porém, não teria impacto algum a não ser que o escritor pudesse já pressupor que seus leitores escutariam as palavras de Davi como também sendo as palavras do Messias. O mesmo fenômeno ocorre no versículo 49, conforme seu emprego em Romanos 15. O fato que nenhum destes dois autores se dá ao trabalho de declarar, e muito menos argumentar, que o salmo é messiânico, sugere que o Novo Testamento considera como fato consumado que os salmos davídicos e reais têm esta dimensão adicional. Isto concorda com o tratamento semelhante dado aos salmos na pregação de Pedro e nos Evangelhos.

Se perguntarmos como isto veio a existir, vemo-nos confrontados não somente com uma tradição meramente rabínica (que poderia se enganar), mas também com o nosso Senhor mesmo. Quando “Ihes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24:45), foi com referência especial ao conteúdo messiânico delas. “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações”. Embora Lucas 24 nos dê poucos detalhes desta instrução, o restante do Novo Testamento mostra

como os apóstolos unanimemente a entenderam; e a prova de que não tinham entendido *mal* se pode achar nos Seus próprios ensinamentos. As palavras d'Ele, como as deles, revelam a suposição de que aquilo que era davídico nos salmos era messiânico, não somente onde a referência era clara, como no oráculo "O Senhor disse ao meu Senhor" (110:1), mas também onde se referia, em primeiro lugar, às vicissitudes pessoais de Davi, como no Salmo 41:9 e 69:4 (= 35:19), citados em João 13:18 e 15:25 como trechos bíblicos que aguardam o cumprimento — não meramente como ditados apropriados e familiares. É bem evidente que diria a respeito de Davi aquilo que disse a respeito de Moisés: "escreveu a Meu respeito".

Parece que temos justificativa em dizer de Davi e dos demais salmistas aquilo que foi dito de Moisés e da sua geração: "Estas coisas lhes aconteceram *typikōs*", ou significativamente. Vemos o rei davídico em relacionamento com as nações, as quais há de subjugar (2:9), em relacionamento com seu povo, a quem guia "com a perícia das suas mãos" (78:72, AV), ou com sua noiva cuja formosura "desejará grandemente" (45:11), ou com seu Deus, cuja autoridade ele exerce (110:2). Vemos Davi como o homem segundo o coração de Deus (como, por exemplo, em 16, 18 ou 40), e o Davi sofredor que foi ensinado na escola do perigo, ódio e ingratidão, que foi traído por alguns dos seus amigos mais íntimos e por seu filho mais querido.

Davi não emerge isento de falhas, conforme o Saltério, bem como de acordo com os registros históricos. Quando assevera a sua retidão (18:20ss.) é somente relativa, porque é um homem perdoado (32:1) que pecou grandemente (51). Assim como, porém, o reino perfeito é renunciado por um reino limitado e imperfeito, assim também o Homem perfeito é tipificado por um pecador cujos sofrimentos, fé, soberania e filiação Ele transcende totalmente.

A qualidade especial da profecia messiânica do Saltério, pois, é que é vivida na prática, e não somente pronunciada. Há alguns poucos oráculos puramente proféticos, e.g. 2:7; 110:1, e muito uso se faz deles no Novo Testamento; muito mais uso, porém, se faz das orações e louvores que surgiram diretamente da vida, de situações que o próprio Cristo experimentaria, embora num contexto maior e num nível mais profundo, como personificação e completação de Israel, da dignidade real, do homem e do sacrifício, e como a encarnação de Deus.

V. Gritos por Vingança.

As transições repentinas nos Salmos, de devoção humilde para imprecação ardente criam um problema embaraçoso para o cristão, que tem a certeza que toda a Escritura é inspirada e proveitosa, e que sabe, igualmente, que ele mesmo tem que abençoar aqueles que o amaldiçoam. Nossa abordagem deste problema será prestar atenção à substância destas explosões antes de olhar a tonalidade delas, e ao emprego que o Novo Testamento faz delas antes de discutir, finalmente, sua relevância a nós.

a. *Sua Substância.*

Podemos resumir isto como sendo uma petição de que a justiça seja feita, e o direito vindicado. Esta é uma preocupação que o Novo Testamento calorosamente sustenta. A parábola do juiz ínquo, por exemplo, reitera a palavra "vindicar" com uma persistência que é digna da própria viúva, e não o faz apenas dentro da história (onde poderia ser meramente incidental) como também na aplicação: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos? . . . Digo-vos que depressa lhes fará justiça" (Lc 18:1-8). Esta palavra, deve-se entender, significa uma ação judicial mais forte do que o limpar o bom nome de uma pessoa; suas associações primárias são com a retribuição.

O evangelho, sem dúvida alguma, reorienta radicalmente a nossa preocupação, conforme ressaltaremos abaixo, mas faz assim parcialmente ao introduzir a nova situação criada pela cruz, e parcialmente ao tornar claro aquilo que era dificilmente visível numa etapa anterior: a vida do porvir. Para ficarmos plenamente harmonizados com os salmistas quanto a esta questão, teríamos que suspender a nossa consciência de termos um evangelho para compartilhar (o que afeta a nossa atitude para com outros pecadores) e a nossa certeza do endireitar final de todas as injustiças (que afeta a nossa atitude para com anomalias atuais). Sem estas certezas, somente o cínico ficaria sem sentir impaciência para ver a justiça triunfar e os malignos arruinados; e estes autores não eram cínicos. Seria melhor, de fato, falar do que eles fazem em afinar nossos ouvidos ao evangelho, do que falar do nosso ajustamento à situação deles, porque não podemos verdadeiramente escutar as respostas que o evangelho dá até que tenhamos sentido o impacto das perguntas deles.

Já argumentei noutro lugar⁴⁷ que a história de Davi, porta-voz principal deles, dá provas suficientes de que sua paixão pela justiça era genuína, e não uma máscara para uma índole vingativa. Poucos homens têm havido com mais capacidade de generosidade sob ataque pessoal, conforme comprovou pelas suas atitudes para com Saul e Absalão, sem falar em Simei;⁴⁸ e nenhum soberano foi mais profundamente levado à ira por ações cruéis e inescrupulosas, embora parecessem favorecer a causa dele. O que pedia a Deus não era mais — e certamente não poderia ser menos — do que o veredito e a intervenção que uma vítima da injustiça poderia esperar dele, o próprio Davi, como rei de Israel. Quanto mais a sério ele levava seu ideal de realeza da parte de Deus —

Aquele que domina com justiça sobre os homens,
que domina no temor de Deus —

(para citar das suas “últimas palavras”⁴⁹), tanto menos se poderia imaginar que ele caluniaria a Deus por subestimar a aversão dEle pela iniquidade.

b. Sua Tonalidade.

A tonalidade e espírito destes gritos corre entre lamentação e ferocidade. O ódio às vezes é correspondido pelo ódio, a crueldade pela crueldade. “Ninguém tenha misericórdia dele, nem haja quem se compadeça dos seus órfãos” (109:12). “Filha de Babilônia . . . Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra” (137:8-9).

É apenas um ato de equidade indicar que estas palavras que foram extraídas destes sofrendores enquanto pleiteavam a sua causa são apenas

⁴⁷ D. Kidner, *Hard Sayings* (IVP, 1972), págs. 15-17.

⁴⁸ 2 Sm 16:11; 19:16-23. Mais tarde, Davi mudou de idéia, guardando apenas a letra da sua promessa (1 Rs 2:8-9). É possível que considerasse Simei uma ameaça contra Salomão, que estava em perigo (e cuja decisão de manter Simei confinado à sua casa confirma isto: 1 Rs 2:36). Se, porém, Davi realmente decaiu momentaneamente da sua magnanimidade anterior, foi apenas um lapso, e não um hábito. Estava tão longe das características dele quanto foi a traição contra Urias.

⁴⁹ 2 Sm 23:1, 3.

uma medida dos atos que as provocam. Aqueles atos não foram forçados sobre pessoa alguma: eram a resposta brutal ao amor (109:4) e à fraqueza patética (137). Dizer que eram indesculpáveis é tão inadequado quanto é verdade. Precisa ser dito com paixão.

Aqui devemos notar que a invectiva tem sua própria retórica, na qual horror pode ser empilhado sobre horror, mais para expressar o senso de ultraje de quem fala do que para indicar as penalidades que literalmente quer dizer. Isto pode ser visto bem claramente na maldição que Jeremias elaborou com eloquência bruta contra o homem que levou ao seu pai os parabéns pelo seu nascimento ao invés de assassinar a mãe grávida!⁵⁰ Tal linguagem imoderada tem uma aparência de irresponsabilidade que clama por críticas; seria, porém, um erro desejar que não existisse. Tem uma função tão válida neste tipo de contexto como tem a hipérbole no ambiente da descrição: um caráter vívido de comunicação que está além do alcance do literalismo cauteloso.

Isto nos traz perto do coração do assunto, o qual é que os salmos têm, entre outros papéis, nas Escrituras, um papel que é peculiar deles: tocar-nos e inflamar-nos, e não simplesmente se dirigir a nós. As passagens sobre as quais poderíamos ser tentados a pronunciar julgamentos têm o aspecto chocantemente imediato de um grito, para nos assustar ao ponto de sentirmos algo do desespero que as produziu. Esta é a revelação numa forma mais indireta, porém mais íntima do que a maioria das outras formas. Sem ela, teríamos menos embaraço, mas ainda menos conceito dos “lugares escuros da terra” que são “cheios das habitações da crueldade”,⁵¹ uma crueldade que pode levar homens fiéis ao ponto de se quebrarem.

A comparação com Jeremias pode, talvez, ser levada um pouco mais longe, para dar conta do fato de que seus gritos não se nos apresentam num vácuo. No contexto da sua vida revelam-se como uma etapa da sua luta para enquadrar-se na sua vocação — uma luta que deu profundidade a ele e nos ilumina a nós. Mais explicitamente, as respostas que Deus dá a ele misturam o encorajamento e a repreensão.⁵² A mesma coisa acontece com Jó: escureceu os desígnios de Deus “com palavras sem conhecimento”, no entanto, falou a respeito de Deus “o que era reto” (Jó 38:2; 42:7). Em poucas palavras, Deus lê a

⁵⁰ Jr 20:15-17.

⁵¹ Sl 74:20, AV.

⁵² E.g. Jr 12:5; 15:19.

mensagem inteira: não somente as palavras como também o homem e a situação — o que os consoladores de Jó deixaram de fazer. Deus é menos passível de ficar chocado do que nós — ou, mais precisamente, fica chocado ou comovido por coisas diferentes, uma vez que Ele vê o coração e Se aflige com as nossas aflições.

Jeremias e Jó nos ensinaram a tomarmos juntamente a pergunta e a resposta, e a superfície de uma declaração com as profundezas por debaixo dela, como partes inseparáveis da revelação inspirada. Devemos, no entanto, tomar o cuidado de não insistirmos nas nossas próprias respostas. A petulância de Jeremias, por exemplo, foi repreendida em 12:5, mas a substância da sua oração pela retribuição foi sustentada (11:20-23; 12:7ss.) onde nós, sem dúvida, não a teríamos apoiado. Semelhantemente, os Salmos recebem confirmações nas Escrituras que às vezes nos pegam de surpresa. Isto nos leva para a nossa seção seguinte.

c. Seu Emprego no Novo Testamento.

Nosso Senhor, no início do Seu ministério, fez uma omissão deliberada de uma passagem do Antigo Testamento, ao fechar o livro antes da frase “o dia de vingança do nosso Deus” (Is 61:1-2; Lc 4:18-20). Isto, tomado juntamente com Seu ensino com respeito a pagar o mal com o bem, pode sugerir que Ele deixasse de lado o conceito completo do julgamento; logo se torna claro, no entanto, que as coisas não são tão fáceis assim. Ele veio com a salvação, mas a própria aproximação desta traz o julgamento tanto mais perto. Os “lavradores maus” na parábola são levados a uma decisão final, e, conforme se revela, fatal, quando se vêem confrontados com o filho da casa; as pequenas cidades da Galiléia, tendo tido seu antegoço do céu, agora têm diante delas um inferno mais profundo do que o de Sodoma.

Este paradoxo tem relação com os salmos de impreciação. Os salmistas, na sua ansiedade pelo julgamento, clamam a Deus para que Ele o aprese; o evangelho, em contraste, demonstra a ansiedade de Deus para salvar, mas também revela novas profundidades e imensidades de julgamento que são seu corolário. “Agora não têm desculpa pelo seu pecado.”

O Novo Testamento, nas suas citações e ecos do Saltério a respeito deste tema, às vezes fala com menos severidade do que a sua fonte, e às vezes com mais, mas nunca com mero rancor pessoal. Voltaremos a

isso na seção final; no ínterim, podemos notar, como amostras, que a ira de Deus e a “vara de ferro” do Messias, que se destacam no Salmo 2, também se destacam no Apocalipse,⁵³ e que “o dia da Sua ira” (110:5) acha seu eco em Romanos 2:5, e que a ira invocada contra “os que não conhecem a Deus” (79:6) é confirmada em 2 Tessalonicenses 1:8 (onde, porém, a ofensa é esclarecida como sendo a recusa de obedecer a Ele, e não mera ignorância).

Ocasionalmente, o Novo Testamento interrompe uma citação num ponto em que a retribuição é ameaçada no Saltério, mas isto é usualmente por razões de relevância mais do que por causa de quaisquer reservas doutrinárias. Por exemplo, em João 10:34 o ponto essencial em questão já foi plenamente esclarecido com as palavras: “Eu disse: Sois deuses”; nada seria obtido ao completar a citação: “. . . todavia, como homens, morrereis” (82:7). Quase o mesmo se pode dizer a respeito de 1 Pedro 3:12, citando apenas metade do Salmo 34:16. Outra vez, em Romanos 3:19, a frase: “para que se cale toda boca”, conclui o argumento contra o ser humano, que já foi desenvolvido no decurso dos capítulos anteriores, de modo que aqui Paulo silencia. Não há aqui necessidade alguma das sanções que se avultam por detrás do Salmo 63:11. Este silêncio, do outro lado, é significativo em João 13:18, onde nosso Senhor cita Salmo 41:9 a respeito do amigo “que comia do meu pão” e que “levantou contra mim o calcanhar”, mas deixa de orar, como Davi orou, pedindo a oportunidade de retribuir a ele. Jesus tem algo melhor para lhe oferecer.

Ao mesmo tempo, o Novo Testamento revela um “castigo mais severo” do que se menciona nos Salmos, simplesmente porque a escala inteira do destino humano já se tornou visível. Isto fica muito claro quando se compara Salmo 6:8 com Mateus 7:23, onde as palavras “Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade” são transformadas de grito de alívio proferido por Davi para uma sentença de morte proferida por Cristo. O princípio é o mesmo: a verdade e as mentiras não podem conviver juntas. “Fora” ficará “todo aquele que ama e pratica mentira”.⁵⁴ É uma coisa ser repudiado por Davi; é coisa bem diferente ser repudiado por Cristo para aquela exclusão que é também o clímax de quase toda parábola nos Evangelhos.

⁵³ Cf. e.g., “a ira do Cordeiro”, Ap 6:16. Para a “vara de ferro”, ver Ap 2:27; 12:5; 19:15.

⁵⁴ Ap 22:15; cf. também Sl 5:6.

O Novo Testamento, portanto, longe de reduzir ao mínimo o papel do julgamento, aumenta a sua gravidade ao mesmo tempo em que o remove da esfera de represália particular. Isto fica bem ilustrado pelo seu emprego em duas das explosões mais calorosas no Saltério, nos Salmos 69 e 109. Cada uma delas é tratada como profecia, e tomada como sendo a sentença de Deus contra a impenitência invencível. Pedro cita os Salmos 69:25⁵⁵ e 109:8, a respeito de Judas, no espírito das referências tristes porém sem questionar, que Jesus faz à perdição deste. Paulo tem uma ternura semelhante para com Israel (em prol do qual poderia desejar ser amaldiçoado) quando vê que herdará a condenação do Salmo 69:22-23: "Torne-se-lhes a mesa em laço e armadilha . . . escureçam-se-lhes os olhos . . . e fiquem para sempre encurvadas as suas costas" (Rm 11:9-10) — mas claramente considera a cláusula "para sempre" como revogável se eles se arrependerem, conforme ele realmente espera que façam. Assim, ganhamos este entendimento adicional destas maldições, que, por toda a sua aparência de implacabilidade, devem ser tomadas como sendo condicionais, como, de fato, eram os oráculos dos profetas.⁵⁶ Sua força integral era para os empedernidos; mediante o arrependimento, ficariam sendo uma "maldição sem causa", que, segundo Provérbios 26:2 nos assegura, "não se cumpre".

d. A Sua Relevância Atual.

Como preliminar a esta questão, há mais dois elementos no Novo Testamento que devem ser levados em conta, por mais brevemente que sejam. O primeiro é a petição dos eleitos de Deus, implorando a vindicação, já mencionada na primeira seção; uma petição que o Senhor aceita em Lucas 18:7-8, e que é ecoada no clamor dos mártires em Apocalipse 6:10: "Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" O significado em ambos os casos, conforme parece, é o *fato* acusador de sangue inocente, "clamando", como o de Abel, "da terra" para Deus.⁵⁷ Dificilmente pode significar o clamor consciente dos mártires,

⁵⁵ Jesus também Se refere a este versículo, segundo parece, no Seu lamento por Jerusalém, Mt 23:37-38. Aqui, somente há pesar.

⁵⁶ Ver Jr 18:7-10; Jn 3:4, 10.

⁵⁷ Gn 4:10; cf. Mt 23:35; Hb 12:24; ver também Nm 35:33.

pois, na realidade, o exemplo de Estêvão definiu o tom para seus sucessores (conforme o fez o do Seu Mestre para ele), terminando a antiga tradição de protesto indignado (cf. 2 Cr 24:22; Jr 18:23). A oração de Estêvão em prol dos seus inimigos, no entanto, somente poderia ser respondida através do arrependimento deles, conforme aconteceu na realidade com Saulo. Doutra forma, do ponto de vista celestial, este sangue ainda ficaria nas cabeças deles. Mesmo o sangue expiador de Cristo, embora “fale coisas superiores ao que fala o próprio Abel” fica sendo evidência condenadora contra aqueles que dele abusam.⁵⁸

O segundo elemento é o equivalente ocasional do amaldiçoar no Novo Testamento. O próprio Senhor abriu o caminho com Seus oráculos encenados e falados de julgamento contra o Israel infiel (Mc 11:14; 12:9) e contra as igrejas infiéis (Ap 2 e 3). Na era dos apóstolos, se o fim de Ananias e Safira não foi propriamente invocado, o cegamento temporário de Elimas o foi; assim também foi a entrega temporária do pecador coríntio a Satanás (1 Co 5:5). A retribuição futura de Alexandre o latoeiro é declarada em termos do Salmo 62:12 em 2 Timóteo 4:14 (mas note-se a oração do versículo 16). O que há em comum entre todos estes casos é a preocupação pelo bem-estar do reino ou do próprio pecador (inclusive Alexandre, pode ser, enquanto ainda havia esperança de arrependimento: 1 Tm 1:20). Os interesses pessoais dos que invocam estes julgamentos não têm nada do destaque que parecem ter nos Salmos. A escassez destas orações ou oráculos de julgamento, e a ausência de amargura, são provas suficientes da coisa nova que acontecera; o fato de que há a presença delas no Novo Testamento confirma a continuidade deste com o Antigo.

Concluimos, portanto, que não temos a opção de deixar de lado ou renunciar os salmistas, pois uma parte da sua função no plano de Deus era tornar articulado o grito de “todo o sangue justo derramado na terra” (para tomar emprestado a frase de nosso Senhor). Ao mesmo tempo, porém, já não está aberto para nós o direito de simplesmente ocupar o terreno que eles ocuparam. Entre o dia deles e o nosso, entre a nossa vocação e a deles, fica a cruz. Somos ministros de reconciliação, e este é um dia de boas novas.

À pergunta, pode um cristão empregar estes gritos por vingança como os dele próprio? A resposta curta tem certamente que ser: Não,

⁵⁸ Hb 10: 26-31; 12: 24; Mt 23: 37.

assim como não deve ecoar as maldições de Jeremias ou os protestos de Jó. Ele pode, naturalmente, traduzi-los em afirmações do julgamento divino, e em denúncias das “hostes espirituais do mal” que são o verdadeiro inimigo. Quanto a homens de carne e sangue, que “vivem como inimigos da cruz de Cristo” ou que se tornam em inimigos nossos, nossas instruções mandam orar, não contra eles, mas em prol deles; desviá-los do poder de Satanás para Deus; pagar o mal deles com o bem; e não escolher nenhum de seus caminhos. “Como homens necessitados, que ainda poderão ser salvos, devem ser amados e buscados; como homens que nos lesaram, devem ser perdoados. Como, porém, homens para serem seguidos e escolhidos como companheiros” — e aqui os Salmos e o Novo Testamento falam com voz uníssona — “devem ser totalmente rejeitados, como são rejeitados os poderes e principados por detrás deles”.⁵⁹

Se estas passagens nos Salmos abrem os nossos olhos às profundezas e ao merecido castigo da iniquidade, e aos perigos de tomarmos emprestadas as armas dela, já fizeram seu trabalho. Dizer que a palavra deles não é a última a respeito do assunto não é nenhuma censura: era primeiramente necessário que outra obra fosse levada a efeito. Aquela obra e palavra final pertenceu a Cristo, e nós a herdamos.

VI. Títulos e Termos Técnicos.

a. *Sua Autenticidade e Antiguidade.*

As notas que se reproduzem em letra miúda na maioria das nossas versões inglesas,⁶⁰ encabeçando todos os salmos menos alguns poucos, fazem parte do texto canônico da Bíblia Hebraica (diferentemente das notas marginais acrescentadas pelos massoretas), e se incluem na numeração dos versículos desta. Sendo assim, na maioria dos salmos que têm um título, os versículos no texto hebraico têm sua numeração descontraída com a dos nossos. O Novo Testamento não somente trata estes títulos como Escritura Sagrada, como também, seguindo o exemplo de nosso Senhor, está disposto a edificar seus argumentos nalguma das notas de autoria que deles fazem parte (Mc 12:35-37; At

⁵⁹ D. Kidner, *Hard Sayings* (IVP, 1972), pág. 17.

⁶⁰ NEB as omite totalmente.

2:29ss, 34ss; 13:35-37). Não precisamos ir mais longe em procurar a autenticação deles; mesmo assim, algumas das críticas levantadas contra eles serão debatidas na seção *b*, abaixo.

No que diz respeito à antiguidade deles, dois fatos principais surgem à tona através da terminologia que empregam. Em primeiro lugar, que são editoriais, sendo que empregam a terceira pessoa para quaisquer comentários que tecem (e.g., “quando fugia de Absalão, seu filho”, Sl 3), e são, portanto, posteriores aos próprios Salmos. Em segundo lugar, porém, são suficientemente antigos para seus termos técnicos terem perdido seu sentido, em grande medida, para os judeus do século II ou III a.C. que traduziram o Saltério para a língua grega. Isto deixa em aberto um período de vários séculos no decurso dos quais poderiam ter sido escritos, sendo este, porém, o período durante o qual a maioria do Antigo Testamento estava sendo feita. Notas semelhantes para salmos ocorrem em Livros canônicos fora do Saltério: e.g. 2 Samuel 22:1 (cf. Sl 18, título); Isaías 38:9, 21-22; Habacuque 3:1, 19b. O segundo e terceiro destes exemplos também levantam a questão quanto à possibilidade de parte da matéria achada no cabeçalho de certos salmos ser de fato notas concludentes mais do que títulos. Isto será debatido mais adiante, sob o título “Notas Litúrgicas” (c. 3, abaixo).

b. Notas Quanto a Autores.

Davi. Setenta e três salmos, quase metade do Saltério, têm a anotação *l^edāwīd*, “(pertence) a Davi”. Daí, a coleção como um todo tendia a ser chamada simplesmente “Davi” (Hb 4:7). Embora a preposição *l^e* tenha uma variedade de significados (cf. a nota “ao” ou “para o” mestre de canto, ou “De Salomão” [“Para Salomão” AV] no título dos Sl 72 e 127), pouca dúvida poderia haver de que neste contexto e em contextos análogos, tenha o sentido do genitivo, e de que este seja um genitivo de autoria. Isto fica claro no título mais expandido do Salmo 18, que continua, dizendo: “o qual dirigiu ao SENHOR as palavras deste cântico . . . Ele disse:” (e aqui segue a própria poesia). Também fica claro pelo Novo Testamento, que vê nesta frase o Davi histórico, cujo “túmulo permanece entre nós até hoje” (At 2:29), conforme Pedro podia dizer. Para maior confirmação, o Antigo Testamento conserva

outras poesias de Davi,⁶¹ e o conhece como o “mavioso salmista de Israel” (2 Sm 23:1), e como inventor de instrumentos musicais (Am 6:5).

A autoria por parte deste, dos salmos que trazem seu nome, tem sido questionada por várias razões. A opinião crítica mais comum é que, embora Davi pudesse de fato ter sido um poeta, não podemos distinguir qual dos salmos escreveu, se houve algum da autoria dele. Alguns críticos antigos procuravam solucionar a questão em bases estéticas, julgando certas poesias como sendo indignas do seu gênio se for ele o autor do lamento para Saul ou do Salmo 18 (= 2 Sm 22). Outros aplicaram critérios teológicos (o SI 139 era concebível nos dias dele?), ou critérios espirituais (o gurreiro grosseiro era capaz de tamanha fé e amor?), ou históricos (será que mesmo Davi tinha uma gama tão vasta de experiências? — e o que se diz das alusões ao templo, que ainda não tinha sido edificado?⁶²), ou lingüísticos (SI 139 tem aramaismos em demasia para um homem de Judá?), ou mesmo textuais (a atribuição feita pela LXX, de Salmos 93-99, bem como de sete outros Salmos, a Davi, além das atribuições dadas pelo TM, indica uma liberdade editorial excessiva?).

Algumas destas objeções são arbitrárias e simplistas; nenhuma delas é adequada para a tarefa de comprovar uma negativa geral, embora certas perguntas isoladas permaneçam sem resposta.⁶³ O estudo moderno dos Salmos, porém, na tradição Gunkel-Mowinckel, já passou de largo estes pontos de detalhe, de modo geral, pela sua insistência em considerar o Saltério num pano de fundo cûltico mais do que pessoal ou histórico. (Quanto a isto, ver a seção VII, *supra*, nas págs. 57ss.) Esta

⁶¹ Ver seu lamento por Saul e Jônatas, 2 Sm 1:17-27, e suas “últimas palavras”, 2 Sm 23:1-7.

⁶² Ver sobre 5:7.

⁶³ O SI 139 constitui talvez o mais difícil destes problemas, não pela teologia (que nunca pode ser datada), mas pelos vários vestígios do dialeto provincial que se associa mais com o norte do que com o sul, onde nasceu Davi. É concebível que estes vestígios se devam a uma possível origem deste salmo nas fronteiras de Israel (será que Davi o compôs durante uma campanha?), e que foi somente bem mais tarde no processo de compilação que foi incluído na coletânea, conforme sugere a sua presença no Livro V. Ver, na seção sobre “A Estrutura do Saltério” (II, *supra*), mais evidências das marcas deixadas na linguagem dos salmos pelas variedades locais da linguagem dos adoradores. Esta sugestão se oferece como lembrete da nossa ignorância, e não como resposta confiante.

escola de pensamento, ao perguntar qual era a situação recorrente em que certo salmo foi composto, para ser de utilidade para ela, tende a responder, juntamente com Mowinckel, que os salmos com o título *lêdāwîd* foram compostos para o uso do rei davídico, do “Davi” do momento, na sua capacidade de personificação e representante de Israel, em prol do qual ele fala na maioria das ocorrências do “eu” e “me” do Saltério. Segundo este ponto de vista, era por malentendimento que os redatores do Saltério viram Davi como autor, acrescentando, por consequência, as notas biográficas que introduzem alguns dos salmos.⁶⁴ Quanto a esta questão, ver seção VII abaixo, págs. 57ss.

Salomão. Salmos 72 e 127, vide os comentários dos mesmos.

Os filhos de Coré. Doze Salmos (42-49, 84-85, 87-88) são atribuídos a esta família levítica, descendentes do líder rebelde com este nome, cujos filhos — para maior proveito nosso — foram poupados quando ele morreu por sua rebeldia (Nm 26:10-11). Uma parte desta família ficou sendo porteiros e guardas do templo (1 Cr 9:17ss.; cf. Sl 84:10?), outra parte, os cantores e músicos do coro do templo fundado por Hemã no reinado de Davi; os levitas companheiros daquele, Asafe e Jedutum (ou Etã), dirigiram os coros tirados dos dois outros clãs daquela tribo (1 Cr 6:31, 33, 39, 44).

Asafe. Outros doze salmos têm esta atribuição: 50, 73-83. Ver o parágrafo supra quanto ao relacionamento de Asafe com seus colegas; ver também 1 Cr 16:5; 2 Cr 29:30. Nos títulos, é evidente que seu nome representa o do seu coro nalguns casos, pelo menos, sendo que lamentos tais como 74 e 79 contam de desastres que nenhum contemporâneo de Davi testemunhou.

Hemã, ezraíta. Salmo 88. Hemã foi o fundador do coro conhecido como “os filhos de Coré” (ver supra), e era famoso pela sua sabedoria (1 Rs 4:31). Parece que “ezraíta” é um equivalente de “zeraíta”, um clã de Judá (1 Cr 2:6), embora Hemã fosse também um levita, com conexões efraimitas (1 Cr 6:33; cf. 1 Sm 1:1.) Estas vinculações, possivelmente adotivas, entre Levi e outras tribos, se o Hemã de 1 Crônicas 2:6 se

⁶⁴ Mowinckel, I, págs. 77-8.

identifica corretamente com o fundador coraíta, não estão sem paralelo: cf. Juízes 17:7 e as afiliações subseqüentes do levita em questão.

Etã, ezraíta. Salmo 89. Etã provavelmente se identifique com *Jedutum*, que fundou um dos três coros (cf. 1 Cr 15:19; 2 Cr 5:12). Etã comparilhava com Hemã uma reputação por sabedoria, e era membro do mesmo clã judaíta (ver sobre Hemã, supra).

Os salmos 39, 62, 77 têm o nome *Jedutum* no seu título; ver o comentário sobre o primeiro destes.

Moisés. Salmo 90. Poucos comentaristas aceitam a autoria deste salmo, conforme é declarada, embora poucos neguem as qualidades excepcionais e majestosas que se pode indicar para apoiá-la. Contra a autoria mosaica, Mowinckel argumenta principalmente a partir do ponto de vista do salmo, achando-o por demais individualista e com falta de ambição para ter surgido do ambiente de um povo primitivo e jovem, dedicado à conquista. Outros fazem diagnóstico de sinais de um longa história nacional no primeiro versículo, e sentem a disposição de Isaías 40 na comparação entre a vida humana e a grama, e na petição que considera que o castigo já durou bastante.

Este último argumento tem dois gumes, pois o salmo poderia ter influenciado a profecia tanto quanto a profecia poderia ter influenciado o salmo. Além disto, a memória de um longo passado não é apenas a de Israel, mas, sim, a da humanidade, pois o salmo diz respeito primariamente à humanidade diante de Deus. Como indicações positivas, tem sido ressaltado por comentaristas de vários matizes de opinião que o salmo tem ecos nítidos dos começos de Gênesis, na Criação e Queda, e naquilo que parece ser uma alusão à longevidade dos antediluvianos⁶⁵ (que não são temas comuns no Antigo Testamento); acham, também, que tem afinidades com a linguagem do Cântico e da Bênção de Moisés (Dt 32 e 33),⁶⁶ e uma disposição anelante que é muito apropriada às circunstâncias de uma geração condenada no deserto. Mesmo o individualismo do salmo tem seu paralelo em Deuterônomo, onde é pouca consolação para Moisés que a nação há de entrar na terra, se ele próprio não tem licença de assim fazer (Dt 3:23ss.)

⁶⁵ Cf. Anderson, II, pág. 651.

⁶⁶ Briggs, II, pág. 272.

c. Termos Técnicos.

As explicações intermináveis que se oferecem, quanto a estes, são uma confissão da nossa incerteza. Para uma discussão mais detalhada, ver qualquer dos comentários maiores.

1. Interjeições

Selá. (ARC) Esta palavra ocorre 71 vezes (e mais três vezes em Hc 3), predominantemente nos livros I-III do Saltério. Provavelmente é o sinal para um interlúdio (cf. LXX), ou mudança de acompanhamento musical. Pensa-se usualmente que se derive de uma raiz *sll*, “erguer” (cf. 68:4 [heb. 5]), i.e., talvez, aumentar o som dos instrumentos ou das vozes; no entanto, tem havido a sugestão alternativa de uma raiz *slh* que supostamente corresponda a um verbo aramaico “curvar”, i.e., curvar-se em adoração.⁶⁷ Outras possibilidades são que as vogais indiquem que a resposta *neṣaḥ*, “para sempre” (cf. Targum) deva ser inserida a este ponto (às vezes, porém, com relevância duvidosa); ou que as consoantes de Selá são um acróstico que significa ou “mudança de vozes”, ou “repetir desde o início”.⁶⁸ É provável que a primeira interpretação permaneça sendo a melhor.

Higalom. (ARC) No Salmo 9:16 [heb. 17] esta palavra segue Selá como nota separada, mas também se acha em 19:14 [15] e 92:3 [4] dentro das frases (“o meditar do meu coração”, “a solenidade da harpa”). O verbo relacionado com esta palavra usualmente se interpreta com o significado de “murmurar” e, daí, “meditar” (ver sobre 2:1); conseqüentemente, como direção musical, pode indicar os instrumentos mais quietos. Eerdmans, no entanto, sustenta que nunca se refere a música instrumental (a despeito de 92:3, que ele reinterpreta), mas, sim, à recitação de trechos das Escrituras, com ou sem acompanhamento.⁶⁹ Sua interpretação cria dificuldades em certos contextos, e pareceria melhor reter a idéia de meditação ou de música quieta.

⁶⁷ B. D. Eerdmans, *The Hebrew Book of Psalms* (OTS 4, 1947), págs. 85, 89, onde cita a descrição no Mixnâ do sacrifício diário, segundo a qual, a cada pausa no salmo, tocavam-se trombetas e os adoradores se prostravam.

⁶⁸ Cf. K-B.

⁶⁹ B. D. Eerdmans, op. cit., págs. 79-80.

2. Classificações.

Salmo (*mizmor*) e (*šîr*) não podem ser completamente distinguidos por nós, mas aquele provavelmente dava a entender pelo nome que era cantado com acompanhamento instrumental. L. Delekat cita Eclesiástico 44:5 para apoiar seu ponto de vista de que o salmo era uma peça composta, designada para uma ocasião específica, enquanto uma canção (*šîr*) era algo mais geralmente conhecido e cantado (a palavra pode ser empregada a respeito de uma canção secular bem como a uma canção religiosa), e não necessariamente acompanhado. O título duplo, onde ocorre, indicaria, então, uma poesia formal por Davi, Asafe, etc., que, mediante a sua popularidade, se tornara virtualmente em instituição.⁷⁰

Sigalom (ARC) (Sl. 7; cf. o plural “sobre Sigionote”, Hc 3:1) é derivado, segundo parece, de um verbo “errar” ou “desgarrar-se”; nenhum destes dois salmos, no entanto, é penitencial. Kirkpatrick, portanto, aplicava isto à forma poética, como sendo desregrada e extática.⁷¹ Eerdmans chama atenção a verbos árabes e assírios que significam uma agitação das emoções.⁷²

Mictão (ARC) (Sl 16, 56-60; todos davídicos) é outro título obscuro. “Salmo de ouro” (AV mg.) é por demais precariamente vinculado ao substantivo *kethem*, “ouro”. Uma derivação mais sólida seria, talvez, de um verbo cognato postulado do Acadiano *katamu*, “cobrir”. Mowinckel infere a expiação a partir daí; mas estes salmos se ocupam mais com insegurança do que com pecado. Eerdmans faz a sugestão atraente que, tendo em vista os perigos mencionados em vários dos títulos, o “cobrir” é o dos lábios em manterem segredo, e, assim, o título deve ser traduzido “Uma oração silenciosa”. “Em nenhum destes casos, Davi poderia ter recitado uma oração da maneira usual”.⁷³

⁷⁰ L. Delekat, “Probleme der Psalmenüberschriften”, ZAW 76 (1964), 181-2.

⁷¹ Kirkpatrick, pág. xx.

⁷² B. D. Eerdmans, op. cit. pág. 77.

⁷³ Ibid. pág. 75.

Masquill (ARC) (treze salmos,⁷⁴ sendo a maioria nos livros II e III). Este é o participio de um verbo que significa “tornar sábio ou prudente”, ou “ter sucesso ou perícia”. A LXX traduz “(um salmo) de entendimento”. Embora haja algumas referências explícitas à transmissão de entendimento (e.g. 32:8; 78:1), poucos deste grupo são “salmos didáticos”, e, do outro lado, há candidatos óbvios para tal título que não o recebem (e.g. 1, 37, etc.) Tendo como base os demais sentidos do verbo, têm sido sugeridas as interpretações: “salmo eficaz”, e “salmo habilidoso”; o primeiro dá a entender que fazia parte de um ritual para obter ajuda num empreendimento, e o segundo, que se tratasse de uma peça escrita de fino gosto ou que se encaixava com música esmerada. Mais uma vez, ainda não sabemos a resposta.

Uma Oração (cinco salmos⁷⁵); **Louvores** (145). Os plurais destes poderiam servir como títulos para coletâneas inteiras de Salmos: ver nota em 72:20.

3. *Notas Litúrgicas.*

Um exemplo independente de tais notas e direções pode ser achado fora do Saltério, em Habacuque 3:19b. Sendo que neste caso se segue após um salmo, tem sido argumentado que no Saltério, também, a matéria equivalente pode ter feito a mesma coisa, e que, à parte do título classificador (“Salmo”, “cântico”, etc.), e o nome do autor e detalhes explanatórios, as notas litúrgicas se referem ao salmo anterior.⁷⁶ Para exemplos que possivelmente apóiem isto, ver abaixo sobre “Sosanim” (Os Lírios) e “A pomba nos terebintos distantes”, e as introduções aos Salmos 30 e 88, e a nota de rodapé de 48:14. Contrariando a este, porém, ver abaixo sobre “Ajelé-Has-Soar” (Corça da manhã); ver também sobre 148:14.⁷⁷ De modo geral, a evidência em prol de tais deslocamentos editoriais é por demais inconclusiva para desfazer a disposição atual dos títulos; se, porém, em casos excepcionais um Salmo era anotado originalmente

⁷⁴ Salmos 32, 42, 44, 45, 52-55, 74, 78, 88, 89, 142.

⁷⁵ Salmos 17, 86, 90, 102, 142.

⁷⁶ J. W. Thirtle, *The Titles of the Psalms* (Frowde, 1904), *passim*.

⁷⁷ Cf. R. A. F. MacKenzie, “Sl 148:14b, c: Conclusão ou Título” *Bib.* 51² (1970), págs. 221-224.

conforme o modo de Habacuque 3:19, não é contrário à razão sugerir que a sua conclusão, pela influência dos hábitos editoriais, pudesse ter chegado a se juntar ao Salmo seguinte.

Tratando agora do significado desta matéria, o ponto de vista mais generalizado é que algumas das frases obscuras são nomes de melodias ou tipos de música a serem empregados (cf. RV, RSV, JB), identificados pelo começo ou pelas palavras mais características de canções bem conhecidas. Isto pode parecer suspeitosamente moderno e ocidental,⁷⁸ e pode ser apenas uma opinião tentativa; mesmo assim, achamos modos melódicos nomeados e fortemente diferenciados entre si em data tão recuada quanto Platão no século IV a.C.,⁷⁹ e instrumentos melódicos — que fazem multiplicar as melodias — se mencionam no Saltério (e.g. oboé e flauta, *hālīl* e *ʾûgāb*). Além disto, podemos achar muitas alusões no Antigo Testamento a canções populares, uma frase-chave dos vinha-teiros num título de um Salmo (ver abaixo, sobre “AI-Tachete”, pág. 57), e, por aquilo que possa valer, uma comparação feita por Clemente de Alexandria (c. de 200 d.C.) entre o modo de cantar os salmos hebraicos e um cântico grego de banquetear.⁸⁰

Às vezes, porém, estas frases podem ser vistas como indicadoras de algum aspecto do assunto do salmo ou o seu emprego, sendo que a preposição que se traduz “segundo”, também pode ser traduzida “acerca de”, “sobre”, etc. Cada uma tem que ser levada em conta conforme a sua própria evidência.

Ao mestre do canto (*lam^enatššēah*) é uma anotação que acompanha cinquenta e cinco salmos, como também o salmo de Habacuque (Hc 3:19b). A raiz hebraica significa sobrepujar, e, daí, supervisionar. A tradução familiar, que é tão razoável quanto qualquer outra, sugere que, para o mestre do coro, foi compilada uma coletânea de salmos tirados de fontes e coros separados, possivelmente para ocasiões espe-

⁷⁸ Cf. as críticas de Eerdmans, op. cit. pág. 51; Delekat, art. cit. pág. 291; Mowinkel, I, págs. 8-9; 11, págs. 213n.

⁷⁹ *República*, Livro III (Everyman Edition, pág. 81). Alguns destes modos se reconhecem não somente na música litúrgica cristã como também nos modos judaicos das orações, tratando-se de um desenvolvimento daquilo que, conforme parece, era uma fonte musical em comum, do antigo Oriente Próximo. Ver exemplo 300, *New Oxford History of Music*, I, (OUP, 1957), pág. 323.

⁸⁰ *Paidagogos*, ii, 4.

ciais, e possivelmente como uma etapa na direção de formar o Saltério completo.

As versões antigas, no entanto, traduziam esta anotação de vários outros modos, vinculando-a com a palavra hebraica para “eternamente” (cf. LXX, “até ao fim”), ou “vencedor” (e.g. Jerônimo) ou “louvor” (Targ.); e não há falta de sugestões modernas. Mowinckel chega à idéia de um salmo para “dispor Deus à misericórdia”.⁸¹ Delekat sugere que pudesse ter sido originalmente uma resposta *lāneṣaḥ*, “para sempre” (cf. LXX), que marcava o *fim* de um salmo (como um Amém ou Aleluia), mas posteriormente interpretado erroneamente como sendo uma referência à pessoa “excelente” que escreveu o salmo, e que foi subsequenteemente identificada como sendo Davi, Asafe, etc.⁸² Eerdmans argumenta que a palavra significa um capataz de turmas de operários, que dirigia o trabalho com música rítmica, e cuja perícia foi requisitada para conservar os carregadores procissionais da Arca no passo certo.⁸³

Se a economia de uma hipótese é a sua fortaleza, a tradução familiar pouca coisa tem que temer da parte das suas alternativas.

Sobre Seminite (ARC) (Sl 6 e 12) é um termo que faz companhia em 1 Crônicas 15:21 com **Sobre Alamote (ARC)** (Sl 46; 1 Cr 15:20). A passagem em Crônicas, que descreve a chegada da Arca a Jerusalém, conta de oito levitas que tocariam “com alaúdes, sobre Alamote” e seis que conduziriam o tom “com harpas, sobre Seminite”. Alamote (*ʿlāmôt*) significa “moças”; Seminite (*šeminî*) significa “oitava”. Embora este último nos seja muito enigmático (a oitava corda? o oitavo ato ritual que coroa a tudo?), a opinião da maioria é que Alamote significa o alcance do soprano, e que Seminite, portanto, deve ser tenor ou baixo. Não temos, no entanto, evidência alguma de que o diapasão fosse computado em oitavas, uma divisão de intervalos que tradicionalmente se atribui a Pitágoras.⁸⁴

Sobre Gítite (ARC) (Sl 8, 81, 84). Gate, de onde foi derivado este adjetivo feminino, significa “lagar”, e também é o nome de uma cidade filis-

⁸¹ Mowinckel, II, pág. 212.

⁸² L. Delekat, art. cit., págs. 283-286.

⁸³ B. D. Eerdmans, op. cit., págs. 54-60.

⁸⁴ Ver E. Werner, *HUCA* 21 (1948), págs. 211-255.

téia. As três conjeturas principais, portanto, são que este é um termo vinculado com a vindima (que conicidia com a Festa dos Tabernáculos), ou com a viagem da Arca a partir da casa do gitita para Jerusalém (2 Sm 6:11), ou com um instrumento (ou melodia?) que tomava seu nome de Gate.

Sobre Mute-Labem (ARC) (Sl 9). A frase *'al-mûṭ labbēn* significa “sobre (ou acerca de, ou de acordo com) morte para (ou de) o filho”. O texto ben Asher, no entanto, e todas as versões antigas lêem as palavras hifenadas (que são as mesmas últimas duas palavras de 48:14, ver o comentário no local) como uma única palavra. A LXX entendia que isto significava “os segredos do filho”; Âquila fez dele “a juventude do filho”. Muitos sugeriram que devamos ler aqui “(sobre) Alamote . . .” i.e., possivelmente, “cantado por *meninos* com voz de soprano” (cf. BDB).⁸⁵ Ao revocalizar *labbēn* (“para o filho”) como *lābîn* (“fazer conhecer”), Delekat traduz a frase: “Com soprano destacado”.⁸⁶

Lendo o título conforme consta em ARA etc., há muitas sugestões, mas nenhuma certeza. E.g. pode ser o nome de uma melodia; ou uma referência a um ritual de morrer e ressuscitar; ou mesmo (Thirtle) um cântico a respeito da morte de Golias (que é chamado *ʾīš habbē-nāyīm* em 1 Sm 17:4). A primeira destas é a menos improvável.

Sobre ajelé-Has-Saar (ARC) (Sl 22). Este pode ser o nome de uma melodia (ver supra, pág. 52), mas é melhor explicá-lo como sendo um instante do tema, e traduzi-lo (como sugere Eerdmans,⁸⁷ em conformidade com LXX) “Sobre a ajuda de (i.e., no amanhecer). A palavra *'ayyelet* (“corça”) é muito semelhante à palavra rara *'eyalût* “ajuda” (19 [heb. 20]), e pode ser vocalizada para coincidir com ela, se não for, na realidade, uma forma feminina de *'eyāl* (ajuda), Salmo 88:4 [heb. 5]. Desta forma, o título chama a atenção à libertação que iluminará os versículos finais do Salmo.

Sobre Sosanim (ARC) (Sl 45, 69; *'al-šōšānnîm*).

Sobre Susã Edute (ARC) (Sl 60; *'al-šūšan 'ēḏût*).

⁸⁵ O singular, porém, lit. “o filho”, torna isto improvável.

⁸⁶ L. Delekat, art. cit., pág. 292.

⁸⁷ B. D. Eerdmans, op. cit., pág. 173.

Sobre Sosanim Edute (ARC) (Sl 80; 'el šōšannîm 'ēḏûṭ).

Os dois substantivos, *lírios* (ou *lírio*, Sl 60) e *testemunho* vinculam estes títulos. Como nome de uma melodia, os lírios vinculariam o salmo de casamento, 45, de modo apropriado com, e.g., Cantares 2:1; mas os demais salmos deste grupo têm uma nota sombria.

A LXX vocalizou esta palavra não como “lírios” mas, sim, como “aqueles que se mudam” (*šēššōnîm?*), e Delekat⁸⁸ concorda basicamente com isto, interpretando-o como “aqueles cuja situação muda para pior”. (No Salmo 45, toma a expressão como sendo uma referência ao Sl 44). As consoantes permitem isto em três casos de quatro, mas o Salmo 60, com o singular, levanta dúvidas quanto a isso. Apesar disto, a sugestão de Delekat é a melhor contribuição no sentido de relacionar os títulos ao assunto; e o apoio indireto da LXX fortalece o argumento.

Testemunho (*'ēḏûṭ*) pode se referir no Salmo 60 ao oráculo de resposta da parte de Deus nos versículos 6-8; não há, porém, equivalente no Salmo 80. Albright, no entanto, indicou que esta palavra é freqüentemente empregada como sinônimo de Aliança,⁸⁹ e que ambos ressaltam este relacionamento prometido, naquilo que afirmam ou pleiteiam.

No Salmo 80, as palavras “de Asafe” se vinculam preferivelmente com “Um salmo”.

Sobre Maalate (ARC) (Sl 53, 88). Este pode ser o nome de uma melodia, ou (Mowinckel) um instrumento, e aparece duas vezes como nome próprio feminino (Gn 28:9; 2 Cr 11:18). É quase idêntico, também, com uma palavra para “doença”, que se encaixaria no Salmo 88, mas dificilmente com o 53, a não ser que a ocasião fosse uma praga enviada como julgamento contra a apostasia. O Salmo 88 acrescenta *Leanote* (*l'e'an-nôt*), “humilhar ou afligir”.

Sobre a Pomba nos Terebintos Distantes (Sl 56). ARA toma isto como nome de uma melodia. A alusão, porém no salmo anterior a uma pomba e à distância longínqua (55:6-7) dificilmente poderia ser uma coincidência, e levanta a pergunta se tais frases nos “títulos” não deveriam ser lidas, de preferência, como pós-escritos (ver supra, pág. 52) — a não ser que, realmente, este seja um exemplo da identificação de uma melodia

⁸⁸ L. Delekat, art. cit., págs. 294-5.

⁸⁹ W. F. Albright, *From the Stone Age to Christianity*² (Doubleday, 1957), pág. 16.

por uma frase bem conhecida de uma canção, sendo, portanto, uma instrução no sentido de cantar o Salmo 56 pela melodia do Salmo 55.

Como complicação adicional, “terebintos” (*’ēlīm*) é lido na LXX como sendo “deuses” (*’ēlīm*), mas é vocalizado no TM como sendo “silêncio” (*’ēlem*). Mowinckel, aceitando a leitura da LXX, conjectura o sacrifício de uma pomba, num ritual que combinaria aspectos do bode expiatório e a purificação de um leproso; não há, porém qualquer base segura para postular semelhante cerimônia.

Sobre Al-Tachete (ARC) “Segundo a melodia: Não destruas” (ARA) (SI 57:59, 75). Isto pode muito bem ser a indicação de uma melodia: cf. Is 65:8, onde a frase é identificada como sendo um ditado popular (talvez uma linha de uma canção da vindima), que é tomada emprestada para se tornar uma palavra de segurança da parte de Deus. Notam-se também, porém, as instruções que Davi deu com respeito a Saul: “Não o mates” (1 Sm 26:9), e outra vez, conforme indica Dahood, a oração de Moisés: “Não destruas o teu povo” (Dt 9:26). Esta última concordaria bem com o pensamento de Is 65:8, e com a nota de confiança final que se acha nestes Salmos.

Cântico dos Degraus (SI 120-134). “Cântico de romagem” (ARA). O Mixná registra que quinze degraus levavam do Átrio das Mulheres para o Átrio dos Israelitas “que correspondiam aos quinze Cânticos dos Degraus nos Salmos, e sobre estes degraus os levitas cantavam”.⁹⁰ Como, porém, indica C.C. Keet,⁹¹ não há registro de que aquilo que cantavam era este grupo de salmos, embora isto seja possível, e tenha sido muitas vezes asseverado. A referência mais provável do título é à romagem subindo para Jerusalém, ou à subida processional “ao monte do SE-NHOR” (cf. Is 30:29).⁹²

VII. Episódios Davídicos nos Títulos.

Catorze Salmos⁹³ têm títulos que os vinculam com eventos na carreira de Davi. O comentário faz uso das implicações destes contextos para

⁹⁰ Middoth 2:5, *The Mishnah*, ed. H. Danby (OUP, 1933), pág. 593.

⁹¹ Keet, pág. 3.

⁹² Cf. Keet, pág. 16. Seu capítulo inicial dá um resumo instrutivo das numerosas teorias propostas a respeito destes salmos.

⁹³ Salmos, 3, 7, 18, 30, 34, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 63, 142.

os salmos aos quais pertencem; neste ponto, porém, devemos fazer a pergunta prévia: as vinculações são genuínas ou artificiais?

As dificuldades que têm sido sentidas a respeito destas notas biográficas são gerais, e não apenas pormenorizadas. De modo geral, podemos ter dificuldade em entender como uma obra de arte aperfeiçoada, tal como o Salmo 34, que é acróstico, poderia ter vindo à lume numa emergência de vida ou morte; ou podemos notar que o pensamento de tais salmos muitas vezes abrange pensamentos que vão além da própria situação mencionada. A estas duas questões poderíamos aplicar a resposta suficiente de que aqui se trata de produções de talento incomum, e, além disto, da inspiração divina. Ambos são fatores relevantes. Do outro lado, já que Deus não multiplica milagres de modo desnecessário, a verdade da questão pode ser que foi o núcleo do salmo — alguma frase ou seqüência germinal — que veio a Davi no meio da crise propriamente dita, e que este foi desenvolvido mais tarde enquanto ele meditava sobre o incidente e o revivia. Ainda outro aspecto de crescimento pode ocasionalmente ser visto, como no caso dos dois últimos versículos do salmo 51, onde a experiência de Davi foi aproveitada como a de Israel, e a oração ou louvor desta nação foi enxertado no dele — uma resposta que dá uma lição prática a usuários subseqüentes do Saltério.

Voltando-nos para as objeções específicas, estas se vinculam principalmente à rejeição da autoria pessoal de Davi, que já discutimos (ver supra, VI b, págs. 46-48ss., a respeito de “Davi”). Além disto, há, no entanto, críticas de longa existência quanto às próprias notas biográficas.

Um exemplo da abordagem crítica mais antiga se acha na obra de S.R. Driver: *Introduction to the Literature of the Old testament* (7ª edição, págs. 376s.). Os comentários deste autor são subjetivos, na sua maioria. Ele considera, por exemplo, que o Salmo 34 é claramente inapropriado para a ocasião em que Davi escapou do rei de Gate. Outro ponto de vista quanto a isto se acha no comentário; mas a verdadeira fraqueza desta abordagem é que na prática diz apenas: “Naquela situação, não é este o salmo que eu teria composto”. Não poderíamos culpar o leitor se respondesse a isto (se esta for uma estimativa justa da objeção de Driver): “Exatamente; e é por isto mesmo que os salmos subsistem para sempre”. O modo de tratar com o título do Salmo 52 é pouco menos arbitrário. Driver não quer admitir que Doegue pudesse ser o “homem rico e poderoso, persegui-

dor dos justos”, que é retratado no salmo; além disto, não pode dar crédito à serenidade de Davi no término do mesmo. Aqui, também, pode ser que o comentário explique alguns dos pormenores, demonstrando a fé de Davi; por enquanto, basta indicar que Doegue, que era “maioral dos pastores de Saul”, e que além disto procurou o favor do rei ao aniquilar a cidade dos sacerdotes, não foi falsamente representado neste retrato conforme Driver assevera. Mesmo assim, o salmo olha para além do indivíduo, para o modo de vida que ele representa. Os demais exemplos citados por Driver são igualmente inconclusivos; e, num outro trecho, não ajudam os argumentos dele (págs. 375s.) ao fazer um esforço cuidadoso no sentido de comprovar a ausência de qualquer conexão entre o Salmo 11 e a revolta de Absalão — quando o leitor que se dá ao trabalho de averiguar o caso descobrirá que nem o salmo nem o seu título sequer mencionam ou dão a entender que existe semelhante conexão.⁹⁴

Entre os estudiosos mais recentes, Mowinckel rejeita as notas históricas como sendo “tipicamente midraxe . . . i.e., uma maneira erudita de formar lendas como resultado de . . . uma exegese não-histórica e especulativa de detalhes desconexos”.⁹⁵ Os exemplos que cita para apoiar isto, no entanto, são surpreendentemente inadequados, e consistem mormente de asseverações sem provas e de exegese questionável. E.g. faz a mera alegação de que “na realidade”, o Salmo 18 se ocupa de uma grande batalha única, e não das guerras de uma existência inteira, que o título dá a entender. Disto, ele não oferece prova alguma. Noutro lugar, entende que 18:50b⁹⁶ nos informa “explicitamente” que o rei do qual se trata não é Davi, mas, sim, um dos seus descendentes — exegese esta que não leva em conta a promessa fundamental feita a Davi de que teria uma dinastia eterna (2 Sm 7:16), nem a verdade gramatical que os verbos de 18:50 são participios, sem referência determinada quanto ao tempo. Quanto a Doegue, Mowinckel até põe defeito no título do Salmo 52 por declarar: “Quando Doegue veio a Saul” ao invés de: “Quando Davi ouviu que Doegue veio a Saul”. Além disto, vê uma discrepância entre a queixa do salmista quanto a “enganos” e “palavras devora-

⁹⁴ O título diz, simplesmente: “Ao mestre do canto. Salmo de Davi”. A LXX é substancialmente igual.

⁹⁵ Mowinckel, II, págs. 100-101.

⁹⁶ “E usa de benignidade para com o seu ungido, com Davi e sua posteridade para sempre”

doras", e a "veracidade objetiva" de Doegue — não considerando as circunstâncias daninhas nas quais Doegue ofereceu suas informações: a saber, a acusação da parte de Saul que Davi era um traidor que o povo estava protegendo pelo silêncio (1 Sm 22:8-9). A única dificuldade substancial que Mowinckel levanta quanto a este salmo é a sua referência à "casa de Deus". Quanto a isto, ver o comentário sobre Salmo 5:7.

B.S. Childs,⁹⁷ adota uma abordagem totalmente mais bem pensada, mostrando que as ligações entre os títulos e os poemas têm muito mais substância e valor do que Mowinckel quer admitir, embora cite razões para considerar que estas notas editoriais são "um fenômeno pós-exílico de data muitíssimo avançada" e um produto do estudo erudito e devoto das Escrituras, e não de tradições históricas reais. Se for assim, trata-se de midrax (pesquisa), mas não da manipulação imaginativa das Escrituras que esta palavra veio a significar no judaísmo posterior. Faz "parte da própria tradição bíblica, e deve ser levado a sério como tal".⁹⁸

Childs nada mais alega do que alta probabilidade para a sua conclusão quanto à origem da matéria, e a trata como uma hipótese para fins práticos. Ele mesmo indica que ela deixa de solucionar certos problemas. Mesmo assim, o seu artigo, ao mostrar exegeticamente que as notas narrativas têm um relacionamento racional com o conteúdo dos Salmos, tem o efeito colateral de demolir a objeção principal contra a sua aceitação como tradição histórica genuína.

Esta última parece a hipótese mais fácil,⁹⁹ do ponto de vista deste escritor, mormente porque nem todo item de informação pode ser deduzido dos textos. Não haveria motivo, segundo parece, para introduzir, por exemplo, a pessoa desconhecida de "Cuxe, benjamita" no título de Salmo 7, a não ser que se tratasse de um pormenor deixado para a posteridade juntamente com o próprio salmo.

Como, porém, não temos conhecimento direto de como estas observações vieram a existir, devemos, talvez, deixar em aberto a ques-

⁹⁷ B. S. Childs, "Psalm Titles and Midrashic Exegesis", *JSS* 16² (1971), págs. 137-150.

⁹⁸ *Ibid*, pág. 149.

⁹⁹ A evidência tirada do Salmo 151 que há a mais na LXX, e do Targum e da Pesita, no sentido que as notas biográficas continuavam a ser acrescentadas aos Salmos em tempos posteriores, não comprova nada quanto aos títulos canônicos. Estes poderiam muito bem ter sido os modelos reverenciados de onde foram tiradas estas imitações, especialmente se sua antiguidade era reconhecida.

tão se algumas são o resultado de se comparar alguns textos bíblicos com outros, enquanto outras são o produto de registros históricos. O que importa é a veracidade delas, e não há razão válida para se duvidar disto; a confirmação incidental se acha na luz que elas lançam sobre os salmos que introduzem.¹⁰⁰

¹⁰⁰ Outros aspectos do assunto se discutem nas págs. 27ss. supra.

COMENTÁRIO

Livro I: Salmos 1-41

Salmo 1

Os Dois Caminhos

Parece provável que este salmo tenha sido especialmente composto como introdução ao Saltério inteiro. Sem dúvida, fica aqui como porteiro fiel, confrontando aqueles que querem participar da “congregação dos justos” (5) com a única escolha básica que dá realidade à adoração; com a verdade divina (2) que precisa instruí-la; e com o juízo final (5, 6) que se avulta além.

A tonalidade e os temas deste salmo fazem lembrar os escritos da Sabedoria, especialmente Provérbios, que se preocupam com a convivência que o homem cultiva, com os dois caminhos que ficam diante dele (cf., e.g. Pv 2: 12ss., 20ss.), e com tipos morais, notavelmente os zombadores; nota-se também a linguagem figurativa tirada da natureza, e o interesse no fim lógico de um processo. A sabedoria que ele recomenda, no entanto, se arraiga na lei (2), e o paralelismo mais próximo do salmo se acha num dos profetas (Jr 17:5-8); tal é a harmonia das vozes diferentes do Antigo Testamento.

1: 1-13, O caminho da vida.

A palavra “Feliz”, ou “A felicidade de . . .!” é preferível a *Bem-aventurado*, para o qual existe uma palavra separada. Tal foi a exclamação da Rainha de Sabá em 1 Rs 10:8, e a expressão se ouve vinte e seis vezes no Saltério.¹ Este salmo continua, mostrando a escolha sóbria

¹ 1: 1; 2: 12; 32: 1, 2; 33: 12; 34: 8; 40: 4; 41: 1; 65: 4; 84: 4, 5, 12; 89: 15; 94: 12; 106: 3; 112: 1; 119: 1, 2; 127: 5; 128: 1, 2; 137: 8, 9; 144: 15, 16; 146: 5.

que é a base disto. O Sermão da Montanha, empregando a palavra correspondente em grego, futuramente acrescenta uma exposição ainda mais radical.

Conselho, caminho e roda (ou “assembléia” ou “habitação”) chamam a atenção aos setores do pensamento, da atividade e do pertencer; é neles que a escolha fundamental da lealdade da pessoa é feita e levada a efeito. Isto é corroborado pela indicação de um elemento decisivo no tempo dos verbos hebraicos (o perfeito). Seria atribuir demais a estes verbos tirar u’^a moral daquilo que parece ser um processo de diminuição da velocidade, do andar para o sentar-se, pois a viagem estava na direção errada, entre outras coisas. Certamente, porém, as três frases completas mostram três aspectos, e, realmente, três graus, de separação de Deus, ao retratarem a conformidade a este mundo em três níveis diferentes: a aceitação dos seus conselhos, a participação dos seus costumes, e a adoção da sua atitude mais fatal — isto porque os *zombadores*, se não forem os mais escandalosos dos pecadores, são os mais distanciados do arrependimento (Pv 3:34).

2. Os três negativos prepararam o caminho para aquilo que é positivo, e que é sua verdadeira função e o valor de seu duro corte. (Mesmo no Éden, Deus deu ao homem uma negativa, a fim de lhe permitir o privilégio de uma escolha decisiva.) A mente era o primeiro baluarte a ser defendido, conforme v. 1, e ela é tratada como chave ao homem inteiro. *A lei do Senhor* se coloca em oposição ao “conselho dos ímpios” (1), ao qual, em última análise, é a única resposta. O salmo se restringe a desenvolver este tema único, dando a entender que aquilo que realmente molda o pensamento do homem molda a sua vida. Isto se ilustra de modo conveniente no salmo seguinte, onde a palavra “imaginam” (2:1b) é a mesma que aqui se traduz “medita”, com resultados que se seguem dos tipos de pensamento muito diferentes que ali se acalentam. No versículo aqui tratado, o eco deliberado da exortação dirigida a Josué lembra ao homem de ação que o convite a pensar seriamente a respeito da vontade de Deus não é meramente para o recluso: é o segredo de conseguir qualquer coisa que valha a pena (cf. *bem sucedido*, neste salmo, com Js 1:8). *Lei (tôrâ)* significa, basicamente, “direção” ou “instrução”; pode se confinar a um único mandamento, ou pode se estender às Escrituras inteiras, como neste caso.

3. Com este quadro atraente, que forma com o v. 4 a parte central do salmo, compare a passagem mais detalhada de Jr 17:5-8. A

frase *no devido tempo, dá o seu fruto* ressalta o aspecto distintivo e o crescimento silencioso do produto. Isto porque a árvore não é mero canal, levando a água de um lugar para outro, sem alterá-la. Pelo contrário, é um organismo vivo que absorve, para produzir, no devido tempo, algo que é novo e agradável, próprio do seu tipo e estação. A promessa de que a *folha* fica imune ao murchar não é independência do ritmo das estações (cf. a linha anterior, e ver sobre 31:15); é o livramento dos danos aleijantes da seca (cf. Jr 17:8b).

1:4, 5. O Caminho da Condenação.

O símile no v. 4 vai muito além do contraste tirado por Jeremias entre a árvore frutífera e o arbusto do deserto (Jr 17:6), assim como o juízo (5) vai além de calamidades comuns. E ressalta mais explicitamente aquilo que um homem é do que o que ele vê e sente (cf. Jr 17:6a, 8b); daí a conclusão que não poupa. *Palha*, neste contexto, é o cúmulo daquilo que não tem raiz, peso (cf. “homens levianos e atrevidos” em Jz 9:4), nem utilidade. A figura é tirada do joeirar, ato mediante o qual o trigo debulhado é jogado para cima, para o vento soprar para longe a palha, deixando somente o grão para trás.

Outros salmos indicarão que os ímpios, mais do que os justos, poderão aparentar ser as pessoas de bens (e.g. 37:35-36). Mesmo assim, “o Dia demonstrará” o homem de palha tão certamente como revelará os obras de palha (cf. 1 Co 3:12-13). O versículo seguinte já aponta para isto.

5. O fim de tudo nada tem de arbitrário: notem-se os contrastes irreduzíveis neste versículo, cujo início *Por isso* surge inexoravelmente daquilo que este homens escolheram ser (4). Diante do Juiz, não terão argumentos para se defender, e nenhum lugar entre o povo dEle. Estes dois aspectos do julgamento: colapso e expulsão, se retratam outra vez com força imensa em Is 2:10-21.

1:6. A Separação dos Caminhos.

“Conhecer” é muito mais do que ter informações (como em 139:1-6): inclui preocupar-se com, como em 31:7 [heb. 8], e possuir ou identificar-se com (cf. Pv 3:6). *Parecer* se emprega com muitos sentidos: aqui, por exemplo, trata-se de um caminho ou curso que fica em nada ou leva à ruína; noutros trechos, emprega-se a respeito de esperanças ou planos frustrados (e.g. 112:10; Pv 11:7), de animais que se perdem (119:176), e de homens e realizações que se arruinam (2:11; 9:6). O

Novo Testamento traz à luz as implicações eternas já contidas nesta expressão (e.g. Jo 3:16).

E assim os dois caminhos se separam para sempre; não há um terceiro.

Salmo 2 O Senhor e o Seu Ungido

Este salmo, apesar de não ter sobrescrito, é atribuído a Davi em At 4:25, e identificado com o “Salmo segundo” em At 13:33.² É muito citado no Novo Testamento, não somente por atribuir grandes coisas à Pessoa do Ungido de Deus, como também pela sua visão do reino universal. É insuperável quanto ao seu deleite animado e apaixonado no domínio de Deus e na Sua promessa feita ao Seu Rei. Embora seja geralmente considerado um salmo de coroação, parece, mediante inspeção mais exata, relembrar aquela ocasião (7-9) durante tempos de provações (como, por exemplo, em 2 Sm 10). Na ocasião da ascensão de Davi, não havia nações sujeitadas, para se tornarem rebeldes (3). Para Salomão havia bastante, mas havia poucas delas para qualquer dos seus sucessores. Alguém maior do que Davi ou Salomão seria necessário, no entanto, para justificar a plena fúria destas ameaças e a glória destas promessas.

2:1-3. Os Reis Contra o Rei.

O salmo entra diretamente no seu tema, e o *Por que* inicial define a tonalidade da sua abordagem: surpresa mediante a rejeição insensata do domínio de Deus e do soberano estabelecido por Ele. *Conspirar* deixa de captar a nota de turbulência que se vê noutras versões, e é interessante notar em 1b que *imaginar* é o verbo que se traduz “meditar” em 1:2 (surge da idéia de murmurar consigo mesmo, ou, no mal sentido, “resmungar”). O descontentamento vai se cristalizando lentamente, até se transformar na resolução do v. 3, uma reação tipicamente cega ao jugo suave de Deus e “laços de amor” (cf. Os 11:4). At 4:25-28 vê aqui uma profecia do Calvário, sendo que os papéis de *reis* e *príncipes* são desempenhados por Herodes e Pilatos, respectivamente, e os dos *gentios*

² Uma leitura alternativa ali, mencionando-se como sendo o primeiro salmo, reflete o fato de que alguns MSS hebraicos tratavam o segundo salmo (que não tem título), como continuação do primeiro.

e povos, pelos “gentios e povos de Israel” (plural, como no salmo), unidos contra o *ungido* do Senhor (em grego, Seu Cristo). Aquela passagem indica a soberania silenciosa de Deus (At 4:28), e 1 Co 2:8ss. indica a obtusidade do homem. Toda frente ampla contra o céu acabará revelando este padrão duplo.

2:4-6. O Menosprezo Divino.

O Novo Testamento mostra a ira do homem subordinada à redenção (ver o comentário acima), mas também é condenada, como aqui. A *zombaria* da parte do Senhor (4), reaparece ali, essencialmente, em confundir os sábios (1 Co 1:20), e no triunfo do céu sobre os arrogantes (e.g. Cl 2:15; Ap 11:18; 18:20). Torna-se muito claro, no entanto, que o único assunto para o riso é a própria arrogância — não o sofrimento que custará antes de se acabar.

6. Este versículo, com o v. 7, é a peça central — a resposta aguardada nos vv. 1-5 e exposta em 8-12. O *Eu* é enfático, como se vê na tradução: “Eu, porém, constituí . . .” após os gritos bombásticos do v. 3, esta é a voz negligenciada que dirá a última palavra. *Constituir*, aqui, é uma palavra que se associa especialmente com líderes e sua instalação no seu ofício; daí NEB “*entronizei*”. *Meu santo monte Sião* chegou a fazer parte da história de Israel quase tão tarde como *meu Rei*; ambos foram autenticados pelas promessas de Deus (2 Sm 7:13ss.). Quanto ao longo alcance desta promessa, o versículo seguinte começará a mostrá-lo.

2:7-9. O Decreto Divino.

Agora fala o Ungido do Senhor. O *decreto* desenvolve a promessa de adoção dada ao herdeiro de Davi em 2 Sm 7:14: “Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho.” Aqui, as palavras podem ter sido faladas como oráculo ou lidas em alta voz pelo rei (“Proclamarei . . .”) no rito da coroação,³ como sugere a palavra *hoje*, para marcar o momento em que o novo soberano formalmente assumiu sua herança e seus títulos. A conexão entre esta proclamação e a ressurreição, em At 13:33 (cf. Rm 1:4), é duplamente significativa contra tal pano de fundo. Para qualquer rei terrestre, esta forma de trato somente poderia suportar uma interpre-

³ Note-se o destaque da Palavra de Deus nestas ocasiões: Dt 17:18; 1 Sm 10:25; 2 Rs 11:12.

tação levíssima; o Novo Testamento, no entanto, nos obriga a aceitar seu valor inteiro que exclui os próprios anjos, deixando um só candidato de posse do título (Hb 1:5). Na ocasião do batismo de Cristo, e na da Sua transfiguração, o Pai O proclamou Filho e Servo, em palavras tiradas deste versículo e de Isaías 42:1 (Mt 3:17; 17:5; 2 Pe 1:17).

8. As incumbências que nosso Senhor deu aos apóstolos após a Sua ressurreição ressaltavam *as nações e as extremidades da terra*, deliberadamente tomando sobre Si esta promessa ao rei recém-autenticado. Continua lançando empreendimentos missionários, sempre quando sua força chama a atenção da igreja, cuja participação nela é confirmada pelo modo de o Novo Testamento empregar o versículo seguinte.

9. O Livro do Apocalipse cita estas palavras três vezes; uma vez a respeito do cristão vitorioso (2:27) e duas vezes a respeito do seu Senhor (12:5; 19:15). Segue, porém, a interpretação que a LXX dá das consoantes hebraicas, lendo o primeiro verbo como “reger” (lit. “pastorear”) e não como “quebrar”. Isto dá um alcance mais largo à promessa, contemplando, em primeiro lugar, uma disciplina de ferro, e, em segundo lugar, a derrota final dos incorrigíveis (cf. Jr 19:10-11). A participação cristã atual em subjugar as nações a Cristo se expressa de modo excelente em 2 Co 10:3ss. A *vara* tinha as funções de um cajado de pastor em dividir o rebanho (Lv 27:32; Ez 20:37), e como uma arma contra assaltantes (cf. 23:4). Veio, assim, a ser um símbolo de governo, com a tradução “cetro” em, e.g., Gn 49:10, e parece mais apropriado a este papel construtivo, num contexto de um rei, do que à destruição contemplada pela segunda linha.

2:10-12. Os Reis Estão Convocados.

Tendo em vista o que foi dito acima, oferece-se às nações amotinadas do prólogo a única esperança, que é a submissão. Trata-se, porém, de um convite mais do que um ultimato; a graça irrompe completamente na linha final.

10. *Sede prudentes e deixai-vos advertir* são expressões favoritas dos escritos de Sabedoria. A presença delas, neste mais real de todos os Salmos, deve nos advertir contra tornarmos por demais rígidas estas categorias literárias. Sendo que “os caminhos do SENHOR são justos” (Os 14:9), a Bíblia nunca força uma separação entre autoridade e verdade, ou entre sabedoria e obediência.

11, 12. As quatro palavras hebraicas que abrangem a divisão entre estes dois versículos têm-se constituído em problema para os

tradutores desde tempos mais antigos. Fica, porém, claro que o sentido geral é o de uma conclamação de submissão a Javé e ao Seu Ungido com o beijo da homenagem. *Alegrai-vos nele com tremor* (AV, RV, LXX, Vulg.) faz pensar numa mistura surpreendente mas bem apropriada de emoções na circunstância de servir a tão grande rei (cf., e.g., Hc 3:16, 18). Mesmo assim, a sugestão de Dahood que *gíl* (“alegrar-se”) pode significar “viver” oferece uma tradução mais fácil (“vivei com tremor”) sem mudar o texto. Em contraste, “Beijai os seus pés” (RSV, JB) se baseia na conjectura precária de que os termos hebraicos empregados aqui para “alegrai-vos” e “Filho” (?) são os fragmentos espalhados de uma única palavra: “sobre-seus-pés”. Parece que NEBmg. “Beijai o poderoso” faz a suposição de que a palavra *rab* (“poderoso”) foi soletrada de trás para a frente como *bar* (“filho”). A LXX, seguida pela Vulgata, não esclarece nada ao dizer: “apegai-vos à disciplina”, que não pode ser tirado do texto hebraico que temos.

O *Filho* é, no entanto, uma tradução muito duvidosa, sendo que falta o artigo definido, e “beijai filho” seria tão desajeitado em hebraico como o é em Português. Além disto, é em aramaico que esta palavra *bar* significa “filho”. Em hebraico, significa “puro”, e se isto (ou *bôr*, “pureza”) pode ser tomado como advérbio, a frase significaria uma ordem no sentido de “beijar sinceramente”, i.e., “prestar homenagem verdadeira”. Esta parece ser a melhor solução. Embora pareça que “o filho” não se mencione neste versículo, os vv. 7ss. já empregaram o título, e não deixam dúvidas quanto às suas implicações.

As expressões vívidas da NEB, “no meio do caminho” e “se inflama num instante”, ressaltam a urgência da advertência. A ira repentina pode dar a impressão da irritabilidade de um déspota, mas a verdadeira comparação é com Cristo, cuja ira (como Sua compaixão) se acendia contra injustiças que deixavam Seus contemporâneos completamente imperturbáveis. Este quadro ardente é necessário para acompanhar o dAquele que é “tardio a se irar”, assim como o riso do v. 4 contrabalança as lágrimas de, e.g., Isaías 16:9 ou 63:9. Isto quer dizer que a paciência de Deus não é placidez, assim como Sua ira inflamada não é falta de controle, nem Seu riso é crueldade, nem Sua compaixão é sentimentalismo. Quando chegar Seu momento para julgar, em qualquer caso específico, será por definição algo além do aplacar ou adiar.

A bem-aventurança final (cf. sobre 1:1), não deixa dúvida quanto à graça que inspira a conclamação nos versículos 10ss. O que o medo e

o orgulho interpretam como sendo escravidão (3), é, na realidade, segurança e felicidade. E não há *refúgio* contra Ele, mas apenas *nele*.

Salmo 3 A Hora Escura

Este é o primeiro salmo com um título (ver a Introdução, pp. 45ss.), e é um dos catorze que assim se ligam a episódios históricos, todos na vida de Davi (Salmos 3, 7, 18, 30, 34, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 63, 142). Sua fuga de Absalão é narrada em 2 Sm 15:13ss.

Embora o título seja uma lembrança da angústia pessoal do rei (“seu filho”; cf. 2 Sm 18:33), o próprio salmo revela os problemas maiores que oprimiam: a maré da deslealdade que vinha subindo (vv. 1, 6; cf. 2 Sm 15:13), o boato que dizia que Deus Se afastara dele (v. 2; cf. 2 Sm 15:26), e o estado precário do seu povo (v. 8).

Este, porém, é também um salmo noturno para crentes comuns, que podem refletir que seus problemas não são nada comparados com os de Davi, e a expectativa de Davi não é nada comparada com a deles.

3:1, 2. A Inimizade Humana.

Estar na minoria já é um teste dos nervos; mais ainda, quando esta minoria está se reduzindo (“como tem crescido o número dos meus adversários!”; cf. 2 Sm 15:12-13), e a oposição está ativa (*se levantam contra mim*) e acusadora — pois a arremetida de 2b é primariamente contra Davi e não contra Deus (cf. 2 Sm 16:8). Foi uma flechada que chegou ao alvo — mas foi benéfica, pois Davi, com a consciência doendo, se lançou sobre a misericórdia de Deus (2 Sm 16:11-12), e, conforme demonstram os versículos seguintes, sobre Sua fidelidade. Quanto a *Selá* (v. 2; cf. vv. 4 e 8), ver a Introdução, p. 50.

3:3, 4. Proteção Divina.

Os termos do v. 3 se tornam sempre mais positivos, progredindo da segurança para a confiança animada. Há uma preposição forte no original: “escudo ao meu redor”, daí NEB: “para me cobrir”. *Minha glória* é uma expressão para se meditar: indica a honra de servir a semelhante mestre, e talvez, também, o resplendor que Ele transmite (cf. 34:5; 2 Co 3:13, 18); certamente mostra a comparativa falta de importância da estima mundana que é sempre transitória e instável. O sentido de o *que exaltas a minha cabeça* é um contraste glorioso com o quadro de tristeza (mas também de súplica) em 2 Sm 15:30, “chorando . . . a cabeça coberta e caminhava descalço”.

O *santo monte* de Deus (v. 4) era duplamente relevante, como o lugar onde Deus instalara tanto o Seu rei, o próprio Davi (com as promessas de 2:6ss.), e Sua arca, o símbolo do Seu trono terrestre (cf. 2 Sm 6:2) e do Seu pacto. Não é o decreto de Absalão, mas o do Senhor, que será emitido do monte Sião; de fato, já foi enviado de lá (lit. “clamo . . . e ele me respondeu”), para determinar o destino de Davi. O equivalente cristão desta fé se vê, e.g., na oração em At 4:23ss., e na linguagem de Hb 12:22ss.

3:5, 6. Paz de Espírito.

“Quanto a mim” — pois o *eu* (ARA: oculto no verbo “deito”) é enfático, e corresponde ao *tu* do versículo 3 — “Deito-me . . . pego no sono . . . acordo”: tal era a sua certeza de Deus o escutara; e foi assim mesmo que acontecera. O versículo 6 se desenvolve com base neste encorajamento: a palavra hebraica para *milhares* faz lembrar a palavra traduzida “numerosos” e “muitos” nos versículos 1 e 2; e, embora o cerco (6b) agora intensifique a ameaça, Davi pode enfrentar o pior com confiança.

3:7, 8. Vitória e Bênção.

Para Davi, chamado à realza (como somos nós, Ap 22:5), refugiar-se não basta. Aceitar menos do que a vitória seria virtualmente a abdicação; por isso, há os termos inflexíveis no versículo 7. O v. 8 atesta a humildade básica que há por detrás disto, reconhecendo-se que, sem o Senhor, não há solução nem sucesso que valha a pena obter (8b). “Não pedimos vitórias que não sejam Tuas.”⁴ Assim termina o salmo, olhando para além do “eu” e “me” de todos os versículos anteriores, para *teu povo* (nem sequer “meu povo”), e *tua bênção*, que vai tão longe além da vitória como a saúde e a frutificação vão além da sobrevivência. Sem esta bênção, mesmo um povo reunido terá falta do hálito da vida; com ela, pode abençoar o mundo.

Salmo 4

“Acalma-te, Emudece!”

O entardecer é a ocasião, mas não o tema principal do salmo, que se ocupa com a paz interior (v. 8) numa situação perturbadora. A

⁴ J. W. Chadwick, *Eternal Ruler of the ceaseless round*.

aproximação da noite, com sua tentação no sentido de remoer injustiças passadas (v. 4) e perigos presentes, apenas serve como desafio para Davi tornar explícita a sua fé e conclamar outros a tomarem parte dela, como modo de entregar ao fiel Criador sua causa (4-5) e sua própria pessoa (3, 8).

A revolta de Absalão, que deu ensejo ao Salmo 3, pode ainda ser o pano de fundo deste, porque Davi ainda está, como então, humilhado (2a) e cercado por mentiras (2b), provocação (4) e melancolia (6). Provações semelhantes, no entanto, podem surgir em mais do que uma ocasião, e o emprego do salmo no culto público⁵ dá a entender que algo equivalente pode ocorrer na vida de qualquer um.

4:1. Uma Oração Bem Fundamentada.

A palavra hebraica para *angústia*, com suas implicações de ficar preso num canto apertado, dá origem à explicação clara de NEB: "Fui duramente apertado, e tu me colocaste à vontade". Esta oração obtém do passado a sua força (cf. e.g. Gn 48:15-16, e muitos outros exemplos). A frase *Deus da minha justiça* serve ainda mais para acalmar, pois apela para o caráter de Deus como sustentador da justiça, e (mediante o aspecto pessoal "minha") da Sua aliança, através da qual é Protetor dos Seus. Quanto a isto, ver sobre 5:4-6. Assim, a linguagem que se aplica a Deus na oração, quando se trata de mais do que uma formalidade, enriquece o espírito da mesma e a expectativa da sua consequência.

4:2, 3. Uma Resposta aos Inconstantes.

Davi, cercado por suspeita, apela em primeiro lugar à boa vontade e ao bom-senso das pessoas (2); em última análise, porém, a vindicação que lhe importa não depende delas, mas de Deus (3).

2. As duas metades do versículo se iluminam mutuamente, pois as humilhações de 2a surgem do "engano" (ARA "vaidade") e *mentira* de 2b. Isto é: a autoridade de Davi tem sido submetida a desprezo através de promessas falsas e calúnias do inimigo. (O próprio Deus sabe o que isto pode significar: cf. Mt 1:6. E Paulo também: Gl 4:16ss.)

3. Embora seja muito agradável a frase de NEB ("o Senhor me mostrou Seu amor maravilhoso"), e tenha algum apoio na LXX, exige

⁵ Quanto aos Títulos dos Salmos, ver a Introdução, VI, pp. 45ss. Quanto à ascrição ao mestre de canto ver pág. 53.

três mudanças do texto hebraico que já faz sentido (como em ARA), e se enquadra na situação: a escolha divina de um homem, não meramente para um ofício, mas para comunhão com Ele (*para si*), é a resposta final ao mais magoativo dos desencorajamentos e calúnias.

4:4, 5. Uma Resposta Para os Temerários.

Se a lealdade dalgumas pessoas é por demais instável, como no v. 2, a de outras é por demais impetuosa, solucionando tudo no impulso imediato. Cf Boanerges em Lc 9:54-55, e os apoiadores de Davi em 2 Sm 1-4; e ver Tg 1:19-20. No final das contas, um destes exageros pode causar tantos danos quanto o outro.

Irai-vos poderia ser traduzido: “Tremei” (JB), mas Ef 4:26, com a LXX, vê ira aqui, e mostra que não precisa, nem deve, ser pecaminosa. É possível que Paulo vá além de Davi, se o versículo aqui diz apenas: “dorme, meditando no caso, antes de agir” (isto porque Paulo nos manda acabar com a própria ira antes do pôr do sol); o versículo 5, no entanto, olha humildemente para Deus como sendo o vindicador. “Consultai . . . o vosso coração” é uma expressão hebraica comum para “pensar”, “meditar”.

4:6, 7. Uma Resposta aos Lastimosos.

Cada grupo dos amigos de Davi tinha sua própria maneira de acrescentar a suas dificuldades, embora NEB escureça excessivamente o cenário ao traduzir a oração de 6b como sendo mais uma declaração: “fugiu a luz . . .”⁶ Mesmo assim, tem razão em demonstrar que os *muitos* são derrotistas, como os de 3:2 (introduzido com a mesma frase heb.: “Há muitos que dizem”). As palavras deles terminam com o ansioso 6a, se 6b for uma oração. Esta é de Davi, e, enquanto seus amigos suspiram por tempos melhores, ele anseia por Deus e ora a Ele (6b). Os dois pontos de vista são comparados no versículo 7, o qual tira um contraste clássico entre a alegria interna e a externa, sendo que aquela brota firmemente da parte de Deus no meio de todo desencorajamento, e esta é o resultado raro de um complexo de circunstâncias agradáveis.

⁶ Uma anomalia na ortografia do verbo tende a apoiar a mudança, mas é necessária alguma engenhosidade para sustentá-la plenamente, e o modo tradicional de entender a frase, com sua alusão à Bênção Arônica de Nm 6: 26, parece menos complexo.

4:8. A Paz Bem Fundamentada.

A palavra traduzida “logo” comumente significa “junto”, e aqui dá a entender “simultaneamente”. Cf. Gelineau: “e o sono vem imediatamente”. Quanto à última palavra deste salmo, deriva-se da raiz que significa “confiar”, e NEB tem o equivalente melhor: “sem medo”. Cf. Pv 1:33. Este estado, afinal das contas, é ainda melhor do que a segurança, se for certa esta tradução.

Salmo 5
O Amanhecer Nublado

A presença dos inimigos, uma sombra que raras vezes está ausente dos salmos de Davi, aqui se sente especialmente através da ameaça que constitui a propaganda deles (6, 9). Este é um salmo matutino (3), em cinco estrofes, das quais três se voltam diretamente a Deus, alternando-se com duas que, com paixão, denunciavam a Ele o inimigo. O salmo inteiro exprime o espírito da exclamação no versículo 2: “Rei meu e Deus meu”.

5:1-3. A Vigília da Manhã.

A palavra traduzida por *gemido* (1) só surge em outro trecho em 39:3 (“enquanto eu meditava”), e é melhor traduzida: “meus pensamentos íntimos” (NEB) ou “meus suspiros” (JB). É uma comunhão consigo mesmo que dificilmente se ouve, mas há crescente clareza enquanto irrompe num *clamor* por ajuda (2), e depois, numa oração bem articulada, disciplinada e esperançosa (2b, 3).

2. O relacionamento da aliança, que se exprime pela repetição de “meu”, na frase *Rei meu e Deus meu*, dá base firme à oração, e o emprego da palavra *Rei* coloca a realeza de Davi no seu contexto certo. Aceita a verdade de ser ele um homem sujeito a autoridade, e não alguém que deve lutar em prol dos seus próprios interesses através dos seus próprios meios.

3. A palavra “sacrifício” (RSV; ARA tem *oração*) é uma suposição do tradutor, provavelmente correta. O hebraico não tem substantivo aqui, só o verbo anterior *preparar*, que pode ser empregado para apresentar qualquer coisa desde uma festa (23:5) até um processo jurídico (50:2), e, portanto, possivelmente, a petição a Deus (AV), ou a preparação de si mesmo (“conservo-me em prontidão para ti”, JB); muitas vezes, porém, é um termo sacerdotal para preparar o fogo do

altar e dispor os pedaços do holocausto (Lv 1:6-7). A ênfase na expressão *de manhã* pode sugerir isto, com sua possível alusão ao sacrifício diário à porta do tabernáculo de Deus, “onde vos encontrarei, para falar contigo ali” (Êx 29:42). Parece que Davi coloca sua oração neste contexto (como em 141:2) para expressar sua certeza da expiação e sua dedicação total ao vir diante de Deus. Há, também, expectativa na sua vinda. A palavra *esperando* se emprega a respeito dos profetas de Deus que ficam de vigia para relatar o primeiro sinal das Suas respostas: cf. Is 21:6, 8; Mq 7:7; Hc 2:1. Como na tenda da congregação, Deus falaria ali, e não escutaria apenas.

5:4-6. O Campeão da Justiça.

A oração agora toma a sua forma como petição pela justiça. Note-se o crescendo, desde os negativos suaves do versículo 4 (bem traduzidos em NEB) até as expressões da ira divina em 5b, 6. A própria integridade do Juiz, que seria a ruína de Davi se estivesse sob escrutínio moral rigoroso, é o seu refúgio quando está sendo atacado por razões injustas. Isto aparece abertamente em 143:2, onde Davi, o requerente (como também é neste salmo), faz uma pausa para reconhecer que, se Deus fosse julgar seu caráter e não sua causa, seria arruinado. Isto é tomado como certo quando os salmistas protestam a sua inocência. Sabem que têm razão contra seus oponentes, como litigantes numa corte civil,⁷ por assim dizer, e que, no seu relacionamento geral com Deus e com Sua lei, seu coração é “perfeito”: estão totalmente dedicados. Forçar a linguagem deles para além disto, tendo em vista, e.g. 19:12; 32:1-5; 130:3 seria o equivalente de (em termos do NT) forçar uma passagem tal como 1 Jo 3:4-6 para ser uma contradição de 1 Jo 1:8ss.

5:7, 8. O Espírito do Peregrino.

A significância das palavras *porém eu . . . entrarei na tua casa* é ressaltada por sua proximidade de 4b “o mal não pode ser hóspede teu” (NEB). É por isto que a entrada tem que ser “pela riqueza da tua misericórdia”. Pode ser que Davi esteja no exílio, orando para que “ele me fará voltar para lá, e me deixará ver . . . a sua habitação” (2 Sm 15:25), conforme a expressão *diante do* (lit. “em direção do”) *teu santo templo* pode dar a entender. Estas palavras, no entanto, podiam ser ditas a respeito de uma oração proferida à própria entrada (1 Rs 8:29).

⁷ Cf. C. S. Lewis, *Reflections on the Psalms*, (Bles, 1953), pp. 9-19.

Sendo que a arca ainda estava numa mera tenda (2 Sm 7:2), as palavras *casa* e *templo* são surpreendentes nos lábios de Davi. Isto pode ser uma indicação que “de Davi”, nos títulos dos Salmos, é um termo empregado num sentido especial (ver a Introdução, VI b, pp. 46ss.); ou que os nomes tradicionais da habitação de Deus continuassem desde os dias de Siló (1 Sm 1:7, 9), conforme sugere Perowne; ou possivelmente que a linguagem de Davi foi adaptada para o uso de adoradores posteriores. A segunda sugestão parece ser a mais convincente. Ver também sobre 27:4.

8. A palavra escolhida para *meus adversários* talvez enfatize a vigilância deles (cf. NEB, mas ver sobre 27:11). A resposta porém, a “meu” perigo, é o “teu . . . tua” com sua franca aceitação de um padrão mais alto e um alvo mais seguro do que os de quem ora. Cf. Pv 3:6; 4:25; Is 42:16.

“O reino que procuro
É teu; seja teu também
O caminho que a ele leva,
Senão me perderei decerto.”⁸

5:9, 10. A Campanha de Mentiras.

Os “sanguinários e fraudulentos” do versículo 6 agora são desmascarados, e oração é proferida contra eles. Com tais pessoas, todos os recursos da fala — *lábios*, *garganta* e *língua* — se combinam para alcançar (e para esconder) os desígnios do coração. Os métodos são os da serpente no Éden, e dos seus filhotes menores: o lisonjeador e o difamador. *Sepulcro aberto* esperando seus ocupantes, é o quadro sinistro empregado por Jeremias para descrever a eficácia assassina na batalha. Aqui, como em Rm 3:13) onde o leitor se vê incluído na acusação) há, provavelmente, também uma indicação da corrupção do sepulcro.

10. *Declara-os culpados* capta o significado da petição inicial, que é uma palavra única em hebraico, o oposto de “justificar”. Cf. 34:21-22. É o primeiro de três aspectos de julgamento neste versículo — desmascaramento, colapso, expulsão — porque o mal é vulnerável à

⁸ H. Bonar, “Thy way, not mine, O Lord”.

verdade, à sua própria instabilidade e à atuação divina direta. A respeito da segunda destas, i.e., o colapso dos rebeldes *por seus próprios planos*, ver a oração de Davi contra Aitofel (2 Sm 15:31) e sua consequência notável. Finalmente, nota-se que a motivação deste apelo em prol de julgamento não é pessoal: em última análise, a rebelião não é “contra mim” mas *contra ti* (ver também sobre versículo 2).

5:11, 12. A Defesa Certa.

Embora o perigo não seja esquecido (notem-se as palavras defensivas *defendes* e *escudo*), o salmista agora se solta da sua solidão. Já não é um homem orando sozinho, cercado de perto pelos seus inimigos; toma consciência de um grupo inteiro que pode juntar-se a ele nos seus louvores. E, por um contraste feliz, a última palavra no hebraico, *o cercas*, é aquela cuja única outra ocorrência está em 1 Sm 23:26, onde descreve uma força hostil que “cercava” a Davi, fechando o cerco só para se ver calmamente desviada pelo cuidado providencial com o qual Deus cercava Seu escolhido.

Salmo 6 Orações e Lágrimas

Este é o primeiro dos sete assim-chamados “Salmos Penitenciais”, que são Salmos 6, 32, 38, 51, 102, 130, 143. A oração de alguém que está profundamente perturbado e alarmado, ocupa a primeira metade do salmo. A segunda metade, a partir do versículo 6, não contém petição alguma: no início, há choro, mas, no fim, um irrompimento de fé desafiadora. As orações e as lágrimas não foram em vão.

Sejam quais forem as circunstâncias originais (o título do Sl 3 sugere uma origem possível), o salmo traz palavras para aqueles que quase nem têm ânimo para orar, e leva-os dentro do alcance da vitória.

6:1-5. “Volta-te, Senhor”.

Não . . . na tua ira, nem . . . no teu furor são as frases enfáticas do versículo 1. Esta não é uma petição geral contra a correção e a disciplina, temas estes que são prediletos dos sábios (e.g. Pv 3:11, cujos substantivos refletem os dois verbos deste versículo); cf. Jr 10:23-24. Davi, no entanto, tem a consciência intranquã, e precisa apelar à graça (na forma de pura misericórdia ou de amor conforme a *aliança*, sendo estas as matizes das palavras empregadas em 2a e 4b),

para amenizar a disciplina que ele merece. Está profundamente abalado (*abalados . . . perturbada* — duas traduções da mesma palavra, que ocorre, e.g. em Gn 45:3; Jz 20:41), não se sabendo se seu senso do desagrado de Deus é a causa da sua doença (cf. 32:3), ou seu efeito. Teme pela sua própria vida. Não é provável que se pretenda fazer um contraste entre o material e o imaterial com *meus ossos* e *minha alma*: são expressões alternativas para o homem total. Ver o paralelismo semelhante, porém mais alegre, entre *ossos* e *alma* em 35:9-10. A palavra hebraica para “osso” pode ter o sentido de “próprio”, como em Êxodo 24:10, AIBB (ARC e ARA a omitem antes de “céu”) e “mesmo” Ezequiel 24:2, AIBB.

A expressão pungente *até quando?* muitas vezes se ouve nos Salmos (e.g. 13:1; 74:9-10), mas também aprendemos neles que todas as demoras de Deus são para o amadurecimento ou do tempo, como em 37, ou da pessoa, como em 119:67.

5. *Recordação*, em paralelo com *louvor*, é mais do que a lembrança mental: é contar os grandes atos de Deus num ato de adoração: cf. 71:15-16; Isaías 63:7.

“Seol”, AIBB (*o sepulcro* ARC e ARA), pode ser retratado de várias maneiras: principalmente como uma vasta caverna sepulcral (cf. Ez 32:18-32) ou fortaleza (9:13; 107:18; Mt 16:18), mas também como terra de trevas (Jó 10:22) ou besta de presa (e.g. Is 5:14; Jn 2:2; Hc 2:5). Esta linguagem não é definitiva, mas poética e evocativa; é acompanhada por várias frases que ressaltam a tragédia da morte como aquilo que silencia a adoração humana (como aqui, e cf. 30:9; 88:10-11; 115:17; Is 38:18-19), que arrasta os planos do homem (146:4), separando-o de Deus e do seu próximo (88:5; Ec 2:16), pondo fim a ele (39:13). Estes são gritos do fundo do coração, proclamando que a vida é muito curta demais, e que a morte é implacável e decisiva (39:12-13; 49:7ss.; cf. Jo 9:4; Hb 9:27); não negam a soberania de Deus além do túmulo, pois, na realidade, o Seol, *o além* está descoberto diante dEle (Pv 15:11), e Ele está “ali” (139:8). Se já não Se “lembra” dos mortos (88:5), não é que Se esquece como os homens se esquecem, mas que termina com Suas intervenções salvadoras (88:12 — isto porque, para Deus, lembrar-Se é agir: cf. e.g. Gn 8:1; 30:22).

O Antigo Testamento, de modo geral, ressaltava a morte como sendo a grande niveladora (cf. Jó 3:13-19) embora houvesse alguma indicação de profundezas além de profundezas onde são lançados os tiranos em especial, como em Is 14:13ss.; Ez 32:18ss. Em raros momentos,

porém, os Salmos têm vislumbres de uma libertação do Seol, em termos que sugerem uma ressurreição, ou uma trasladação como a de Enoque ou Elias (cf. 16:10; 17:15; 49:15; 73:24; ver os comentários *in loco*), e, em pelo menos dois trechos do Antigo Testamento, a esperança da ressurreição é declarada de modo a não deixar dúvidas (Is 26:19; Dn 12:1-3).

6:6, 7. “Minhas Lágrimas”.

A depressão e a exaustão tão completas como estas, vão além do alcance daquilo que alguém pode fazer por si mesmo ou dos bons conselhos. Até mesmo a oração foi-se apagando. Os *adversários* (7) que normalmente teriam provocado Davi à ação agora só esmagam o seu espírito. Se houver algo para salvá-lo, não será devido a qualquer esforço da parte dele. Tal é a extremidade que Deus está para transformar.

6:8-10. “O SENHOR Ouviu”.

O contexto da citação que nosso Senhor faz de *Apartai-vos de mim . . .* em Mt 7:23, dá a entender que Ele pronuncia que Davi aqui fala como rei. Não se trata meramente de o sofredor duramente oprimido voltar-se contra os seus perseguidores; trata-se de um soberano que assevera seu direito de limpar seu reino de provocadores de tumultos,⁹ conforme exigia o voto que proferiu como rei, cf. Salmo 101. Fala pela fé: a vitória ainda está no futuro (10), mas já sabe que recebeu a resposta divina.

Este acesso repentino de confiança, que se acha em quase todos os salmos de súplica, é evidência muito significativa de um toque recebido de Deus como resposta. É quase como se víssemos o rosto do cantor se iluminar em reconhecimento. No emprego litúrgico posterior, a consolação da parte de Deus era possivelmente transmitida (conforme a sugestão de alguns) por um oráculo ou ritual, interposto entre a petição e o louvor. Trata-se apenas de conjectura, de pouco ou nenhum

⁹ S. Mowinckel, nos seus *Psalmestudien* mais antigos, argumentava que em todos os salmos os “praticantes da iniquidade” eram feiticeiros que, segundo se pensava, lançaram feitiço contra o sofredor, sendo que a palavra traduzida “iniquidade” (*’āwen*) é semelhante a uma palavra traduzida “poder”. Mais tarde, porém, reconheceu que o termo podia ter uma referência geral: ver Mowinckel, II, p. 250.

significado quanto à composição destes salmos, que mostram as mesmas características, quer seus títulos enfatizem seu emprego litúrgico (como em, e.g. Salmos 4-6) ou as crises de onde surgiram (e.g. Salmos 3, 7, etc.). Ver também sobre 12:5, 6.

Salmo 7 Um Grito por Justiça

A justiça significará a salvação, porque as duas coincidem quando Deus julga a causa do oprimido. O salmo avança da petição intensamente pessoal de um homem traído e perseguido, para a convicção de que Deus é juiz de toda a terra, e que a maldade se derrota a si mesma. Assim, termina com confiança e louvor.

O Título.

Canto (ARC “Sigaiom”) ver Introdução, p. 51. Nada se sabe a respeito de *Cuxe*; na rebelião de Absalão, porém, ficou revelado que Benjamim, a tribo de Saul, tinha alguns inimigos implacáveis de Davi (2 Sm 16:5ss.). Para uma lista de salmos cujos títulos se aludem às vicissitudes de Davi, ver os comentários introdutórios ao Salmo 3.

7:1, 2. O Homem Caçado.

Embora a preservação e libertação de Davi ainda fossem assuntos para oração (1b), seu *refúgio* invisível já era uma realidade (conforme revela o tempo do verbo hebraico), visto que se situava em Deus (1a). Isto quer dizer que já se colocara nas mãos de Deus, e, portanto, dentro da Sua vontade, onde há paz (119:165) sejam quais forem os acontecimentos.

7:3-5. A Declaração da Inocência.

As três cláusulas *se*, que culminam com o desafio lançado no versículo 5, revelam um dano mais profundo do que a perseguição: é a calúnia. Como a grande protestação de Jó (Jó 31, um dos pináculos morais do Antigo Testamento), a resposta de Davi revela algo do seu código de honra, bem como o alcance da acusação (*o de que me culpam*, v. 3), de que ele agia com subornos e traição. (Absalão, com reconhecida astúcia, demonstrou quantos danos uma companha de calúnia podia causar a um Davi ainda não idealizado pelo povo: cf. 2 Sm 15:1-6.)

4. “Amigo” (ARA: *quem estava em paz comigo*), é, no original, uma palavra que significa, a rigor, “aliado”. NEB e JB optaram¹⁰ por traduções que não somente contradizem a exigência do Antigo Testamento no sentido de haver generosidade para com um inimigo pessoal, como também as convicções que se sabe que Davi tinha: cf., e.g., Êx 23:4-5; Lv 19:17-18; 1 Sm 24:10-11; Pv 25:21.

7:6-11. O Reto Juiz.

Aqui há largo alcance de visão que revela uma preocupação pela justiça universal que sempre foi a motivação por detrás dos apelos pessoais pela vindicação que Davi fazia. Não é apenas uma preocupação; é uma convicção: o juízo já está *designado* (6; cf. At 17:31, “estabeleceu um dia”). O hebraico do versículo 7 pede a Deus que “volte” às alturas (AV, RV), mas, como isto é o prelúdio ao juízo, pode ser que a palavra muito semelhante, que significa “toma o teu assento” (ARA *remonta-te*) seja a leitura certa. É uma passagem entre várias que mostram Deus exaltado como juiz, vencedor (cf. 68:18) e legislador (Is 2:2-4); o Novo Testamento, no entanto, acrescentou ao quadro uma dimensão nova e surpreendente, ao declarar exaltada a Cruz, e não somente o Trono, e ao inverter a ordem e propósito de 7a e 7b (cf. Jo 12:32), até que Cristo volte como Juiz (Mt 25:31ss.).

A *minha retidão* (8) não é considerada absoluta: é uma resposta às acusações registradas nos versículos 3 e 4 (cf. sobre 5:4-6). Davi, no entanto, tem fome e sede pelo triunfo da justiça em alcance maior; este pensamento domina os versículos 9-11, e sua certeza brota do fato que o próprio Deus é zeloso quanto ao assunto: realmente, a Sua *indignação todos os dias* (11) é mais constante do que qualquer zelo humano, pois não tende a se esfriar em meios termos ou desespero (que é a situação humana).

7:12-16. “O Pecado, Uma Vez Consumado . . .”.

A cláusula em 12a, *Se o homem não se converter*,¹¹ revela aquilo que Deus esperava quando parecia que Ele era tardio (6). A urgência da

¹⁰ Discordância pode surgir a respeito de (i) a sintaxe e (ii) o significado do verbo, em 4b. (i) A sintaxe permite, sem compelir a isto, que 4b seja um parêntese, que poderia ser colocado em ARA (“eu que poupei o que sem razão me oprimia”). (ii) O verbo significa basicamente puxar para fora (cf. Lv 14:40), daí, normalmente, livrar, se o objeto é uma pessoa: e.g. Salmo 6:4a [heb. 5a].

¹¹ NEB perde esta frase ao recompor o período.

necessidade do arrependimento agora se revela em três linhas de retribuição que se convergem: a ira de Deus (12, 13) e a fertilidade (14) e futilidade (15-16) inerentes do mal. Quanto à primeira destas, as Escrituras ressaltam o aspecto pessoal do julgamento: o pecado tem que enfrentar o próprio Deus vivo (retratado aqui como guerreiro temível) e não a anonimidade de um processo puramente natural; cf. e.g. Hb 10:31; Ap 6:16.¹² O segundo quadro, do pecador prenhe com iniquidade (14), tem a mesma lógica real como as declarações do nosso Senhor a respeito da árvore má ou do tesouro mau (Lc 6:43-45). A própria metáfora se emprega em Tg 1:15, representando o ciclo de crescimento de cobiça-pecado-morte. A terceira forma do julgamento, do mal que se volta contra o que o pratica (15-16),¹³ não opera de modo equilibrado no ambiente material, mas é inescapável no ambiente espiritual, no efeito que uma atitude errada tem sobre a pessoa que a acalenta (cf. 1 Jo 2:11), sendo mais desastroso para ela do que qualquer sofrimento que ela causar a outras pessoas.

7:17. Gratos Louvores.

Quanto a esta mudança de tema, ver o comentário final sobre o Salmo 6. *Altíssimo* ('*elyôn*') é um título que raras vezes se acha fora dos Salmos, mas se encontra pela primeira vez na história de Melquisedeque e Abrão (Gn 14:18 e segs.). As religiões cananitas davam um título semelhante a Baal, mas Abrão, como Davi aqui, o reivindicou explícita e exclusivamente para o Senhor. É especialmente apropriada como palavra final deste salmo, pois anuncia pela fé, como fato sempre presente, a exaltação que os versículos 6 e 7 anseiam por ver proclamada em poder.

Salmo 8 A Coroa da Criação

Este salmo é um exemplo insuperável daquilo que um hino deve ser: celebra a glória e a graça de Deus, narra aquilo que Ele é e o que

¹² JB pode ter razão, no entanto, ao traduzir os versículos 12-13: "O inimigo pode afiar a sua espada . . . mas as armas que preparou matarão a ele mesmo", pois o heb. tem meramente "ele" como sujeito dos verbos, e uma forma enfática "para ele" no começo do versículo 13. Se esta for a verdade, então o pensamento forma um paralelo com 15-16.

¹³ Cf. e.g., Nm 32:23; 9:15; Pv 26:27; Mt 26:52.

tem feito, e coloca a nós e o nosso mundo em relacionamento com Ele — tudo com perfeita economia de palavras e um espírito de alegria misturada com reverência. Revela quão inesperados são os caminhos de Deus nos papéis que atribui aos fortes e fracos (2), ao espetacular e obscuro (3-5), aos numerosos e poucos (6-8); começa e termina com o próprio Deus, e seu tema dominante é: “Quão magnífico é o teu nome!”

O alcance do pensamento não somente nos leva para “os céus” (1) e de volta para o princípio (3, 6-8), mas, como indica o Novo Testamento, até ao próprio fim (ver sobre versículo 6). A pergunta “Que é o homem?” é retomada em três outros trechos do Antigo Testamento, e a resposta deste salmo, conforme a exposição dele que se faz no Novo Testamento, tem implicações que requerem nada menos do que a encarnação, morte e reino de Cristo para satisfazê-las.

8:1, 2. O Louvor da Sua Glória.

Esta adoração é ardente e íntima, apesar de toda a sua reverência. O Deus cuja glória enche a terra é *nosso* Senhor: estamos em comunhão com Ele através da Aliança. Seus louvores são entoados nas alturas, mas também são ecoados de modo aceitável do berço e do quarto das crianças. É o tema em miniatura do salmo inteiro.

RSV e JB apagam este paradoxo ao fazer dos dois versículos uma só frase (contrariando a pontuação do texto hebraico e da LXX conforme é citado por nosso Senhor em Mt 21:16). Se permitirmos que o versículo 1 termine, dizendo: “Tu cuja glória é entoada¹⁴ acima dos céus.” (RSV — note-se o ponto final), a totalidade dele revelará então a sua semelhança ao “Santo, santo, santo” dos serafins (Is 6:3), cujo clamor sacudia o Templo. Desta forma, o contraste surpreendente do versículo 2 faz o devido impacto. Com a aclamação a Deus que o céu e a terra proclamam no versículo 1, a discórdia que se aumenta, de *adversários . . . inimigo . . . vingador* apresenta um desafio que Deus

¹⁴ As consoantes hebraicas permitem este sentido, lendo-se, com a alteração de uma vogal, *tânâ* (“se repete” [antifonalmente?]; cf. Jz 5:11; 11:40), em lugar de *tênâ* (“exponha”) no TM. Para significar “expuseste”, o verbo teria que ser emendado para *nâtattâ*. há algum apoio antigo para isto, mas não é possível termos certeza quanto a qualquer destas alternativas. (Dahood, juntando e revocalizando duas palavras adjacentes, sugere, mais radicalmente “eu adorarei”, de *srt*, “servir, adorar”, numa forma enérgica do imperfeito, que postula).

enfrenta com aquilo “que é fraco neste mundo”, com o imaterial (*Da boca*) e com o imaturo. No entanto, conforme a Entrada Triunfal haveria de demonstrar (Mt 21:15-16), a livre confissão de amor e confiança é uma resposta devastadora ao acusador com seu arsenal de dúvidas e calúnias.¹⁵

8:3-8. Que é o Homem?

3, 4. Entre todas as criaturas alistadas, desde estrelas até peixes, é somente o homem que pode *contemplar* este cenário com conhecimento suficiente para fazer tal pergunta, mesmo na dúvida; este fato já indica a resposta. Além disto, o homem foi ensinado a dizer *Tu* em tal situação: não somente a reconhecer um Criador como também conversar com Ele. Da parte dEle, Deus mostra em Is 40:26ss. que a inferência certa a tirar da ordem que há nos céus não é que Ele é remoto, mas que Ele cuida de todo pormenor. Acrescenta, em Is 45:18; 51:16 que o universo que planejou não é destituído de significado e vazio: é um lar para a Sua família.

A pergunta de Davi pode ser feita com muitos tons. Em 144:3-4, ela zomba da arrogância do rebelde; em Jó 7:17 é a petição do sofredor querendo alívio; em Jó 25:6, estremece em pensar no pecado humano. Aqui, porém, não tem sinal algum de pessimismo; só surpresa porque *dele te lembres e o visites* (“cuida dele”). Estas duas exclamações ressaltam a graça divina implícita nas quatro que se seguem (5-6), pois tudo é dádiva de Deus (ver também sobre 9:19-20). *Te lembres* soa com propósito compassivo, pois “o lembrar de Deus sempre dá a entender Seu movimento em direção do objeto da Sua memória”;¹⁶ e *visites* (lit. “prestes atenção a”) também dá a entender Sua ação bem como Seu cuidado: cf. “cuidar” em Jr 23:2 em dois sentidos opostos.

5, 6. No sentido mais óbvio do hebraico (como em ARC, AV, RSV), parece que o versículo faz alusão à imagem de Deus, mencionada em Gn 1:26, que subjaz os versículos 6-8 aqui. A LXX, porém, entende *Deus* (*’elôhîm*), no seu sentido mais raro e genérico de seres

¹⁵ Para *suscitaste força*, a LXX, citada em Mt 21:16, tem “aperfeiçoaste louvor”. Sendo que o resultado deste louvor é a derrota do inimigo, como no heb., as palavras na LXX talvez sejam paráfrase para mostrar o que o salmo quer dizer com sua metáfora rara de um baluarte (aqui: *força*) audível. Cf. 2 Cr 20:22; Ne 8:10.

¹⁶ Childs, p. 34.

sobrenaturais, i.e., “anjos” (cf. 1 Sm 28:13; 82:1, 6-7), e Hb 2:7, 9 segue aquela tradução. *Pouco* pode, às vezes, significar “por pouco tempo”, tanto em hebraico¹⁷ como em grego, e este é o sentido que a Epístola provavelmente subentende.

O Novo Testamento abre novos aspectos desta passagem. Tg 3:7-8 indica que o homem pode amansar tudo menos a si mesmo, enquanto Hebreus 2:8, num comentário duplo deste salmo nos lembra que embora tudo “ainda não” esteja submisso ao homem, nosso Precursor já está “coroado de glória e de honra”. Paulo, em 1 Co 15:27-28, olha ainda mais para a frente, para a queda do último inimigo e a devolução ao Pai da autoridade delegada. Como sempre, a chegada de Cristo revelou uma paisagem inteira no horizonte para o qual apontava o Antigo Testamento. Os escritores do Novo Testamento tinham confiança suficiente nesta matéria (como nosso Senhor tinha em, e.g., 101:1 e Êx 3:6), para obter dela a plena profundidade do seu significado.

8:9. O Louvor da Sua Glória.

O estribilho, ao voltar, será cantado com novo entendimento. Além disto, renova a ênfase primária dada a Deus e à Sua graça. Isto porque, por maravilhoso que seja o domínio que o homem exerce sobre a natureza, ocupa um lugar secundário¹⁸ à sua vocação para ser servo e adorador, a cujos próprios filhinhos o *nome* (ou seja, a glória e bondade: Êx 33:18-19) do Senhor foi revelado.

Salmo 9 Deus: Juiz e Rei

A partir desta altura no Saltério, até ao Salmo 148, há diferenças entre as versões quanto à numeração dos salmos, sendo que a LXX e a Vulgata, seguidas pela igreja romana, contam os Salmos 9 e 10 como um poema único, enquanto as igrejas protestantes seguem o cômputo hebraico.¹⁹ A ausência de um título para o Salmo 10 apóia o ponto de vista de ser ele uma continuação do Salmo 9, e isto é reforçado pela presença de um acróstico fragmentário, que começa no Salmo 9 e que

¹⁷ E.g. Jô 10: 20b.

¹⁸ Cf. as prioridades em Lc 10:20.

¹⁹ NEB e JB dão a numeração “9-10”, retendo a numeração bem conhecida, mas imprimindo-os sem separação.

termina no Salmo 10.²⁰ Há, porém, uma mudança tão grande de disposição em 10:1, que fica a impressão de se tratar realmente de dois salmos, escritos como peças para se complementarem, já que se ocupam com a dupla realidade de um mundo caído: o triunfo certo de Deus e o triunfo atual, embora de curta duração, dos ímpios.

9:1-12. Visão Após a Vitória.

Duas vezes, o salmo vai se desenvolvendo até atingir um auge de fé na soberania total de Deus. A primeira parte (vv. 1-12) é cheia de afirmações que são fruto da reflexão sobre uma grande libertação. A segunda parte (13-20) consistirá em orações que brotam do sofrimento.

1, 2. **Grato louvor.** Esta abertura é o eco do versículo final do Salmo 7, expandindo-o para mencionar as duas fontes principais de louvor: as ações de Deus e a Sua pessoa (1b, 2a). *Maravilhas* (RSV “coisas maravilhosas”) é uma única palavra hebraica, que é especialmente freqüente nos Salmos, e que se emprega mormente a respeito dos grandes milagres de redenção (e.g. 106:7, 22), mas também a respeito dos seus equivalentes menos óbvios na experiência diária (cf. 71:17), e das glórias ocultas das Escrituras (119:18).

3-8. **Teu é o reino.** Onde homens de menos categoria se jactam do sucesso e falam de poder, Davi vê Deus como seu libertador (3), e canta a justiça (4). Mais do que isto, seus pensamentos fazem um salto para o futuro, a partir da sua própria história (*meus inimigos, minha causa*, 3 e 4), para aquilo que prefigura: a vitória total de Deus (5-6), e Seu reino de justiça, mundial e sempiterno (7-8). Os tempos passados do hebraico nos versículos 5-6 (ARC; ARA traduz alguns pelo presente) são “perfeitos proféticos”, uma característica do Antigo Testamento: descrevem acontecimentos futuros como se já tivessem acontecido, tão certo é o cumprimento deles, e tão clara a visão. Os tempos de 7-8 podem se referir ao futuro ou ao presente; ambos são apropriados.

9-12. **O Campeão dos fracos.** Os versículos 9 e 10 declaram a mesma coisa de duas maneiras: de modo pictorial e depois, literalmente. Ambos se expressam como exortação no original: “Que o

²⁰ Sl 9 tem a maioria das primeiras 11 letras do alfabeto heb., que tem 22 letras, como iniciais de versículos alternados; o Sl 10, no entanto, depois de começar com a 12a letra, abandona o esquema alfabético até versículos 12-18, onde aparecem os quatro últimas letras.

SENHOR seja também alto refúgio (cf. NEB, JB) . . . e confiem os que conhecem . . .". Nas horas de tribulação,²¹ é uma frase incomum, que se acha apenas no versículo 9 e em 10:1, o que fortalece a ligação entre os dois salmos (ver os comentários iniciais supra). No versículo 12, há mais uma ligação pelo hebraico que aqui se traduz *aquele que requer* (ou: "vinga", "exige"), com 10:13b, onde é exatamente o que o tirano nega, com o emprego da mesmíssima palavra. A idéia se expressa pela primeira vez em Gn 9:5; cf. e.g., Dt 18:19; 2 Cr 24:22; Ez 33:6.

9:13-20. Visão na Adversidade.

Agora, o salmo vai se desenvolvendo em oração para atingir um segundo clímax, mais tranqüilo; progride de súplica pessoal para a profecia confiante, e, finalmente, para um apelo corajoso à ação.

13, 14. Os apuros de um homem. Esta é a primeira indicação de aflição. Parece, portanto, que Davi fixou sua mente em Deus e nas glórias do passado, do futuro e do presente, já no início do salmo, não meramente como sendo o melhor antídoto ao sofrimento, mas como sendo assuntos realmente mais importantes para ele do que suas próprias preocupações pessoais. Conseqüentemente, o louvor continua a se misturar com sua oração. *As portas da morte* não poderão impedi-lo de atravessar *as portas . . . de Sião*.

15-18. Justiça para o mundo. Os verbos no passado em 15-16 (ARC, traduzidos para o presente em ARA), podem se referir às vitórias que Davi já viu (cf. 3-4), que os versículos 17-18 reconhecem como prenúncio da derrota final. É mais provável, porém, que sejam perfeitos proféticos (ver sobre 5-6), já contemplando o fim como fato consumado. Quanto à combinação dos aspectos pessoais e impessoais do julgamento, ver sobre 7:12-16. Sobre *Higaiom. Selá*, ver Introdução VI.c.1, pp. 50ss.

Uma nuance reveladora na sentença pronunciada contra os perversos é que "voltarão" para o inferno (17; cf. RV, JB), e não meramente "partirão" (ou "serão lançados" ARC e ARA) para lá. A morte é seu ambiente natural. Sobre o significado de *esquecido* (18), ver o comentário final sobre 8:4.

²¹ BDB identifica *baššârâ* como um singular da palavra que se traduz "seca" em Jr 14:1. Sendo que um refúgio não protege contra isto, o substantivo mais provável (segundo Dahood sugere), é *sârâ*, "apertos", "aflição", mais a preposição prefixada, *ba*, "em". Para a construção, cf. Is 9:2 [heb.].

19, 20. Põe o homem no seu lugar! A palavra para “homem” (ARC; *mortal*, ARA), em ambos os versículos, é uma que tende a ressaltar a sua fragilidade. A dignidade do homem (para quem 8:4a emprega a mesma palavra, e Dn 7:13 o equivalente aramaico) deriva-se de Deus; isto fica abundantemente claro nos verbos de 8:4-6. Sozinho, o homem não passa de pó (Gn 3:19), um mero sopro (“vaidade”, 39:11; 144:4), sem falar no seu estado moral, que é desmascarado no salmo seguinte, que acompanha este.

Salmo 10 O Homem: Predador e Presa

Sobre a conexão íntima entre Salmos 9 e 10, ver o comentário inicial sobre Salmo 9. Ali, o centro de gravidade era o juízo vindouro; aqui, é a era presente, onde a iniquidade anda solta.

10:1-11. A Jactância do Tirano.

É a arrogância deste homem, que acrescenta ofensas contra Deus às injúrias contra os homens, que domina esta sua descrição. Talvez proteste demais: sua blasfêmia (3b)²² e suas repetidas declarações da sua confiança na sua própria impunidade (4, 6, 11, 13), revelam que é basicamente inquieto e apreensivo. As palavras insolentes, “*Não há Deus*” (4), são fanfarrice, pois seu diálogo íntimo as contradiz (11, 13). Mesmo assim, representam a linguagem das suas escolhas e ações, pois *cogitações* no versículo 4 significa “tramas”, como no versículo 2. Ele é um ateu na prática, mesmo sem muita convicção do seu ateísmo.

Humanamente falando, só leva sua própria pessoa em consideração, praticamente adorando seus próprios desejos (cf. 3a com 44:8a), e destarte trata os indefesos como presa natural dele (2a, 8-10). Uma das suas armas principais é a língua, cujas técnicas variadas de intimidação e confusão se sugerem na lista comprida do versículo 7. O estado patético das suas vítimas se revela na repetição da palavra “infeliz” ou “pobre coitado” (NEB) que se acha somente aqui (8, 10, 14).²³ (ARC tem “pobre” aqui, e ARA tem “desamparado” e “necessitado”).

²² A palavra *maldiz* é lit. “abençoa”, ou como eufemismo, ou como o equivalente de “despede-se de”. Emprega-se modo semelhante em 1 Rs 21:10; Jô 1:5.

²³ Um cognato egípcio provável tem o senso de “abalado” ou “desmoralizado”; cf. W.G. Simpson em VT 19 (1969), pp. 128-131.

Deus, neste ínterim, Se conserva *longe* (1), e o tirano está prosperando muito bem, conforme diria (5). É uma função dos Salmos tocar no âmago deste problema, conservando viva a sua dor, em contraste com a comodidade da nossa familiaridade, ou até cumplicidade, com um mundo corrupto. Há alguma alusão a uma resposta no versículo 5, no quadro de um homem preso às coisas da terra, que está por demais ocupado no chão para ver aquilo que paira sobre ele. *Teus juízos* naquele versículo têm um sentido duplo, como pronunciamentos ou pareceres de Deus, e também como Sua atuação para executá-los.

10:12-18. A Oração da Vítima.

Esta oração é notável pela fé que sempre irrompe à tona.

12-14. O *por que* (13, fazendo eco ao versículo 1) ainda permanece sem resposta, como também o apelo para Deus Se *levantar* (12; cf. 9:19); o problema, porém, pode ser enfrentado, pois não se enfrenta sozinho: *Tu, porém, o tens visto* (14). Realmente, o versículo 14 fala de modo inescutível com fé e a respeito da fé. Esta é revelada na seqüência crescente: *Tu . . . o tens visto . . . atentas . . . tomas em tuas mãos*, e a natureza dela se exprime na frase: *A ti se entrega* (lit. “se abandona”), que expressa a confiança ainda mais completamente (por ser de modo mais pessoal) do que a expressão semelhante: “Entrega o teu caminho ao SENHOR” (37:5).

15-18. *Quebranta o braço*, que pode soar meramente violento, simboliza a destruição do seu poderio: cf. 44:3. A petição: *esquadrinhalhes a maldade, até nada mais achares* (i.e., até o último sinal), retoma uma palavra significativa neste par de Salmos, porque o verbo “esquadrinhar” é traduzido “requerer” em 9:12, e “te importas” em 10:13.²⁵

Quando a oração mais uma vez se volta a afirmações (16-18), colhe outros temas que já foram ouvidos. O versículo 16 olha além, para *as nações*, como aconteceu no Salmo 9, e o salmo termina com a mesma lembrança do homem insignificante, *o homem, que é da terra* (18), como fez seu antecessor. Entretanto, por mais distante que seja o dia da justiça, há uma promessa que não é adiada: *tu lhes fortalecerás o coração* (17). É este tipo de resposta que Paulo tinha que aceitar, e aprendeu a dar-lhe valor, em 2 Co 12:8-10.

²⁴ O hebraico, porém, emprega um verbo diferente.

²⁵ RV, JB, Gelineau fazem uso disto (i.e., tendo Deus como sujeito de “esquadrinha”); RSV e ARA, porém, dão a tradução mais direta.

Salmo 11

Pânico e Estabilidade

Este é um salmo que advém diretamente de uma crise. Começa com uma resposta corajosa a um conselho desmoralizador, e depois mostra a verdadeira escala e padrão de eventos, e o que é que é mais estimado do que a segurança.

11:1-3. Vozes de Desespero.

O conselho no sentido de escapar para um refúgio ainda soa nos ouvidos de Davi, enquanto começa sua resposta, formulada primeiramente nos próprios termos dos seus conselheiros: *refúgio*. Trata-se, no entanto, do refúgio verdadeiro, e não do falso (cf. a mesma antítese entre *montanhas* e o *Senhor* em 121:1-2). Parece que houve boas intenções no conselho,²⁶ como aquele que Pedro deu ao nosso Senhor em Mt 16:22 (cf. At 21:12), embora possa também ter sido insincero; cf. Ne 6:10-13; Luc 13:31-32. Não deixa de ser persuasivo, pois não é fácil se defender contra o assassino (ou caluniador?) do versículo 2; enquanto o argumento do versículo 3 é desanimador, seja como for interpretado: que, na anarquia dominante, nenhum esforço vale a pena, ou, menos provavelmente, que Davi, como sustentáculo básico do seu povo (cf. Is 19:10, 13) deve salvar a sua vida de qualquer maneira. Depois do versículo 1, é difícil saber quais são as palavras dos conselheiros de Davi, e quais, se for o caso, são suas próprias meditações (NEB, por exemplo, encerra a citação depois do versículo 2, mas RSV inclui o versículo 3). Seja como for, elas penetram profundamente. Para buscar uma resposta, Davi olhará para cima e verá as realidades imensas que sobrepujam estes eventos.

11:4-7. A Dimensão Esquecida.

A cena febril dos versículos 1-3 fica reduzida a nada diante do Senhor, cujo nome aqui é enfático²⁷ e repetido. Este Rei está ocupando Seu lugar, e não refugiado. Sua cidade "tem alicerces" (cf. Hb 11:10); por

²⁶ A pequena emenda de RSV e ARA suaviza um pouco o texto hebraico que parece ser: "Foge para o teu monte, pássaro!" Há apoio gramatical e textual para isto.

²⁷ A ênfase é dada pela sua posição nas frases hebraicas dos versículos 4-5.

isso, pode-se fazer sem desespero a pergunta do versículo 3 (ver também sobre 7). O colapso daquilo que é edificado sobre areia pode causar aflição, mas também pode ser um novo começo (Hb 12:27).

4, 5. O *templo* (ou palácio; é a mesma palavra) não é uma edificação terrestre, conforme mostra a segunda linha do versículo (cf. 18:6, 9), ainda se o Templo de Salomão já existisse. Citando as palavras de 4a num tempo de crise posterior, Habacuque 2:20 sublinha o aspecto terrível disto com sua admoestação: "cale-se diante dele toda a terra".

A repetição de *sondam* . . . *põe à prova* (a mesma palavra no hebraico) em 4b e 5a revela que a iniciativa é do Senhor, mesmo antes do momento decisivo do versículo 6. Sua imobilidade não é inércia mas, sim, concentração,²⁸ e Sua paciência dá uma oportunidade para *justos* e *ímpios* igualmente (5), *demonstrarem* aquilo que são.

6. *Fogo*²⁹ e *enxofre* fazem alusão a Gn 19:24, onde foram os meios da destruição de Sodoma. Sendo assim, a frase é significativa e proposital, pois Sodoma consta na Bíblia como perpétua lembrança de um juízo repentino e final. Cf. os ensinamentos em Lc 17:28-32 e 2 Pe 2:6-9.

7. O salmo termina, como começou, com o *Senhor*, cuja natureza *justa* é a resposta ao medo de 3a e à frustração de 3b. "Os fundamentos" da justiça nada mais são do que Sua natureza e vontade: aquilo que *é* e aquilo que *ama* (7). E se a primeira linha do salmo mostrou onde há a segurança daquele que crê, a última mostra onde deve estar seu coração. Deus pode ser procurado como "refúgio" por motivos por demais egoísticos; *contemplar-lhe a face*, porém, é um alvo no qual apenas o amor se interessa. Os salmistas conheciam a experiência de ver a Deus com o olho interior, através da adoração (e.g. 27:4; 63:2); há pouca dúvida, no entanto, de que eram levados a aguardar para o futuro uma visão direta, quando seriam resgatados e ressuscitados da morte para "contemplar Sua face em retidão" (cf. 16:8-11; 17:15; 23:6; 49:15; 73:23ss.; 139:18).

²⁸ *Estão atentos* (4) sugere contemplar atentamente. Talvez as *pálpebras* dêem a entender o apertar da vista para ver algo de perto (Kirkpatrick). Pode, porém, se tratar de nada mais do que um paralelismo poético, sendo que *pálpebras* fica sendo o sinônimo de *olhos* na frase anterior. NEB registra outra possibilidade: "toma a medida deles numa olhadela".

²⁹ O texto hebraico tem "laços" (com as consoantes *phym*) antes de *fogo*; a maioria das versões modernas (como ARA) entendem que se trata de uma troca ortográfica de *brasas* de (*phmy*). A LXX e Vulg. seguem o primeiro texto, Sir. segue o segundo.

Salmo 12

“. . . Os Discursos Fáceis
Que Consolam Homens Cruéis”³⁰

Este salmo, com respeito ao uso e abuso de palavras, quase poderia ser uma expansão do clamor ouvido em 11:3, pois a situação é ameaçadora. O padrão é uma alternância de oração — promessa — oração. Contém uma promessa de alívio mas termina sem as condições externas se mudarem.

12:1-4. O Poder da Propaganda.

Quando o salmo começa, é como se o homem de Deus tivesse olhado em derredor, vendo-se cercado e sem seus aliados.³¹ Onde outro homem, vendo-se numa minoria de um, teria repensado sua posição, Davi manda um sinal por socorro. Ele não bate em retirada.

2. Aqui há fala vazia, fala lisonjeadora e fala de duplo sentido, como a conversa dos jactanciosos nos versículos 3-4, cuja política resume a dos seus companheiros: manipular o ouvinte ao invés de comunicar com ele. *Falsidade*, aqui, é mais precisamente, “vaidade” (lit. “coisa vazia”), um termo que abrange a falsidade, mas também tem o aspecto do insincero³² e do irresponsável,³³ que barateiam e corrompem todo o intercâmbio humano. Ver também sobre versículo 8. Conversa *bajuladora* é lit. “lisa”: tanto mais mortífera pelo prazer que dá e pela dependência que cria (pois seu consolo fica sendo indispensável), conforme havia de mostrar a história posterior de Israel (Is 30: 10; Jo 5: 44). *Coração fingido* (coração duplo, lit.: “um coração e um coração”) dá a origem do falar com sentido duplo ao “pensar duplo” — pois o enganador fica sendo uma das suas próprias vítimas, já não tendo veracidade para unir o seu caráter.

3, 4. A Bíblia não subestima o poder da conversa arrogante: é só o próprio Senhor que pode silenciá-la. Tg 3:5 pode se aludir ao versículo 3b, e o Antigo Testamento, do começo ao fim, ilustra o poder

³⁰ G. K. Chesterton, “O God of earth and altar”.

³¹ NEB faz dos *piedosos* e *fiéis* idéias abstratas, desnecessariamente. No texto hebraico, são pessoas, se pudermos julgar pela primeira palavra do par.

³² E.g. 41: 6; Os 10: 4.

³³ E.g. Êx 20: 7.

desta arma: desde a serpente no Éden até o perseguidor profetizado, cuja “boca falava com insolência” (Dn 7:20, 25). O Novo Testamento retoma o tema, e.g. em 2 Pe 2, Ap 13. Não é por nada que o aliado da besta apocalíptica é o falso profeta (Ap 20: 10).

12:5, 6. A Contra-Investida da Verdade.

Este é o primeiro salmo com um oráculo de resposta da parte de Deus; alguns outros exemplos são 60, 81, 95. Quanto aos meios da sua chegada, só podemos fazer conjecturas; uma destas é que havia profetas que atendiam no santuário para dar a resposta divina às orações que eram proferidas. Parece mais fácil, no entanto, pensar que uma resposta tal como esta viria diretamente para o salmista. É certo que “as últimas palavras de Davi” consistem tanto no oráculo falado através dele, e uma reflexão pessoal sobre o mesmo, de modo algo semelhante a este salmo (2 Sm 23:1-4, 5-7).

Porei a salvo a quem por isso suspira. No hebraico, *suspira* é literalmente “ofega”. Pode ter um sentido hostil (e.g. Ez 21:31 [heb. 36] ARA “assoprarei”), mas a construção é mais simples no sentido de ansiar ou suspirar, como aqui, e na maioria das traduções modernas.

Palavras, ou “ditados”, “promessas”, um termo generalizado que retoma o pensamento não somente da promessa que acaba de ser proferida (5), como também se contrasta com as palavras bem diferentes dos homens nos versículos 1-4. Aqui há riquezas sólidas, em contraste com promessas vazias (2a), e verdade exata contra a bajulação, ambigüidade e conversa bombástica dos versículos 2b-4.

Cadinho de barro parece ser a tradução correta, embora a palavra traduzida “barro” (literalmente “terra”), usualmente não signifique “terra” como material, conforme objeções levantadas, às quais Dahood responde, indicando ao mesmo tempo que a preposição (*le*) às vezes tem o sentido de “de”.

12:7, 8. A Guerra Continua.

Tu nos guardarás é uma leitura tirada da LXX; o pronome, no hebraico, é “a eles”. Se for correto o texto hebraico, pode se referir às *palavras* (ou “promessas”)³⁴ (6), i.e., “tu as guardarás”. A petição

³⁴ Sobre o emprego de um pronome masculino para se referir a um subst. fem., ver G-K, 135 o.

seguinte, *nos livrarás*, é a leitura do hebraico ³⁵ bem como da LXX. *Geração* aqui significa “raça” (JB) ou “roda” (cf. 14:5; 24:6; Pv 30:11-14, heb.).

O versículo final diz respeito ao tema principal do salmo: a degradação do valor corrente de palavras, embora também tenha uma referência de maior alcance. *Vileza* tem duas áreas de significado: aquilo que é sem valor (cf. Jr 15:19: o “vil” em contraste com o “precioso”), e excessos vergonhosos (cf. “comilão” em Pv 23:20; “dissoluto” em Dt 21:20). Onde os valores de “homens levianos e atrevidos” (Jz 9:4) são romantizados, os que são abertamente *perversos* não hesitarão a tomar a oportunidade de “ostentar-se” (NEB) — pois o hebraico traduzido *andam* no versículo 8 sugere um modo bem público de ir perambulando. A batalha de palavras não é questão secundária: havendo um ponto de fraqueza aqui, o inimigo entra de imediato.

Salmo 13 Da Desolação Para o Deleite

Os três pares de versículos vão subindo desde as profundezas até atingirem um ponto superior de confiança e esperança. O caminho é a oração (3-4), mas a energia sustentadora é a fé expressada no versículo 5. A vista do cume (5), é animadora, e o retrospecto (6) é assoberbante.

13:1, 2. A Desolação.

Repetido quatro vezes, o *até quando* de Davi já é bastante pungente, mas as frases que o acompanham analisam a aflição, em termos do seu relacionamento com Deus, consigo mesmo, e com o inimigo.

1. Sem dúvida, o “esquecer-se” e “ocultar o rosto” da parte de Deus, significava a recusa de ajuda prática (no Antigo Testamento, ou “lembrar-se” ou “ver” da parte de Deus não são estados de consciência, mas, sim, prelúdios à ação³⁶). Mesmo assim, a verdadeira dor que havia nisto era pessoal, a julgar pelo anseio constante de Davi de “contemplar o rosto de Deus” (11:7; 17:15; cf. 27:4, 8; 34:5). O mesmo sentido de uma amizade que está sob uma nuvem se expressa de modo inesquecível em Jó 29:1ss.; 30:20ss., e outra vez em 22:1ss.

³⁵ Sobre o emprego do pronome aqui, ver G-K, 58, i, k.

³⁶ Para um exemplo clássico, ver Êx 2:24-25, introduzindo os grandes eventos do Êxodo. Ver também o comentário sobre “te lembrares” e “visites” em 8:4.

2. Dentro de si mesmo, em segundo lugar, Davi é desassossegado: *relutando dentro em minha alma* (2a), onde o hebraico fala em “tomar conselhos” (*‘ēṣôṭ*) e não “dores” (*‘aṣṣābôṭ*) que é a conjectura de RSV, etc.³⁷ É um turbilhão de pensamentos (cf. 77:3-6) mais do que o latejar maçante da depressão. O terceiro elemento, a ascendência do seu *inimigo*, seria consternador em mais de que um nível: não somente como humilhação pessoal, mas também como ameaça contra o seu trono (4b) e à sua fé na justiça de Deus. O comportamento de Davi durante a revolta de Absalão é instrutivo, embora menos do que perfeito, em todos estes níveis: na sua magnanimidade pessoal, na sua responsabilidade real, e na sua confiança submissa (2 Sm 15-19).

13:3-4. A Súplica.

Seja que o significado do versículo é que a doença era a causa desta maré baixa na situação de Davi, seja que era o efeito, os dois versículos mostram quais eram os dois polos do mundo dele: Deus, sem o qual a vida seria insuportável, e o inimigo, diante do qual qualquer vacilação (4b) tem que ficar fora de cogitação. A consciência da presença de Deus e do inimigo é virtualmente a marca autenticadora de todos os salmos de Davi; as cargas positiva e negativa produziram a energia motriz dos seus melhores anos.

13:5, 6. A Certeza.

O “*No tocante a mim*” do versículo 5 é enfático, bem como, em grau menor, *tua graça*. Por maior que seja a pressão, a escolha é dele, e não do inimigo; e a aliança com Deus permanece. Assim, o salmista confia totalmente neste amor prometido, e concentra sua atenção, não na qualidade da sua fé, mas no objeto dela e no seu resultado final, que tem a intenção firme de desfrutar. A idéia básica da palavra traduzida *tem feito muito bem* é de algo completo, que NEB interpreta, de modo atraente, como “outorgou todo o meu desejo”. Dificilmente, porém, se poderia traduzir melhor do que RSV (*me tratou liberalmente*), sendo que deixa lugar para aquilo que Deus dá ultrapassar aquilo que o homem pede. Quanto ao tempo passado empregado para expressar esta idéia, é evidente que Davi tem a certeza que ainda entoará este

³⁷ RSV segue a Sir., mas a LXX (que é mais antiga do que a Sir.) apóia o texto hebraico que é seguido por ARA.

cântico, quando olhar para trás, ao longo do caminho por onde fora guiado.

Salmo 14 A Raça de Víboras

Aqui, o espírito da impiedade se revela de duas maneiras: o desrespeito aberto à lei de Deus (1-3), e a opressão do Seu povo (4-6); trata-se de desprezo direto e indireto do céu. É a estultíce desenfreada (1a, 2b, 4a) quase tanto como a iniquidade disto, que emerge neste salmo, que “olha do céu” para ver a cena como Deus a vê. No último versículo, porém, o ponto de vista se muda para a arena terrestre, onde o Israel perseguido aguarda com anseio a vindicação que há de vir sem dúvida.

O salmo é quase exatamente repetido no 53, onde, porém, a palavra “Deus” substitui “o SENHOR”. Ver mais sobre os versículos 5b e 6, abaixo.

14:1. Deus Desconsiderado.

A palavra final com respeito ao ateísmo é pronunciada em Ro 1:22: “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos”; julgamento este que é vindicado na seqüência: “O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles (19) . . . E . . . desprezaram o conhecimento de Deus” (28). A palavra hebraica para “insensato” neste salmo é *nābāl*, uma palavra que significa uma perversidade agressiva, epitomizada na pessoa do Nabal de 1 Sm 25:25. A declaração: “*Não há Deus*”, realmente é tratada nas Escrituras não como sendo uma convicção sincera porém mal-orientada, mas como gesto irresponsável de desafio. No contexto de 10:4, é mostrada como uma declaração arriscada contra as sanções morais; em Jó 21:7-15, revela-se como impaciência sob autoridade; em Ro 1:18ss., é vista como suicídio intelectual e moral. Neste salmo, há elementos de todos estes aspectos; já no versículo 1b vê-se o resultado desta atitude no próprio eu (*corrompem-se*; cf. Gn 6:12), com respeito a Deus (*abominação* se refere primariamente a algo que é ofensivo para Deus), e em relação ao próximo (*não há quem faça o bem*), sendo estas as áreas tratadas em Ro 1, Jó 21 e Sl 10, referidos acima.

14:2, 3. O Homem é Avaliado.

O ponto principal destes dois versículos é que o materialista arrogante do versículo 1 é um exemplo apenas, ainda que seja extremo, do

homem de modo geral. Os principais termos daquele verso reaparecem neste, direta ou indiretamente, com sua ampla referência. Nem todos são tolos agressivos do tipo de Nabal (ver sobre 1a), mas não se acha, tampouco, ninguém que “age sabiamente” (*entenda*). Agora emprega-se outra palavra para *se corromperam*, mas não é mais branda no original (NEB parafraseia: “ficaram completamente podres”); e acrescenta-se *não há nem um sequer* para reforçar o *não há quem*. Não se trata de exagero, pois cada pecado subentende a afronta de imaginar saber melhor do que Deus, e a corrupção de amar o mal mais do que o bem. No quadro de Deus examinando a raça humana e achando-a corrupta, há uma reminiscência do Dilúvio; Ro 3:10-12, no entanto, faz claro que esta situação é perene e universal.

14:4-6. O Grande Erro de Cálculo.

A insensatez da iniquidade, já ressaltada nos versículos 1 e 2, agora se vê também como falta de discriminar (4) e falta de prever (5-6). Há uma complacência animalesca nos exploradores e secularistas do versículo 4, que apenas se iguala no pecador bem ensaiado de Pv 30:20. É mais impenetrável do que a bazófia do versículo; serviria muito bem como descrição do homem do século XX. Quanto ao *pavor* vindouro (que 53:5 [RSV] chama: “terror como nunca houve”), ver também Is 2:19ss.; Ap 15ss. Cf. C. S. Lewis: “No fim, aquele Rosto que é o deleite ou o terror do universo tem de ser voltado a cada um de nós . . . , ou outorgando glória inexprimível ou impondo vergonha que nunca poderá ser curada ou disfarçada.”³⁸

5b, 6. Sobre *linhagem*, ver sobre 12:7. Neste ponto há uma divergência mais ou menos aguda entre o Salmo 53 e o 14, até ao fim do versículo 6. Os dois textos podem ser dispostos como segue:

14:5, 6b

Porque Deus está
com a linhagem do justo.
O conselho dos humildes
meteis a ridículo,
mas o Senhor é o seu refúgio.

53:5b, c (heb. 6b, c.)

Porque Deus
dispersa
os ossos daquele que te sitia;
tu os envergonhas,
porque Deus os rejeita.

³⁸ “The Weight of Glory”, em *Transposition* (Bles, 1949), p. 28.

O grau de semelhança e dessemelhança entre estes sugere uma modificação deliberada no Salmo 53 para se aplicar à uma crise nacional, i.e., à ameaça de uma invasão, ou um sítio. As duas versões, mediante suas diferenças neste ponto, prestam-se para necessidades diferentes.

14:7. O Grande Dia Futuro.

As traduções antigas falavam aqui de trazer de volta os cativos de Israel (cf. ARC), o que faria deste versículo um suplemento muito posterior ao salmo de Davi. Há agora, no entanto, apoio geral para a interpretação *restaurar a sorte do seu povo*, que é muito mais compreensivo.³⁹ Ro 8:19-25 ensina o cristão a orar assim, no contexto da “ardente expectativa” da criação inteira, aguardando a liberdade. Um antegozo de semelhante alegria pode ser achado no começo de 126.

Salmo 15

Um Homem Segundo o Coração de Deus

Este padrão de pergunta e resposta pode ter como modelo o que acontecia em certos santuários do mundo antigo, com o adorador perguntando as condições de admissão, e o sacerdote dando a resposta. Embora, entretanto, a resposta esperada poderia ter sido uma lista de exigências rituais (cf. Êx 19:10-15; 1 Sm 21:4-5), aqui a resposta do Senhor, de modo notável, examina a consciência. A mesma coisa acontece outra vez em 24:3-6, e em Is 33:14-17, cujo clímax magnífico antecipa de perto, como também faz este salmo de modo geral, a bem-aventurança com respeito aos limpos de coração.

15:1. Deus, o Anfitrião do Homem.

A palavra tabernáculo dá duas idéias: uma de adoração formal e sacrifício (Êx 29:42), enfatizada pela frase, *teu santo monte*, e a outra, de simples hospitalidade, trazida pelas palavras *habitará* (será hóspede, RSV) e *morar*. Os salmos freqüentemente unem as duas idéias, vendo o adorador como um hóspede ansioso, sua peregrinação sendo uma vinda ao lar (e.g. 23:6; 27:4s.; 84:1ss.).

³⁹ Anderson chama a atenção à discussão breve da expressão hebraica em A. R. Johnson, *The Cultic Prophet in Ancient Israel* (University of Wales Press, 1962), p. 67, n. 4.

Mas isto faz a pergunta *Quem . . . habitará?* ainda mais profunda, uma vez que o encontro é pessoal, e *o mal não pode ser teu convidado* (5:4, NEB). Veja mais detalhes em 5c abaixo.

15:2-5. O Homem Como Hóspede de Deus.

Este quadro não é uma lista exaustiva; outros aspectos emergem nas respostas de e.g., 24 e Is 33, mencionados acima, sem dizer nada das Bem-aventuranças ou de 1 Co 13. Este homem é, acima de tudo, um homem de integridade.

2. Seu caráter: íntegro. A expressão *com integridade* traduz o hebraico *tāmīm*, que dá a entender aquilo que é inteiro, sincero, e sadio. O substantivo seguinte, *justiça*, é fundamental à moralidade do Antigo Testamento. Dizer isto não é banalidade, pois há sistemas éticos que não se baseiam nisto, mas naquilo que promove a felicidade ou realização da própria pessoa.

Na frase final, *verdade* significa aquilo que é seguro e digno de confiança, e não meramente correto. O que este *homem* diz está de acordo com aquilo que é (contrastar 12:2; Is 29:13).

3. Suas palavras: comedidas. A palavra traduzida *difama* tem um pano de fundo de “ir em derredor”, para espionar as coisas ou divulgá-las (e.g. o heb. de Gn 42:8ss.; cf., com outras palavras, Lv 19:16). Parece mais perto de maledicência do que de calúnia. *Próximo* traduz uma palavra hebraica cujo significado varia com o contexto; aqui não significa mais do que outra pessoa em geral (e não “amigo” RSV); esta imparcialidade é mais apropriada ao quadro total do que uma lealdade mais limitada. Na cláusula final, *lança injúria* pode também ter o sentido de ofender com palavras (cf. Gelineau), “pegar algo desonroso” para remexer nele de modo desnecessário (cf. Kirkpatrick). O versículo inteiro expõe o tema de Pv 10:12: “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões.”

4. Sua lealdade: definida. O que, à primeira vista, parece ser uma atitude farisaica em 4a, é, na realidade, nada mais do que a lealdade. Este homem não está se comparando com os outros, está apenas lançando seu voto: declara o que admira e qual é a sua posição. As atitudes de Abraão para com os dois reis em Gn 14:17-24 ilustram esta questão, e seu custo potencial.

4c, 5. Seus tratos: honrosos. As primeiras duas cláusulas (4c, 5a) precisam de ser interpretadas por outros trechos bíblicos; a terceira

(5b) é bem clara. A linha final (5c) resume a seção inteira, bem como o Salmo.

Quanto à promessa apressada (4c), a questão aqui é o *dano próprio*, e não o de outra pessoa (em contraste com os predicamentos de Jefté e Herodes); mesmo assim, Pv 6:1-5 ensina que, ao perceber o seu erro, a pessoa pode corretamente implorar sua desobrigação. A promessa não é repudiada; o que a recebe ainda pode insistir nela. Este curso médio, portanto, se pode seguir honrosamente, entre os extremos do caloteiro e o quixótico. Paulo desenvolve isto em 2 Co 1:15-23, distinguindo não apenas entre a vacilação e a reconsideração responsável, como também entre o cumprir a letra de uma obrigação, em certas circunstâncias, e conseguir o propósito real da mesma.

Dinheiro com usura (5a) é condenado na Bíblia, não no sentido geral de “juros” (cf. Dt 23:20; Mt 25:27⁴⁰), mas no contexto de tirar proveito das desgraças do próximo, conforme fica claro ao comparar-se - Dt 23:19 e Lv 25:35-38. Este último trecho também proíbe a venda de comida com lucros a tal pessoa. Dentro da família, o membro fraco era sustentado; fora dela, a lei permitia discrição, enquanto proibia a extorsão e encorajava a generosidade (cf. Êx 23:9; Lv 19:33-34). Neste salmo, não há sinal de uma distinção entre um irmão e um desconhecido necessitado.

5c. Seu lugar: garantido. O pensamento penetra além do limiar e das boas-vindas; na realidade, a pergunta do versículo 1 falava mais de habitar do que de obter admissão, pois as qualidades que o Salmo descreve são aquelas que Deus cria num homem, não as que Ele descobre neste. A ameaça da insegurança, que muitas vezes se expressa nos Salmos pela palavra *abalado* (cf. e.g., 10:6; 13:4, lit.) é enfrentada, não por aliar-se aos fortes, mas, sim, por firme confiança em Deus (e.g. 16:8; 46:5; 62:2, 6). É só assim que a última palavra hebraica do Salmo tem seu pleno sentido: “não será abalado, jamais.”

Salmo 16 “Todo o Meu Prazer”

O tema de ter as afeições centralizadas em Deus dá a este salmo sua unidade e fervor. Se é passível de ser dividido, canta da lealdade nos

⁴⁰ Teria sido um ponto fraco da parábola se a resposta do Senhor tivesse colocado a ele mesmo na situação de transgressor.

versículos 1-6, e das bênçãos que vêm ao encontro dela em 7-11. O hino de Charles Wesley, "Saindo em Teu nome", tem sua origem principal nos versículos 2, 8 e 11, e captou o espírito do Salmo na sua linha final: "E andar perto de Ti, até o céu."

O Título.

Ver a Introdução VI. c. 2, p. 51.

16:1-6. O Servo Fiel.

Quase todos os versículos desta metade do salmo falam de algum aspecto da sinceridade: i.e., de entregar-se a Deus na questão da própria segurança (1), bem-estar (2), companheiros (3), adoração (4) e ambições (5-6).

1. Para o tema de *refúgio*, ver mais sobre o Salmo 11, *passim*.

2. A dificuldade de entender a segunda linha em hebraico se vê na variedade de traduções.⁴¹ RV, RSV, ARC e ARA têm o mérito de simplicidade e fidelidade ao texto, que se entende literalmente: "meu bem (ou bem-estar) não é além (ou adicional a) de ti",⁴² pensamento este que se expressa com mais clareza em 73:25.

3. Aqui, também, o texto hebraico é difícil, mas RV, RSV e ARA tiram um bom sentido dele ao seguir certos MSS que omitem a conjunção "e" (uma letra hebraica), entre *eles* e *os notáveis*. Outras soluções exigem alterações maiores, a maioria das quais supõe que *santos* e/ou *notáveis* signifiquem divindades pagãs, como poderia ocorrer sem dúvida numa poesia pagã, mas não neste contexto sem maiores explicações. NEB oferece uma cláusula explanatória, mas esta se vincula com outras conjecturas textuais. Se houver alguma tonalidade de significado pagão nestas palavras, é mais provável que deva ser detectada no seu contraste subentendido com aquilo que se declara: i.e., que Davi é atraído a pessoas que são santas e nobres, não meramente pelo nome (como as divindades), mas conforme o caráter; cf. Is 32:5, 8. *Santos* é uma palavra que o Antigo Testamento emprega mais freqüentemente a respeito de seres celestiais do que de pessoas

⁴¹ NEB emenda as últimas duas palavras hebraicas e as interpreta juntamente com o versículo 3 — um recurso excessivamente drástico.

⁴² Cf. BDB, p. 755 (2, 4), com a nota explanatória "i.e., não jaz além de ti":

terrestres;⁴³ é por isso que aqui segue a expressão esclarecedora: *que há na terra*. O termo que usualmente se traduz “santos” nos Salmos é *h^asîdîm*, os leais ou piedosos, como no versículo 10.

4. Há na frase “multiplicarão suas penas” (ARA: *Muitas serão as penas*) um eco claro da história da Queda, sendo que palavras bem semelhantes foram dirigidas a Eva em Gn 3:16. Dificilmente poderia haver uma alusão mais nefasta às conseqüências da apostasia. O restante do versículo deixa clara a natureza da escolha, embora a palavra *deuses* seja apenas subentendida, e haja debate quanto ao verbo traduzido *trocam*,⁴⁴ que muitos tradutores postulam como sendo “apressar-se”;⁴⁵ há ainda a consideração tentativa de “adquirir noiva”⁴⁶ feita por alguns, já que o “preço da noiva” tem as mesmas consoantes hebraicas. A tradução “apressar-se após outros deuses” (AV), ou seu equivalente, permanece a mais singela.

5, 6. O pensamento que o próprio Deus é a *herança* de Davi, expressado aqui de modo tão eloqüente, e seguindo imediatamente após seu repúdio de qualquer *outro deus* (4) concorda (conforme indicou Perowne) com sua queixa reveladora dirigida a Saul em 1 Sm 26:19: “pois eles me expulsaram hoje para que eu não tenha parte na *herança* do SENHOR, como que dizendo: Vai, serve a *outros deuses*.” Neste salmo, seus pensamentos triunfantemente venceram a intenção do inimigo e suas próprias dúvidas, estimulados pela própria profundidade da investida. Lembra-se de que o fato de ser deserdado pode até ser uma honra e uma indicação da única segurança verdadeira, pois Deus também não dera aos Seus sacerdotes nenhuma área de terreno para ser deles, assegurando-lhes, apenas: “Eu sou a tua porção e a tua herança” (Nm 18:20). Agora Davi, e toda pessoa que canta o seu salmo, pode perceber que esta não é peculiaridade dos sacerdotes, mas, sim, uma indicação das verdadeiras riquezas do Israel de Deus,

⁴³ Cf., e.g. 89:5-7; ver, porém, 34:9; 106:16, que empregam a palavra hebraica “santo” como aqui.

⁴⁴ Cf. AV, NEB, JB, LXX, Vulg.; mas no hebraico falta a palavra “depois”, talvez por haplografia (copia-a uma única vez de um grupo de letras que aparece duas vezes), sendo que as consoantes de “outro” e “depois” são as mesmas.

⁴⁵ Cf. RV (RSV, Gelineau?), na base de 106:20; Jr 2:11; mas isto supõe aqui a transposição de duas consoantes, e um construção desnatural no hebraico como em português.

⁴⁶ Cf. Êx 22:16 [heb. 15]; mas é sempre o adorador que consta como noiva em tais metáforas.

daquele “reino de sacerdotes” (cf. Êx 19:6). A *porção da minha herança*, além disto, deve ser interpretada “a porção que me é atribuída”, como em NEB. Colocar Deus no centro desta maneira não é pietismo exagerado — é obediência pura e simples. Estas riquezas não são inseguras por serem invisíveis (5b), nem irreais por serem intangíveis (6): a tribo que foi mais favorecida na distribuição das fronteiras (*divisas*, 6; cf. Js 19:51) não podia se gloriar em nada tão *linda* como esta herança.⁴⁷ Aqui temos a escala de valores que reconhecemos de novo em, e.g., Fp 1:21; 3:8.

16:7-11. O Senhor Fiel.

Focalizam-se agora algumas das bênçãos específicas da “linda herança” que é o próprio Deus. Ter a Ele não é apenas desfrutar de orientação (7) e estabilidade (8), mas também possuir a ressurreição (9-10), e a felicidade eterna (11).

7. Nada há de fácil demais na orientação divina que aqui se retrata: do lado de Deus, é *aconselhamento* mais do que a coerção, e do lado humano, o tipo de esquadrihar o coração⁴⁸ que pode fazer fugir o sono. O salmo 127:2 deplora esta insônia quando se trata de mera preocupação, mas aqui a palavra *ensina* tem uma firmeza proposital (cf. “castigar”, 6:1; 94:12, etc.), de treinar alguém a enfrentar as duras realidades. Ver também sobre 17:3.

8. As palavras corajosas: *não serei abalado* que poderiam ser mera fanfarrice (cf. 30:6), só valem a pena cantar quando se trata da conclusão de um versículo sóbrio e realista como este. Ver também sobre 15:5c. À *minha direita* sugere alguém que fica firmemente ao lado para ajudar; mais especificamente, esta ajuda poderia ser no tribunal ou na batalha (cf. 109:31; 110:5). Outros sentidos da direita (ou destra) aparecem no versículo 11 e em 110:1.

No Pentecoste, Pedro citou a LXX deste parágrafo final do salmo como profecia do Messias. É só para Ele que tais palavras seriam perfeita e literalmente verdadeiras (c.f., e.g., *perpetuamente*).

⁴⁷ O versículo 6 poderia ser entendido como referência a bênçãos adicionais, i.e., materiais, mas o impacto principal do Salmo, e a continuação da metáfora da herança que começa no versículo 5, são evidências contra isto.

⁴⁸ O hebraico que aqui se traduz *coração* é lit. “rins”, simbolicamente empregados como sendo a sede da deliberação e escolha. Quase poderia ser traduzido por “consciência”. Quanto à possibilidade de “glória” (9, ARA *espírito*) originalmente ter sido “figado”, ver a nota de 30:12.

9, 10. Várias vezes nos Salmos, a sensação de já estar face a face com Deus cresce até se tornar em certeza de desfrutar para sempre esta intimidade (ver sobre 11:7), pois Deus não é de *deixar* Seus amigos. Reconhece-se que alguns comentaristas nada mais vêem do que o restabelecimento de alguma enfermidade (cf. Is 38:9-22). O contraste nos Salmos 49 e 73 entre o fim dos ímpios e o dos justos, no entanto, apóia uma conclusão mais corajosa. E, aceitando seu pleno valor literal, conforme insistiram Pedro e Paulo (At 2:29ss.; 13:34-37), esta linguagem é forte demais mesmo para a esperança de Davi quanto à sua própria ressurreição dentre os mortos. Somente “aquele a quem Deus ressuscitou, não viu corrupção”.⁴⁹

11. Este versículo é insuperável pela beleza da perspectiva que desvenda, em palavras da máxima simplicidade. *Os caminhos da vida* recebem este nome não apenas por causa do alvo ao qual levam, como também porque andar nestes caminhos já é viver, no sentido verdadeiro da palavra (cf. 25:10, Pv 4:18). Leva, sem interrupção alguma, para a presença de Deus e para a eternidade (*perpetuamente*). A *alegria* (lit. “alegrias”) e *delícias* revelam-se totalmente satisfatórias (este é o efeito de *plenitude*, derivada da mesma raiz que “me satisfarei” em 17:15), e com variedade infinda, pois se acham naquilo que Ele é e naquilo que Ele dá — as alegrias da Sua face (o significado de *presença*) e da Sua *destra*.⁵⁰ O refugiado do versículo 1 se vê herdeiro, e sua herança é além de tudo quanto se poderia imaginar, e grande demais para explorar.

Salmo 17 Uma Petição Pela Justiça

A preocupação primária de Davi é pleitear sua inocência, deixando-se aberto ao escrutínio divino. Este é o prelúdio de um clamor pedindo proteção, que domina a segunda metade do salmo. Seu perigo é mencionado pela primeira vez no versículo 7, que dá início a uma

⁴⁹ Atos 13:37. A LXX, citada em Atos, tem “corrupção” onde o hebraico tem “o Abismo”; i.e., reinterpreta este simbolismo em termos não-espaciais, com um jogo de palavras mediante o qual as consoantes do substantivo são as do verbo “corromper”. Quanto a espírito (9) ver a nota de 30:12.

⁵⁰ A expressão é *na tua destra* (não “à”, como no versículo 8); i.e., a destra de Deus distribui bênçãos e dádivas: cf. Gn 48:14ss.; Pv 3:16.

vívida descrição dos inimigos que o cercam, e uma petição ardente pela derrota deles. O versículo final deixa para trás estas preocupações terrenas. A noite dará lugar a uma manhã sem nuvens.

O Título.

Ver a Introdução VI. c. 2, p. 51.

17:1-5. O Apelo à Verdade.

Se estas alegações soarem exageradas, deve-se reconhecer que o próprio Deus podia empregar linguagem semelhante com respeito a Jó (Jó 1:8; 42:8), sem dar a entender, de modo algum, a total ausência de pecado deste. Ver também sobre 5:4-6. Davi não está satisfeito consigo, mas se preocupa com a integridade: a veracidade do homem e a de Deus. Escrutina seu próprio coração e recebe a certeza que sua religiosidade não é fingida (cf. 1 Jo 3:18-21); assim, apela a Deus para pronunciar a sentença favorável, porque precisa limpar sua reputação (2). Deus, como Juiz, não fará menos do que isto, e Davi não tem nada para esconder.

3. Note-se a alusão, como em 16:7, aos pensamentos esquadriñhadores que vêm com a insônia: podem ser a visitação divina bem como a introspecção da mente humana: cf. 77:2-6; também, de modo mais alegre, 63:5-6; 119:62.

4. A palavra hebraica traduzida *guardado (dos)* usualmente tem o significado positivo de “guardar” ou “observar”, mas o sentido negativo, como em 56:6 [heb. 7] e outra voz do verbo já quer dizer “guardar-se de” (como em ARC e ARA), não havendo necessidade alguma de alterar o texto ou a divisão dos versículos (como em NEB, JB). Pode ser que Davi tivesse em mente o incidente de 1 Sm 25:32ss.) onde reconheceu a voz de Deus falando-lhe através de Abigail, restando-o de um ato de violência.

5. Sobre *resvalaram*, lit. “foram movidos”, ver sobre 15:5c.

17:6-9. O Apelo ao Amor.

Trata-se agora de um simples pedido a um amigo e protetor, e não uma causa apresentada ao juiz.

7. As duas primeiras linhas, em português, traduzem apenas quatro palavras hebraicas, cheias de significância. *Mostra as maravilhas* faz lembrar a palavra que representa as intervenções milagrosas de Deus (ver sobre 9:1) e Sua repreensão de Sara em Gn 18:14: “Acaso há

para Deus coisa demasiadamente difícil (lit. maravilhosa)?” *Bondade* ou “amor veraz” (NEB), é a fidelidade a uma aliança, da qual a devoção conjugal oferece alguma analogia. É a palavra que versões mais antigas traduziam “bondade amorosa” antes de se apreciar plenamente suas conexões com a aliança e o elemento considerável de fidelidade. Cf. 62:12. *Salvador* e *salvação* se ocupam, no Antigo Testamento, com males materiais em primeiro lugar, mas os conceitos facilmente passam para o ambiente espiritual, como ocorre em 51:12, 14. *Buscar refúgio* é uma preocupação freqüente dos Salmos, especialmente nos de Davi, onde é uma marca autenticadora quase tanto como a menção de inimigos. Este fato é condizente com os perigos que Davi passava no período inicial da sua carreira; ver a citação de Kirkpatrick em 18:2). É provável que a frase final seja tomada como complemento nominal de “Salvador”, seguindo-se, após esta palavra, a expressão “com (não à) tua destra”; cf. NEB.

8. *A menina dos olhos* é a pupila. Esta figura de linguagem é seguida por aquela das *asas* protetoras, tanto no cântico de Moisés (Dt 32:10, 11), como aqui, e aquela passagem desenvolve a metáfora de modo eloqüente. Noutros trechos, é uma figura de linguagem estabelecida (cf. Rt 2:12; 36:7; 57:1; 63:7; 91:4).

17:10-12. A Sanha Pela Matança.

Este é um estudo de insensibilidade, descrita diretamente, e também em termos do predador, humano ou animal. A cena desagradável do cerco reaparece em 22:12-18 numa forma que demonstra onde terminará, logicamente, no Calvário.

10. O hebraico é de difícil interpretação na primeira linha, que se compõe de duas palavras, “fecharam sua gordura”. “Sua gordura” (ou, adverbialmente, “na sua gordura”) provavelmente se refira à sua aparência literal, que já conta sua história de amor próprio (cf. 73:7) que reflete fielmente o seu estado interior (cf. 119:70, “Tornou-se-lhes o coração insensível, como se fosse de sebo”). “Fecharam” pode ser intransitivo, como uma pessoa insensível “se fecha”; daí JB: “entrincheirados na sua gordura”; AV, RV, RSV e NEB dão à palavra o sentido transitivo, como “fechar-lhe o coração” em 1 Jo 3:17, sendo a “gordura” uma referência à insensibilidade do coração. A primeira interpretação, que parece algo forçada, faz da insensibilidade um crescimento gradual; a segunda (*Insensíveis cerram o coração*) faz dela

uma escolha consciente. Ambos os processos são, sem dúvida, igualmente possíveis.

11. *Andam agora cercando os nossos passos.* Aqui há uma mudança de “me” e “meu” para “nós” e “nossos”, que AV e RV procuram evitar. Nada há, porém, de implausível no hebraico original: os companheiros de Davi nunca estão longe dos seus pensamentos, e o inimigo também pode estar no plural ou no singular.⁵¹

17:13, 14. A Paga da Concupiscência.

Duas introspecções quanto àquilo que é reservado para os ímpios aqui se colocam lado a lado, com efeito assustador. A primeira, uma confrontação com Deus (13), é um padrão conhecido de julgamento. É um quadro vigoroso de estes homens serem freiados nos seus caminhos (*defronta-os*; ou, RVmg., “impede-os”). A segunda (14) parece ser o oposto disto: derramar sobre eles as próprias coisas às quais se apegam. São *homens mundanos*: dá-lhes fartura das coisas do mundo!⁵² Ter tudo — menos a Deus — já é castigo suficiente. Este tema fica claro à luz do contraste total do versículo final.

As frases *com a tua espada* (13) . . . *com a tua mão* (14), não têm a preposição “com” no hebraico, mas a regência a exige na tradução se estes substantivos forem empregados instrumentalmente com o verbo *livra*.⁵³ A possibilidade alternativa é que fiquem em aposição a “ímpio” e “homens”, como em AV, RVmg.: “do ímpio, que é a tua espada, dos homens mundanos, que são tua mão”. Este é um modo de asseverar que Deus pode empregar homens maus como instrumento de castigo; cf. Is 10:5ss. Este assunto, porém, parece vulgar demais para ser tratado apenas de passagem e de modo indireto, e é preferível aceitar a interpretação que já temos na versão em apreço (ARA; idem ARC; RSV, etc.).

⁵¹ O singular no versículo 12 [heb.] pode estar considerando o inimigo ou de modo coletivo, ou de modo distributivo (i.e., “cada um deles é como um leão”). Kirkpatrick sugere uma possível referência a um membro conspicuosamente feroz do grupo (e.g. Saul?).

⁵² Esta interpretação do versículo 14 é aquela de, e.g. RSV, que também se expressa poderosamente em JB. Os tempos verbais hebraicos, no entanto, também permitem a interpretação da AV, RV, e ARA.

⁵³ G-K, 144 m.

17:15. O Galardão do Amor.

Este versículo sublime levanta vôo diretamente das baixadas prósperas do versículo 14, onde tudo fica preso à terra. O contraste é ressaltado pelo início enfático: *Eu, porém* (cf., e.g. Js 24:15b, ou: “No tocante a mim, . . .” em 13:5), e pela palavra *me satisfarei* que traduz o mesmo verbo hebraico por *se fartam* no versículo anterior. Ver também sobre 16:11. Assim se colocam paralelamente os dois alvos dos seres humanos, de modo semelhante à expressão em Fp 3:19-20).

O significado de *justiça* no assunto de ver a Deus face a face não é puramente judicial. Somente os semelhantes podem se comunicar mutuamente: ver Tt 1:15 com Mateus 5:8. A promessa de que “havemos de vê-lo como ele é” não somente garante que “seremos semelhantes a ele” (1 Jo 3:2; cf. 2 Co 3:18) como também o pressupõe, em certa medida. Conhecer Deus face a face e ver Sua *forma* foi o privilégio supremo de Moisés (Dt 34:10; Nm 12:8), e visto que O via não em sonhos, mas despertado (Nm 12:6-7), alguns expositores⁵⁴ sugerem que as palavras *quando acordar* não significavam mais do que isto para o salmista. Há, no entanto, uma variedade de expressões significantes nos Salmos (ver sobre 16:9ss., e as referências alistadas em 11:7) que apóia o ponto de vista de que *acordar* aqui se refere à ressurreição. Não há dúvida quanto a isto em Isaías 26:19 e Dn 12:2. É o ponto alto que responde abundantemente à oração no versículo 7: “Mostra as maravilhas da tua bondade.”

Salmo 18**Um Rei Guerreiro Relembra o Passado**

Esta expressão exuberante de gratidão também se acha em 2 Samuel 22, com umas poucas variações secundárias, introduzida por uma nota histórica semelhante. Apesar de longa, tem uma estrutura coerente e clara, e sua energia não diminui. Embora alguns tenham suposto, por causa do último versículo, que o rei em epígrafe não era Davi, mas um dos seus descendentes,⁵⁵ o versículo não exige tal interpretação. Além disto, o estilo animado e vivaz do escrito indica uma

⁵⁴ E.G. Kirkpatrick, Weiser. Para o ponto de vista contrário ver, e.g. Briggs, Dahood.

⁵⁵ E.g. Mowinckel, I, pp. 75, 77. Quanto a isso, ver supra, p. 59.

experiência em primeira mão, como Davi tinha mais do que qualquer outro. Uma indicação incidental à pessoa dele é a alusão a lutas em pé (29, 33),⁵⁶ pois os reis posteriores montavam carros de guerra (cf. 1 Rs 22:34; 2 Rs 9:21), que Salomão introduziu em grande escala. Muita coisa neste salmo, conforme a expressão de Calvino, se aplica melhor a Cristo do que a Davi. Em Romanos 15:9, Paulo não precisava de argumento algum para apoiar seu modo de tratar o versículo 49 como parte de uma profecia do Messias.

O Título.

Quanto ao *mestre de canto*, ver a Introdução VI. c. 3, p. 53. A nota histórica é substancialmente aquela de 2 Sm 22:1, acrescentando-se aqui as palavras *servo do SENHOR*, como no título do Salmo 36. Como se fosse um acompanhamento desta expressão, o versículo final fala de "seu ungido", outro termo que ia expandindo seu significado, enquanto o Antigo Testamento se aproximava do seu cumprimento no Novo. O salmo marca o período na parte anterior do reinado de Davi, quando seu poder estava no auge (cf. 2 Sm 8:14b), antes de o seu pecado deixar sua marca sobre sua pessoa (cf. Kirkpatrick sobre versículos 20-23) e sua sombra sobre seu reino (cf. 2 Sm 12:10ss.).

18:1-3. O Refúgio.

1.⁵⁷ O original para *amo* é uma palavra rara, impulsiva e emotiva. Noutros trechos se acha somente nas suas formas intensivas, e usualmente expressa o amor compassivo do mais forte para com o mais fraco.

2. Neste jorro de metáforas, Davi repassa suas fugas e vitórias (cf. o título do salmo), e pesquisa o significado delas. "A *rocha* ou penhasco (*sela'*) onde foi tão inesperadamente livrado de Saul (1 Sm 23:25-28), a *cidadela*⁵⁸ . . . ; os *rochedos*⁵⁹ dos cabritos selvagens . . . tudo simbolizava Aquele que fora seu verdadeiro Refúgio durante todo este tempo . . . (Kirkpatrick).

⁵⁶ Cf. e.g., Weiser, p. 186.

⁵⁷ Este versículo está ausente de 2 Sm 22.

⁵⁸ Ou *fortaleza*, RSV (*m^ešûdâ*): a caverna de Adulão, onde Davi originalmente formou seu bando de proscritos; um refúgio em muitas crises, e um lugar de muitas lembranças (1 Sm 22:4; 24:22; 2 Sm 5:17; 23:13-14).

⁵⁹ Ver 1 Sm 24:2, onde o substantivo heb. é *sûr*, o mesmo que se traduz *rochedo* em nosso versículo.

18:4-19. O Salvamento.

A escala titânica desta cena se contrasta estranhamente com a pequenez da figura humana do cantor, em prol de cujo salvamento Deus pessoalmente luta contra a *morte* e a *impiedade* (ou “perdição”)⁶⁰ (4, 5), armado com Suas armas mais temíveis. É grande assim, conforme o salmo ensina, o valor do indivíduo, e é grande assim a dívida do indivíduo para com Deus. Embora Davi seja rei, o salmo inteiro se escreve no singular, e tem o frescor da experiência pessoal. Davi é abençoado porque Deus “Se agradou” dele (19), e não só porque representa o seu povo. Seus súditos serão abençoados por amor a Davi (assim como a igreja é abençoada por amor a Cristo), mais do que ele por amor a eles. Cf. 2 Rs 8:19; Is 55:3.

6. Conforme o tempo dos verbos hebraicos, a segunda metade deste versículo parece ser oração de Davi: “. . . que ele ouça . . . , e que meu clamor lhe penetre os ouvidos.” A resposta segue dramaticamente no versículo 7.

7ss. A teofania (i.e., a manifestação de Deus), relembra o livramento no mar Vermelho, através do fogo, da nuvem e da separação das águas (cf. o versículo 15), bem como os fenômenos do monte Sinai, que “tremia grandemente”, “fumegava”, quando Deus “descera sobre ele em fogo” (Êx 19:18). Não há descrição alguma da forma de Deus; recebemos um mero vislumbre daquilo que Jó chama “as orlas dos seus caminhos” (Jó 26:14). Alguns expositores vêem nesta passagem um reviver cúltico do êxodo e da aliança do Sinai, atualizados para os adoradores num ritual em que o rei desempenhava o papel principal.⁶¹ A existência de um ritual deste tipo, no entanto, não passa de uma suposição tirada de textos tais como estes, e não há necessidade de interpô-lo entre os eventos originais e a consciência de Davi. Basta que ele reconheça que seus perigos e seu livramento não são menos cruciais e milagrosos do que os dos dias de Moisés, para que sejam descritos com termos igualmente tremendos, porque Deus, para salvá-lo, “Do alto me estendeu ele a mão” (16). Há ecos semelhantes do êxodo em Jz 5:4-5 e em Hc 3.

8. Tudo nesta descrição fala de julgamento, mas como este se dirige contra os poderes do mal, significa salvamento para a vítima. *Fumaça*, como em Is 6:4, dramatiza a reação da santidade diante

⁶⁰ O heb. é Belial. Ver a nota de rodapé de 41:8.

⁶¹ Ver a Introdução, III, pp. 18ss., 22ss.

do pecado, e *narinas*, em hebraico, são o órgão da ira. *Fogo devorador*, em Dt 4:24, representa o “zelo” ou intolerância de Deus; *brasas* são derramadas do carro-trono de Deus sobre a cidade condenada em Ez 10:2. E assim a lista continua, enquanto a tempestade se aproxima, e escurece, e finalmente se desencadeia.

9. A frase imperiosa de NEB, “Varreu os céus para longe”, requer uma pequena mudança das vogais,⁶² que é atraente mas pouco justificável. *Baixou ele os céus* é um prelúdio de igual expressividade ao movimento impetuoso para baixo do carro.

10ss. *Querubim . . . escuridade . . . nuvens . . . resplendor . . .* Em Ez 1:4ss., o temporal com raios e trovões mais uma vez se mistura assim com seres sobrenaturais. Ali, a nuvem revela a presença de “seres viventes” que são os querubins,⁶³ acompanhando a manifestação divina. Estes seres surgem em contextos que enfatizam a santidade inviolável de Deus: guardam a árvore da vida (Gn 3:24), o Santo dos Santos (Êx 26:31, 33), e o propiciatório (Êx 25:18-22), e carregam o carro-trono sobre o qual Deus cavalga para exercer julgamento (Ez 1:22ss.; 10:1ss.).

16-19. Depois da escala enorme da teofania, é notável a íntima preocupação pessoal deste ponto culminante. A demonstração de poder termina, não num gesto arrebatador, mas em ação no ponto da necessidade. *Estendeu* (16) melhor do que “enviou” (AV, RV); a ambigüidade da possível tradução é resolvida em 144:7, onde é a mão de Deus, e não Seu mensageiro, que é estendida (lit. “enviada”) num contexto semelhante. Assim como o versículo 16 acompanha a metáfora das “torrentes” (4), o *lugar espaçoso* do versículo 19 responde à “angústia” (i.e., lit. “apertos”) do versículo 6. Nas mãos de Deus, o poder absoluto (cf. a teofania) serve as finalidades da perfeita liberdade.

18:20-30. “Seu Caminho é Perfeito.”

Quanto àquilo que parece ser justiça-própria nos versículos 20-24, ver sobre 17:1-5 e 5:4-6. Embora Davi pudesse empregar esta linguagem de modo apropriado dentro de um quadro limitado de referência, conforme mostram aquelas passagens, o Messias podia falar assim com sentido literal e absoluto — e este Salmo é messiânico, em última

⁶² I.e., *wayyaʿ* no lugar de *wayyēʿ*.

⁶³ Cf. Ez 9:3.

análise (ver o fim do comentário introdutório, supra). Todo tema contido neste salmo ganharia nova profundidade com Cristo.

O objetivo principal desta passagem é, na realidade, louvar a Deus como protetor daqueles que “encomendam as suas almas ao fiel Criador, na prática do bem” (1 Pe 4:19). Compara-se com “Davi, servo do SENHOR” (ver o título), o Servo que fala de modo semelhante em Is 50:7ss., ou Paulo em 2 Ti 4:6-8.

22. As duas expressões, *juízos* e *preceitos*, que freqüentemente se vêem juntas em Deuteronômio, são um modo predileto de resumir a lei de Deus, mormente no que diz respeito a questões entre homens, de um lado, e entre o homem e Deus, do outro lado. Ver, e.g., Êx 21:1ss.; Lv 3:17. Estas palavras um pouco técnicas sugerem que Davi conhecia bem a Lei escrita (ver também sobre o versículo 31), impressão esta que é fortalecida por 19:7ss. Weiser indica que havia a aliança por detrás da Lei; desta forma, este protesto era um apelo à fidelidade de Deus à Sua aliança mais do que uma declaração legalística.

25. A palavra *benigno* (*hāsîd*) é mais um sinal do ponto de vista acima. Relaciona-se com “benignidade”, “amor fiel” (*hesed*), o amor que se compromete entre parceiros de uma aliança (ver sobre 17:7), e é um termo padronizado nos Salmos para representar os servos de Deus (os “*piadosos*” ou “*santos*”, cf. 16:10; 30:4, ver sobre 16:3 (que é outra palavra no original)). Os “*santos*” se definem em 50:5 como sendo “os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios”. A mesma palavra *hāsîd* se aplica ao próprio Deus em 145:17 (“benigno”) e Jr 3:12 (“compassivo”), e em ambos estes trechos poderia muito bem ser traduzida “fiel”, ou “leal”.⁶⁴

26. *Com o puro* é representado em NEB por “Com o cruel”, mas isto depende de uma dupla conjetura,⁶⁵ que sem motivo emenda um texto que, no original, é claro e bem atestado. *Inflexível* (NEB “tortuoso”) é um verbo que retoma a idéia de “torto” (*perverso*); é o torcer ou competir com lutas que o nome de Naftali perpetuava (Gn 30:8). Este princípio é ilustrado pelo modo de Deus empregar Labão para

⁶⁴ Aqui “mostrar-se benigno” é um verbo, tendo a mesma raiz que o adjetivo.

⁶⁵ Supõe que “homem” (raiz *g-b-r*) entrou em 25b, vindo de 26a [heb. 26b, 27a], onde, hipoteticamente, deve tomar o lugar de “puro” (raiz *b-r-r*), e ser entendido num sentido hostil.

educar Jacó, e, talvez supremamente, pelo Seu tratamento perturbador do comportamento tortuoso de Balaão.

27-30. Todos estes versículos, e algumas das segundas linhas, enfatizam Deus no seu início, que poderia ser traduzido, e.g. “Quanto a ti, tu fazes . . .” ou “És tu que fazes . . .”, etc. — pois o salmo inteiro é de louvor, e não de jactância disfarçada.

27. Assim, “gente humilde” (NEB) capta o significado do hebraico *‘ānî* melhor do que o *povo humilde*, pois Davi fala em primeiro lugar de circunstâncias mais do que de virtudes. Estas são as vítimas da vida social, que aparecem freqüentemente nos Salmos não apenas como os “humildes”, mas, com tradução melhor, como os “pobres” (10:2); os “aflitos” (e.g. 22:24), os “fracos” (preferível para 35:10), e “os necessitados” (68:10). Correspondem ao “pobre” da primeira Bem-aventurança, como aqueles que sofrem falta e sabem disto. Uma palavra que faz companhia com esta é *‘ānāw*, que também se traduz segundo a maioria destas maneiras, mas, na medida em que tem um significado diferente, é o da terceira Bem-aventurança, que menciona os “mansos” (ver sobre 25:9; cf. 37:11), que recusam o caminho da auto-asseveração. Neste sentido, se aplica a Moisés em Nm 12:3.

29. Com estas proezas (cf. v. 34) comparam-se as dos “valentes” em 2 Samuel 23:8ss. *Desbarato exércitos* pode ser traduzido “venço uma barreira” como em NEB. Para “barreira” ver “leiva” em 65:10, que é a mesma palavra hebraica. Ver o comentário introdutório a este salmo para a significância deste versículo na questão de Davi como autor.

30. O início do versículo, conforme o original (cf. RSV), é impressionante: “Este Deus — seu caminho é perfeito”, e tem seu paralelo na frase equivalente no v. 32, lit. “fez perfeito o meu caminho”. É óbvio que *perfeito (tāmîm)* tem um conteúdo muito mais rico como descrição da atividade de Deus, do que quando descreve o homem. Mesmo assim, a absoluta perfeição da Sua sabedoria, amor e poder se reflete nos pensamentos, motivos e realizações (aqui se trata mais de realizações) de relativa integridade, que Ele produz nos Seus servos.⁶⁶ Será, no entanto, que depois do auge inicial da sua carreira, Davi perdeu o ímpeto em direção a este alvo (cf. Fp 3:12ss.), como se achasse satis-

⁶⁶ E.g., é traduzido “íntegro” nos versículos 23, 25 [heb. 24, 26].

fatório um conceito menos alto de *tāmin*, i.e., “seguro” (como RSV no v. 32: “e fez seguro o meu caminho”)?

18:31-45. Vitória e Fuga Desordenada.

A velocidade e o ânimo da poesia captam as emoções do ataque e da perseguição. Tudo aqui é leve e rápido, assim como era cataclísmico na cena de salvamento retratada nos versículos 4-19; estes dois aspectos, no entanto, advêm igualmente de Deus. 2 Sm 8 dá um resumo em prosa de campanhas militares tais como esta, quanto ao aspecto retrospectivo do Salmo (ver sobre versículos 37ss., abaixo).

31. O monoteísmo confiante, e as repetições da palavra *rocha* (*šûr*; cf. versículos 2, 46), indicam o Cântico de Moisés como sendo parte da inspiração de Davi neste salmo. Comparem-se as palavras de Moisés: “Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas” com o versículo 30, e: “Porque a rocha deles não é como a nossa Rocha”, com o versículo 31. Ver Dt 32:4, 31, e também sobre versículo 47, abaixo.

32. Este versículo forma um par com versículo 30; ver comentário.

33, 34. Cf. a proeza física no versículo 29. O arco de bronze parece ter sido um arco de madeira reforçado com este metal.

35. *A tua clemência me engrandeceu* é uma expressão notável, inteiramente fiel ao texto hebraico, para a qual várias substituições de tipo mais banal têm sido sugeridas desde tempos mais antigos. A verdade que ela expressa, porém, é profunda, e a única dúvida levantada é se Davi tinha tanta percepção espiritual assim. Num questão tão subjetiva assim, o texto conforme já consta deve ser considerado autêntico. O substantivo hebraico se relaciona com o adjetivo *‘ānāw*, “humilde”, “manso”, debatido no versículo 27, supra; e embora fosse a “mansidão” (*clemência*) exercida por Deus que permitiu que Davi chegasse ao sucesso, foi a mansidão que Deus ensinou a este que foi sua verdadeira grandeza.

37-45. A maioria dos tempos verbais aqui está no imperfeito, que significa, no hebraico, ações contínuas ou futuras. Embora RSV e ARA possam ter razão em traduzi-los no passado, é mais provável que olhem

⁶⁷ *Submissos*. RSV tem “bajulando”, tradução esta que provavelmente se derive da idéia de insinceridade, que é um aspecto do verbo hebraico. J. H. Eaton, *JTS* 19 (1968), pp. 603-4, chama a atenção ao outro sentido deste verbo, “ficar magro” (cf. 109:24), e vê os vencidos reduzidos às proporções certas, perdendo a sua arrogância. “Ficam pequenos por causa de mim.”

para a frente, contando as vitórias já alcançadas como promessa de coisas maiores. O Decreto da Acessão em 2:7-9 oferece ao ungido do Senhor “os confins da terra”, e, embora os versículos aqui considerados retomem o aspecto mais severo deste fato,⁶⁷ outros se demorarão na perspectiva de conversões dos gentios (cf. 22:27; também Is 55:5 com versículo 43 deste salmo). O Novo Testamento confirma estes dois aspectos destacados (e.g. Ap 2:26-27; 7:9ss.).

18:46-50. A Doxologia.

46. A ingenuidade atraente de Gelineau e JB “(Longa) vida ao Senhor!”, está errada. *Vive o SENHOR* é uma afirmação, diferente do clamor de homenagem em, e.g., 1 Reis 1:25, 39 (ver heb.). Esta verdade foi vista como sendo o grande contraste entre Javé, que “tudo faz como lhe agrada”, e os ídolos que “têm boca, e não falam” (115:3, 5); talvez o contraste se aplicasse também entre a Sua vida que nunca fraqueja, e as vicissitudes cíclicas de Baal: o grito: “Baal vive”, tinha que se revezar com “Baal morreu”. O complemento da energia infatigável do Senhor vivo era a estabilidade perpétua de *minha rocha*. Ver também os comentários dos versículos 2 e 31.

47. As palavras iniciais, *o Deus*, correspondem à expressão enfática “Este Deus —” do versículo 30 (cf. versículo 32). No caso de o Cântico de Moisés estar em mente (ver sobre versículo 31, supra), a *vingança*, ou retribuição, será vista como algo que Deus “deu” (ARA tem *tomou*) para Seu servo levar a efeito, já que afirmou ali que “minha é a vingança” (Dt 32:35). É somente nas mãos de Deus, ou em confiança da parte delas, que a retribuição é correta (Rm 12:19; 13:4).

49, 50. Paulo cita o versículo 49 como a primeira numa série de profecias que demonstram que Cristo veio para os gentios e não somente para os judeus (Rm 15:8-12). Embora Davi possa ter tido em mente apenas a fama de Javé espalhada para longe, suas palavras, tomadas segundo seu significado integral, retratam o Ungido do Senhor (50), o próprio Messias no cômputo final, louvando a Ele *entre* — em comunhão com — uma multidão de adoradores gentios. Emoras todo rei davídico pudesse apropriar para si este Salmo, pertencia especialmente a Davi, de quem era o testemunho, e a Cristo que era seu “Descendente” (um substantivo singular e coletivo ao mesmo tempo) por excelência, assim como era o descendente supremo de Abraão (Gl 3:16).

Salmo 19

Os Céus, as Escrituras

O próprio som dos dois movimentos do salmo revela algo dos seus dois interesses: o largo alcance da revelação de Deus no universo, sem palavras, que se expressa nas linhas exuberantes dos versículos 1-6, e a clareza da Sua palavra escrita, refletida na linguagem quieta e concha dos versículos 7-10, ao qual o escrutínio do coração nos versículos 11-14 é a resposta do adorador.

Não é importante resolver se se trata de dois Salmos que foram juntados, ou se os dois temas se complementavam desde o início dentro de um poema único (embora o fim abrupto dos versículos 1-7 seja evidência contra o primeiro destes pareceres). O que foi legado a nós é um salmo único, cujas duas partes grandemente se iluminam. Além disto, se Davi fez uso de poesias anteriores para a descrição do sol, o louvor dele é somente para o Criador do mesmo; e isto ainda mais propo-sitalmente se ele estava captando esta linguagem para seu devido uso, pela primeira vez.

O salmo é citado em Ro 10:18, e pode ser que o seu pensamento subjaza o argumento de Ro 1:18ss., de que o eterno poder e a divindade de Deus “claramente se reconhecem . . . sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas”. Sua teologia é tão poderosa quanta a sua poesia.

19:1-6. A Eloquência da Natureza.

Eras diferentes precisam desta lembrança — pois é isto que se trata (Rm 1:10) — de modos diferentes. Os antigos eram tentados a “beijar as mãos” para o sol, a lua e as hostes celestiais (cf. Jó 31:26-27; 2 Rs 23:5); os modernos variam entre a disposição de ânimo de explicá-los como fortuitos e a de recair na astrologia. É somente o cristão que é movido a maravilhar-se e à alegria filial, ao pensar no Criador deles.

2. A palavra *discursa* (“derrama a fala”, RSV), sugere o borbulhar irreprimível de uma fonte, e talvez a infinita variedade com a qual os dias refletem a mente do Criador. O Livro de Jó desenvolve este tema, especialmente nos retratos dos céus nos capítulos 37 e 38. *Conhecimento* vai bem com *noite* neste contexto, porque sem os céus estrelados que se vêem à noite, o homem só teria conhecido um universo vazio, até muito recentemente.

3, 4. O paradoxo de fala sem palavras é ressaltado corretamente pelas versões modernas. Não é, porém, necessário empregar a palavra voz (RSV; ARA) em 4a; esta não tem o apoio da LXX (citada em Rm 10: 18), que emprega um sinônimo ("brado, som"). Pode-se traduzir, no entanto, "se faz ouvir o seu brado". Um sinônimo assim é uma interpretação sustentável da palavra hebraica existente, cujo significado mais comum é "linha" (Av, RV, RSV mg.).⁶⁸ O substantivo paralelo, *palavras*, em 4b, apóia "brado", "som", etc., contra "linha", embora esta palavra possa produzir um sentido razoável, se indicar que não há fronteira para restringir estas testemunhas (cf. 2 Co 10:13). Uma sugestão por Weiser, porém, que a palavra significa "fio de prumo", e, portanto, "sua lei", daria a estes fenômenos naturais um papel por demais especializado.

O hino de Addison resume de modo excelente estes versículos:

"Mesmo sem haver verdadeira voz nem som,
Que nos orbes radiantes se ouça,
No ouvido da razão se regozijam,
E voz gloriosa então emitem,
Sempre cantando, ao brilhar:
"É divina a mão que nos criou"."⁶⁹

4c-6. O *sol*, apresentado de modo repentino e enfático em 4c, agora domina o cenário; é exultante e magnífico, porém obediente. Deus lhe indicou o lugar para ocupar (4c) e seu *caminho* para correr; o céu inteiro é mera *tenda* e trilho para ele. Tais são os servos de Deus e o estabelecimento visível ("as orlas dos seus caminhos", Jó 26: 14).

5, 6. Alguns comentaristas (e.g. Weiser), vêem aqui uma alusão poética a histórias de um deus-sol que volta cada noite ao oceano e à sua esposa, saindo de manhã para uma nova caminhada. Uma alusão mais

⁶⁸ No versículo 4a, RSV emendou as consoantes *q-w-m* para *q-w-l-m* como em 3b (heb. 5a, 4b). Pode ser argumentado, no entanto, que o heb. conforme consta significa o "grito deles", ou por analogia com Eclesiástico 44:5 mg. (i.e., um acorde ou nota musical; cf. NEB, aqui, "sua música"; ver G. R. Driver em P. R. Ackroyd e B. Lindars (ed.), *Words and Meanings* (CUP, 1968), p. 54), ou, com Dahood, ao considerar que a raiz *q-w-h* em, e.g., 40:2; Jó 17:13, significa "chamar". Dahood aqui segue J. Barth, *Etymologische Studien* (Leipzig, 1893), pp. 29ss.

⁶⁹ J. Addison, "The spacious firmament on high".

provável é a de um casamento humano, quando o noivo, radiantemente vestido, sai para a casa da noiva para recebê-la. Tal é o brilho e disposição festiva da viagem. Todos concordariam que o salmo, se sua linguagem dá uma olhadela em direção à mitologia, a repudia. O sol pode ser “como” um noivo ou um corredor, mas não passa de mais uma parte gloriosa das “obras das mãos de Deus” (1). Tal como ele é, proclama a extensão (6a) e a penetração (6b) do domínio de Deus.

19:7-14. A Clareza das Escrituras.

“Duas coisas”, conforme disse Kant, “enchem a mente com admiração e reverência sempre novas e que sempre se aumentam . . . os céus estrelados em cima, e a lei moral no íntimo.”⁷⁰ Este salmo transcende o segundo destes temas, ao contemplar a lei divina revelada, que evoca não somente “admiração e reverência”, como também uma resposta de pessoa para pessoa, como nos versículos 11-14. Nesta seção, o nome revelado de Deus, Javé (o Senhor), se ouve sete vezes. Antes disto (versículos 1-6), conforme o uso correto quando se trata de revelação geral, só se empregou o nome menos específico de Deus (El, versículo 1), e uma só vez.

7-10. Como no Salmo 119, que emprega ainda mais sinônimos, não se faz distinção exclusiva entre cada uma destas seis facetas da revelação; mesmo assim, cada uma delas tem caráter próprio, até certo ponto. Aqui tomaremos os substantivos, adjetivos e verbos pertencentes a cada uma delas, por sua vez.

a. Os substantivos. *Lei (tôrâ)* é o termo compreensivo para a vontade revelada de Deus. *Testemunho ('êdût)* é o seu aspecto de verdade atestada pelo próprio Deus (cf. 1 Jo 5:9); é também um termo para Sua declaração factual (cf. Êx 25:16 com e.g. Dt 9:9). *Preceitos e mandamento* indicam a maneira precisa e autoritativa de Deus de Se dirigir a nós, enquanto *temor*, ou reverência, ressalta a resposta humana suscitada pela Sua palavra. *Juízos (mîšpâ'îm)*, são as decisões judiciais que Ele registrou com respeito a várias situações humanas (cf. sobre 18:22).

Em conjunto, estes termos demonstram o propósito prático da revelação: aplicar a vontade de Deus ao ouvinte, suscitando reverência inteligente, confiança bem fundamentada, e obediência pormenorizada.

⁷⁰ *A Dialética da Razão Prática*, conclusão.

b. Os adjetivos. Para *perfeito*, ver sobre 18:30, e cf. a descrição da vontade de Deus em Rm 12:2. *Fiel*, desenvolvido de uma forma passiva, significa não somente o que é firme, como também aquilo que é confirmado: cf. “verificadas” em Gn 42:20. *Reto* significa aquilo que é moralmente direito, certo. Sobre *puro e límpido*, o comentário do próprio Davi se vê em 12:6, com contraste com 12:1-4. *Verdadeiros*, lit. “verdade” no sentido de confiabilidade. Em suma, estes epítetos andam num mundo diferente dos meios-termos, insinceridades e meias-verdades do convívio humano.

c. Os verbos. Os quatro primeiros, *restaura, dá sabedoria, alega, ilumina* (7, 8) detalham aquilo que as Escrituras fazem em prol do homem; os outros dois (pois *são verdadeiros* traduz um verbo 9), declaram o que são em si mesmas. Sobre *restaura*, ver 23:3. Na frase *igualmente justos*, o advérbio significa, lit. “juntos”, i.e., todos da mesma forma: cf. NEB, JB: “justos cada um”. Matthew Henry comenta: “são todos de uma só espécie.”

11-14. Aqui temos o equivalente espiritual do versículo 6c: “nada refoje . . .” Este fato não é somente declarado como também demonstrado pelo zelo de Davi, despertado pelas bênçãos (10, 11b) bem como pelas advertências (11a) das Escrituras. A espada de dois gumes penetrou.

12, 13. Foi a lei mosaica que definiu estas distinções internas entre pecados, mas também foi ela que conseguiu fazer (como demonstram estes versículos) com que pecado algum fosse tolerado. O versículo 12a reconhece que uma falta pode ser *oculta* não por ser pequena demais para se ver, mas por demais característica para ser notada pela pessoa. A respeito destes dois versículos, ver Nm 15:27-36, onde a trivialidade externa do incidente ressalta a gravidade que Deus atribuiu à sua motivação. Certa admoestação judaica é pertinente: “Não dize, ‘Pequei, e o que me aconteceu?’ . . . Não confia tanto na expiação que acrescentas ao pecado” (Eclesiástico 5:4-5).

14. O salmo termina, não numa nota de se evitar o pecado, mas na de oferecer a Deus a resposta apropriada da mente humana às palavras dEle, como sacrifício puro (cf. Os 14:2). Esta é a implicação provável de *agradáveis* (ou “aceitáveis”), um termo que freqüentemente se acha nos contextos sacrificiais. E Deus é tratado aqui não como acusador ou juiz, mas como seu refúgio (*rocha minha*, ver sobre 18:2) e campeão (*meu redentor*, como, e.g., em Lv 25:25; Jó 19:25). Este pecador pode se chamar “teu servo” (11, 13): pertence a Ele mediante a aliança que a própria lei pressupõe.

Salmo 20

“O Dia da Tribulação”

Este “dia de tribulação” é o de uma batalha que se aproxima, conforme fica claro no versículo 7. O formato do salmo nos demonstra o cenário, enquanto o rei se prepara para marchar: suas orações e sacrifícios se fazem, preparam-se seus planos, e seus homens se agrupam sob seus estandartes. Inicialmente, a congregação lhe deseja uma jornada abençoada (1-5) numa invocação coletiva de bênção. Como resposta, uma voz única, talvez a do próprio rei, anuncia a certeza da resposta divina (“Agora sei . . .”, 6-8). Então, o povo responde com uma oração final, breve e urgente (9), em prol dele.

É um dos mais comoventes dos salmos, por ser tensamente consciente de assuntos de vida e morte logo a serem resolvidos. O Salmo seguinte é a peça que forma um par com ele — é exuberante e cheio de deleite.

20: 1-5. O SENHOR te Responda!

1. Tu, *te* está no singular do começo ao fim, sendo identificado no versículo 6 como sendo o ungido do Senhor. Neste homem único, o povo inteiro se vê personificado, e sua vida nacional sustentada: ele é “o fôlego de nossa vida”, “a sombra” protetora (Lm 4:20), “a lâmpada de Israel” (2 Sm 21:17). Na prática, este papel acaba sendo por grandioso demais para qualquer pessoa senão o Messias, tratando-se portanto, de um prenúncio dEle.

Em Israel, não se atribuía ao *nome* divino nenhuma potência mágica (que se fazia em algumas religiões pagãs); era um penhor da revelação que Deus fazia de Si, e da Sua disposição para ser invocado (7) — havendo, também a lembrança aqui do Seu compromisso para com *Jacó* e a posteridade deste. Com a bênção sacerdotal de Nm 6:24ss., Deus permitiu que Seu nome fosse “posto sobre os filhos de Israel”, como se os marcasse como possessão Sua. A esta idéia foi acrescentada a de agirem em prol dEle, que é o pensamento do versículo 5 e da declaração da Asa: “Em ti confiamos, e no teu nome viemos contra esta multidão” (2 Cr 14:11). Todos estes aspectos são transportados para o Novo Testamento: e.g. Jo 14:14; 17:6; At 3:6; Ap 3:12.

2, 3. Esta palavra para *santuário* é simplesmente “santidade”, sendo aqui um sinônimo para *Sião* onde a arca de Deus, mas ainda não Seu Templo, significava Sua presença (2 Sm 6:17). O espírito desta oração difere em muito da confiança na própria arca, nos dias de Eli, ou nos *holocaustos* nos dias dos profetas, como meio de constranger Deus a agir. É do próprio Deus que parte o valor inteiro atribuído a eles (*aceite* é, lit. “tornar, ou considerar, rico”).

4. Embora *Conceda-te segundo o teu coração* seja levemente diferente da expressão em 21:2, forma um belo vínculo entre os dois salmos, que são a oração, de um lado de uma crise, e as ações de graça, do outro lado. *Designios* é a palavra que às vezes se traduz como conselho ou estratégia; cf. Is 11:2; 36:5, onde as limitações do planejamento humano, conforme o salmo reconhece, são desmascaradas de cima e de baixo.

5. *Vitória*, aqui e nos versículos 6 e 9, traduz palavras afins, derivadas da raiz “salvar” (cf. o nome de Jesus). Este significado, em contextos de tabalha, acrescenta um contexto positivo à “salvação”, além daquele de mero salvamento. Sobre o *nome*, ver sobre versículo 1. *Hastearmos pendões* (uma única palavra em heb.) relembra a disposição ordeira das tribos em Nm 2:2, etc. (“junto ao seu estandarte”) e o impacto visual de “um exército com bandeiras” em Ct 6:4, 10. Uma palavra diferente se emprega em 60:4. Note-se finalmente, a respeito deste versículo as implicações de longo alcance de *satisfaça*, em relação a planos (4) e petições: cf. Ef 3:20; 2 Ts 1:11.

20:6-8. Ele Responderá.

A respeito da repentina mudança para a confiança, ver o comentário final sobre Salmo 6. As próprias dimensões do cenário se aumentam: o socorro que foi desejado “desde Sião” (2) agora se vê chegando do próprio céu.

7. A palavra *confiam* é uma inferência razoável do contexto, ao fazer-se a tradução; o único verbo que o versículo tem no original é lit. “faremos menção” (ARC), interpretado aqui: *nos gloriaremos*. Pensa-se que este verbo tivesse o significado de proclamar o nome de Deus no culto, trazendo Seu poder para o meio dos adoradores (ver sobre o versículo 1), assim como os cristãos invocam o nome de Cristo para proteção ou vitória. A preposição nesta frase, no entanto, faz com que o verbo se condiga melhor com as expressões de homenagem ou respeito no Antigo

Testamento (e.g. Is 48:1, “confessais”).⁷¹ Em Js 23:7, é acompanhado por “façais jurar”, assim como se diz hoje em dia que alguém “jura por” aquilo em que tem grande confiança. *Carros e cavalos* eram as forças militares mais formidáveis dos tempos antigos, mas para Israel, traziam lembranças de vitórias milagrosas, e.g. no mar Vermelho e no rio Quisom (Êx 14; Jz 4).

20:9. Responde-nos.

Literalmente, o hebraico diz (com a pontuação tradicional): “SENHOR, da vitória; que o Rei nos responda (ou: o Rei nos responderá) no dia em que clamarmos”. A primeira linha de RSV e ARA, *Ó SENHOR, dá vitória ao rei* é consistente com o hebraico, e forma uma linha do mesmo tamanho que a segunda.⁷² Isto parece preferível, por uma margem pequena, embora o sentido geral seja semelhante de ambos os modos.

A frase final, lit. “no dia em que clamarmos”, ecoa de modo significativo o versículo inicial. O fato de que o dia de tribulação foi feito a ocasião da oração faz com que o espírito animado dos versículos 6-8 seja matéria de fé realista e não de otimismo daquilo que se quer que seja a verdade.

Salmo 21 O Dia de Regozijo

Este salmo jubiloso soa como uma ode de coroação, ou um hino para um aniversário real. Podia ser muito bem, no entanto, a celebração de uma vitória, pois a comparação do versículo 2 com 20:4 sugere que os Salmos 20 e 21 formam um par: petição e resposta. Além disto, a estrutura é semelhante, com dois blocos de matéria, só que aqui ouve-se primeiramente a fé do rei (1-7), e as palavras da congregação dirigidas a ele vêm em segundo lugar (8-12). Em ambos os salmos, um versículo final, que invoca a Deus de modo direto, completa a oração e o louvor.

⁷¹ Ver Childs, p. 14.

⁷² A segunda linha do TM, porém, tem a terceira pessoa: “que ele responda”, ou “ele responderá”. LXX, Sir. e Jerônimo lêem um imperativo, “responde-nos”, tratando-se da diferença de uma consoante, comparando-se com o TM, i.e., (wa) ‘*anênû* no lugar de *ya ‘anênû*.

21:1-7. O Rei e o Senhor.

O rei pode estar falando na terceira pessoa, ou outra pessoa pode estar falando em nome dele; em ambos os casos, o assunto nestes versículos é somente entre Deus e o rei. No versículo 8, a perspectiva mudará, e promessas de domínio serão dirigidas ao rei.

1, 2. *Teu salvamento* é a mesma palavra traduzida “tua vitória” em 20:5, onde veja o comentário. Sobre o versículo 2, ver sobre 20:4.

3. A confrontação amistosa de *o supres* (lit. “vens ao seu encontro”) é um contraste bem-vindo com a confrontação com a morte em 18:5 [heb. 6], e a confrontação entre Deus e os ímpios em 17:13, que se descrevem com a mesma palavra hebraica, que também ocorre, num contexto de compaixão, em 79:8; Is 21:14. Quanto à *coroa*, seu valor se deriva, não do ouro, mas do Doador, fato este que Davi esqueceu ao aceitar o troféu mencionado em 2 Sm 12:30, mas que voltou a ser ressaltado em Ez 21:25-27.

4ss. Embora a *dádiva de longevidade para todo o sempre* possa talvez ter sugerido a um leitor nos tempos do Antigo Testamento ou uma hipérbole como aquela de Dn 2:4, etc., ou uma alusão à dinastia sem fim prometida a Davi em 2 Sm 7:16, o Novo Testamento completou o quadro com clareza, com a Pessoa do Rei final, o Messias, para Quem a estrofe inteira é a verdade sem exagero. Nele, a *glória . . . esplendor e majestade* do versículo 5 revelam todo o seu alcance de profundidade (Jo 13:31-32) e de altura (Ap 15:12), como também acontece com *gozo com a tua presença* (6; cf. Hb 12:2). Ver também sobre versículo 9, abaixo.

21:8-12. O Rei e seus Inimigos.

Se este salmo originalmente celebrou uma libertação específica (ver o comentário introdutório), viu nestas palavras a promessa de triunfo final. Tem o espírito de uma cruzada, dedicada a caçar até ao fim todo inimigo, não lhe permitindo iniciativa alguma (*alcançará . . . apanhará*, 8), e a livrar o mundo de todos do tipo dele (10). Isto, mais uma vez, ultrapassa a competência de qualquer rei, como reconhece 9b, e a escala dos acontecimentos mais uma vez exige o Messias. 2 Ts 1:7b-9 pode conter alguma alusão a esta passagem, com seu tema da vinda de Cristo, acompanhado por fogo e juízo. *Quando te manifestares* (9) é, lit. “no tempo de tua face”, i.e., da Tua presença (cf. Ap 6:16). “No tempo da tua ira” (AV, RV) é uma tradução menos literal.

21:13. O Senhor Samente.

Este versículo avulso para completar o salmo corresponde com o fecho do salmo 20. Aqui, porém, o homem não está no quadro, embora não fique sem ser atendido; seu papel é ficar de lado, admirar, e render graças.

Salmo 22
O Salmo da Cruz

Nenhum cristão pode ler este salmo sem se ver vividamente confrontado com a crucificação. Não se trata apenas de profecias que foram cumpridas até nas minúcias, mas da humildade do sofredor — não há clamor para vingança — e sua visão do acolhimento dos Gentios em escala mundial. A tradução de Gelineau coloca o título: “O servo sofredor ganha a salvação das nações.”

Nenhum incidente que se relata da vida de Davi pode sequer começar a preencher este quadro. Conforme indica A. Bentzen: “não é a descrição de uma doença, mas, sim, a de uma *execução*”,⁷³ e embora Davi fosse ameaçado uma vez de apedrejamento (1 Sm 30:6), a cena aqui é bem diferente. A teoria de que o rei se submetesse a uma humilhação ritual num festival anual em Israel, como na Babilônia, providenciaria um cenário plausível para um salmo desta natureza;⁷⁴ mas a própria existência de tal ritual israelita não passa de uma inferência de passagens tais como esta, sem o apoio de evidência direta. Seja qual tenha sido o estímulo original, a linguagem do salmo proíbe uma explicação naturalista; a melhor explicação se acha nos termos com os quais Pedro se aludiu a outro salmo de Davi: “Sendo, pois, profeta . . . prevendo isto, referiu-se a . . . Cristo” (At 2:30-31).

O ponto crítico da mudança da situação se acha no fim do versículo 21, onde os clamores e orações alternados cediam diante do louvor e de uma visão que se alargava do reino perfeito de Deus. Hb 2:12 cita o versículo 22, desta seção, reconhecendo que se trata de profecia messiânica.

⁷³ A. Bentzen, *King and Messiah* (Lutterworth, 1955), p. 94, n. 40. Os grifos são dele.

⁷⁴ Ver a Introdução, III, pp. 18ss.

O Título.

Ver a Introdução VI. c. 3, págs. 52ss.

22:1-21. O Poder das Trevas.

Esta parte do salmo é marcada por uma alteração palpitante de seções “Eu/me”, sempre aumentando em tamanho (versículos 1-2, 6-8, 12—18), com seções “Tu”, sempre mais urgentes e instantâneas (versículos 3-5, 9-11, 19-21). No versículo 22, terá início uma mudança deste padrão de alternância, para um círculo que rapidamente se expande, de louvor e visão.

1. **Por que . . . ?** O brado de abandono proferido por nosso Senhor (citando este versículo no Seu Aramaico natal) anunciou, conforme parece, uma realidade objetiva: a separação punitiva que aceitou em nosso lugar, “fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar” (Gl 3:13). Para Davi, do outro lado, o significado seria algo semelhante ao da segunda linha, “Por que te achas longe do meu salvamento” (RSV) — pois os Salmos empregam tais termos de modo prático, e não teórico: cf. “lembra-te”, “ouve”, “desperta-te”. Não se trata de um lapso de fé, nem de um relacionamento rompido; é um clamor de desorientação enquanto se retira a presença familiar e protetora de Deus (como aconteceu, e.g., com Jó, que estava sem culpa), e o inimigo se aproxima.

3-5. **Contudo tu . . .** Davi cessa de debater-se nas suas próprias tristezas, pois assim teria afundado mais, para procurar alcançar “a rocha que é mais alta do que eu”. (*Tu* é enfático, como são também as expressões *em ti . . . a ti . . .* (4-5), pela sua posição, que é conservada em RSV e NEB). Além disto, ele procura o terreno mais alto de todos: o tema da santidade de Deus, com a igreja cantando louvores a Ele.⁷⁵ Não pensa inicialmente, do aspecto de Deus como compassivo, e dele mesmo como precisando de compaixão, embora esta parte seguirá. Além disto, olha resolutamente para outros tempos (4, 5), e para as experiências de outros homens que receberam socorro.

⁷⁵ Com a expressão: *entronizado entre os louvores de Israel* (ou “habitando” os mesmos, cf. AV, RV), o Antigo Testamento, de modo característico, revela o significado interior das suas instituições visíveis. Ver também sobre 51:17. O trono ou palácio terrestre de Deus não está no Templo, mas nos corações do Seu povo (Is 66:1-2) e sobre seus lábios. A metáfora, no entanto, coloca uma pergunta diante da igreja: sua hinódia é um trono para Deus ou uma plataforma para o homem?

6-8. Mas eu . . . O desprezo é doloroso, porque ele tem seu lugar, e se preocupa. A afeição calorosa e espontânea, e não indiferença olímpica, era a marca tanto de Davi como do Seu Filho que era maior do que ele; Jesus, no entanto, desviava a compaixão de Si mesmo para outras pessoas. “Chorai por vós mesmos, e pelos vossos filhos.” Nota-se a premissa falsa que é sempre a base do argumento dos descrentes, revelada no versículo 8: se Deus existe, é para a nossa conveniência (cf. “manda que esta pedra se transforme em pão”; “atira-te daqui abaixo”; “desce da cruz”).⁷⁶ Precisamente os gestos e as palavras dos versículos 7 e 8 foram reproduzidos no Calvário (Mt 27:39, 43).

9-11. Contudo tu . . . Depois de fixar sua mente na glória e fama de Deus nos versículos 3-5, Davi agora medita no Seu cuidado pessoal dele, durante toda a sua vida. Deus não é um conhecido casual para prestar socorros perfunctórios. Cf. 139:13-16; Jó 10:8-12. *Me preservaste* é traduzido literalmente: “Me fizeste confiar”. A confiança bem fundamentada e a segurança são inseparáveis. Além disto, há a tradução em Jr 12:5b (“te sentes seguro”) que, segundo alguns, sugere “deitar-se imóvel”.⁷⁷ Isto, com o “fui lançado” (lit.; ARA: *me entreguei*) pode apoiar a tradução de JB de 9b: “tu me confiaste ao seio da minha mãe”.

12-18. Famintos e rugindo. Esta é uma cena que muitas vezes se repete: os fortes fechando o cerco contra os fracos; os muitos contra um só. A turba é retratada como sendo bestial (touro, leões, cachorros, búfalos), mas é por demais típico de uma turba humana, seja quando se age com sutileza ou com a brutalidade do Calvário. O contexto sugere alguns dos motivos pelos quais os homens fazem estas coisas uns aos outros: ressentimento contra os que professam alguma coisa superior (8); a compulsão da mentalidade da multidão (12, 16a; cf. Êx 23:2); a cobiça, mesmo para obter coisas triviais (18); e o gosto pervertido — o prazer num espetáculo de horror (17) simplesmente porque o pecado é coisa assassina, e os pecadores têm o ódio dentro deles (cf. Jo 8:44).

⁷⁶ *Confiou (gal)* é a leitura das consoantes hebraicas adotada pelas versões mais antigas, e citada em Mt 27:43. O TM, no entanto, tem o imperativo (*gôl*). “*Confie*”. A primeira tradução produz uma frase mais natural.

⁷⁷ G. R. Driver, “Difficult Words in the Hebrew Profets”, em H. H. Rowley, ed., *Studies in Old Testament Prophecy* (T. & T. Clark, 1950), p. 59.

Embora os versículos 14, 15, interpretados isoladamente, pudessem descrever nada mais do que uma doença desesperadora, o contexto é de animosidade coletiva, e os sintomas poderiam ser aqueles da flagelação e crucificação do Cristo; realmente, os versículos 16-18 tinham que aguardar aquele evento para revelarem com clareza o significado deles.

Traspassaram-me (16) é a tradução mais provável de uma palavra hebraica problemática. Um argumento forte em prol disto é que a LXX, compilada dois séculos antes da crucificação, sendo, pois, uma testemunha imparcial, assim a entendeu. Todas as traduções mais importantes rejeitam as vogais massoréticas (acrescentadas às consoantes hebraicas muito depois de Cristo), como oferecendo pouco sentido aqui (ver as notas marginais de RV, RSV, NEB), e a maioria concorda, de fato, com a LXX. As alternativas principais (e.g. “ataram”, “picaram”) não solucionam qualquer problema lingüístico que “traspassaram” não soluciona;⁷⁸ somente evitam o que é uma predição aparente da cruz, ao trocar um verbo hebraico comum (“cavar”, “furar”, “traspassar”) por verbos hipotéticos, atestados apenas em acadiano, siríaco e árabe,⁷⁹ mas não em hebraico bíblico.

19-21. Tu, porém . . . Este é o ponto alto das seções “Tu”, e leva ao ponto crucial da alteração do tom do salmo (*tu me respondes*, 21). O primeiro “Contudo tu” foi deliberadamente objetivo (3-5); o segundo foi menos assim (9-11); o terceiro é uma série de brados urgentes, enquanto os inimigos, segundo parece, fecham o círculo; são assassinos, impuros, famintos, irresistíveis. Quanto à palavra rara traduzida *força minha* (19), e sua possível conexão com o título, ver a Introdução, pág. 52. *Minha vida* (20b) é, lit. “meu único” — tudo quanto me sobra, e minha possessão mais preciosa; cf. NEB “minha vida preciosa”. A frase *presas do cão*, é de eloquência sinistra, nesta situação.

No versículo 21, há uma mudança repentina e dramática, que, no hebraico, se conserva para a palavra final: *tu-me respondes*. O texto hebraico tem apenas um verbo no tempo perfeito, no lugar da emenda

⁷⁸ A mesma forma, *kârû*, tem sido proposta para todos os três. As consoantes existentes, no entanto, no hebraico: *k'ry*, são consistentes com o construto do plural do particípio Qal de *kûr*, “traspassar”, escrito com aleph como indicador da vogal (cf. a ortografia mais longa de Ramote em Js 20:8, comparada com Js 21:36 [heb.]).

⁷⁹ Cf. G. R. Driver, ET, 57 (1945/6), p. 193.

do texto que se traduz (como em RSV) “minha alma aflita”. Tratando o hebraico como o texto certo, este verbo único é um brado que recebe o livramento no último momento: “Tu me respondeste” (AV).

22:22-31. O Banquete da Alegria.

22-26. A festa votiva. O versículo 25 define a situação destes versículos: a lei encorajava aqueles que prometeram que prestariam algum serviço a Deus, no caso de serem atendidos nas suas orações, a cumprirem o seu voto com um sacrifício, a ser seguido por uma festa (26), que poderia durar até dois dias (Lv 7:16). Sua felicidade não deveria ser reservada a eles e aos seus filhos; pelo contrário, deveriam convidar seus servos e os necessitados (cf. versículo 26), e especialmente os levitas, a comerem com eles diante do Senhor (Dt 12:17-19). Deviam, outrossim, contar à congregação aquilo que Deus fez por eles (22; cf. 40:9-10; 116:14), convocando-a a participar num salmo tal como este (cf. 34:3 e o testemunho que o acompanha).

Hb 2:11, 12, porém, aplica o versículo 22 ao Messias, como sendo aquele que “não se envergonha de (nos) chamar irmãos” e que, portanto, fica *no meio* (22) e não somente nas alturas; na festa de ações de graças dEle, os humildes⁸⁰ são bem-vindos para “comer e faltar-se” (26) e (não em mera forma de palavras mas na realidade) viverem para sempre (26).

27-31. O reino ilimitado. Agora, a linguagem de Davi transborda todos os limites de ações de graça apropriados mesmo para um rei (cujas próprias sortes afetam as de muitas outras pessoas). Os frutos deste livramento são transcendentais, e algum vislumbre deles já foi visto na bênção “Viva para sempre o vosso coração” (26) invocada sobre os hóspedes. Agora, se estendem pelo espaço e pelo tempo, até que o Senhor receba a homenagem dos gentios (27-28), e a adoração dos orgulhosos (29). O versículo 29 dá uma olhada significativa em direção ao versículo 26, se deixarmos o texto hebraico falar por si mesmo como em RV: “Todos os gordos da terra hão de comer e adorar.” Isto é, todos aqueles que são auto-suficientes deixarão de lado a sua arrogância

⁸⁰ Embora “aflito”, no singular, é claramente correto no versículo 24, a nuance em 26 tende para “meigo” (AV, RV), ou “humilde” (NEB). As duas palavras são examinadas na nota de 18:27.

para acompanhar os “humildes” (ou *sofredores*) na festa (cf. 26), se quiserem ganhar a vida que não está ao alcance da autoridade deles (26c, 29c).⁸¹

Finalmente, a visão se estende a gerações ainda não nascidas (30-31), em termos que prevêem a pregação da cruz, contando a justiça (ou *libertação*, um sentido secundário desta palavra) de Deus, revelada na ação que empreendeu. O salmo, que começou com um brado de abandono, termina com a expressão *foi ele quem o fez*, uma declaração não muito diferente do grande clamor do nosso Senhor: “Está consumado”.

Salmo 23 **Pastor e Amigo**

A simplicidade deste Salmo tem profundidade e força por detrás dele. Sua paz não é uma fuga; seu contentamento não é complacência; há disposição para enfrentar as trevas e um ataque iminente, e seu clímax revela um amor que não acha satisfação em nenhum alvo material: somente no próprio Senhor.

23:1-4. O Pastor.

1. O **Senhor** aqui ocupa o lugar inicial e enfático, como sói acontecer nos Salmos, e o *meu* revela um relacionamento prometido que ousa vincular *O Senhor* é com a mera situação humana. Tudo no salmo decorre disto. Na palavra *pastor*, Davi emprega a metáfora mais compreensiva e íntima que até aqui se achou nos Salmos, pois usualmente preferia a palavra mais distante: “rei” ou “libertador”, ou a mais impessoal: “rocha”, “escudo”, etc. O pastor, ao contrário, vive com seu rebanho, sendo tudo para ele: guia, médico e protetor.

2. Os *pastos verdejantes*, ou campinas de relva, e as águas ao lado das quais se repousa (cf. o “lugar de descanso” que a arca procurava para Israel em Nm 10:33) se mencionam em primeiro lugar, porque mostram como o pastor, diferente do mercenário, pensa e observa em termos do seu rebanho. Se não agisse assim, faria um trabalho

⁸¹ Alternativamente, as duas metades do versículo 29 podem se referir aos vivos e aos mortos respectivamente; cf. Fp 2:10.

insuficiente; tão adequado como o do pai que não aprendeu a pensar e sentir como homem de família. Deus não teria adotado um rebanho, uma família, se não tivesse a intenção de formar uma vinculação permanente entre Ele e ela.

3. Depois da ternura do versículo 2, os tratos firmes e fiéis de Deus, neste versículo e no seguinte, podem ser vistos corretamente. *Refrigera* (ou “restaura”) a *minha alma* é uma expressão passível de mais do que uma interpretação. Pode retratar a ovelha desgarrada que é trazida de volta, como em Isaías 49:5, ou, talvez, 60:1 [heb. 2], que empregam o mesmo verbo no original, cujo significado transitivo é frequentemente “arrepender-se” ou “converter-se” (e.g. Os 14:1-2; Jl 2:12). 19:7, pelo seu sujeito (“a lei”), e pelo verbo paralelo (“dá sabedoria”), indica uma renovação espiritual deste tipo, mais do que mero refrigério. Do outro lado, *minha alma* muitas vezes significa “minha vida” ou “eu próprio”, e “restaurar” muitas vezes tem um sentido físico ou psicológico, como em Is 58:12, ou, com o emprego de outra parte do verbo, Pr 25:13; Lm 1:11, 16, 19. Em nosso contexto, parece haver interação entre os dois sentidos, de tal modo que o reconduzir ou a revivificação da ovelha retrata a renovação mais profunda do homem de Deus, por mais espiritualmente perverso ou enfermo que seja.

A mesma coisa acontece com as *veredas de justiça*, que, no que diz respeito a ovelhas, só significam “caminhos certos”, mas que têm, além disto, um conteúdo moral exigente para o rebanho humano (cf. Pr 11:5), cujos caminhos ou envergonharão ou vindicarão o bom nome do seu Pastor. Ez 36:22-32 desenvolve esta implicação penetrante da frase *por amor do seu nome*, mas acrescenta o corolário que Deus, para sustentar o Seu bom nome, nos transformará em novos homens, cujos caminhos serão os dEle.

4. O *vale* ou ravina, escuro é tão certamente um dos Seus “caminhos certos” como são os pastos verdejantes. Este fato tira boa parte do ferrão de qualquer provação. Além disto, a Sua presença vence a coisa pior que permanece: o temor. *Sombra da morte* é o significado literal de uma única palavra hebraica *šalmāwet*,⁸² que ocorre quase

⁸² Muitos comentaristas modernos revocalizam as consoantes para produzir uma forma hipotética *šalmūt*, que não conteria referência alguma à morte. As versões antigas, no entanto, não apóiam esta conjectura.

vinte vezes no Antigo Testamento, e este significado é o mais certo neste contexto. Em muitos lugares onde esta palavra ocorre, “morte” pode ser um tipo de superlativo, como na interpretação que NEB dá aqui: “escuro como a morte”, e no termo “profundas trevas” empregado por RSV noutras ocorrências. Uma tradução destas aqui (cf. nota de RP “O vale mais escuro”) alargaria a referência do versículo para incluir outras crises além da crise final. Embora a escuridão seja o pensamento principal na maioria dos contextos desta palavra no Antigo Testamento, a morte predomina em alguns poucos, inclusive neste versículo (na minha opinião). Em Jó 38:17, as portas de *šalmāweṭ* correspondem às “portas da morte” no mesmo versículo; em Jr 2:6, este termo descreve o perigo do deserto, que é um lugar de morte mais do que de escuridão especial. Nos outros trechos, LXX emprega “sombra da morte” como sua tradução mais freqüente da palavra. Em Mt 4:16 o acréscimo de “e” (“na região e sombra da morte”), trata “morte” como sendo algo mais do que o mero reforçar de “sombra”, e no cântico de Zacarias marca um clímax após “trevas” (Lc 1:79).

Tu, neste ponto de perigo, toma o lugar de “Ele”, no trato de pessoa para pessoa, pois o Pastor já não está adiantado, para guiar, mas ao lado, para escotar. Em tempos de necessidades, o companheirismo é bom; e Ele está armado. A *vara* (um cacete carregado à cintura) e o *cajado* (para ajudar a caminhar, e para recolher o rebanho), eram a arma e implemento do pastor: aquela para defesa (cf. 1 Sm 17:35), e este para o controle — sendo que a disciplina é segurança. Deixando de lado esta metáfora, somente o Senhor pode guiar o homem através da morte; todos os demais guias voltam para trás, e o viajante tem que prosseguir sozinho.

23:5, 6. O Amigo.

5. A figura de linguagem do pastor já serviu seu propósito, e passa a ser substituída por uma de maior intimidade. (A tentativa de sustentar a primeira metáfora, que às vezes se faz, a faria passar por um círculo inteiro, retratando homens como ovelhas que, por sua vez, são retratadas como homens — com sua mesa, cálice, e casa — um exercício sem muito proveito.)

Sobreviver a uma ameaça, como no versículo 4, é uma coisa; é coisa bem diferente transformá-la em triunfo. Todos os detalhes aqui

mostram este tom triunfante, desde a *mesa*⁸³ bem posta (para *preparas*, ver sobre 5:3) até ao *óleo* festivo (cf. 104:15; Lc 7:46), e o *cálice* que *transborda*. O quadro pode retratar calma certeza sob pressão, um equivalente veterotestamentário de Rm 8:31-39 ou 2 Co 12:9-10; um sinal de recursos infinitos na pior das situações. Sendo, porém, que o inimigo nunca é considerado levemente nas Escrituras, a não ser por um Ben-Hadade ou um Belsazar, é mais provavelmente a previsão de uma celebração de vitória na qual os inimigos estão presentes como prisioneiros; ou uma festa de acessão com rivais derrotados como hóspedes relutantes.

6. A perspectiva, no entanto, é melhor do que a de uma festa. No mundo do Antigo Testamento, comer e beber na mesa de alguém criava um vínculo de lealdade mútua, podendo ser o sinal culminante de uma aliança. Assim aconteceu em Êx 24:8-12, onde os anciãos de Israel “viram a Deus, e comeram e beberam”; assim também foi na Última Ceia, quando Jesus anunciou: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue” (1 Co 11:25).

Destarte, ser hóspede de Deus é mais do que ser um mero conhecido, convidado para o dia. É conviver com Ele. Há a sugestão de peregrinação no quadro de um progresso que termina *na casa do SENHOR*; era também uma viagem para casa, pois não eram somente os levitas que consideravam os átrios do Senhor como seu verdadeiro lar (como nos Salmos 42 e 84) Davi também, de coração e mente, ele, o homem dos afazeres do mundo: cf. 27:4; 65:4.

Misericórdia é a palavra da aliança, traduzida “bondade”, etc., noutros trechos (ver sobre 17:7). Juntamente com *bondade*,⁸⁴ sugere a generosidade e apoio sólidos com os quais se pode contar na família ou entre grandes amigos. No caso de Deus, estas qualidades, além de serem sólidas e dignas de confiança, são vigorosas — pois *seguir* não significa aqui formar a retaguarda, mas, sim, perseguir, tão seguramente como Seus juízos perseguem os ímpios (83:15).

⁸³ É um caso de engenhosidade mal empregada quando isto é emendado para “lança”, na suposição de ter sido reduplicada uma consoante. (E. Power, *Bib.* 9 (1928), pp. 434-442; apoiado por J. Morgenstern, *JBL* (1946), pp. 15-17, e por W. F. Albright, *inid.*, 420). Morgenstern (mas não Albright), também interpreta *cálice* como sendo um bebedouro, para então manter a metáfora de pastor/ovelhas. (Achei esta referência em A. R. Millard.)

⁸⁴ Cf. A. R. Millard, “For He is Good”, *TB* 17 (1966), pp. 115-117.

Para todo o sempre é literalmente (neste versículo) “para a duração dos dias”, que não é necessariamente, de si mesma, uma expressão para a eternidade. Sendo, porém, que a lógica da aliança divina não permite terminação alguma do Seu compromisso com os homens, conforme indicou nosso Senhor (Mt 22:32), o entendimento cristão destas palavras não as torce. “Nem morte, nem vida . . . poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8:38, 39).

Salmo 24 O Rei da Glória

Neste salmo majestoso, avançamos como participantes da procissão do Rei da Glória das províncias do Seu império para “a altura central”, com a cidade no seu cume. Se foi uma ocasião cerimonial que deu origem a este salmo, alguns a situariam na hipotética festa da entronização (ver a Introdução, III, pp. 18ss.). Não precisamos, no entanto, procurar outra ocasião senão aquela quando escoltou a arca “em cânticos, com harpas, com alaúdes . . .” de Quiriate-Jearim para o monte Sião (1 Cr 13:8), que certamente é comemorada em 132, e para a qual 68 talvez fosse escrito também.

Tradicionalmente, este salmo é cantado no Dia da Ascensão, e já inspirou muitas grandes músicas sacras para aquela ocasião. Delitzsch, no entanto, mostrou que o tema se interpreta melhor como sendo o do Advento, quando o Vencedor chega para possuir a cidadela que conquistou, assim como Davi e a arca transformaram a fortaleza dos jebusitas em monte e cidade do Senhor. Os Salmos que, conforme 1 Cr 16, foram cantados naquela ocasião (96 e partes de 105 e 106), têm a vinda final de Deus como seu ponto culminante.

24:1, 2. O Criador de Tudo.

Caracteristicamente, a palavra hebraica inicial e enfática é *Ao SENHOR*, no versículo 1, e *Ele* no versículo 2. A *Ele*, como Criador e Sustentador (2), retratado como fundador e estabelecedor da Cidade, pertence a terra em todos os seus aspectos: frutífera (1a), habitada (1b), e sólida (2). *Tudo o que nele se contém* (a mesma palavra traduzida “plenitude” em 98:7), faz pensar nas suas riquezas e fertilidade. Estas não pertencem em primeiro lugar ao homem, para explorar, mas, antes disto, a Deus, para a Sua satisfação e glória (cf. a mesma expressão

hebraica em Is 6:3). Este conceito do trecho não o diminui: enriquece-o, cf. 1 Co 3:21b, 23, e (citando nosso versículo) 10:25-26, 31.

Os Salmos reivindicam o mundo habitado (1b) para Deus como Criador (2), Rei e Juiz (e.g. 9:7-8). O Novo Testamento vai ainda além (Jo 3:16-17).

2. *Sobre* poderia ser traduzido “acima de” como em 8:1 [heb. 2] (RSV), mas a figura poética retrata a terra sólida que surge das águas, com alusão a Gn 1:9-10; cf. 2 Pe 3:5. *Correntes* ou “rios” (RSV) é correto, comparado com as antigas versões: “dilúvios”, ou NEB “águas abaixo”. Para o Antigo Testamento, “a espuma dos mares perigosos” tende a dominar tal cenário, sendo que as profundezas relembram a falta de forma (Gn 1:2), a ameaça (46:5) e intranquilidade (Is 57:20). No entanto (contrariamente à crença pagã) “dele é o mar”, tão certamente como “a terra seca”. Ver também 46:2-4; 74:13; 96:11.

24:3-6. O Santíssimo.

Compara-se o Salmo 15, e seus comentários, com esta estrofe. *Subir e permanecer* apresentam um belo quadro da adoração, complementando a outra expressão principal, “curvar-se”. É fazer uma busca deliberada (cf. Mc 9:2), é subir para um ponto de visão (cf. Gn 13:14ss., 19:27-28), é convergir sobre ele com outros buscadores (Is 2:2-3), e, finalmente, ficar em pé diante do trono (Ap 7:9).

4. *Sobre limpo de mãos* ver Isaías 1:15; 33:15; 1 Tm 2:8. *Sobre puro de coração* ver sobre 17:15. O significado de *entrega a sua alma* é iluminado em 25:1, onde (traduzido “elevo a minha alma”) é expressão paralela de “confiar”. Este objeto falso (lit. “vazio”) de confiança pode ser um ajudador inadequado (e.g. um ídolo, ou “o socorro do homem”, 60:11) ou um estratagema indigno como o das mentiras em 12:2 [heb. 3], a mesma “falsidade” que aparece aqui. A respeito de *jura dolosamente*, ver sobre 15:4c.

5. *A justiça* aqui tem quase o significado da justificação, o pronunciamento do juiz favorável à reivindicação ou petição da pessoa. Tudo que funciona como deve também é “justo” (ou “reto”): no tribunal, a parte inocente; no caráter, o homem honesto; nos negócios em geral, o sucesso. É provável que todos estes três estejam presentes neste contexto. O sorriso de Deus paira sobre este homem: ele tem aceitação, recebe ajuda para viver com retidão, e seus negócios andam como devem, com a *bênção* de Deus. Ver também sobre 23:3b; 65:5.

6. Para o significado de *geração* ver sobre 12:7; e quanto ao “buscar a face de Deus”, sobre 11:7 e 17:15. *Jacó*, no texto hebraico, consta sozinho (cf. AV), e faz pouco sentido sem o prefixo à LXX, *Deus de*. Ou esta palavra hebraica caiu ao ser copiado o texto, ou é possível que devamos ler “buscar tua face como Jacó” (supondo a haplografia da consoante *k*), fazendo-se referência à bênção e ao encontro direto em Peniel (Gn 32:29-30).

24:7-10. O Todo-Vitorioso.

A emoção deste desafio e resposta (que talvez tenham sido ritualmente encenados quando a procissão de Davi chegou às portas) representa diante de nós a elevadíssima estatura do Rei invisível, a grande antiguidade da fortaleza que está entrando para tomar para Si (ver os comentários iniciais sobre este salmo), e a vinculação entre este clímax e a história da salvação na sua etapa mais antiga (pois a expressão *poderoso nas batalhas* é apenas uma forma mais forte do título divino de “homem de guerra” que se ouviu pela primeira vez no cântico de vitória ao lado do mar Vermelho (Êx 15:3). A escalada completa uma marcha que começou no Egito, e, na realidade, os salmos que se citam em 1 Cr 16 como sendo aqueles que foram cantados nesta ocasião olham para trás até Abraão, e para a frente até a vinda do Senhor como Juiz. Se a terra é dEle (1, 2), e se Ele é santo (3-6), a interpelação aos “portais eternos” não é um exercício em cerimonial, mas (como em 2 Co 10:3-5), um brado de guerra para a igreja.

Salmo 25 Um Alfabeto de Súplica

O alfabeto hebraico, com alguma irregularidade ocasional, forma o arcabouço deste salmo, cujas preocupações principais são, pela ordem: a pressão dos inimigos, a necessidade de orientação, e o fardo da culpa. A tonalidade é suave, e a confiança do cantor se revela mais na espera paciente do que no irrompimento de regozijo que às vezes marca o ponto alto de um salmo deste tipo. O versículo final, deixando o esquema alfabético, reivindica para Israel aquilo que Davi pediu para si mesmo, transformando uma petição pessoal em hino para a congregação inteira.

Inimigos.

Entende-se que os inimigos, raramente ausentes dos salmos davídicos, se opõem a Davi ideologicamente, e não somente pessoalmente. A vitória deles não somente desmoralizaria a ele (2) como também a tudo quanto representava, i.e., sua convicção que o homem deve viver pela ajuda de Deus, e não pela sua própria astúcia (3). Os versículos 20 e 21 voltam a este tema e o esclarecem, ao definirem a *sinceridade* e a *retidão* como sendo a defesa dele (o que os inimigos dele desprezariam como ingenuidade), confessando que, sem Deus, esta não resistiria as armas mundanas da traição (3; cf. o *laço*, 15) e do ódio (19). Desta maneira, o inimigo não conseguiu ditar a Davi as regras da batalha. Aqueles que cantam este salmo professam a mesma atitude dele.

Orientação.

Este é um tema de significância primária. Pede-se em primeiro lugar a instrução na vontade geral de Deus: notem-se os plurais, *conhecer os teus caminhos . . . as tuas veredas* (4). Aqui não há o espírito interesseiro que possa motivar pedidos para orientação especial, e lança os alicerces para decisões certas: “faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb 5:14). Outras características desta oração são: primeira, a persistência — o ficar pacientemente alerta pelo “primeiro sinal da sua mão”, que se vê nos versículos 5c, 15 (cf. 123:2); segunda: a penitência — o reconhecer-se como *pecador* (8) e não como aluno capaz e merecedor, com a tendência e culpa do pecador; terceira: a obediência — a atitude dócil que se entende pelas palavras *humilde* e *manso* (heb. *’ānāw*, 9, a segunda palavra considerada em 18:27); e quarta: a reverência (*teme*, 12, 14) — a piedade singela que Deus honra com Sua *intimidade* (14), ou “amizade”, que é a palavra hebraica *sôd*, que é tanto “concílio” como “conselho”: o círculo dos colegas íntimos e os assuntos que se debatem com eles (cf. “conselho”, Jr 23:18, 22; “segredo”, Am 3:7). Esta abordagem inteira da orientação é pessoal e madura, bem diferentes da busca basicamente pagã de diretrizes e augúrios basicamente irracionais (cf. Is 47:13).

A Culpa.

As referências à culpa são breves, porém sinceras e recorrentes. Sua solução não é o tempo, mas, sim, a graça divina (7), prometida na

aliança (ver sobre “bondade e misericórdia”, 23:6). O “lembrar-se” de Deus é ativo e certo (ver sobre 8:4). Seus aspectos alternativos aparecem claramente aqui: *Não te lembres dos meus pecados . . . Lembra-te de mim* (7). Nada há leviano no apelo ao amor conforme a aliança, como se meramente evitasse o castigo. Deus “instrui os pecadores” não somente pela Sua bondade e misericórdia (cf. 7), mas por ser Ele mesmo *bom e reto* (8) e, portanto, zeloso por reproduzir estas qualidades nos homens. Quanto a Davi, lastima a sua culpa (11), sensível à separação entre ele e Deus (cf. *Volta-te para mim*, 16; *perdoa*, 18), que é o problema mais profundo dos versículos 16-18.

Confiança.

A palavra propriamente dita já se emprega no início (2), mas esta atitude também aparece nas declarações a respeito de Deus (e.g. 5b, 8-10, 14-15), e na importância atribuída ao esperar por Ele (3, 5, 21; indiretamente 15). *Esperar* é aceitar o tempo — e a sabedoria — dEle. Marcava a diferença entre as atitudes para com Deus, de Davi e de Saul (1 Sm 26:10-11; 13:8-14), e entre a de Isaías e a de Israel (Is 30:15-18). A palavra original empregada no salmo sugere um aspecto tenso: a confiança é zelosa, esperançosa, mais do que uma forma de resignação. No fim do salmo, esta esperança ainda não foi realizada, mas continuava-se a esperar. É por isso que este salmo se torna tanto mais relevante para aqueles que não recebem a radiante certeza que irrompe, e.g., em 6:8ss.; 20:6ss.; etc. Cf. o encorajamento tranqüilo de Is 30:18; 64:4.

Salmo 26 A Devoção Pura

O âmago deste salmo é o deleite que se sente totalmente ocupado pela presença e pela casa de Deus (versículos 6-8), uma confissão que nos envergonha com nossos “desejos fracos”. Os demais versículos indicam a fonte desta alegria, que está mais no domínio da escolha do que no do temperamento: a escolha dispendiosa da lealdade, que levou Davi a depender tão somente da proteção que vem de Deus, tornando-lhe claro onde ficam seu coração e seu tesouro, e qual é a convivência na qual se sente supremamente à vontade.

Em cada um dos Salmos 26, 27, 28, surge à tona a casa de Deus. No 26, o adorador, ao se aproximar, é esquadrihado pela exigência de

Deus quanto à sua sinceridade (cf. 15 e 24), e, no versículo final, regozija-se por ter sido admitido. No 27, vê esta casa como o refúgio dos seus inimigos, e como o lugar da visão, face a face com Deus. No 28, traz a sua petição, estendendo as mãos como suplicante, em direção ao Santo dos Santos, e recebe a sua resposta.

26:1-3. Nada Para Esconder.

Neste início, os semelhantes de Davi ainda não entram no quadro, embora sua atitude defensiva já dá a entender como eles são. Com o brado: “Senhor, seja meu juiz!” (JB), tem o bom senso de passar por cima tanto de amigos como de inimigos no seu apelo. É o segredo da verdadeira independência, conforme Paulo descobriu mais tarde, nas correntezas complexas da crítica e da intriga; cf. 1 Co 4:3-5. Quanto à sua alegação de ter razão, e à sua disposição para ser julgado, ver sobre 5:4-6; nota-se também que o próprio Deus emprega a palavra *integridade* com respeito a Davi em 1 Rs 9:4. Seu significado básico é algo inteiro, no sentido de sinceridade (“coração inteiramente dedicado”), mais do que impecabilidade. Quando Davi pensava detalhadamente sobre o seu modo de viver, e não meramente na sua lealdade de modo geral, suas petições no sentido de ser esquadrinhado e conhecido já não eram uma exigência, mas, sim, uma entrega total.

A frase *sem vacilar* (1) é lit. “não deslisarei”, que se refere ou ao resultado da sua confiança, ou, mais provavelmente, à sua qualidade. Outra expressão com dois sentidos possíveis é *na tua lealdade* (3), lit. “na tua verdade” (AV, RV, NEB), sendo que a “verdade” no Antigo Testamento é, em grande medida, a fidelidade ou lealdade. Gramaticalmente é mais fácil considerá-la como lealdade da parte de Deus, do que da parte de Davi (no caso de se traduzir: “em lealdade a ti”). Assim, se emparelha com *a tua benignidade*. Talvez possamos descobrir uma mudança significativa de ênfase entre “*minha integridade*” no versículo 1 e “*tua lealdade*” aqui.

26:4, 5. Nada em Comum.

Se acharmos que estes versículos têm um som de arrogância, não os entendemos. Estes homens são potencialmente aliados ou inimigos, e Davi fez a sua escolha. Odiar o convívio deles não é questão de preferência social, mas de alinhamento espiritual; *súcia* aqui significa uma congregação ou partido, no sentido de grupo rival ao povo de Deus. O

caráter e o reino de Davi estavam em jogo nesta escolha de associados, que é também aquilo que determina o caráter de qualquer empreendimento. Em cada um destes dois versículos, há um tempo de verbo decisivo, seguido por um verbo contínuo; uma atitude bem definida, e a resolução de que será mantida. Ver também sobre versículo 11.

26:6-8. Para Dentro dos Seus Átrios.

A precisão seca dos Livros da Lei floresce com vida com esta olhada numa procissão de cânticos em derredor do altar no átrio aberto. A cena fica ainda mais animada em, e.g. 27:6; 42:4; 68:24ss. Havia, entre o altar e a tenda, uma bacia onde os sacerdotes lavavam as mãos e os pés antes de se aproximar de qualquer um deles (Êx 40:30-32); e Davi vê a lição moral disto, no espírito de 24:4 (veja as referências ali).

7. Para exemplos de um "cântico de ações de graças" pessoal, que acompanharia o sacrifício de Lv 7:12ss., ver e.g. Salmo 40 ou 116; e quanto à lembrança coletiva dos milagres de salvação operados por Deus (Suas *maravilhas*) ver salmos tais como 78, 105, etc. Destas duas maneiras, o passado continua vivo para enriquecer o presente e dar precisão ao louvor.

8. O amor, como o ódio no versículo 5, é fundamentalmente uma expressão de escolha: o coração dele está aqui, e não com os mundanos. Seu coração, no entanto, já se apegou à escolha e à convivência que ela subentende. A palavra *habitação* não precisa ser alterada para "beleza" (NEB), sendo esta última a maneira de a LXX ler as consoantes hebraicas na ordem inversa. *Habitação* acrescenta ênfase à frase *onde tua glória assiste*, para não perdermos a maravilha de termos Deus residindo entre nós. No deserto, Sua *glória* permanecera visivelmente sobre o tabernáculo (Êx 40:34ss.), e, no judaísmo, a palavra que representa "habitação" — *shekînah*, veio a ser o termo padronizado para definir fatos desta natureza. É em Jo 1:14, no entanto, que temos a declaração da realidade prenunciada na nuvem e no fogo: "E o Verbo se fez carne, e habitou" — note-se o termo⁸⁵ — "entre nós . . . e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai."

⁸⁵ "Habitou", ou "tabernaculou", provavelmente contém uma alusão deliberada ao Tabernáculo de Deus no deserto; além disto, a semelhança entre a palavra grega *skênē* ("tenda") e o termo hebraico *Shekinah* poderia muito bem ter influenciado a escolha de verbos feita por João.

26:9, 10. Homens Sem Futuro.

O quadro suposto pela palavra *colhas* é o do ajuntamento de tudo aquilo que vai ser jogado fora, de modo semelhante à parábola do joio em Mateus 13:30. Davi tem consciência de que, por mais ardentemente que tenha desejado rejeitar o caminho dos malfetores (4, 5), o que conta é o veredito sobre ele pronunciado por Deus, diante de Quem precisa comparecer como suplicante. O resumo da matéria fica para a estrofe final.

26:11, 12. Amor Sem Medo.

Estes dois versículos dão uma visão bem equilibrada da profissão de um homem piedoso. Seu primeiro elemento é a *integridade*, i.e., a dedicação do coração (ver sobre versículo 1); e Davi aqui mostra-se resoluto em persistir neste caminho, ao mudar o tempo do verbo, de “tenho andado” (1) para (lit.) “andarei” (cf. o comentário final sobre os versículos 4, 5, acima). Trata-se de lealdade, e não de justiça-própria, sendo que o segundo elemento é profunda humildade (11b): uma confissão da incapacidade de passar sem ajuda (*livra-me*) e da falta de merecimento para ter direito a ela (*tem compaixão de mim*). O terceiro elemento é a confiante certeza (12), porque ninguém implora (11b), nem confia (1b), em vão. E assim, o salmo que começou de modo defensivo, com os inimigos dos fiéis bem em mente (ver sobre versículo 5), termina com louvor e com a alegria de acrescentar a voz àquelas das multidões dos companheiros na fé (nota-se o plural de *congregações*).

Salmo 27**Minha Luz e Minha Salvação**

Este salmo veemente e eloquente desenvolve os temas que compartilha com seus vizinhos mais suaves, os Salmos 26 e 28: a proteção pelo Senhor, a alegria da Sua casa, e a lealdade e confiança inquestionáveis daquele que canta. Ver o segundo parágrafo introdutório do Salmo 26.

27:1-3. De Quem Terei Medo?

Luz é uma figura de linguagem natural para representar quase tudo quanto é positivo, desde a verdade e a bondade até a alegria e a vitalidade (e.g., respectivamente, 43:3; Is 5:20; 97:11; 36:9), para mencionar poucos. Aqui temos a resposta ao *medo* (1, 3) e às forças do mal. Estas não são subestimadas: a *fortaleza* necessária para o refúgio

ressalta que elas podem *destruir* a própria vida. No versículo 2 temos o quadro do inimigo como uma alcatéia de lobos; há também a posição enfática de *eles é que tropeçam e caem* no desenlace final. Podemos sentir as ameaças representadas no versículo 3, ao lembrarmos a situação desesperadora de Davi em 1 Sm 23:26-27, ou a de Eliseu em 2 Rs 6:15. Cf. também Êx 14:19-20, 24, onde o Senhor era não somente uma luz para iluminar o caminho, como também uma barreira intangível contra o perseguidor.

27:4-6. Refúgio na Casa do Senhor.

Como no caso do famoso trecho 23:6, não se trata da ambição de ser sacerdote ou levita; é o desejo de desfrutar a presença de Deus, que é tipificado pela vocação deles. Note-se a singeleza de propósito (*uma coisa*) — a melhor resposta aos temores que desviam a atenção (cf. 1-3) — e as prioridades dentro daquele propósito: *contemplar e meditar*; assim se ocupa com a Pessoa de Deus, e com a Sua vontade. Esta é a essência da adoração e, de fato, do discipulado, e será desenvolvida nos versículos 7-12.

Estes versículos (4-6) oferecem variações sobre o tema da casa do Senhor, colocando vários termos aplicáveis a uma moradia. *Templo* (4) é a palavra padronizada para uma residência divina ou real (cf. 45:15 [heb. 16], “palácio”), e não dá a entender forçosamente que o Templo de Salomão já existia. Esta palavra, bem como *tabernáculo* (6), quando diz respeito ao lugar de culto, se emprega pelas suas associações religiosas, e não pelos materiais de construção (ver também sobre 5:7), pois não se pode interpretar ambas literalmente. Notam-se também os termos vívidos do versículo 5, onde *recôndito* é uma palavra que, quando se trata de animais, é traduzida “covil” (a “caverna” do leão em 10:9; cf. também 76:2a [heb. 3] com Am 1:2; 3:8). Neste versículo (5), *tabernáculo* fala da proteção dedicada que um hóspede receberia do seu hospedeiro, e *rocha* desperta lembranças dos refúgios de Davi nas montanhas: ver sobre 18:1-3. A respeito do *tabernáculo* de culto no versículo 6, e as ações de graça exuberantes, cf. 2 Sm 6:14-17; 26:6-8.

27:7-12. Tua Face . . . Tua Vereda.

A cena triunfante retratada acima ainda está no porvir; na situação descrita aqui, há pouco sinal do favor de Deus ou de qualquer pessoa. Davi volta-se à coisa única à qual se afeiçoou (cf. 4), e firma-se no fato de

que a primeira iniciativa já partiu de Deus, afinal das contas. Deus não requererá nosso amor (8a) sem nos dar o dEle (9a). A linguagem do versículo 10 é hipotética, não havendo qualquer sugestão que os pais de Davi o repudiaram — é que o amor de Deus persiste além do ponto onde se rompe a resistência humana, e, realmente, começa onde o amor humano se esgota. Cf. “Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama?” (Is 49: 15).

Davi, no entanto, não é apenas um adorador que busca a *presença* de Deus (8ss.); é também um peregrino que se compromete a seguir Seu *caminho* (11), ao longo do qual encontra resistência a cada passo. O mundo é bem presente para ele, e a oração em prol da *vereda plana* não pede conforto, e, sim, progresso certo (como termo moral, significa o que é reto, direito) onde qualquer desvio dele seria aproveitado pelos inimigos. Estes são representados pela expressão *os que me espreitam* (traduzida “adversários” em 5:8), que, segundo a derivação provável do original, contém a idéia de vigilância; cf. Lucas 11:54. No versículo 12, a *vontade* pode ser interpretada como “apetite”, voltando-se ao quadro predatório do versículo 2.

27: 13, 14. Crer e Esperar.

Embora alguns dos salmos contenham um oráculo de resposta (ver sobre 12:5, 6) ou um surto de louvor que é evidência de uma resposta, ouvida interna ou externamente (cf. 28:6-7), outros mostram o salmista suportando tudo só com a sua fé, como nós talvez teremos que fazer.

O texto hebraico do versículo 13 tem uma palavra que os escribas judeus marcaram como texto duvidoso (as versões antigas não a têm). Se for autêntica, daria vazão a uma interpretação assim: “A não ser que cresse que veria a bondade do SENHOR na terra dos viventes . . .” onde o restante da frase fica aberto à imaginação (como agüentaria! etc.). Cf. AV, RV; e ver Êx 32:32 para esta construção. O sentido não fica alterado de modo significativo. No versículo final, pode ser que o salmista se dirija a qualquer pessoa que sofre provações, ou pode ser que fale a si mesmo (como, e.g., em 42:5, etc.), para fortalecer a sua resolução. Nota-se o singular de *teu* e dos verbos, em contraste com o plural 31:24; ver o comentário ali. Pode ser, outrossim, que se trate do oráculo de Deus, dando a resposta. Seja como for, o suplicante nada mais tem como solução do que a certeza de que vale a pena esperar por Deus. Isto, porém, é suficiente.

Salmo 28
A Resposta ao Suplicante

Neste salmo, que parece ser o terceiro num grupo pequeno (ver o segundo parágrafo introdutório do Salmo 26), é muito forte o temor de ser contado com os ímpios e lançado fora, talvez pela morte prematura. A resposta é clara, porém, e o cantor se encoraja ao ponto de pedir uma libertação semelhante para o povo como um todo.

28:1, 2. O Suplicante.

A situação é provavelmente de doença ou de profundo desespero, e o medo não é o horror da morte em si mesma, mas da morte em circunstâncias de vergonha não merecida. A *cova* às vezes é mero sinônimo de Seol (ver sobre 6:5), mas também pode sugerir suas maiores profundezas no sentido de masmorra para os piores pecadores (cf. Is 14:15, 19; Ez 32:27 com, e.g., 29-30).

2. As mãos erguidas podem exprimir muitos aspectos da oração: aqui, suplica-se um favor, com mãos vazias; em 63:4, trata-se do gesto da vontade de alcançar a Deus; em Êxodo 17:9ss., é a intercessão que roga o poder dos céus sobre outras pessoas. Ver também 1 Timóteo 2:8. A palavra para o *santuário* interior é *d^ehîr*; um nome que aparece, fora deste versículo, pela primeira vez nas descrições do Templo de Salomão. Isto não precisa ser uma indicação de que este salmo é posterior aos tempos de Davi; apenas indica que esta palavra já se tornara o termo padronizado para o lugar onde ficava a arca, já nos tempos de Salomão, o que sugere que seu emprego era bem anterior a isto.

28:3-5. Justiça!

Ainda pior do que ser entregue à vontade dos ímpios (o temor em 27:12), é ser entregue *com* eles à vergonha que mereceram. Foi este o erro judicial temido em 26:9-10, e enquanto a figura de linguagem ali retratava a remoção de lixo, aqui retrata o arrastar de prisioneiros para o lugar de castigo. A injustiça ferrea mais agudamente do que qualquer outra coisa, e é assim que devemos sentir; por isso, estes versículos não são vindicativos apenas, mas expressam em palavras o protesto de qualquer consciência sadia ao ver as injustiças da ordem atual das coisas, e a convicção de que um dia de juízo é uma necessidade moral. É neste sentido que os eleitos de Deus "clamam a ele dia e noite", e percebem que Sua ira já foi despertada (Lc 18:7). Ver sobre Salmo 10 e 7:6-16. Para maiores detalhes, ver a Introdução, V, págs. 38ss.

28:6, 7. O Suplicante é Ouvido.

Quanto à certeza da resposta da parte de Deus, ver sobre 12:5, 6. Os retratos do Seu poder salvador, tanto ativo (*força . . . apascenta-os*) como defensivo (*escudo . . . refúgio*) agora surgem em profusão (6-9), enriquecendo o louvor; mesmo assim, a metáfora solitária no versículo 1, *Rocha minha*, talvez ultrapasse todos, como clamor urgente da fé sob provação. O versículo pode ser um lembrete disto, interpretando-se ao pé da letra os tempos dos verbos em hebraico: “nEle o meu coração confiou, e serei ajudado; e o meu coração exultou, e com o meu cântico o louvarei.”

28:8, 9. A Bênção Repartida.

Davi agora argumenta na base de ser ele mais que um cidadão particular. Como *ungido* (o termo que, no original, é a base da palavra Messias) do Senhor, representa o seu povo, para o qual a graça de Deus por certo também é destinada. (Este era um princípio que ainda haveria de ser plenamente elaborado no Novo Testamento: e.g. Ef 1:3ss.) Há uma pequena dificuldade textual no versículo 8, onde o hebraico tem “deles” ao invés de *teu povo*, causada pela omissão de uma letra. As versões antigas apóiam o texto que se traduz por *teu povo*, expressão esta que também aparece no versículo 9, o que deixaria claro o sentido em qualquer caso. Esta oração final foi citada para fazer parte do Te Deum, onde sua familiaridade pode nos fazer passar despercebido o paradoxo de *tua herança* (pois é maravilhoso que Deus nos considere Sua possessão mais valiosa). O mesmo Te Deum perde o rico conteúdo do hebraico: *apascenta-os*, com seu verbo acompanhante “sustenta-os” ou *exalta-os* (como em Is 63:9; cf. Is 40:11, e as variações no tema de carregar em Is 46:1-7), ao traduzir “governa-os”.

Salmo 29**O Rei por Cima da Tempestade**

A gloriosa majestade do Senhor domina este poema, com o cenário inicial no céu, onde seres sobrenaturais Lhe prestam homenagem; com o impulso violento da tempestade que entra do lado do mar, passa pela totalidade de Canaã e vai indo pelo deserto afora; e com o clímax sereno, enquanto os trovões desaparecem, o Senhor aparece entronizado em julgamento sobre Seu mundo, mas também para ser uma bênção entre Seu povo.

As repetições insistentes relembram o estilo de algumas das poesias hebraicas mais antigas, e.g. o Cântico do Mar (Êx 15), os oráculos de Balaão (Nm 23 e 24) e o Cântico de Débora (Jz 5). A poesia cananita antiga era semelhante neste aspecto.⁸⁶ Seja que Davi formasse o salmo com fragmentos de linguagem antiga, seja que se voltasse a um estilo que relembraria os hinos antigos de guerra que relembravam o salvamento divino,⁸⁷ o vigor primitivo destes versículos, com suas dezoito repetições do nome Javé (o SENHOR) acompanha maravilhosamente bem o tema. Ao mesmo tempo, a estrutura do salmo evita o perigo da monotonia, por seu movimento entre o céu e a terra, pelo caminho da tempestade, e pela transição final da natureza conturbada para a paz do povo de Deus.

29:1, 2. Homenagem no Céu.

Os *filhos de Deus* são seres celestiais, “filhos de *’ēlīm*”.⁸⁸ É provável que não se trate de um desafio aos deuses falsos como o de 97:7; é um convite aos anjos, julgando pelo emprego deste mesmo termo em 89:5-7. Estes mesmos dois versículos são citados em 96:7-8, onde se dirigem à humanidade em geral. Aqui se ouvem ambas as notas da verdadeira adoração, nas palavras *tributai glória* e *adorai* (ou “curvai-vos”), porque a primeira convoca a mente (e “orações e mãos e vozes” conforme diz certo hino) para declarar a grandeza de Deus, e a última conclama a vontade para adotar a atitude humilde de serva. Notem-se as palavras *glóriae santo* na adoração angelical; são as mesmíssimas que expressam os louvores dos serafins em Is 6:3, onde “santo” fala daquilo que Deus é, e “glória” de tudo quanto procede dEle. Sua glória como Criador enche a terra inteira, conforme cantaram os serafins, mas a

⁸⁶ Cf. W. F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan* (Athlone Press, 1968), pp. 4-25.

⁸⁷ A LXX acrescenta ao título do salmo uma alusão à sua própria tradução de Lv 23:36, indicando que era empregado nas Festas dos Tabernáculos, que comemorava a viagem pelo deserto. Agora, porém, é um salmo para Pentecoste, e é muito possível que assim fosse empregado na época do Novo Testamento (ver sobre versículo 7, abaixo). O Talmude o indica para esta festa (Sopherim 18:3).

⁸⁸ *’ēlīm* é o plural de *’ēl*, que é um sinônimo de *’elōhīm*, Deus. Quanto a *’elōhīm* como “anjos”, ver sobre 8:5, 6. Numa certa expressão composta, *’ēl* significa “poder” (Gn 31:29; Dt 28:32, etc.); daí AV, RV arriscarem: “os poderosos”. Alguns MSS têm uma consoante adicional, pelos quais LXX e Vulg. entendiam “carneiros” (cf. PBV “trazei carneiros jovens”). A passagem paralela, 96:7-8, no entanto, dá a entender que *’ēlīm* aqui, como “famílias” ali, são os adoradores, e não as ofertas.

glória do seu nome é a revelação explícita de *quem* Ele é, dada aos Seus servos através das Suas palavras e obras. A verdadeira adoração reflete isto, no amor e admiração dados a Ele. *Na beleza da santidade* é a tradução literal de uma expressão que tem sido interpretada também como “com vestes santas”.⁸⁹ Acha-se também em 96:9; 110:3; 1 Cr 16:29; 2 Cr 20:21; e, embora possa ser interpretada destas duas maneiras em todos estes trechos, o último destes inclina a balança para o sentido “literal”, entendendo-se que se trata da santidade de Deus mais do que da dos homens.⁹⁰ Aqui, podemos entender esta linha assim: “Adorai ao SENHOR por causa do⁹¹ esplendor da (Sua) santidade.”

29:3-9. O Caminho da Tempestade.

A voz do SENHOR é imediatamente relacionada ao trovão (3); ressalta-se porém, que é dEle mesmo, proclamando o poder do Seu criador, e não meramente o da Natureza. Em alto mar, soando acima do bramido das ondas, estes ribombares de trovão celebram o Senhor como Soberano e Juiz (ver a confirmação no versículo 10), dominando o próprio elemento que parece mais ingovernável (cf. 93:3-4). Depois, enquanto a tempestade avança sobre a terra, revela seu alcance bem como sua força, passando rapidamente do *Líbano* e de *Siriom* (o monte Hermon: Dt 3:9) no extremo norte, para *Cades* (8) no extremo sul, onde Israel permanecera por um tempo no deserto com Moisés. Com os versículos 5 e 6, compare-se Is 2:12ss., trecho este que profetiza o Dia do Senhor, quando, então, *cedros* e montanhas, juntamente com tudo quanto os homens acham impressionante, serão abatidos. Embora toda demonstração do poder de Deus traga consigo uma lembrança deste juízo final, neste salmo o tom dominante é de alegria emocionante, que é expressada no grito de aclamação no versículo 9c.

⁸⁹ JB e Gelineau lêem “seu átrio sagrado”, seguindo a LXX e a Vulg. Esta variação da leitura, no entanto, entra em colapso em 2 Cr 20:21, onde a LXX e a Vulg. diferem entre si e do TM. De modo ainda mais precário, Weiser (cf. Dahood), tem “quando aparece no seu santuário”. Isto se baseia na palavra ugarítica *hḏrt*, “sonho” = ? “visão” = ? “teofania” — uma longa corrente lingüística com mais de que um elo fraco.

⁹⁰ Em 2 Cr 20:21, a construção “dando louvor ao esplendor da santidade” corresponde a “dar louvor ao Senhor”, dois versículos antes (isto numa interpretação literal, não seguida pelas versões). Daí NEB ter ali: “louvam o esplendor da sua santidade.”

⁹¹ A preposição é a mesma que há em 150:1, 2a; veja o comentário.

Neste grupo de versículos, há algumas dúvidas em aberto, quanto à tradução. *Despede* (7) é lit. “talhar”, que a LXX traduz como “dividir”. Há alusão aos raios, talvez por analogia com as chispas que se produzem ao talhar-se o seixo ou há, talvez, um quadro do raio bifurcado (“dividido”).⁹² Pode-se notar, de passagem, a conjunção do fogo, do forte vento, e da voz do Senhor (embora em forma bem diferente) no dia de Pentecoste (At 2:1-4), a festa para a qual o Talmude indica este salmo (ver a nota 87, pág. 134). Nos versículos 8 e 9, as palavras *faz tremer* e “*faz girar*” (alternativa de *faz dar cria*, ver abaixo) são partes de um verbo hebraico que basicamente retrata o contorcer-se ou girar, ou em dores de parto ou em danças: dá uma idéia vívida das tempestades de areia no deserto e de florestas que se debatem nos ventos. Em 9a, RSV modifica as vogais tradicionais (que não constavam no texto original), o que resulta numa palavra hebraica que significa “carvalhos”, e não “corças”. Então, interpretando o verbo citado acima, teremos: “A voz do SENHOR balança os carvalhos.” Evita-se assim o pulo estranho daquilo que é tremendo para aquilo que é obscuro e que não representa parte do quadro, que deve ter sido notado por aqueles que leram o salmo e ficaram sem saber de que se tratava. Isto porque, embora *faz dar cria às corças* seja uma tradução concebível de 9b,⁹³ dificilmente pode ser o auge de uma tempestade desta grandeza, juntamente com a expressão: *e desnuda os bosques*, com um crescente apropriado, sem anticlímax.

O clímax mesmo é a resposta na forma de um brado de *Glória!* Esta é a resposta de humildade, alegria e compreensão que demonstra que, para alguns pelo menos, a tempestade não é o irrompimento de forças hostis ou sem significado; pelo contrário, trata-se da voz do Senhor, ouvida em todas as Suas obras. *Tudo* é lit. no hebraico: “tudo dele”, ou seja, tudo quanto há no templo. Alguns comentaristas entendem que há referência ao santuário celestial; mas o da terra, sendo “figura e sombra” (Hb 8:5) daquele, servia ao mesmo propósito, pois, pela sua própria forma e rituais, expressava a glória de Deus, de modo ainda mais impressionante do que as demonstrações mais impressionantes de poder. E o que era verdade no que diz respeito ao santuário material, se aplica ainda mais àquilo que Deus requer dos Seus templos vivos, sejam

⁹² Dahood vê um acusativo instrumental aqui, i.e., “racha (os cedros) com dardos de fogo”. Esta construção, porém, é atestada em ugarítico e não em hebraico bíblico, e exigiria que o versículo 7 seguisse imediatamente após versículo 5.

⁹³ Cf. G. R. Driver, *JTS* 32 (1931), p. 255.

coletivos, sejam individuais (1 Co 3: 16-17; 6: 19): é que toda parte de um santuário destes deve gritar: "Glória!"

29:10, 11. Salvação na Terra.

A palavra traduzida *dilúvios* tem significação especial, pois não se acha em outro trecho bíblico senão em Gn 6-11, e isto somente a respeito do dilúvio de Noé. Aqui temos o exemplo supremo das forças da natureza deliberadamente desencadeadas. Os tempos verbais hebraicos, traduzidos literalmente, revelam como isto é decisivo: "O Senhor estava entronizado para o Dilúvio; o Senhor está entronizado como Rei para sempre" (JB; cf. RV, Gelineau).⁹⁴ O versículo final pode ser interpretado (como em RSV) como uma oração, mas é mais provável que seja um futuro simples: "O SENHOR dará . . . o SENHOR abençoará". Assim termina o salmo, mostrando que o poder de Deus não é força bruta, mas o instrumento de julgamento (o Dilúvio, 10) e da salvação. Delitzsch expressa isto de modo magnífico no comentário: "Esta palavra final *com paz* é como o arco-íris por cima do Salmo. O começo nos mostra o céu aberto . . .; e o fim nos mostra Seu povo vitorioso sobre a terra, abençoado com paz no meio da terrível expressão da Sua ira. *Gloria in excelsis* é o começo, e *in terra pax* o fim."

Salmo 30

Converteste o Meu Pranto em Folgedos

O título declara que este salmo é "Cântico da dedicação da casa", que pode ser a Casa de Deus, mas que também pode ser entendida como a de Davi (2 Sm 5:11). Ambas interpretações são possíveis (cf. os folgedos no versículo 11 com 2 Sm 6:9, 14, e ver o comentário sobre 5:7); em qualquer dos casos, Davi finalmente emergiu das suas provações iniciais, e entrou num período mais feliz. Sem este título, porém, o Salmo poderia ter sugerido simplesmente o restabelecimento depois de uma doença — o que dá algum apoio à teoria que diz que certas frases nos títulos devem ser entendidas como pós-escritos ao salmo anterior (ver, e.g., 29:1, 2, 9c, que poderiam fazer parte da Dedicação, embora 3-9b seriam menos apropriados). Cf. Introdução, VI, c. 3, págs. 52ss.

⁹⁴ Ver S. R. Driver, *Hebrew Tenses* (Clarendon, 1892), p. 91.

A estrutura do salmo é simples, havendo dois irrompimentos de louvor, um de cada lado da confissão nos versículos 6-10 do exagero da confiança-própria, com seus resultados drásticos. O prazer sincero de Davi por ter sido restaurado brilha em cada palavra, sem a passagem do tempo o ter ofuscado.

30:1-5. O Salvamento.

A qualidade vívida da expressão *Da cova fizeste subir a minha alma* é bem precisa: é a expressão que se emprega a respeito de puxar um balde do fundo de um poço. Aquela cova era profunda como a morte (sobre *Sheol*, ver sobre 6:5), e a ameaça veio da doença (2b) mais do que da guerra. No meio da sua aflição, no entanto, Davi tinha ânimo suficiente para se preocupar em primeiro lugar a respeito de deixar o inimigo rir por último (1b) — assim como Ezequias, mais tarde, se desgostaria com a idéia de ver morrerem, no nascedouro, as suas esperanças e empreendimentos (2 Rs 19:3). Cf. a preocupação positiva de Paulo em At 20:24, e seu cumprimento em 2 Tm 4:7.

5. Esta comparação,⁹⁵ que aqui se expressa de modo maravilhoso, é levada ainda mais longe no Novo Testamento, no conceito de tristeza que *produz* alegria (2 Co 4:17; Jo 16:20-22; mas cf. também 126:6-7), e no contraste entre aquilo que é momentâneo e aquilo que é eterno (e não meramente no decurso de uma vida), e entre os problemas que têm pouco peso, e o “eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2 Co 4:17). A palavra traduzida *vir*, neste versículo, sugere a visita para pernoitar; pode-se tirar o seguinte sentido da linha: “Ao entardecer, o choro pode chegar para passar uma noite . . .”

30:6-10. A Jactância Estulta.

Prosperidade. Quando se emprega a raiz hebraica que dá origem a esta palavra, as circunstâncias fáceis e o ponto de vista despreocupado não estão longe. Cf., e.g., o descuido em Jr 22:21 e a complacência fatal de Pr 1:32. Em Provérbios, porém, o versículo seguinte mostra a diferença entre o descuidado e aquele que é realmente livre de preocupações.

⁹⁵ NEB segue LXX, Vulg. e Sir., que lêem, segundo parece *rôgez*, “agitação”, “ira”, ao invés de TM *reça*, “momento”. O TM, porém, tem mais conteúdo, e concorda melhor com a segunda metade do versículo.

7. *Fizeste permanecer forte a minha montanha.* Esta metáfora marcante, que representa o reino de Davi ou suas venturas pessoais enquanto Deus o sustentava, se contrasta de modo significativo com a fragilidade como de flor (7b) dos seus próprios recursos; e o Salmo 104:29 aplica 7b a todos os seres vivos.

9, 10. *Proveito* ou “lucro” é uma palavra bem comercial, e, por enquanto, o argumento fica muito mundano “Não ganharás nada, e perderás um adorador!” A fortaleza deste argumento, embora se reconheça a limitação do seu horizonte, que não vai além da morte (ver sobre 6:5), é que começa com os interesses divinos, e pergunta: “Qual é a glória que Deus receberá da parte disto?” É a pergunta certa, embora não nos compita dar a resposta: cf. Jo 12:27-28. Depois, no versículo 10, o argumento é deixado de lado, e Davi não passa de um necessitado, que não tem outro recurso senão apelar para a graça de Deus.

30: 11, 12. A Celebração.

Volta o tom exuberante dos versículos 1-5, ressaltado pelas lembranças disciplinadoras de 6-11. É tudo desinibido, no espírito eufórico do Davi que “dançou com todas as suas forças diante do SENHOR”. O mesmo Davi, aliás, também podia demonstrar sua alegria intensa a aquietar-se diante do Senhor: cf. 2 Sm 6:14 com 7:18.

12. *Meu espírito* é lit. “glória” no texto hebraico e na LXX; cf. 7:5 [heb 6]; 16:9; 57:8 [heb 9]; 108:1 [heb 2]; nalguns destes trechos, pelo menos, é evidente que é “alma” ou “espírito” que se quer dizer.⁹⁶ Assim sendo, o louvor, que tem a efervescência do bailar, também tem profundidade e persistência. Mais persistência do que talvez o próprio Davi poderia ter imaginado quando incluiu a palavra *para sempre*.

Salmo 31 Tensão

Este salmo fez impressão em mais do que uma personagem bíblica de modo suficientemente profundo para vir à mente em momentos de

⁹⁶ Comentaristas mais antigos viam uma alusão aos poderes mais altos do homem, ou à imagem de Deus. Uns mais recentes inferem um texto original *kābēd* (no lugar de *kābōd*, “glória”), que corresponde (no emprego abstrato) mais ou menos ao nosso termo “coração”. Em Gn 49:6, mas não nos outros trechos, a LXX tem “figado”. Quanto a estas figuras de linguagem, ver a nota de rodapé de 16:7.

crise suprema. A oração de Jonas faz uso dele (6); Jeremias ficava impressionado por uma frase do versículo 13; o versículo 5 emprestou linguagem a Jesus, para Suas últimas palavras de cruz. E, na velhice, o escritor do Salmo 71, possivelmente o próprio Davi, começou sua oração com a substância dos versículos 1-3. Este fato ilustra o papel dos Salmos, que satisfazem uma grande variedade de necessidades humanas, além dos limites do culto formal e das experiências originais do autor.

Há um aspecto incomum no salmo: duas vezes faz a viagem da angústia para a certeza: primeiramente em 1-8, e outra vez em 9-24. É difícil definir se isto indica uma nova crise de angústia, quando “as nuvens voltam depois da chuva” (uma experiência espiritual bastante comum), ou se a crise dos versículos originais está sendo relemburada, para ser desenvolvida uma segunda vez, com maior profundidade. Os títulos que aqui se sugerem para as duas seções deixam a questão em aberto.

31:1-8. O Homem Perseguido.

1-6. **Sua oração de fé.** Como no Salmo 18,⁹⁷ Davi se fortalece ao lembrar-se das suas antigas aventuras e escapes, e da realidade que havia por detrás das fortalezas físicas daqueles dias. Sabe, também, que a força defensiva não basta: as iniciativas certas são tão vitais como o refúgio certo: ver os termos de 3b, 4a. Notem-se as boas razões do seu apelo: não sua capacidade persuasiva, mas a *justiça* de Deus (1), i.e., o zelo de Deus em ver feita a justiça; não tanto em pensar no seu próprio bom nome (*envergonhado*, 1) como no de Deus (3b; cf. 23:3); não meramente que ele é inocente, mas que é *redimido* (5), e que confia no único Deus verdadeiro (6).⁹⁸ Pode haver significância no fato de que Jesus, o Redentor, ao citar o versículo 5 nas Suas últimas palavras, parou sem citar a segunda linha. No Antigo Testamento, porém, a palavra “redimir” (*pāḏāh*) raras vezes se emprega com respeito à expiação: o sentido mais comum é salvar ou resgatar de dificuldades (e.g. 25:22;

⁹⁷ Ver a nota sobre 18:1-3, onde a palavra para *fortaleza* e as duas palavras para *rocha* (uma das quais aqui se traduz *castelo*), na ordem inversa, são as mesmas dos versículos 2 e 3.

⁹⁸ Jonas 2:8 faz eco à descrição de idólatras, com sua futilidade tão séria, dada em 6a. No TM nosso versículo começa com “Aborreço” (RV); mas *aborrecer* é apoiado pelas versões antigas e pelo fato de que em 6b o texto hebraico traduzido *eu, porém* é enfático, como para introduzir um sujeito diferente, e não somente outro verbo.

26:11; 44:26 [heb. 27]; 55:18 [heb 19]; 69:18 78:42), e só uma vez significa, sem dúvida alguma, “pagar o preço do pecado” (130:8). O significado primário aqui é: ou que a libertação é tão certa como se já tivesse acontecido (o verbo hebraico está no perfeito), ou que libertações do passado impulsionam Davi a este ato de dedicação nesta ocasião.

7, 8. **Seu louvor.** Os termos que representam a atitude e a ação de Deus nestes versículos merecem profunda meditação, juntamente com a seqüência semelhante e mais detalhada em Êx 3:7, 8. *Entregaste* é um verbo que às vezes se emprega para entregar alguém para ser preso, e isto forma um contraste para ressaltar o sentido da liberdade em 8b, contraste este que também se vê entre as angústias (com sua idéia original de apertos e pressões) do versículo 7 e o *lugar espaçoso* de 8; cf. sobre 18:19; e ver 119:32. A idéia de ficar cercado reaparece em 9a e especialmente em 21b.

31:9-24. O Homem Rejeitado.

9-13. **Seu isolamento.** A desmoralização da vítima, que vai se aprofundando do desânimo para a desesperança (12) e o terror (13), mostra quão assassino é o impacto do ódio, especialmente quando toma a forma da rejeição. No Salmo 6, que tem a mesma palavra rara para *se consolar*, e a mesma grande tristeza desamparada, a causa básica da depressão não se especifica. Aqui, trata-se parcialmente da culpa, conforme se vê na palavra *iniquidade*; é porém, o homem, e não Deus, que está resoluto no sentido de condenar Davi, como deixam claro os versículos 14ss. Jeremias conhecia esta cerca cruel, e tomou emprestado a frase *terror de todos os lados* como tema (Jr 6:25; 20:3, 10; 46:5; 49:29; cf. Lm 2:22).

14-18. **Sua oração da fé.** No versículo 14, *eu* e *Tu* são enfáticos (de modo semelhante a 6b), enquanto Davi arranca a iniciativa dos seus inimigos e deliberadamente se volta numa direção nova. Sua oração é tanto mais eficaz por fazer declarações antes de entrar nas petições, pois as afirmações de 14, 15a atribuem a Deus Seu lugar verdadeiro como soberano, e a Davi seu relacionamento de intimidade (*meu Deus*) e de dependência (*nas tuas mãos*). A própria expressão *meus dias* (15) que enfrenta o fato necessário da transição e da mudança, tanto dentro de si mesmo como no ambiente, torna mais aceitável a adversidade. O conhecimento de que a mudança não é o acaso (*nas tuas mãos*) pode fazer a aceitação positiva e pessoal. “Haverá, ó Sião, estabilidade nos teus tempos . . . o temor do SENHOR será o teu tesouro” (Is 33:6; cf. 32:6).

Deste modo, a oração de entrega no versículo 5, “Nas tuas mãos . . .” agora revela as suas implicações práticas. Ver também o comentário sobre os versículos 19-24.

16. Davi procura para si mesmo (como procurou para seus companheiros em 4:6), a bênção bem conhecida de Nm 6:25, agora muito relevante à situação de olhares sombrios e de rostos desviados (11) que ele encontra de todos os lados. Cf. 84:9, 11; 123:1-4.

17. *Emudecidos na morte.* É o silenciar dos caluniadores que Davi principalmente quer, conforme o versículo seguinte demonstra. Quanto a *morte* (aqui, *Sheol*), ver sobre 6:5.

19-24. *Seu ato final de louvor.* Cada um dos três pares de versículos tem seu próprio tema: o primeiro é o cuidado que Deus tem com os seus (19, 20); o segundo é a experiência pessoal disto (21, 22); o último é uma chamada geral à confiança amorosa (23, 24). Atravessando estas divisões, os versículos 19 e 24 têm em comum a ênfase sobre esperar-se o tempo determinado por Deus, mencionando-se *a tua bondade, que reservaste* (19) (uma resposta que satisfaz a nossa impaciência) e encorajando-se aqueles que *esperam* (24; cf. 15a e Is 40:31).

19, 20. Os vários termos para procurar abrigo, uma metáfora natural para quem já foi um fugitivo e proscrito, relembram os versículos 1-4; ver os comentários ali.

22. *Na minha pressa* (ou “pânico”) . . . : outro grito semelhante (introduzido pela mesma frase), se acha em 116:11, com tão pouca causa como aqui, onde agora se desespera da amizade humana. Ressalta a necessidade de se esperar (24), conforme foi indicado no início desta seção (19-24), como também a de se julgar por aquilo que se sabe com certeza, a não por aquilo que se sente. O que digo “na minha prosperidade” (30:6) pode estar igualmente fora daquilo que é certo. Algumas declarações mais frutíferas podem ser achadas em 16:2; 32:5; 91:2.

23. *Seus santos*, aqui, são todos aqueles que participam da Sua aliança, sendo fiéis a ela; a palavra é semelhante, no original, a *sua misericórdia* no versículo 21. Ver mais sobre 18:25.

24. *Revigore-se o vosso coração* poderia igualmente ser traduzido “ele fortalecerá o vosso coração”. Esta parece ser a tradução mais significativa: uma garantia de ajuda para aqueles que ousam contar com ela, ao invés de uma exortação dupla. Seja como for, não se trata de uma promessa de pôr fim aos problemas, mas de dar forças para enfrentá-los (cf. Lc 22:42, 43).

Salmo 32

A Alegria do Perdão

Estar em estreita comunhão com Deus é a verdadeira felicidade: este é o tema constante do salmo, que se expressa ora de modo positivo, no começo e no fim do salmo, ora de modo negativo, na memória da comunhão perdida, ou ao mofar suavemente dos teimosos (que devem olhar o aparelhamento das mulas), e na lembrança dos perigos (6) e sofrimentos (10) dos que preferem andar sozinhos.

Este é o segundo entre os assim-chamados “Salmos Penitenciais”, alistados no comentário do Salmo 6.

32:1, 2. O Pecado Perdoado.

Bem-aventurado, uma palavra mais exuberante do que “abençoado”, é empregada aqui para introduzir duas bem-aventuranças (ver sobre 1:1). Para não insistirmos demais numa única metáfora para a expiação, há dois quadros distintos dela no versículo 1: o levantar ou remover (tradução: *perdoada*), e o esconder da vista (tradução: *coberto*). O primeiro destes corrige qualquer idéia de que “coberto” possa significar esconder alguma coisa que ainda está presente e sem resolução (noção que o mesmo verbo representa em 5a: “ocultei”).

2. Deixando de lado as figuras de linguagem, agora ficamos conhecendo a imputação da justiça e a prática da verdade. Romanos 4:6-8 cita este versículo para mostrar que a palavra importante *atribui* (ou “imputa”) dá a entender que, quando Deus nos trata como sendo justos, é uma dádiva da parte dEle, independente dos nossos merecimentos; o restante daquele capítulo emprega o contexto desta mesma palavra em Gênesis 15:6 para ensinar que a dádiva é recebida pela fé somente. Qualquer idéia, porém, de sermos livres para “permanecermos no pecado, para que seja a graça mais abundante”, está firmemente excluída pelo destaque dado à sinceridade no fim do nosso versículo.

32:3-5. A Saída do Impasse.

Toda desavença humana pode produzir esta profunda perturbação da mente e do corpo — e ainda ser acalentada de modo teimoso. Se os sintomas de Davi são excepcionais, pelo menos a sua teimosia é bastante comum. Mesmo assim, o alívio de desistir do orgulho, e a graça que vem ao encontro desta atitude (5), mais do que contrabalançam o esforço. É possível que estes versículos lancem luz incidental sobre o mal-estar

mentionado em 1 Coríntios 11:30, que pode ser um julgamento que opera, como aqui, através das próprias tensões que são criadas num cristão pela sua desobediência.

32:6, 7. O Único Refúgio.

Em tempo de encontrar-te. Lit. no heb. “num tempo de achar”, i.e., “num tempo em que Tu possas ser achado”, é muito semelhante a Is 55:6, onde, mais uma vez, trata-se de voltar-se do pecado para Deus enquanto permanecer a oportunidade. Ali, ressalta o dia da graça, enquanto aqui ressalta o dia do perigo, retratado em termos que inspiraram as linhas de Charles Wesley:

“Negras ondas de aflição,
Fortes ventos perto estão.
Deste espanto e do terror
Vem salvar-me, ó bom Senhor . . .”⁹⁹

Existe uma emenda que se traduz “num tempo de aflição”, na maioria das versões modernas. Esta obscurece a conexão com os versículos anteriores, mas remove o problema da conjunção *raq* antes da menção das águas, já que esta palavra usualmente significa “somente” ou “porém”. Há, no entanto, outros trechos, notavelmente Dt 4:6, onde tem o sentido de *com efeito*, o que é apropriado assim. O versículo inteiro, portanto, fica melhor do modo que o temos em ARA.

7. O primeiro impulso de Davi era compartilhar a sua descoberta (6). Agora volta sua face de novo para Deus, tendo, porém, a consciência de um grupo de outros adoradores que o cerca — pois os *alegres cantos de livramento* fazem parte firme do texto original.¹⁰⁰

32:8, 9. A Lição a Ser Apreendida.

Esta é a resposta que o Senhor dá a Davi (ver sobre 12:5, 6), e, através dele, a todos nós, sendo que a instrução dada no versículo 9 está no plural. Este versículo, surgindo justamente nesta altura, e exortando

⁹⁹ Charles Wesley, “Jesus, Lover of my soul” (“Ó bondoso Salvador”, SH 169).

¹⁰⁰ A LXX e a Vulg. também lêem esta palavra assim, embora a vocalizassem de modo diferente como “meu regozijo”. O argumento para rejeitar a palavra depende apenas da sua raridade, juntamente com a conjectura de que suas consoantes foram copiadas por ditografia (o erro de repetir letras anteriores idênticas), do fim da palavra anterior.

o leitor a ter um espírito suscetível de ensino, ressalta de forma positiva a lição dos versículos 1-5. Se o perdão é bom, a comunhão é melhor ainda; se já sentimos a mão pesada de Deus (4) devemos dar valor ao Seu toque mais suave e procurá-lo. A famosa antiga interpretação, no entanto, “guiar-te-ei com os meus olhos” (AV; ARC), que sugere a nossa reação obediente ao Seu olhar, não é exata, embora haja pensamento semelhante em 123:2, onde o servo aguarda um sinal do seu mestre. O assunto em pauta aqui é o cuidado vigilante e íntimo que Deus exerce sobre nós, . . . *sob as minhas vistas*; nossa resposta está no versículo 9.

9. Este quadro vívido ressalta, pelos seus contrastes, a ênfase dada no versículo 8 à cooperação inteligente, que Deus faz questão de eliciar de nós (cf. Jo 15:15); isto porque, seja o que mais se possa fazer com um cavalo, não se pode *dar conselho* a ele (8), ou controlá-lo sem aplicar pressões a ele. Jr 8:6 emprega este quadro para retratar uma instabilidade mais enérgica do que a das ovelhas proverbiais: “Cada um corre a sua carreira como um cavalo que arremete com ímpeto na batalha”. A tradução literal de 9c: “não chegar perto de ti”, faz elusiva a razão de ser desta cláusula. Tem-se entendido alternativamente: “(Se-
nã) não chegam perto de ti” (RV) ou “a fim de não chegarem perto de ti” (RV mg.) Nossa ARA faz uma frase razoável com a primeira das alternativas: *de outra sorte não te obedecem*.¹⁰¹

32: 10, 11. A Única Felicidade.

A declaração inicial tem muitas expressões paralelas no Antigo Testamento; aqui, porém, temos um testemunho pessoal, tendo em vista os versículos 3 e 4. O restante do versículo 10, porém, também é testemunho de outro tipo, com seu emprego do verbo *assistirá* que corresponde, no original, a *cercas* no versículo 7. Finalmente, o versículo 11 ecoa a mesma asseveração do versículo 7, ao conclamar os adoradores: *exultai* (“gritai de alegria”), expressando na adoração os “cantos de livramento” (7), que o salmista já antecipara, pela fé, no meio da aflição.

¹⁰¹ A verdadeira dificuldade é que nenhuma das duas primeiras alternativas se encaixa, conforme parece, com o tema do versículo, ou com o emprego principal dos freios e cabrestos. NEB omite a frase como glosa marginal. A julgar pela sua semelhança com, e.g., 6c (“não o atingirão”), parece haver uma possibilidade remota de que a frase “não se aproximar de ti” seja a metade sobrevivente de uma linha que prometia proteção da desgraça, e que originalmente pertencesse àquela seção do salmo.

Salmo 33 Criador e Monarca

Se a forma mais pura de um hino é louvor a Deus por aquilo que Ele é e faz, aqui temos um belo exemplo. A parte principal do salmo se ocupa com o Senhor como Criador, Soberano, Juiz e Salvador, enquanto o começo e o fim expressam dois elementos da adoração: o sacrifício do louvor, prestando honrarias ao Rei tão grandioso, e uma declaração de confiança, feita em expectativa humilde.

33:1-3. Exultai no SENHOR.

A chamada inicial retoma a nota com a qual terminou o salmo anterior. *Exultai* é da mesma raiz que *cantos de livramento* e “gritar de alegria” (32:7, 11), embora “cantai em alta voz” possa ser uma expressão para traduzi-la, enquanto o verbo *entoai* (trata-se de gritos de homenagem — “aclamações ao seu Rei”, Nm 23:21), fica bem no versículo 3. Note-se que aquele versículo pede novidade e perícia além do fervor; são três qualidades que raramente se acham juntas na música religiosa. No devido tempo, o fecho quieto do salmo indicará que o rejubilar-se não é a única disposição de ânimo na adoração.

33:4-9. Sua Palavra Criadora.

Sua *palavra* e obra (aqui, *proceder*, 4) são inseparáveis, pois as Suas palavras nunca são vazias. Este é o motivo do irrompimento de louvor em 1-3. Saber que nada veio a existir senão pela ordem dada por Deus (6, 9), é se confrontar com a pura criação, e não a necessidade inflexível, sendo que Deus agiu em liberdade; é se confrontar também, no entanto, com um universo, a obra de uma mente única, consistente consigo mesmo. Este fato é libertador (1-3) e também causa humildade (8); além disto, é um convite à pesquisa (11:2); mas, sobretudo, a riqueza de termos morais aqui (4, 5), torna claro que, para nós, Deus é muito mais do que Criador. O versículo extraordinário, 5b, vai ainda mais longe do que a visão de Isaías de um mundo cheio de glória de Deus. Como Êx 33:18, 19, nos prepara para ver a Sua glória em termos de bondade; e esta bondade abrange todas as Suas obras (cf. 145:9). Este é o segredo do entusiasmo que os salmistas têm para com o mundo criado, entusiasmo este que se aumenta mais do que se diminui ao reconhecerem como é

pequeno em comparação com Ele (ver os símiles marcantes do versículo 7,¹⁰² e c.f., e.g., 104:1-9; Is 40:12), sendo que Ele o domina sem esforço.

33:10-12. Sua Vontade Triunfante.

Falar da glória obediente da natureza é lembrar-se da rebeldia descarada do homem. Aqui, ela não é negada, nem sua importância minimizada; é considerada, porém, no contexto revelador de *para sempre* (11). O ponto de vista destes versículos é retomado e desenvolvido por Is 40ss. (que é o melhor comentário sobre eles), onde as *nações* e seus *desígnios* acabam em nada, ou ficam servindo aos propósitos de Deus sem o saber (e.g. Is 44:25ss.; 45:4-5), e onde àqueles que Deus *escolheu* (12) são mostradas as implicações escrutinadoras da sua vocação (Is 41:8ss.; 42:1; etc.).

33:13-19. Seu Olhar Discernente.

O julgamento e a salvação agora se tornam visíveis, pois o domínio de Deus, por mais formidável que seja Seu poder, não é tirania. Baseia-se sobre o conhecimento perfeito (13:15), o controle perfeito (16-17), e o amor perfeito (18-19).

13-15. A repetição insistente de *todos . . . todos . . . todos*, nestes versículos, é importante pelo seu contraste subentendido com a base estreita do julgamento humano, com seu preconceito local (comparado com 13, 14), sua ignorância daquilo que há no homem (15a), e suas incertezas quanto aos fatos (15b). *Todos* em 15a é a palavra hebraica para “juntos”, e, portanto, “todos igualmente”, o que assevera não sua uniformidade, mas o discernimento igual que Deus tem de todos eles.

16, 17. Como a repetição de “todos” em 13-15, a série *poder . . . muita força . . . grande força* marca a nota-chave destes versículos e nos prepara para a verdade contrastada de 18 e 19. É uma asseveração bíblica bastante familiar, mas nega um axioma básico do pensamento secular, epitomizado na expressão zombeteira de Voltaire: “Dizem que Deus sempre favorece os grandes batalhões.” O lugar destes versículos no parágrafo é para ressaltar que Deus, além de discernir todas as coisas (13-15), também prevalece em tudo. Mesmo agora, num mundo corrompido, a força não fica com a última palavra. Quando ela prevalece, isto,

¹⁰² “Botija”, ou odre para vinho (*nō’d*), parece mais apropriada para um contexto de criação do que *montão* que traduz o TM (*nēd*) assim AV, RV), que, noutro trecho, se refere ao êxodo. As versões antigas entendiam que as consoantes significavam “odre”.

conforme a certeza que o Antigo Testamento nos dá, é pelo decreto divino, e não pela própria capacidade dela (e.g. Is 10:15; Jr 27:5-6).

18, 19. Mesmo o escrutínio implacável nos versículos 13-15 podia ser entendido como bênção num mundo de injustiça; aqui, é manifestamente o olhar alerta do amor, logo percebendo o perigo (19a), sensível às necessidades (19b). O mesmo cuidado vigilante foi visto em 32:8, e, noutros lugares, é uma metáfora expressiva e favorita: cf. Dt 11:12; 1 Rs 8:29; 2 Cr 16:9.

33:20-22. Esperamos em Ti.

Esta é a esperança na sua forma mais certa: pacienciosa (20a), confiante (20b), eufórica (21a), bem-informada (21b; o nome de Deus significa Seu caráter revelado: ver Êx 34:5-7); ela, sobretudo, não se focaliza na dádiva (embora haja lugar para isto: cf. Rm 8:18-25) mas no Doador. Esta esperança “nunca nos decepcionará” (Rm 5:5, Philip).

Salmo 34 Graças a Deus!

Este salmo resplandecente (cujo companheiro mais sombrio e prelúdio é Sl 56) tem todos os sinais de alívio e gratidão por um escape milagroso. O título identifica a ocasião como sendo a de 1 Samuel 21:10ss., que ameaçara custar a vida de Davi. Outros salmos que se vinculam com eventos na sua carreira que se mencionam especificamente se alistam no comentário inicial do Salmo 3.

É um acróstico, cujos versículos (menos o último) começam com as letras sucessivas do alfabeto hebraico, excetuando-se *waw* (a não ser que 6b no TM preencha esta falta). Um esquema assim é fácil para executar, e permite movimento livre de tema em tema sem indevida perda de coerência. Não impede a espontaneidade do poeta, conforme testifica o próprio salmo, com seu convite vivaz e persuasivo para participar da alegria do cantor e para aprender da sua experiência.

Uma citação substancial deste salmo, e alguns ecos adicionais bem distintivos, em 1 Pedro 2 e 3 (e noutras Epístolas) ilustram o fato de que toda geração deve algo a ele. Um dos seus legados mais conhecidos é o hino: “Through all the changing scenes of life ” (“Através de todos os cenários da vida que se mudam”).

34:1-10. Regozijai Comigo!

A primeira metade do salmo é uma alternância entre o testemunho pessoal (1-2s, 4, 6), e convites repetidos para participar do louvor e para ser estimulado a ter renovada fé. Quanto a esta bênção compartilhada, ver sobre 22:22ss.

1. A frase *em todo o tempo*, mais precisamente: “em cada ocasião”, tem mais razão de ser por causa da provação recente de Davi e do fim que teve (ver o título e os comentários introdutórios); é uma nova prova para ele de que seus dias, por mais desesperançosos que sejam, estão nas mãos de Deus (ver sobre 31:15). O Novo Testamento é ainda mais explícito: “Em tudo dai graças” (1 Ts 5:18; cf. Rm 8:28, 37).

2, 3. *Os humildes*. O lado positivo desta humildade é entusiasmo onde não entra o eu-próprio (*gloriar-se-á . . . engrandecei . . . lhe-exaltemos o nome*): alegria pura no triunfo de Outro, apesar da fraqueza da realização própria. Paulo, na sua grande passagem com respeito à jactância, pode ter-se lembrado desta passagem, e deste episódio, para assim relembrar seu próprio escape ignominioso de outro rei estrangeiro (2 Co 11:30-33), e as lições que aprendeu numa situação tão difícil.

4, 5. Se a seqüência nos versículos 2 e 3 era, em essência: “Tenho motivos para louvar a Ele, compartilhem comigo”, aqui se trata de: “Esta foi a minha experiência; pode ser a sua.”¹⁰³

Temores, aqui, é uma palavra forte, semelhante ao “terror” de 31:13, não o temor reverente dos versículos 7 e 9. Podia significar ou os eventos temidos (cf. Pv 10:24), ou o próprio medo. Provavelmente se trate deste, pois aqueles estão representados pelas “tribulações” do versículo 6, enquanto a bênção que é repartida no versículo 5, que surge do versículo 4, é uma mudança de atitude, e não meramente das circunstâncias. Uma declaração celebrada de semelhante livramento do temor, a despeito do perigo, se acha em 23:4. *Iluminados* é uma palavra que se acha outra vez em Is 60:5, onde descreve o rosto da mãe, que fica radiante ao ver os filhos, considerados perdidos para sempre já havia muito. Empregando outros termos, Êx 34:29 fala do rosto de Moisés que brilhava enquanto descia do monte, e 2 Co 3:18 relaciona

¹⁰³ O TM do versículo 5 é “Contemplaram . . .” etc., como em AV, RV; i.e., (na paráfrase de JB) “Todo rosto voltado para ele se torna mais brilhante”. Os imperativos, “*Contemplai* . . .”, etc., têm algum apoio antigo, e aplicam a lição de modo mais direto; trata-se, porém, da mesma lição.

isto à semelhança crescente entre o cristão e o seu Senhor. Noutras palavras, a radiância é deleite, mas também é glória: uma transformação da pessoa inteira.

6-10. O testemunho pessoal (6) agora diz respeito claramente ao livramento material; e a lição que dele se tira está no mesmo plano (7-10): “Deus me livrou; vós, também, estais seguros nas mãos dEle.”

6. *Clamou este aflito*. A forma e o espírito desta frase se parafraseiam assim (NEB): “Aqui houve um pobre coitado que clamou ao Senhor . . .” Para percebermos a força das palavras de Davi, basta recordarmos o perigo que enfrentou, e suas palhaçadas abjetas para salvar a sua vida (ver o título). Quanto à palavra *tribulações*, ver sobre 4:1 (“angústia”).

7. *O anjo do SENHOR* é um termo regular para representar o próprio Deus, vindo à terra (cf., e.g., Gn 16:7ss., 13; etc.). Kirkpatrick sugeriu que “já que ele é ‘príncipe do exército do SENHOR’ (Js 5:14), deve-se pensar que ele os cerca com as legiões angelicais sob seu comando”. É possível que Eliseu baseasse a sua certeza de que “mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” sobre esta promessa, quando pediu que seu moço tivesse prova visível desta verdade (2 Rs 6:15ss.).

8. Se o moço de Eliseu (ver supra) viu e creu, é coisa mais bem-aventurada crer em Deus primeiramente, para então deixar a confirmação se seguir (Jo 20:29). Tanto Hebreus 6:5 como 1 Pedro 2:3 empregam este versículo para descrever o primeiro passo na fé, para insistir que a prova seja mais do que uma amostragem casual.

9, 10. A defesa e as provisões eram as necessidades urgentes de Davi em 1 Samuel 21, o pano de fundo do salmo. O rei desvia sua atenção da primeira (7-8) para a segunda, com a mesma fé que demonstra em 23:1, repetindo a palavra *falta/faltar* em 9b e 10b não somente para enfatizar esta verdade pelo seu contraste com 10a¹⁰⁴ (cf. o contraste em Is 40:30-31), como também para esclarecê-la pelas palavras *bem nenhum* (cf. 84:11). Não é uma promessa vazia de afluência, e, sim, uma garantia do Seu cuidado responsável: cf. a frase “para o nosso perpétuo bem” (Dt 6:24) com a frase “te deixou ter fome” (Dt 8:3). Ver, outra vez, Rm 8:28, 37. Este tema agora se desenvolve na seção seguinte, especialmente nos versículos 12-14.

¹⁰⁴ Não há necessidade de mudar *leõesinhos* para “descrentes” (NEB), tendo como base uma raiz árabe. Ver sobre 35:17.

34:11-22. Aprende de Mim.

A lição principal desta parte do salmo é que o verdadeiro bem se acha em estar em plena comunhão com Deus. É a resposta para as situações mais difíceis (19-20), e às questões mais vitais (21-22).

11-14. Quase todas as palavras no versículo inicial deste trecho seguem o estilo do instrutor na sabedoria, como em Provérbios 1-9, com seu tom de pai, e sua insistência no *temor do SENHOR* como sendo o princípio da sabedoria. Isto continua com o ensinamento de que o bem que se desfruta (12) vai de mãos dadas com o bem que se pratica (14). Trata-se de uma ênfase que responde à suspeita (despertada pela primeira vez no Éden) de que é fora da vontade de Deus, e não dentro dela, que a pessoa se desenvolve melhor. Davi, nos seus tempos iniciais, vivia de acordo com os princípios destes versículos, e os recomendava a outros, como faz aqui (11; cf. 1 Sm 24:7; 26:9, 23), pelo menos na sua atitude para com Saul; e 1 Pd 3:10-12 cita estes versículos, 12-16, num ambiente semelhante, que é de provocação e perseguição. Cf. também o versículo 13 com 1 Pd 2:1, 22.

15-18. A Escritura sempre vai além da meia-verdade que a bondade é a sua própria recompensa. Os versículos 12-14 (supra) vão levando para o verdadeiro cume no versículo 15, que é pessoal, e assunto da graça divina: é que o rosto de Deus se volta para nós. Seus *olhos* vêem o que nos é oculto, de modo que possa responder antes de clamarmos (ver também sobre 35:22), mas Seus *ouvidos* também estão abertos para nós: leva a sério as nossas orações. A triste situação dos malfetores também se coloca de forma igualmente pessoal, no sentido de o rosto do Senhor se virar contra eles (16). "Podemos ser deixados total e absolutamente *fora* — repelidos, exilados, alienados, ignorados de modo final e indescritível".¹⁰⁵

19-22. Estes versículos reiteram os temas principais do salmo, enfatizando de novo a grande separação que há entre os que Deus aceita e os que Ele rejeita. A afirmação todo-inclusiva de 19b convida a mente a olhar para além da morte, para ver a realização completa desta promessa. O versículo 20 precisa ser tomado juntamente com 18, que reconhece que os sofrimentos de um homem piedoso podem ser extremos, mas que Deus nunca atribui pouca importância(a isto (18a) e

¹⁰⁵ C. S. Lewis, "The Weight of Glory", *Transposition and Other Addresses* (Bles, 1949), p. 30.

nunca perde o controle da situação (20); cf. o paradoxo de Lc 21:16, 18. A “Escritura” que se cumpriu em Jo 19:36 pode ter incluído este versículo com Êx 12:46. “A promessa feita ao justo achou um cumprimento inesperadamente literal na paixão daquele que era perfeitamente justo” (Kirkpatrick).

Condenados . . . condenado (21-22) é palavra que vem do mesmo verbo hebraico que se traduz “declara-os culpados” em 5:10 [heb. 11], ver o comentário. A palavra se associava fortemente com a culpa e a sua punição ou expiação (e.g. Os 5:15; 10:2). Assim, o salmo termina numa nota final que deve levar a questões da condenação final (21), ou, nas palavras de Paulo, “nenhuma condenação” (22; cf. Rm 8:1, 33-34). Seja qual for o nível da compreensão que o próprio Davi tinha da afirmação em 22a, *O SENHOR resgata a alma . . .*, o versículo inteiro está prenhe com um significado que vem ao nascimento no evangelho, e que é dificilmente viável em qualquer forma que não chega até esta altura. O cristão pode ecoar o espírito jubiloso do salmo, com gratidão adicional, conhecendo o custo inimaginável de 22a e o escopo ilimitado de 22b.

Salmo 35 Até Quando?

Quer este salmo fosse escrito como companheiro para o Salmo 34, quer não, é bem colocado ao lado deste, não somente por causa das muitas afinidades e contrastes verbais (notavelmente “o anjo do SENHOR”, 34:7; 35:5, 6, que não ocorre em qualquer outra parte do Salterio), mas também porque surge do tipo de trevas que acabaram de ser dispersadas no salmo anterior. A libertação celebrada naquele salmo agora é vista como, nem sempre rápida ou sem dor, mas sujeita, se assim for a vontade de Deus, a atrasos agonizantes. Davi, no entanto, nunca duvida de que seu dia virá. Cada pedido de socorro já prevê aquele momento: todas as três divisões do salmo terminam com esperança.

35:1-10. As Tramas.

Os termos militares dos versículos 1-3 são figurativos, e, na realidade, a metáfora inicial (*contende*) vem dos tribunais da justiça. Assim, o salmo se enquadra em qualquer situação de malevolência e intriga.

3. “Dardo”, ou outra arma semelhante, é a palavra que seria esperada aqui, e algumas palavras noutras línguas afins têm sido aduzidas

em apoio desta interpretação. Veio a lume em Cunrã uma palavra semelhante, que significa o soquete da lança; mas isto dificilmente viria a representar a arma inteira, e, na realidade, o hebraico faz bom sentido na sua forma conhecida como verbo, e não como arma: *reprime o passo*.¹⁰⁶ (As traduções que seguem a idéia de arma dizem: “Empunha a lança e o dardo contra meus perseguidores”).

4-6. O contraste entre estes versículos e 34:5, 7, seja especificamente deliberado ou não, é importante, sendo que ser *confundido* e *envergonhado* é da essência da condenação ao castigo eterno (Dn 12:2), enquanto o *anjo do SENHOR* (Ver sobre 34:7) é ou nossa salvação ou nossa condenação; cf. Êx 23:20-22. O quadro sombrio no versículo 6 se torna ainda mais desesperador do que o de Pr 4:19, pela liquidez quase borbulhante da palavra traduzida *escorregadio*, e pelo pensamento que o Perseguidor está logo atrás. O calmo desafio a Deus não sobreviverá as condições que o próprio mal finalmente produz.

7, 8. *Sem causa*, duas vezes aqui, e outra vez em 19, toca no próprio nervo da dor de Davi, que será exposto ainda mais completamente no parágrafo central (11-18). Os salmos nos tornam especialmente sensíveis à mágoa da injustiça; é o evangelho que faz dela uma situação a ser redimida, uma oportunidade para se seguir nos passos de Cristo (1 Pe 2:19ss.). Quanto à “justiça poética” do versículo 8, o evangelho a aceita, mas como tragédia a ser evitada dentro do alcance de orações e apelos (Mt 5:44; 23:37-38), e não como fim a ser desejado.¹⁰⁷

9, 10. Na exclamação: “Quem contigo se assemelha?” há um eco do cântico de Moisés (cf. Êx 15:11), talvez sendo esta uma lembrança consciente de uma crise tanto maior do que a de Davi, e do seu resultado glorioso. Assim também Paulo, num momento de chegar perto do desespero, lembrou-se da ressurreição dos mortos (2 Co 1:8-10), e tomou novo alento esperançoso. *Minha alma* (9) e *meus ossos* (10) são duas maneiras enfáticas de dizer “eu”, ou “minha pessoa”, como em 6:2, 3.

35:11-18. Cercado por Desordeiros.

Outros salmos sondarão profundidades ainda maiores, a descreverem a traição de amigos do peito (e.g. 41:9; 55:12-14). Aqui, a

¹⁰⁶ O soquete, como o punho de uma espada, agia como apoio para a lâmina, de onde presumivelmente tomou o seu nome, fazendo-o um termo ainda mais improvável para o próprio dardo (*pace* Dahood).

¹⁰⁷ Ver Introdução, V. d, pp. 43ss.

ferida, que é pouco menos dolorosa, é o despeito e ingratidão de homens que não eram amigos bem próximos, mas que tinham sido tratados *como se* eles fossem (14); tamanho tinha sido o cuidado de Davi para com eles: uma preocupação tão genuína como a de Rm 12:15 ou do Bom Samaritano. Em retribuição, é como se o próprio samaritano agora tivesse caído no meio de assaltantes, para então ver que aquele a quem ajudara estava chefiando seus algozes.

13. E em oração me reclinava sobre o peito. Esta linha, no hebraico, diz, literalmente: “E minha oração voltará (ou: voltava) a meu peito”; aqui está sendo interpretada como sendo uma descrição da postura de quem ora. O sentido mais provável é que a oração haveria de voltar a ele sem resposta, ou na forma de uma bênção, como em Mt 10:13.

15. Tropecei pode sugerir um lapso para o pecado, como no Novo Testamento, mas a palavra que se emprega aqui é apenas uma figura para a calamidade, como em 38:17 [heb. 18]; Jr 20:10. *Os abjetos, que eu não conhecia.* Lit. “os feridos”, pode ser uma alusão aos “aleijados” que, segundo os jebusitas alegavam, defenderiam a cidade contra Davi (2 Sm 5:6-8), ou (com a mesma palavra) o aleijado Mefibosete que Davi protegeu com a sua amizade. No entanto, a mesma palavra poderia ser pronunciada de modo a significar “os feridores”; daí, NEB “rufiões”. Esta idéia de formar uma turba contra alguém que repentinamente ficou sendo vulnerável, cuja bondade fazia outras pessoas se envergonharem, foi posta em prática violenta no julgamento de Jesus. Há, porém, poucas pessoas que não participaram de alguma forma desta zombaria dos aflitos.

16. Como vis bufões em festins. A tradução literal do texto hebraico como o temos seria “zombadores de bolo”, mas a LXX entende que *mā’ôg* (“bolo?”) era *lā’ôg* (“com zombaria”) um infinitivo absoluto derivado da mesma palavra aqui traduzida “vis bufões”, dando a interpretação “como zombadores zombando”. NEB interpreta: “que até zombariam de um corcunda”, derivando este significado de uma raiz árabe que significa “ser torto”. AV e RV, seguidas por ARA neste ponto, entendem o “bolo” como sendo uma alusão a festas. A solução da LXX, baseada num modo gramatical comum para expressar intensidade. A segunda linha do versículo (*rangiam . . .*; cf. 37:12) revela a fúria que motivou a zombaria, fúria esta que Estêvão enfrentaria no seu martírio (At 7:54).

17. Quanto à palavra para *minha predileta* (ou “vida”), ver sobre 22:20, um versículo, aliás, que apóia a tradução direta de *lesões* no fim de nosso versículo, contra NEB “descrentes” aqui e em 34:10.

18. Quanto às ações de graças oferecidas por um indivíduo em público, ver sobre 22:22ss.

35:19-28. A Exultação Maligna.

O ódio *sem causa* é uma resposta tão básica do mal diante do bem (já ressaltado no versículo 7), que Jesus via o versículo 19 (e 69:4) não como um estranho infortúnio de Davi mas como Sua própria sorte predestinada. Era “a palavra escrita na sua lei” (Jo 15:25), uma revelação autêntica daquilo que há de ser. O padrão, puro e completo no caso dEle, era reconhecível, embora fragmentário, no caso de Davi, e é destinado para nós também (Jo 15:18ss.).

22. *Tu, SENHOR, os viste* forma um contraste perfeito com o grito do inimigo, “*vimo-lo com os nossos próprios olhos!*” Isto, mais do que negações repetidas, é a resposta realística ao triunfar dos maus. Cf. a seqüência que começa com “Certamente vi . . .” em Êx 3:7; cf. 2 Rs 19:14ss.; At 4:29.

24. *Julga-me* pode ser interpretado: “vindica-me”; cf. sobre 5:4-6.

25. *Cumpriu-se o nosso desejo!* é uma palavra única em hebraico, tão sucinta e vivaz como um estalo feito com os lábios, no meio deste versículo.

27, 28. Como nas partes iniciais deste salmo, o louvor está aguardando sua vez de se irromper (cf. versículos 9-10, e 18). Além disto, Davi se lembrou de algo que Elias, numa crise semelhante, deixaria esquecido: que tem amigos, além de inimigos, “uma grande congregação” deles (18), cujo “desejo” (*prazer*, 27) é o mesmo do Senhor (*se compraz*, 27) — trata-se da mesma palavra — é somente para o bem dele.

Salmo 36

“Onde o Pecado Abundou . . .”

Este é um salmo de contraste poderosos, um relance da maldade humana na sua forma mais malévola, e a bondade divina na sua plenitude multiforme. O canto, neste ínterim, é ameaçado por aquela e, por meio desta, tem a certeza da vitória. Poucos salmos têm tão pouco alcance num espaço tão curto.

O Título.

A descrição de Davi como “servo do Senhor” se acha apenas aqui e no título do Salmo 18, onde é comentada.

36: 1-4. A Maldade com Abandono Total.

Há no coração do ímpio a voz da transgressão. Voz, ou literalmente: “oráculo” de transgressão faz um título assustador para este retrato de um pecador dedicado; é como se a *transgressão* fosse seu Deus ou profeta. Contrastar esta fórmula com (lit.) “oráculo do Senhor”, “oráculo de Davi”, etc. (Gn 22: 16; 2 Sm 23: 1, etc.). *No coração* subentende a interpretação de um texto hebraico que tem o possessivo “dele” (uma leitura que é apoiada pelas versões antigas), e não “meu coração” um texto difícil que foi emendado.¹⁰⁸ Se fosse seguida esta última forma, teríamos de fazer uma frase assim (como em AV): “A transgressão do ímpio fala ao meu coração”, dando a impressão que Davi se vê prestando cuidadosa atenção às idéias que governam tal homem, e captando o significado delas. *Não há temor* é uma expressão forte aqui, e podemos contrastar esta atitude com a de 16: 8: “O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença.” Enquanto o crente faz do próprio Senhor o Seu alvo, este ímpio nem sequer leva em conta “o terror do Senhor”. Este é o sintoma culminante do pecado em Rm 3:18, uma passagem que nos ensina a ver neste retrato a descrição da raça humana inteira (salvo a graça de Deus) e não de um tipo anormalmente mau. Todos os homens, por serem caídos, têm estas características, latentes ou desenvolvidas.

2. *Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos.* O oráculo ao qual prestou atenção no versículo anterior foi agradável àqueles olhos que se desviaram de Deus (1), e que assim perderam qualquer ponto de referência veraz. A frase seguinte tem o sentido básico (lit.) de “com respeito a descobrir a sua iniquidade para odiá-la”, mas a forma ambígua, que sugere um texto danificado, exige interpretação. Pode ser o caso de o ímpio ter sido iludido ao ponto de não “detectar e detestar” a iniquidade (JB, cf. NEB), ou de pensar que ninguém o fará (RSV; ARA: *lhe diz que a sua iniquidade não há de ser descoberta nem detestada*); ou pode ser que seu otimismo o torne tão estouvado que seu

¹⁰⁸ Dahood, no entanto, acha “dele” aqui, sem emenda do heb., na base de uma forma fenícia em que “dele” e “meu” são idênticos. É muito aberta a dúvidas, porém, a segurança de um argumento tirado do Fenício e aplicado ao hebraico.

desmascaramento fica tanto mais certo (AV, PBV). O sentido geral não varia muito.

3, 4. O salmo, depois de tratar da atitude do pecador para com o pecado, consigo mesmo, e para com Deus, agora se volta às atividades sociais dele: são assiduamente disruptivas (cf. 4a com Mq 2:1). É um caminho para baixo, pois ele é considerado como quem abandonou coisas melhores (3b), não como quem nunca teve oportunidade. Aqui, mais uma vez, temos um prenúncio da descrição que Paulo dá do homem (Rm 1:28ss.). Seus pecados de influência e ação (3a, b) são o transbordar do seu ser inteiro, que é corrupto quanto ao pensamento (4a), à vontade (4b) e ao sentimento (4c). Uma nota marcante nesta descrição é o destaque de pecados negativos entre os positivos: *abjurou . . . ; não é bom . . . ; não se despega*. Não se trata de um anticlímax, pois demonstra uma inversão de valores em grande escala, deixando o bem incapaz de atrair, e o mal incapaz de repelir. Cf. Alexander Pope a respeito de uma série de passos nesta direção, postulada por ele:

“O vício é um monstro de aspecto tão terrível
Que, para odiá-lo, basta vê-lo uma vez;
Mas, olhando-o demais, e conhecendo seu rosto,
Primeiro toleramos, depois compadecemos, e abraçamos”.¹⁰⁹

36:5-9. Bondade Abundante.

Aqui temos um mundo inteiro para explorar, um “lugar espaçoso” (cf. 18:19): insondável (*céus, nuvens*), impregnável (*montanhas*), inexaurível (*um abismo profundo*); mas, apesar de tudo isso, acolhedor e hospitaleiro (6c-9). É somente o mundo do homem que nos aperta. A inconstância humana forma um triste contraste com a qualidade altaneira deste amor conforme a aliança e *fidelidade* (5); padrões humanos, onde tudo é relativo, são um pântano comparado com as montanhas exigentes e emocionantes da Sua *justiça* (6); as avaliações humanas são superficiais comparadas com Seus *juízos* — um termo que se baseia nas decisões registradas de um tribunal e que vem, portanto, a significar não somente julgamentos (em ambos os sentidos daquela palavra), como também as Escrituras, como sendo a revelação da vontade de Deus: ver sobre 18:22; 19:7-10.

¹⁰⁹ Alexander Pope, *Essay on Man*, II, v. 1-4.

Depois das imensidades dos versículos 5 e 6, uma profusão de cuidados detalhados enriquecem o cenário em 7-9, já antecipado em 6c, cujo tema: *os homens e os animais* se elabora na totalidade do Salmo 104, e retomado e desenvolvido nos Evangelhos (e.g. Mt 6:25ss.).

7. A palavra *preciosa* imediatamente estabelece a mudança de escala entre o imenso e o íntimo e pessoal. *Benignidade* (ver sobre 17:7) precisa de ambos os aspectos: o do versículo 5, como sendo grandioso demais para captar, e o do versículo 7, como sendo bom demais para deixar escorregar entre os dedos. A figura de *se acolher à sombra das tuas asas* foi aplicada por Boaz à atitude de Rute (Rt 2:12), e a Jerusalém por Jesus (Mt 23:37); mostra um aspecto da salvação que exige humildade mas que oferece segurança.

8, 9. Duas das experiências pungentes de Davi como refugiado iluminam este quadro de participar das riquezas de uma casa grande: de um lado, a festa tantalizante de Nabal (1 Sm 26), e, do outro lado, os presentes animadores de Barzilai e dos seus amigos (2 Sm 17:27ss.). Na frase *na torrente das tuas delícias* há, possivelmente, um eco do Éden, um nome que tem a mesma forma que a palavra hebraica traduzida “delícias”. O tema de águas que jorram com vida, no entanto, se desenvolve sobretudo em Ez 47 (cf. Ap. 22:1-2). *Luz*, aqui, sugere alegria antes de mais nada (cf. e.g. 4:6-7; Et 8:16; contrastar 38:10), embora não possa ser isolada das suas demais conotações de pureza, clareza, e verdade.

36:10-12. A Oração que Prevalece.

O salmista se vê parado no terreno disputado entre a maldade humana (1-4) e a graça divina (5-9); entrega-se, portanto, à oração urgente. Por duas vezes, louvara a *benignidade* de Deus (5, 7); agora quer que ela se estenda até ao lugar da necessidade (10)! Não se subestima o inimigo, embora o hebraico e as versões antigas não apóiem a palavra mais forte *calque* (11a), em lugar de “vir sobre” (que é, por si mesma, uma expressão bastante hostil: cf. e.g., Jó 15:21; 20:22). O versículo final, no entanto, mostra a vitória já reivindicada pela fé; fala como se a cena já estivesse presente e claramente visível. “Ali jazem os malfetores” (NEB). Esta é a fé que se define em Hebreus 11:1 (Phillips): “Ora a fé implica pormos a plena confiança naquilo que esperamos; significa estar certo daquilo que não vemos”.

Era, pois, genuína a eloquência inicial do salmo. O mal que Davi descreveu na primeira estrofe — estava disposto a lutar contra ele; a

graça que louvou na segunda estrofe — está disposto a invocá-la; e, uma vez invocada esta graça, Davi a considerou concedida, como solução da questão toda.

Salmo 37 “Espera nEle”

Não há exposição melhor da terceira Bem-aventurança (Mt 5:5) do que este salmo, de onde foi tirada (versículo 11). É um salmo de sabedoria: fala ao homem, não a Deus, e sua totalidade e estilo têm algumas afinidades com Provérbios, cuja mensagem a respeito da segurança do justo é o tópico central aqui.

O arcabouço é um acróstico, com uma nova letra do alfabeto hebraico para introduzir cada versículo duplo (1-2, 3-4, etc., embora a numeração que atualmente temos perca este compasso). Como no caso de certos outros salmos acrósticos, notavelmente 25 e 119, este padrão externo deixa o poeta livre para meditar sobre vários temas, voltando-se a eles à vontade, sem perder todo o senso de forma e progresso do poema. A este salmo, devemos, entre outras coisas, o hino “Confia em Deus” (“Put Thou Thy Trust in God”), baseado na tradução que John Wesley fez de um acróstico de outro tipo: o hino de Paul Gerhardt *Befiehl du deine Wege*, cada uma de cujas doze estrofes começa com uma palavra sucessiva do versículo 5 do salmo: “Entrega o teu caminho ao SENHOR . . .”

37:1-11. O Espírito Quieto.

O conselho *Não te indignes*, (ou, em termos de tradução literal do verbo hebraico, “não te esquentes”), é virtualmente o estribilho da passagem inicial (1, como aqui; 7, “não te irrites”; 8, “não te impacientes”, tratando-se do mesmo verbo hebraico cada vez). A totalidade do versículo 1 se acha outra vez em Pr 24:19, salvo um só sinônimo. (Ver também Pr 23:17-18; 24:1-2 sobre *Não tenhas inveja*). Como mero mandamento, teria pouca eficácia, e, portanto, é apoiado por encorajamentos arrazoados, que se pode resumir como segue:

(i) Olha para a frente! Os versículos 2 e 10 são inquestionavelmente verdadeiros a respeito de tudo quanto se arraiga no tempo e não na eternidade (cf. Is 40:8 com 1 Jo 2:17). E se a visão a longo prazo é a resposta aos planos humanos, podemos nos permitir *esperarmos* o tempo marcado por Deus (7, 9).

“Teu reino eterno não cessará;
Teus anos são certos, felizes, e lentos.”¹¹⁰

(ii) Olha para cima! Ver especialmente os versículos 3-7. Não se pode simplesmente desligar uma obsessão com rivais e inimigos, mas ela pode ser expulsa ao focalizar-se a atenção numa nova direção; note-se a preocupação com o próprio Senhor, expressada nas quatro frases aqui que contêm o Seu nome. Inclui uma nova orientação deliberada das emoções (4a, *agrada-te*; cf. Paulo e Silas na prisão, que cantavam além de orarem), confiando a Ele a carreira (*teu caminho*, 5) e a reputação (*tua justiça* ou “vindicação”, 6). Esta é uma libertação: ver a nota adicional sobre 5, abaixo.

(iii) Seja construtivo! Isto se declara de modo positivo no versículo 3 (*faze o bem*) e de modo negativo na advertência do versículo 8 contra a ira e seu fruto amargo. É sabedoria teológica e psicológica, não somente porque a pessoa ofendida deixa de se voltar para si mesma, mas também porque o próprio modo de Deus é vencer o mal com o bem; de qualquer maneira, “a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1:20; cf. Rm 12:21). O Evangelho, e até o Antigo Testamento, aprofundará este conselho no sentido de se fazer o bem, ao aplicá-lo à prática do bem “aos que vos odeiam” (Lc 6:27; cf. Pv 25:21).

Notas Adicionais Sobre os Versículos 1-11.

3. *Alimenta-te da verdade* é uma das várias traduções possíveis de duas palavras hebraicas, ambas as quais têm mais do que um sentido. *Alimenta-te* pode ser “apascentar” (como pastor), “alimentar-se” (como ovelha, etc.), “fazer amizade com”, “esforçar-se por” (verbo este postulado pelo substantivo em Ec 1:14). *Verdade*, ou “segurança” significa, mais comumente, “fidelidade”, e também “fé” (Hc 2:4), e, adverbialmente, “certamente”. Weiser diz: “Conserva-te reto de coração” (lit. “Apascenta a fidelidade”), formando um paralelo com “faze o bem” na primeira linha; NEB “acha pastagem segura” (lit. “pasta com segurança”) acha seu paralelo na segunda linha. Prefiro a idéia de “segue a fidelidade”, derivando o verbo da raiz hebraica “esforçar-se por”, ao invés de “alimentar-se”.

¹¹⁰ D. Greenwell, “And art Thou come with us to dwell?”

5. A palavra hebraica traduzida *entrega* é lit. “rolar”, como no caso de se ver livre de um fardo (cf. Js 5:9). Chega a ser empregada simplesmente como sinônimo de confiar algo a alguém (Pv 16:3), ou “confiar”, cf. 22:8 [heb. 9].

7. *Descansa* é basicamente “ficar silencioso”, como em 62:5 [heb. 6]. É o silêncio do esperar e não do descansar. A raiz hebraica que subjaz *espera*, provavelmente não é *hûl*, “contorcer-se” sugerido por Briggs (BDB, “esperar com anseio”), mas **hûl* semelhante a *yâhal*, “esperar”, que não tem aquela ansiedade que aqui ficaria fora do contexto, e que se acha, e.g. em 31:24 [heb. 25].

11. O contexto dá a melhor definição possível dos *mansos*: são aqueles que escolhem o caminho da fé paciente em lugar da asseveração de si mesmo; é um caminho que os versículos anteriores definem. A *terra* se refere à área dada ao povo de Deus, e não o globo terrestre, tendo em vista o imperativo do versículo 3, que diz, simplesmente, “habita na terra” — i.e., a terra que Deus te deu. A intenção do versículo 11 é que os malfeitores, que tomaram mais do que a porção deles, serão finalmente destruídos, deixando os mansos como possesores únicos. É quase um estribilho: ver versículos 3, 9, 11, 22, 29, 34. Nosso Senhor, porém, colocou esta promessa num ambiente maior: por um julgamento semelhante, os mansos não herdarão apenas o território, como também o planeta terra inteiro.

37:12-26. A Ajuda Escondida.

Até este ponto, o campo de batalha tem sido a mente do crente, atizada ao ponto de exasperar-se por causa da falta de vergonha dos maus. Agora, examinam-se os dois tipos de homens do lado de fora, comparando-se as suas fortunas e os seus caminhos. Quase todos os versículos, até ao fim do salmo, mencionam os *ímpios* ou os *justos*, empregando estes ou outros termos semelhantes.

12-15. **Perseguidos, mas não abandonados.** Mentres astutas (12a), ódio fanático (12b), e força arrebatadora (14), repetidas vezes se combinaram contra os fiéis, para então destruir sua própria causa, mais cedo ou mais tarde. Os versículos 13-15 descrevem uma derrota que o Senhor *vê estar-se aproximando*, sem Ele precisar intervir para produzi-la. A história da igreja, desde Estêvão e Saulo até ao dia presente, é cheia de tamanhas reviravoltas.

16-20, 25. **Nada tendo, mas possuindo tudo.** Embora o versículo 16 pudesse ficar sozinho, como julgamento puramente moral semelhante

ao de Pr 28:6, o justo, por mais pobre que seja, tem perspectivas melhores, além de uma consciência melhor do que os ímpios. As declarações nos Evangelhos, como as de 17-19, levam plenamente em conta as necessidades temporais (e.g. Mt 6:31ss.; 19:29); e nos Salmos, como no Novo Testamento, a verdadeira segurança e riqueza se acham não “na instabilidade da riqueza, mas em Deus” (1 Tm 6:17). A declaração confiante geral, o *SENHOR os sustém* (17), já basta para dar ânimo; muito mais, a precisão íntima de o *SENHOR conhece os dias . . .* (18, cf. 31:15), que incluem todos os *dias da fome* (19). O versículo 25 dá testemunho desta provisão, no seu sentido literal, tirado da experiência de Davi; os consoladores de Jó não queriam conceder exceções àquele sentido, mas Paulo, e outros antes dele, conheciam uma abundância que podia ser material ou espiritual, conforme Deus quisesse dar (e.g. 73:26; Hc 3:17-18; Mt 4:4; 2 Co 6:10; Fp 4:12). O tema dos versículos 19 e 20 fica perto daquele de 1:3-4. Neste trecho, *viço das pastagens* pode ser interpretado à luz do fato que *pastagens* às vezes significa “cordeiros”, mas pode também haver alusão às flores brilhantes com curta duração.¹¹¹ O símile de *fumaça* (20) não pesa contra esta interpretação, pois as metáforas mistas, no hebraico, contam como enriquecimento.

21, 22, 26. Enriquecendo a muitos. Este fato coloca em devido equilíbrio a lista de vantagens — pois o homem justo já não é justo quando se torna egoísta; neste caso, junta-se aos “homens mundanos, cujo quinhão é desta vida” (17:14; cf. 49:13-20). O elemento da generosidade na retidão é tratado com mais detalhes no Salmo 112, e, sobretudo, em 2 Co 8 e 9. Além disto, a atitude deste homem em sempre ser *compassivo* e *emprestar* (26a) é coroada por uma *bênção* duradoura à sociedade, através da família que funda. É possível que o significado de 26b seja apenas que sua família daria origem a uma nova fórmula de bênção (“seja abençoado como esta gente”), como em Zc 8:13, onde uma “bênção” é o oposto de “maldição”, mas mesmo isto poderia ser frutífero (cf. o resultado de Zc 8:13 em Zc 8:23). Um modelo melhor de tudo quanto pode significar uma promessa destas se acha em Gn 12:2-3, conforme ela é exposta no novo Testamento.

23, 24. Caídos, mas não prostrados. A expressão que revela a atuação do Senhor é enfática no hebraico, e se aplica às duas linhas do

¹¹¹ BDB, p. 430a.

versículo 23, lit.: “Da parte do SENHOR se estabelecem os passos do homem bom, e Ele Se deleita no¹¹² caminho dele.” o tipo de queda considerado no versículo 24 é uma calamidade mais do que um declínio moral, julgando-se pelo contexto. Haverá altos e baixos, mas Sua mão é firme. A expressão traduzida o *SENHOR o segura* é idêntica com “o SENHOR sustém”. (17)

25, 26. Estes versículos são comentados em 16-20 e 21-22, respectivamente.

37:27-40. A Visão a Longo Prazo.

Embora este ponto de vista não seja uma perspectiva nova neste salmo, domina esta seção, primeiramente pela repetição de “para sempre” nos versículos 27 (*perpétua*), 28, 29; depois, pelo esboço dado nos versículos 35-36; e, finalmente, por enfatizar-se “posteridade” e “descendência” em 37-38.

27-34. A injunção *faze o bem* (27; cf. 3), não é tão supérflua como possa soar. Em primeiro lugar, um conflito com o mal é, por demais comumente, uma tentação no sentido de enfrentarmos o inimigo com nossas próprias armas. Além disto, tanto o Senhor como a estrutura da vida estão do lado da *justiça* (28, 30-31), pois nada há de caprichoso no apoio da parte dEle (33), nem de fácil demais em nossa estabilidade (31).

Quanto a *santos* (28), ver sobre 18:25; quanto a *possuir a terra* (29, 34), ver sobre versículo 11.

35, 36. Este relatório pequeno e vívido de uma testemunha tem muita coisa em comum com passagens nos Livros de Sabedoria, que caracteristicamente empregam as experiências. Cf. e.g. Jó 5:3; Pr 7:6ss.; 24:30ss.; Ec 2:1ss.; etc. A *expandir-se qual cedro do Líbano* é a leitura da LXX, Vulg., etc. (como também a primeira pessoa *Passei*, 36), que representa consoantes semelhantes ao TM. Este último se representa em traduções tais como NEB: “verdejante como árvore que se expande no seu solo nativo.” O hebraico, porém, é mais complexo do que esta tradução sugere, e RSV com ARA se justificam em seguir o texto alternativo.

¹¹² NEB “vigia” se deduz de uma raiz árabe, “preservar”. Se compraz, porém, dá um bom sentido: i.e., “Ele se compraz no seu progresso” (JB). Ver também sobre 51:6.

37, 38. A ênfase dada à *posteridade* é outro ponto de contato com os escritos sapienciais, com sua preocupação em levar os pensamentos para o futuro até ao “fim” ou ao “depois” do assunto. Cf. Pr 5:4, e as passagens alistadas no comentário ali. Para o cristão, e talvez mesmo para o salmista aqui (cf. Dahood), este futuro se estende para além da morte.

39, 40. O salmo termina com calma objetividade, a resposta à impaciência queixosa achada no começo. Note-se o *do SENHOR* (39) e o *nele* (40): Sua iniciativa em enviar refúgio, e a nossa em buscá-lo; a ajuda que Ele dá, e o refúgio que Ele é.

Salmo 38 **O Proscrito**

Este grito de agonia (o terceiro dos “Salmos Penitenciais” alistados no comentário do Salmo 6), compartilha com o Salmo 70 o título “Em memória”. Já que, para Deus, lembrar-Se é agir, esta palavra fala de colocar diante dEle uma situação que clama pela Sua ajuda. Alguns dos sacrifícios incluíam uma “porção para lembrança” para simbolicamente ressaltar diante de Deus a dádiva, ou meios de expiação, ou, num caso, a acusação (Nm 5:26), que estava sendo colocada nas mãos dEle. É bem possível que este salmo tenha sido acompanhado por semelhante oferta, embora seja confundir questões primárias e secundárias traduzir o título (como em RSV) “para a oferta memorativa”.

O sofrimento é múltiplo. Há o fardo da culpa, que esmaga ainda mais sob o peso de uma doença horrível, e esta, por sua vez, alienou o sofredor dos seus amigos, dando também aos seus inimigos a oportunidade para tramar a ruína dele. Assim, a confissão a Deus se mistura com a consciência da injustiça humana, de tal modo que o penitente também é suplicante pela justiça.

38:1-8. O Fardo Repugnante.

O fardo é interno e também externo: um tormento da mente e do corpo que se aceita como sendo uma disciplina da parte de Deus.

1, 2. A ênfase recai sobre *na tua ira* e *no teu furor*. Não é uma petição no sentido de ser isentado da disciplina de Deus, mas somente que esta seja temperada com misericórdia (cf. 6:1). Se houver distinção entre *as tuas setas* e *a tua mão*, seria entre o bombardeio de dores e terrores que atormentam o sofredor (cf. Jó 6:4; 16:13), e a pressão perturbadora da atenção divina direta (cf. 32:4; Jó 13:21).

3-8. As palavras reiteradas *por causa de* (3a, b, 5) não deixam dúvida de que esta doença era um castigo. (Seria tão errado pensar que este nunca é o caso, como pensar que é sempre assim; cf. Jo 5:14 com Jo 9:3). Não há modo seguro de definir se se tratava do resultado natural do pecado, como são as doenças da concupiscência e dos excessos. O que fica claro é que a doença abriu os olhos de Davi para ver sua triste situação espiritual. Fê-lo, não ao sugerir uma analogia entre ambas, como faz Is 1:6, mas ao humilhá-lo. A culpa que um homem forte e bem sucedido poderia ter menosprezado com impaciência, agora é *como fardos pesados*; os pecados que talvez parecessem um mero gotejar agora se revelam como inundação para afogar (4). “Antes de ser afligido andava errado” (119:67).

38:9-14. A Vítima Solitária.

Há humildade pungente aqui, desde a palavra inicial, *Senhor* (não, neste caso, o nome Javé, mas, como no versículo 22, “meu Mestre”), até a frase final da seção, *não há réplica* (14) diante da deserção dos amigos e a malícia dos inimigos.

9. *Na tua presença*, lit., “diante de ti”, daí NEB “ficam abertos diante de ti” (cf. 2 Rs 19:14). Ver os comentários introdutórios a respeito do título deste salmo. Um teorista poderia argumentar que a oração é supérflua tendo em vista esta onisciência; nosso Senhor, porém, indica que só as vãs repetições sem fé são supérfluas (Mt 6:7ss.).

10. *Bate-me excitado o coração*. Não há necessidade de traduzir “meu coração está enfeitado” (RP, com uma conjectura que tem por base uma raiz acadiana).

11. A palavra *praga* talvez fosse escolhida por causa da sua associação com a lepra (e.g. quatro vezes em Lv 13:3, heb.), pois foi assim que os amigos de Davi o tratavam. Podia, alternativamente, se tratar do estigma do julgamento, como em Isaías, onde a palavra “ferido” é semelhante a esta. É irônico que, quanto mais uma pessoa precisa de apoio humano, tanto menos (pela sua anormalidade) ele a atrai naturalmente. É o evangelho que mais tem contribuído para mudar esta situação.

12-14. Há contraste marcante entre as línguas faladoras do versículo 12 e o silêncio de 13-14, fazendo lembrar o exemplo supremo de semelhante cena. O silêncio de Davi brotava parcialmente da sua fé (15; cf. 37:7), e parcialmente do seu reconhecimento da sua culpa (3-5;

cf. 2 Sm 16:11); quanto ao silêncio do nosso Senhor, no entanto, e sua relevância para nós, ver 1 Pe 2:18-25.

38:15-22. A Única Esperança.

Davi se destaca de muitas outras pessoas pela sua capacidade de *esperar* (15) por Deus. Seus anos como fugitivo, seu período em Hebrom, e sua atitude para com a revolta de Absalão, comprovaram a sinceridade da sua oração em 15-16, e dos seus conselhos no Salmo 37.

17-20. *Prestes a tropeçar*. Esta expressão (onde *prestes* traduz “colocado”), revela uma mistura de firmeza e fraqueza. Pode ser meramente uma alusão à crise presente. Pode, porém, ser a confissão da instabilidade crônica do pecador, a única consistência que revela (cf. NEB: “propenso a tropeçar”). Depois da atitude arrependida do versículo 18 (em que a preocupação ou ansiedade se expressa na palavra traduzida *suporto tristeza*) pode parecer surpreendente a alegação de ter sido atacado injustamente¹¹³ em 19-20. Os pecados de Davi, no entanto, por graves que tenham sido, eram aqueles de um homem cuja escolha fundamental era *seguir o que é bom*, e é esta escolha que sempre provoca a raiva do descrente (cf. Jo 15:18-19).

21, 22. Esta petição final, com sua urgência patética, mostra que a capacidade de Davi de esperar o momento escolhido por Deus, conforme se menciona no começo desta seção, nada devia à disposição plácida dele, nem a uma situação bem sob controle; tudo dependia do Deus que conhecia pelo nome (Javé — *SENHOR*, 21a) e pela aliança (*Deus meu*), e como Mestre e Salvador (22b).

Salmo 39 Nenhuma Residência Fixa

A pergunta urgente deste salmo é por que Deus quer disciplinar de modo tão assíduo uma criatura tão fraca e fugaz como o homem. É uma explosão semelhante a Jó 7, e especialmente ao grito registrado ali: “Deixa-me, pois, porque os meus dias são um sopro. Que é o

¹¹³ *Sem causa* (*hinnâm*) e *gratuito* se acham juntos em 35:19, e parecem ser companheiros apropriados aqui. Neste versículo, porém, temos *hayyîm* (“vivos”; ARA: *vigorosos*), de forma algo contrária à gramática, e devemos ou ler *hinnâm* “sem causa” em 19a (em 19b, *sem causa* ARA, traduz, lit. “falsamente”), ou, com uma mudança menor do hebraico, “os inimigos da minha vida”.

homem, para que tanto o estimes?" (Jó 7:16b, 17a.) Esta pergunta, no entanto, como a de Jó, não se faz com arrogância, mas com lealdade tocante (1), e com fé submissa (7). Estes "cânticos de noite" revelam algo do desnorteamento que existia com respeito ao homem, que não foi dissipado de modo final até que o Verbo se fez carne, quando, então, o evangelho trouxe a lume a vida e a imortalidade.

O Título.

Quanto ao *mestre de canto*, ver a Introdução, VI, c. 3, pág. 52. *Jedutum* foi um dos músicos principais nomeados por Davi para dirigir o culto público (1 Cr 16:41; 25:1-3).¹¹⁴

39:1-3. O Protesto Reprimido.

"Protesto" seria uma palavra forte demais se subentendesse o desafio; mesmo assim, os sentimentos de Davi estavam suficientemente atiçados para serem tomados como deslealdade se fosse dar expressão a eles no meio do convívio errado (1). Mostra um cuidado responsável para com o bom nome de Deus (cf. 73:15), primeiramente pelo seu controle-próprio, e depois, quando já não pode guardar silêncio, pelo modo de formular seu problema: como discípulo (4) e como suplente (7).

2. A expressão *acerca do bem* (2) é lit. "do bem", i.e., "sem sucesso", "em vão". Não poderia significar "mesmo do bem" (AV, RV), pois havia meios de expressar isto claramente no hebraico se fosse esta a intenção.

39:4-6. Esta Vida Fugaz.

Aqui há emoções mistas. O início e o fim do salmo revelam o desgosto de Davi por causa da brevidade da vida, que o sofrimento o fez sentir de perto (10-11); mesmo assim, sua primeira oração é no sentido de ele aprender a lição encerrada nisto (4). Este parece ser o ato deliberado de enfrentar fatos de pouca aceitação como sendo fatos da parte de Deus, vendo-os como Ele os vê (*à tua presença*, 5). A

¹¹⁴ Mowinckel (II, p. 213), interpreta *Jedutum*, não como nome pessoal, mas como termo cúltico, com o seguinte argumento: SI 62 e 77 têm o título "sobre (RSV "segundo") *Jedutum*", como se tivessem que ser cantados "sobre" uma ação cúltica. Esta preposição (*al*), porém, tem muitas matizes de sentido, inclusive simplesmente "pertencente a" (e.g. Nm 36:12 [heb.]).

quantidade de matéria a ser aprendida deste assunto doloroso pode ser julgada pela palavra *hebel*: *pura vaidade* (5); *em vão* (6); *pura vaidade* (11), já que esta haveria de ser a palavra-chave de Eclesiastes (onde se traduz: "vaidade"), para desmascarar a insuficiência fatal de tudo quanto se vinculava apenas à terra. Cf. e.g., versículo 6 com Ec 2:18-19; cf. também Lc 12:20; Tg 4:14-15; porque esta ênfase também existe no Novo Testamento.

39:7-11. Esta Dura Disciplina.

Certos temas aqui fazem deste salmo um companheiro do Salmo 38; estes se expressam nas palavras *minha esperança* (7, ver "espero" em 38:15); *emudeço* (9; cf. 38:13)); e *teu flagelo* (10; a mesma palavra que se traduz "praga" em 38:11).

Enquanto o assunto daquele salmo era a crueldade de amigos e inimigos, aqui se trata da severidade esmagadora de Deus. O único espectador humano é o *insensato* (8), e este é o tipo *nābāl* que gosta de blasfemar (cf. 14:1). O que causa perturbação a Davi é o tratamento tão severo de um pecador tão efêmero e vulnerável como o homem (10-11), pois está olhando para além do seu caso particular. Este é o paradoxo que preocupava Jó (ver os comentários iniciais sobre este salmo), e, como a maioria de paradoxos, escondia riquezas inexploradas. "Tudo quanto é difícil indica alguma coisa mais do que a nossa teoria da vida ainda abrange":¹¹⁵ neste caso, é a verdade de que o homem foi feito para a filiação e para a eternidade. O significado exato disto a respeito da disciplina paterna que Deus exerce seria exposta mais tarde, em Hb 12:5-11; e o tema de tesouros que ficam além do alcance de qualquer *traça* (11), real ou metafórica, se desenvolve em, e.g., Mt 6:19ss.; 1 Pe 1:4ss. Valia a pena lutar com este problema.

39:12, 13. Esta Pequena Petição.

O *forasteiro* e o *peregrino* eram termos que descreviam os residentes estrangeiros em Israel, talvez de duração mais longa e mais curta respectivamente. Deviam ser bem recebidos, mas não podiam possuir terras. Davi agora vê que esta condição, sem raízes, é a situação dele mesmo e de todas as pessoas. A Lei não dissera a mesma coisa, mesmo a respeito de Israel? A Lei, porém, declarou assim para salva-

¹¹⁵ George MacDonald: *an Anthology*, ed. C. S. Lewis (Bles, 1946), para. 85, p. 49.

guardar a herança, e não para negá-la (Lv 25:23), e a própria vida já ensinara a Davi a mesma lição antes (16:9-11; 17:13-15). Para o momento, porém, como Jó ou Jeremias, não podia ver além da morte, nem pedir nada mais do que um pouco de alívio. A petição de 13a não faz mais sentido do que o “retira-te de mim” falado por Pedro; Deus, porém, sabe quando este pedido deve ser tratado como em Lc 5:8ss., e quando deve sê-lo como em Mt 8:34-35. A própria presença de tais orações nas Escrituras é prova da compreensão dEle. Sabe como os homens falam quando estão desesperados.

Salmo 40

Boas Novas de Libertação

O tema de esperar, exposto no Salmo 37, teve sua aplicação dolorosa nos Salmos 38 e 39, mas agora tem seu resultado triunfante. A libertação, retratada de modo memorável nas primeiras linhas, exige uma celebração condigna, e Davi consegue perceber que nenhum mero ritual pode bastar para isto: somente um ato de abnegação pessoal. Prepara-se para esta entrega de si mesmo, com uma declaração que, na realidade, somente o Messias conseguirá cumprir, conforme o Novo Testamento deixa claro. Seu “*Eis aqui estou*” é o ponto alto do salmo.

Voltam, porém, os problemas, e, mais uma vez, Davi tem que ficar esperando. O salmo termina com uma oração de aflição, a maior parte da qual reaparece mais tarde no Saltério, como salmo separado (70). Tem uma nota de urgência, mas, ao mesmo tempo, uma de alegria subjacente, enquanto Davi se lembra de um círculo mais amplo e de uma causa maior do que as suas necessidades mais prementes.

40:1-10. A Recompensa Para Quem Espera.

O “novo cântico” de Davi tem se ecoado tanto mais largamente por ter surgido de uma libertação que poderia ter sido da doença, do pecado, ou de quase qualquer perigo. Podemos ser gratos por não sabermos mais detalhes do “poço de perdição” do que sabemos a respeito do “espinho na carne” de Paulo.

1-3. A libertação. A palavra *confiantemente* (“com paciência” ARC — que é muito plácida para o sentido) representa uma reduplicação intensiva de “esperar” no hebraico, lit., “Esperei e esperei”. *Ele se inclinou para mim* também é um pouco delicado demais; Moffatt interpreta: “virou-Se e escutou meu clamor” — como quando a atenção de alguém é atraída e fixada.

2. *Um poço de perdição* ou “de desolação”, como no verbo original afim em Is 6:11, “até que sejam *desoladas* as cidades”. A metáfora adicional, *tremedal de lama* coloca em duas palavras quase tudo quanto pode ser sugerido de horror e completo desamparo. Cf. a triste situação literal de Jeremias e seu livramento (Jr 38:6ss.). E o quadro de livramento não termina com a mera libertação — que foi o caso de Jeremias — mas com os primeiros passos da liberdade.

3. Melhor ainda, os pensamentos de Davi não se restringem à sua própria pessoa, remoendo a sua ordealha: sobem a Deus com gratidão, e transbordam para seu povo. Há, no original, um jogo de palavras entre *ver* e *temer*, que ressalta esta última palavra, pois o interesse de Davi não é meramente atrair atenção, e, sim, despertar uma reverência (*temor*) e *confiança* frutífera, conforme a confirmação que se achará nos versículos seguintes. Salmo 51:13 demonstra o mesmo espírito.

4, 5. **Reflexão.** *Confiança* é retomada do versículo 3, enquanto Davi tira para nós todos esta lição, fruto da sua experiência, primeiramente ao rejeitar todos os demais que poderiam reivindicar a nossa confiança (para os *arrogantes* ele escolhe uma palavra que veio a ser alcunha do Egito, “Gabarola”, Is 30:7), e depois, ao detalhar as reivindicações incomparáveis de Deus. O passado está repleto dos Seus milagres (*maravilhas*), o futuro está repleto dos Seus planos, Seus *desígnios*. Cf. estes dois temas outra vez em 139:13-18.

6-8. **Dedicação.** Depois de semelhante libertação, qual é a oferta que se pode trazer, senão o coração e a vontade? Tal é a lógica desta situação; Davi, porém, a ultrapassa ao falar como se seu sacrifício da sua própria pessoa fosse ser o sacrifício para terminar todos os sacrifícios. Se for esta a implicação das suas palavras, fala, não de si mesmo, mas do Messias; e isto é confirmado em Hb 10:5-10.

6. O antecessor de Davi no reino fora repreendido pela sua insinceridade em termos semelhantes a estes (1 Sm 15:22); este versículo, juntamente com o seguinte, esquadrinha o sistema inteiro, e antecipa as profecias do Servo e a Nova Aliança. A segunda linha é difícil: lit., “ouvidos escavaste para mim”. Já que o “escavar” pode significar “furar” (cf. 22:16 [heb. 17]), talvez haja uma alusão aqui à cerimônia de fazer com que um escravo pertença ao seu dono para sempre (Êx 21:6, com outro verbo). Há, porém, dificuldade com o plural, “ouvidos”, e poucos aceitam este ponto de vista. É mais provável que seja um paralelo vigoroso das expressões empregadas em Is 50:4-5:

“desperta-me o ouvido”, “O SENHOR Deus me abriu os ouvidos”. Trata-se do treinamento que o Servo recebe em percepção e obediência. A LXX, citada por Hb 10:5, tem “corpo me formaste”. Seja qual for a origem desta leitura, leva adiante o senso de dedicação que o texto hebraico dá a entender, e vale a pena notar que em Is 50:5-6, a obediência do “ouvido” logo inclui o oferecimento das “costas aos que me feriram, e as faces aos que me arrancavam os cabelos”.

7. Por sua confiança, a declaração “*Eis aqui estou*” deve ser comparada com a expressão hesitante: “Eis-me aqui, envia-me a mim” de Is 6:8. Este servo é um príncipe. O *rolo do livro* pode ser uma alusão a um decreto de coroação (ver sobre 2:7; cf. 110:1), ou, como sustenta a maioria dos comentaristas, ao Livro da Lei, cujos mandamentos aquele que fala aceita como sendo obrigatórios para ele (cf. o fim de 2 Rs 22:13). *Está escrito a meu respeito*, porém, se refere mais naturalmente a *Eis aqui estou*, tratando-se, portanto, da convicção de que sua própria vinda é um cumprimento. Isto concorda de perto com a asseveração de nosso Senhor: “Moisés . . . escreveu a meu respeito” (Jo 5:46; cf. Lc 24:27) e com o conceito elevado que o Novo Testamento tem do significado desta passagem.

9, 10. **A proclamação.** O dever positivo de compartilhar as novas da salvação fica muito claro nos Salmos, muitos dos quais eram destinados para tais ocasiões. Cf., e.g., Salmo 116, e ver sobre 22:22-26. Um exemplo real de um agradecimento formal é o de Ana, com suas ofertas (e o sacrifício vivo, Samuel), seu testemunho falado, e seu “cântico novo” (1 Sm 1:24-2:10).

40:11-17. Volta-se a Esperar.

Este é o primeiro indício de que ainda há desgraça por perto. A não ser que se trate de um salmo composto para uma situação puramente hipotética (e quantas vezes surgiria uma situação para exigir uma composição destas?), significa que Davi deliberadamente relembrou e fez conhecida sua libertação no passado; depois, cercado pela coletânea de termos que representam a salvação (10), volta-se para Deus com um “Tu” enfático que começa o versículo seguinte no texto hebraico, e os reafirma — pois o versículo 11 é uma declaração, e não uma oração: “Tu, Senhor, não reterás . . .” (cf. Gelineau e NEB, quase sozinhos, mas quase sem dúvida com a razão). Naquele ambiente, declara a sua condição; e confessa-a tão francamente quanto confessou a sua fé.

11, 12. “**As minhas iniquidades**”. Quanto ao versículo 11 como uma afirmação, ver supra. Seja qual for o “tremedal de lama” no versículo 2, aqui os problemas foram causados, em grande medida, pelo próprio Davi, e agora o *alcançaram*.

13-15. **Os meus inimigos**. Se Davi fica desanimado com o seu pecado, seus inimigos o despertam à ação: não têm direito de tirar vantagem da queda dele. Esta reação vigorosa diante do tipo errado de pressão faz parte do segredo da sua resiliência. É o direito de Deus, e não do desordeiro, abatê-lo; cf. Mq 7:8-9.

16, 17. “**O meu amparo**”. A alegria maldosa dos inimigos (15), faz Davi lembrar-se, em contraste, da “alegria que não tem fontes amargas”;¹¹⁶ uma alegria que não pensa em si mesma (*em ti*, 16), e despertada por aquilo que é positivo (não *meu mal*, 14, mas *tua salvação*, 16). Sua preocupação dominante emerge na exclamação: “O SENHOR seja magnificado!” (16¹¹⁷), que, de modo significativa, toma precedência sobre a petição pessoal: “que o SENHOR cuide de mim” (17), e sobre o grito final de angústia. Comparar o que “*Eu sou*” com aquilo que “*Tu és*” é algo que concede estabilidade; orar, porém, pela glória de Deus é uma libertação, é o caminho da vitória, e, conforme mostra Jo 12:27-28, o caminho do próprio Cristo.

Salmo 41 **Quando Alguém Está Derrubado**

Se a parte maior deste salmo é queixosa, a gratidão demonstrada no fim demonstra que a provação já chegou ao fim. Os versículos do meio revivem-na com toda a sua intensidade, para ressaltarem a compaixão que se louva no prólogo, e a vindicação que se celebra no epílogo. O ponto de vista do sofredor nunca coincide bem com o do benfeitor. Somente a parte principal do salmo pode revelar como a bem-aventurança com que ele começa se sente do fundo do coração.

41:1-3. A Oportunidade Para Ajudar.

Necessitado. Lit., “pobre” (ARC); aqui se emprega no seu sentido primário de fraco e indefeso: alguém que está em condições embara-

¹¹⁶ R. Kipling, “Land of our birth”.

¹¹⁷ Esta expressão em hebraico, Yigdal Yahweh, agora forma o início da doxologia judaica, o Yigdal, sobre a qual se baseia o hino cristão: “Ao Deus de Abraão louvai”. (C.C. 12.)

çosas. A palavra *acode*, lit. “considera”, é marcante, pois usualmente representa a sabedoria prática do homem de negócios, dando a entender que se trata de pensar bem na situação desta pessoa, ao invés de dar alguma ajuda rotineira e superficial.

O que segue esta bem-aventurança é ou uma série de promessas, como na maioria das versões (e não a série de declarações no presente que consta na RSV), ou uma série de orações, de modo semelhante ao Salmo 20: i.e., “Que o SENHOR o livra . . . o protege”, etc. como na ARA. O versículo 2c [heb. 3] condiz com este segundo ponto de vista, pois é uma oração direta, *não o entrega* . . . , mas o versículo seguinte apóia a idéia de promessas e declarações. Cada um destes tem suas dificuldades, mas talvez, como Perowne sugere, o peso da evidência se inclina na direção de promessas (como na ARC), sendo que estas comumente se seguem depois das bem-aventuranças. O tema se aproxima de Mateus 5:7: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.” 3b tem uma palavra enfática antes de “cama”, lit., “toda a cama”, que pode dar a seguinte interpretação à linha: “na doença tu lhe afogas a cama com todo cuidado.”

41:4-10. A Oportunidade Para Causar Danos.

A posição de Davi fica tanto mais fraca por causa da sua consciência pesada (4; cf. 38:3); mesmo assim, receberá mais misericórdia de Deus, contra Quem pecou, do que do amigo, a quem ajudou (9). Pouco comentário é necessário a respeito das visitas que sentem alegria maliciosa e que especulam impacientemente: “*Quando morrerá e lhe perecerá o nome?*” (5-8). Esta última frase é explicada em NEB: “e quando ficará extinta a sua linhagem?” No versículo 7 *engendram* (lit., “imaginam”, ARC), é o mesmo verbo que se traduz “cuida” em 40:17 [heb. 18], e “atribui” em 32:2. Pode se referir às suas esperanças malignas¹¹⁸ e complôs, como em ARA, ou às suas críticas. Neste ponto, senão antes, o leitor tem que se perguntar se tais pessoas devem ser classificadas como “eles”, ou como “nós”. Tal, pelo menos, foi a reação dos discípulos diante do versículo 9 (Jo 13:18, 22; cf. Mt 26:21ss.),

¹¹⁸ Versículo 8 é um exemplo destas, com a diagnose da doença como sendo, lit., “uma coisa de Belial”, uma palavra cuja derivação tem sido alvo de muitas sugestões, mas que sempre tem conotações de coisa maligna ou destrutiva, e forma um sinônimo com a morte e o Seol em 18:4-5 [heb. 5-6]. Emerge como nome para Satanás em 2 Co 6:15 e no judaísmo posterior, onde também se soletra Beliar.

quando Jesus o citou, no sentido de estar iminente o cumprimento num nível diferente. (Nisto, Ele viu, como noutros trechos, uma pequena representação da Sua própria vocação nas experiências de Davi. Ver a Introdução, IV d, p. 33.)

10. Este versículo pertence à narrativa da petição de Davi, procurando socorro, que começou no versículo 4, e que deve ser lida no decurso de todos estes versículos como parte do apelo que endereçou a Deus naquela ocasião. Todo o trecho (4-10) faz parte daquilo que Davi *disse*; as palavras dos inimigos (5, 8), fazem parte do relatório que fez diante de Deus. A expressão enfática *Tu, porém*, neste versículo, corresponde a igual ênfase dada a "Meus inimigos" (5), e retoma a petição do versículo 4. O pedido *para que eu lhes pague segundo merecem* é incomum, pois é usual nos Salmos orar para que Deus faça isto. Davi, no entanto, como rei, tinha autoridade para agir de modo judicial, poderes estes que na realidade exercia com grande reserva. Mesmo assim, continua bem marcante o contraste entre a reação pessoal dele diante da inimizade e a traição, e a do nosso Senhor: trata-se do contraste entre a justiça punitiva e a graça expiadora.

41:11, 12. A Última Palavra.

Davi conhecia perfeitamente bem as suas próprias imperfeições (cf. 4), de tal modo que não achava que sempre tinha razão, como demonstrou a sua meiguice para com Simei (2 Sm 16:11). Sendo assim, seu alívio ao ser vindicado é sentido do fundo do coração. O que também revela o caráter dele é o ingrediente principal daquele alívio: o senso da comunhão renovada: *tu te agradas de mim*. E sua ambição confirma isto, pois ela não se centraliza na sua própria pessoa, mas na *tua presença para sempre*. "Para sempre" nem sempre é uma expressão tão absoluta como nos parece; mas, quer Davi olhasse para além desta vida (cf. 16:11), quer não, a resposta não o decepcionaria.

41:13. A Doxologia ao Primeiro Livro dos Salmos.

Cada um dos cinco livros termina com um irrompimento de louvor, cujo fecho é um Amém duplo (aqui e em 72:19; 89:52), um Amém com Aleluia (106:48), ou, finalmente, com aquilo que é virtualmente um Aleluia duplo (150:6), ou, na realidade, um salmo inteiro de doxologia. Apesar de todas as suas flutuações de ânimo, o Saltério volta constantemente à sua nota tônica, que se identifica no seu título hebraico, "Louvores".

LIVRO II: SALMOS 42—72

Aqui se colecionam Salmos de várias fontes: os filhos de Coré, que eram músicos do Templo (42-49); de Asafe, fundador de outro grupo do Templo (50); Davi (51-65; 68-70); Salomão (72). Há, ainda, três Salmos anônimos: 66, 67, 71. Para mais discussão, ver a Introdução, II, págs. 15 e segs.; VI, *b*, págs. 46 e segs.

Salmos 42 e 43 **Longe do Lar**

Embora cada um deste par de salmos possa ser lido individualmente, trata-se, na realidade, de duas partes de um único poema, estreitamente entrelaçado, um dos mais tristes e belos no Saltério. Não somente há um título único que serve para ambos os salmos em conjunto, como também há o mesmo solilóquio “Por que hei de andar eu lamentando” em ambos (42:9; 43:2), bem como o estribilho que encerra as duas partes do salmo 42 nos versículos 5 e 11, e que volta para a terceira vez em 43:5, para completar o poema inteiro. É o lamento de um cantor do Templo exilado no norte,¹ perto do nascente do Jordão, que anseia por estar de volta na casa de Deus, e que transforma seus anseios em fé resoluta e esperança do próprio Deus.

¹ Cf. talvez, uma situação tal como 2 Rs 14:14. A sugestão de Mowinckel (I, p. 242) de que se trata de um salmo em prol do rei, ausente numa campanha, seria mais cabível no caso de, e.g., SI 61.

42:1-5. A Seca.

O salmo métrico “Qual suspira a corça inquieta” acrescenta (em Inglês: “No calor que sente na caça”). O salmista, no entanto, deve ter pensado na agonia mais lenta da seca (cf. Joel 1:20, que é semelhante), um quadro horrível que Jeremias pinta em Jr 14:1-6, com sua paisagem crespada e as criaturas estonteadas e moribundas. Sua longa provação espiritual se mostra na exclamação patética: *quando?* no versículo 2, e a condição abandonada da paisagem é revelada pelas perguntas zombeteiras dos espectadores: *Onde?* (3).

Diante dos homens, é vulnerável porque declarou a sua fé; quando se tornam inescrutáveis os caminhos de Deus, o fiel é ridicularizado. Por dentro, ele é vulnerável por causa da sua sede por Deus; não aceitará nada menos: note-se a reiteração nos versículos 1b e 2.² Esta “corça aflita” não é um camelo, habitando no deserto e auto-suficiente. Escolheu a bem-aventurança daqueles que têm fome e sede pela justiça, e não a situação enganadora de “vós os que estais agora fartos” (Lc 6:25).

4. Para os salmistas, não há dúvida de que o assunto central no culto público era a própria Pessoa de Deus (1, 2); no entanto, a camara-dagem e o ritual comovente de uma grande ocasião eram um prazer adicional: cf., entre outros, Salmos 48, 68, 84, e os Cânticos de Romagem (120-134). Se este cantor *guiava* os adoradores *em procissão*, ou apenas tomava seu lugar entre eles, depende do significado de uma palavra rara,³ que as versões antigas lêem de modo diferente do Texto Massorético.

5. Esta comunhão consigo mesmo é o estribilho principal dos dois salmos: ver versículo 11 e 43:5. É um diálogo importante entre os dois aspectos do crente, que é ao mesmo tempo um homem de convicção e uma criatura mutável. É chamado para viver na eternidade, com sua mente firmada em Deus; vive, também, no tempo, onde sua mente e

² Versículo 2b [heb. 3] com as vogais tradicionais se lê: “e aparecerei diante de Deus” (cf. ARC). As mesmas consoantes, no entanto, podem ser vocalizadas para se ler: “e contemplarei a face de Deus” (cf. ARA), que é uma construção mais fácil. Cf. e.g. SI 27:8.

³ TM *'eddaddêm*, cf. Is 38:15; ver BDB, 186b. A LXX (“maravilhoso”) por certo lia *'addîrîm*, “majestoso”, interpretando a palavra anterior como variação de “choupana”; daí: “Teu tabernáculo maravilhoso”. Dahood propõe “quando atravesso a barreira, e me prostro . . .”, baseando esta última leitura numa raiz ugarítica.

seu corpo são submetidos a pressões que não podem e não devem deixá-lo impassivo. Cf. "Agora está angustiada a minha alma . . ." (Jo 12:27-28). O estribilho do salmista nos ensina a levar a sério ambos os aspectos da nossa existência. Não há, de um lado, qualquer indicação de que sua aflição poderia ser evitada, pois surgiu do seu amor; nem, do outro lado, que era intolerável, pois não abalou a sua fé.

42:6-11. Os Abismos.

Aqui temos uma figura de linguagem totalmente diferente. Os pensamentos do poeta são conturbados pelo cenário de natureza diferente no meio do qual ele fica. Ali, o rio Jordão, não longe da sua nascente nas encostas do *Hermon*,⁴ se precipita entre as rochas e por cima de cataratas. Algo do seu estrondo e sibilar se ecoa, segundo parece, no texto hebraico do versículo 7 [heb. 8]: *t^ehôm-'el-t^ehôm qôre' l^eqôl šinnôreka*; e a primeira destas palavras (o *abismo*) tem o pano de fundo impressionante de Gn 1:2.

Aqui há um quadro de tudo quanto é assoberbante: perdeu o apoio para os pés, e onda após onda o submerge. É exatamente esta linguagem que Jonas retoma nas profundezas (cf. 7b com Jn 2:3).

Mesmo assim, a sua fé vem sempre à tona. Em 6a, *lembro-me de ti* é um avanço comparado com a nostalgia de "Lembro-me destas coisas" (4) — coisas que, diferentemente de Deus, já não estavam dentro do alcance. Além disto, as águas profundas se vêm como *tuas* catadupas, *tuas* ondas e vagas. Acima de tudo, o versículo 8 se assegura tão firmemente da presença de Deus como os versículos 9 e 10 revelam mágoa pela Sua "ausência" (cf. o comentário no versículo 5). Não há nenhum alívio da tensão, mas as emoções agora têm o pano de fundo de fortes convicções. Há, portanto, um contraste significativo entre as alusões *ao dia* e *à noite* no versículo 8 e no versículo 3.

Três estribilhos se encontram aqui, vinculando a composição inteira, de modo discreto. O versículo 9b se emparelha com 43:2b; 10b com 42:3b; 11 com 42:5 (ver seu comentário) e com 43:5.

⁴ A colina *Mizar* ("pequenez") fazia, segundo parece, parte da cordilheira dominada por *Hermom*, mas ainda não foi identificada. Ou há ainda a possibilidade de haver uma referência irônica à montanha impressionante de *Hermom* ("a pequena colina!"), no espírito de 68:15-16, onde os picos grandes se sentem insignificantes ao lado do monte Sião, habitação de Deus.

43:1-5. A Libertação.

Em todo o Salmo 42 tem havido uma confiança crescente nas coisas que não podem ser abaladas, embora a tempestade do sofrimento não desse sinal de acalmar-se. O processo continua aqui. As disposições sombrias (2b, 5) se alternam com orações sempre mais afirmativas. *Faze-me justiça* (1) é um começo mais animado do que as confissões de sequeidão e confusão em 42:1-2, 6-7, por necessárias que tenham sido. Agora, além disto, a provação da escuridão e da insegurança pode ser notada por nós apenas através de um pedido positivo, uma petição por *vida e verdade* (i.e., a fidelidade divina), que dissipará aquelas (3).

Esta oração do versículo 3 se coloca em linguagem tal, que levanta a questão de se esperar uma volta para casa necessariamente literal, ou não. Ser guiado para casa pela luz e verdade de Deus pode significar ser trazido de volta do exílio por Aquele que revela estas qualidades; mas é um modo um pouco indireto de dizê-lo. Há pelo menos a possibilidade de um significado que o salmista, recebendo esta luz e esta verdade, sabe que pode desfrutar no próprio exílio as bênçãos do *santo monte e altar* de Deus. Os Salmos falam muitas vezes de tais equivalentes espirituais dos meios externos do culto: e.g. 50:13-14; 51:17; 14:1, 2.

Sendo assim, o estribilho principal (5), ao aparecer pela terceira vez, pode retomar as palavras corajosas de 42:5, 11 com um tom diferente, confiante mais do que pavorosamente desafiador. A caminho de casa ou não, o poeta pode louvar a Deus como sua *grande alegria* e — não meramente seu *auxílio*, que é palavra por demais fraca aqui — sua “salvação”. Externamente, nada mudou: mas ele já chegou até a vitória.

Salmo 44
Derrota Nacional

O sofredor inocente passa por muitos esquadrinhamentos de coração nos Salmos. A unidade maior, porém, que é a nação, está menos freqüentemente certa quanto à sua inocência: seus pecados podem por demais freqüentemente explicar os seus sofrimentos. Este salmo é talvez o exemplo mais claro de uma busca de alguma outra causa de um desastre nacional que não seja culpa e punição. Chega dentro do alcance de uma resposta justamente no ponto da sua maior perplexidade: “Mas *por amor de ti*, somos entregues à morte . . .” (22). Por um momento,

percebe que o povo de Deus está envolvido numa guerra que é mais do que local: a luta dos "reis da terra . . . contra o SENHOR e contra o seu Ungido" (2:2). O Novo Testamento, tendo mais das peças da verdade espiritual colocadas em posição, verá aqui o prenúncio da igreja perseguida, fazendo prognose não de derrota, mas de vitória (Rm 8:36ss.).

A dispersão entre as nações (11) e a consciência clara do povo a respeito da idolatria (17ss.), parecem, à primeira vista, indicar tempos pós-exílicos para a composição do salmo; havia, no entanto, deportações antes do Exílio (cf. Am 1:6, 9), e um salmo tal como o Salmo davídico 60 (com semelhanças fortes a este), é uma lembrança de que a derrota não era desconhecida durante os reinados de reis leais. A inclusão deste salmo no Segundo Livro do Saltério faz com que uma data pré-exílica seja a mais provável.

44:1-8. O Passado Glorioso.

Quando a Lítania de Cranmer juntou o primeiro versículo deste Salmo com o último (26), como declaração e petição, tratava esta oração como herança cristã, e não meramente como relíquia judaica. Rm 8:36 faz a mesma coisa (ver supra); e o próprio salmo deixa a prova do seu argumento para a continuidade a ser esperada através das gerações do povo de Deus.

1-3. A vinculação com passado é tanto mais forte por causa de as façanhas dos antepassados não terem sido deles, mas de Deus; não há questão aqui de relembrar alguma raça de heróis que depois se degenerou.

4-8. Além disto, o segredo do sucesso dos antepassados não foi perdido. Se é o rei quem fala no versículo 4, está declarando que Israel continua sendo uma teocracia tão seguramente como antes. A *exclamação*: *Tu és meu Rei, ó Deus*, é seu ato de homenagem que a segue pela oração imediata, e por palavras de confiança. As ênfases fortes no versículo 6, *Não confio no meu arco, e não é a minha espada . . .* fazem eco nítido das do versículo 3: "não foi por sua espada . . . nem foi o seu braço . . .". Parece que nada mudou nas suas batalhas, a não ser os resultados, que são desastrosos. Este é o tema do parágrafo seguinte.

44:9-16. O Presente Desastroso.

Já não sais com os nossos exércitos (9b) ocorre também em 60:10. Se esta for a situação, a derrota não será surpresa; muita coisa, porém,

depende do sentido em que esta declaração é verdadeira, e isto será examinado com os versículos 17ss. Por enquanto, a aflição do povo de Deus se aprofunda com cada linha dos versículos 10-12, com derrota completa, despojo, matança, dispersão e escravidão; pior do que qualquer destes itens, porém, é a derrota interior descrita nos versículos 15-16: uma falta total de confiança, ao aceitarem a avaliação que o mundo deles dá em 13-14. Estão mais do que derrotados: estão desmoralizados.

Mesmo assim, não estão tão desmoralizados que abandonam a tentativa de descobrir o significado dos acontecimentos. No parágrafo seguinte, isto levará a eles, e a nós, até à beira da resposta dada no Novo Testamento.

44:17-26. Por Que . . . Senhor?

No esquadrinhamento do coração nos versículos 17-22, o fato importante que começa a emergir é que o desastre é uma coisa, e a ignomínia é outra bem diferente. As derrotas que pareciam como provas da retirada de Deus na Sua ira, agora sugerem apenas que Se recusa a ser apressado (23ss.), ou a fazer aquilo que todos esperam da parte dEle. O salmo está examinando as flutuações misteriosas que têm seu paralelo na história cristã: períodos de bênção e de esterilidade, avanços e recuos, que podem corresponder a uma situação de nenhuma mudança na lealdade e nos métodos dos homens. Embora seu quadro de um Senhor adormecido possa nos parecer ingênuo, o mesmo quadro foi encenado no Novo Testamento, para ensinar uma lição que ainda achamos relevante hoje: cf. versículo 23 com Marcos 4:38.

O ponto crucial, no entanto, está no versículo 22, com a frase *por amor de ti*. O salmo não desenvolve o tema, mas dá a entender a idéia revolucionária de que o sofrimento pode ser uma cicatriz de batalha e não um castigo; é o preço da lealdade num mundo que está em pé de guerra contra Deus. Se este for o caso, um revés, e não somente uma vitória, pode ser um sinal da comunhão com Ele, e não de alienação. Assim, Paulo cita o versículo 22, não com o desespero de “mais do que derrotado” (ver sobre 9-16, supra), mas com a convicção de que “em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8:36-37). O sono, afastamento ou falta de atenção da parte de Deus são apenas as aparências sugeridas nos versículos 23-24; a realidade que jaz por detrás de tudo isso recebe a última palavra no salmo: *a tua benignidade*.

Salmo 45

Um Casamento Real

Esta bênção pronunciada sobre um casamento é tão deslumbrante como a ocasião que acompanha. O esplendor externo do evento se evoca em cada linha, e, por baixo da superfície, podemos sentir quão momentoso ele é para as duas personalidades centrais: tanto um fim como um novo começo (10-11, 16-17), fundamental não apenas para ele, como também para o reino, cujo futuro se vincula com os filhos que produzirão. Além disto, o salmo é messiânico. Os parabéns para a família real repentinamente se desabrocham em honrarias divinas (6-7), e o Novo Testamento as interpretará conforme a inteireza do seu valor.

Este último fato tem implicações possíveis para outro exemplo de poesia de casamento, Cantares de Salomão, pois, pela sua linguagem e seu título, *cântico de amor*, o salmo entra tão claramente na categoria de poesia literalmente nupcial como Cantares, e, ao mesmo tempo, fala indubitavelmente de Cristo. Como prova, bastaria que um nível de significado não precisa excluir o outro, mas Efésios 5:32-33 coloca o assunto além das dúvidas.

O Título.

Segundo a melodia: Os lírios, ou “sobre Sossanim” (ARC): ver a Introdução, VI, c 3, p. 55. Sobre *Salmo didático* (“Masquil”, ARC) e *Ao mestre de canto*, ver pp. 53s.

45:1. Prólogo: Versículos Para um Rei.

Esta é uma das raras ocasiões quando um salmista nos deixa ter um relance do processo da composição; cf. 2 Samuel 23:2; talvez 36:1 (ver o comentário); 39:-3; 49:3-4; 73:2ss.; 78:2-3. Este versículo conta de um tema que quase grita para ser ouvido; o coração do poeta está em agitação com ele, e as palavras chegam com fluência. Nas demais passagens, surgem aspectos diferentes da inspiração, e ainda outros na Lei e nos Profetas.

45:2-5. A Estatura Real.

Este rei não é mera figura de proa; é a personificação de tudo quanto dá à realeza sua glória sem igual: seu direito de combinar a continuidade imemorial (2c, 6a) e glória pessoal sobrepujante (2ss.) num só homem. Poder-se-ia menosprezar o retrato, dizendo que se trata de

lisonja convencional, se não houvesse um Rei de Quem se pode dizer com seriedade todas estas coisas; que Ele é o “mais formoso entre dez mil” (cf. 2a), que “Jamais alguém falou como este homem” (cf. 2b), que Ele é “manso e humilde” mas que sai cavalcando “conquistando e para conquistar” (cf. 3-5), e que é chamado “Fiel e Verdadeiro” (cf. 4a, b).

2. A frase *Deus te abençoou para sempre* pode ser a alusão contida em Rm 9:5. Se este for o caso, então, o fato de que o salmo passa a tratar o rei como Deus (6-7), pode lançar luz sobre a questão debatível daquilo que Paulo queria dizer naquele versículo.

4. Este versículo inspirou o hino magnífico “Ride on! ride on in majesty!” (“Cavalga adiante na Tua majestade!”), cuja terceira linha diz: “Ó meigo Salvador, continua Teu caminho”, deriva a idéia da mansidão da AV, como no texto hebraico. (ARC: “pela causa da verdade, da mansidão e da justiça . . .”) O texto hebraico, porém, diz, lit.: “por causa da verdade e humildade-justiça”, que as versões mais antigas facilitam ao acrescentarem “e”, enquanto a maioria das versões mais novas fazem alterações mais extensivas.⁵ De modo geral, a solução mais simples ainda parece ser “mansidão e justiça”, como na LXX, Vulgata, etc.

45:6-9. A Pomba Real.

Trono e *cetro* introduzem a lista de esplendores e símbolos formais do rei, para cuja honra e séquito nenhuma raridade é dispendiosa demais e nenhuma pessoa por demais exaltada.

Estas coisas, no entanto, são apenas incidentais em comparação com as palavras surpreendentes dirigidas ao rei nos versículos 6 e 7. RSV, NEB e RP (mas não JB nem Gelineau) evitaram o sentido claro do versículo 6 (que se confirma nas versões antigas e no Novo Testamento), ao reduzirem as palavras *O teu trono, ó Deus* para algo menos surpreendente. O hebraico, no entanto, não está aberto a qualquer mitigação aqui, e é o Novo Testamento, e não as novas versões, que lhe fazem justiça quando o emprega para comprovar a superioridade do Filho de Deus aos próprios anjos (Hb 1:8-9). Além disto, o versículo 7 faz distinção entre *Deus, o teu Deus*, e o rei que foi chamado “Deus”, no

⁵ De modo mais moderado, Dahood sugere “. . . e defende os pobres” (*wē‘ānāw ḥaṣḏeq*), no lugar de TM: *wē‘anwā-seḏeq*. Isto não exige mudança alguma das consoantes, e é semelhante a 82:3. Provoca, no entanto, uma mudança de vogais e da divisão das palavras.

versículo 6. Este paradoxo é consistente com a encarnação, mas sem explicação em qualquer outro contexto. É um exemplo da linguagem do Antigo Testamento que irrompe as suas barreiras, para exigir um cumprimento mais do que humano (como foi o caso de 110:1, conforme nosso Senhor). A fidelidade da LXX, que é pré-cristã, em traduzir estes versículos sem alteração é muito marcante.

8. *Palácios de marfim* recebiam este nome por causa dos engastes de marfim nos seus painéis e ornamentações. Dá-se a entender aqui que o seu conteúdo seria de igual excelência. O palácio de Acabe foi adornado assim (1 Rs 22:39), como eram outras grandes casas (Am 3:15; 6:4). Alguns exemplares destes trabalhos de marfim já foram desenterrados.

9. O auge do ambiente desta cena é atingido ao descrever-se o lugar preparado para a própria *rainha*, que será a personagem principal da parte seguinte do poema. Não somente no casamento, mas também nos assuntos do reino, o lugar dela será ao lado dele; cf. Ne 2:6 (e, por analogia, Ef 2:6).

45:10-12. A Lealdade da Noiva.

Um casamento real ressalta com clareza especial a separação e o novo começo que são fundamentais em todos os casamentos.⁶ Aqui, o peso disto recai sobre a esposa, como filha de um rei (13), cujas lealdades antigas não devem competir com as novas. Este versículo consta como complemento importante e Gn 2:24, que ressalta o rompimento semelhante do marido com seu lar anterior, para se dar à sua esposa. Aqui, também, há um relance da parte dele, não somente no seu desejo pela sua esposa (11a), como na sua nova orientação para com o futuro, para ser um pai ao invés de um filho (16).

12. A submissão da noiva ao seu parceiro, tanto como marido como na sua qualidade de rei (11b; cf. o emprego que Sara faz da palavra *senhor*, Gn 18:12) vai junto com a dignidade que ela também deriva dele. Os amigos e súditos dele agora são dela; ela ganha, ao invés de perder, pela homenagem prestada por ela. *Tiro* se menciona como sendo a última palavra em matéria de riquezas (cf. Ez 27), sendo, ao mesmo tempo, um antigo parceiro comercial de Davi e Salomão. O hebraico tem "a filha de Tiro" (ARA), que RSV provavelmente tem razão em

⁶ Ver o Comentário Cultura Bíblica sobre *Gênesis* (2:24); ver também W. Trobisch, "Casei-me com Você" (Ed. Loyola), especialmente cap. 2.

entender como sendo “o povo de Tiro” (cf. e.g. Is 47), e não uma pessoa de lá.

45:13-15. A Procissão da Noiva.

A expressão conservada na AV “A filha do rei é toda formosura por dentro” é inesquecível, mas já que a palavra aqui traduzida *dentro* usualmente significa dentro de uma casa ou edifício, RSV e ARA provavelmente têm razão em pensar no lugar dela no seu palácio, de onde agora sai sua procissão em direção ao *palácio do Rei* (15). Para a expressão *as virgens, suas companheiras*, JB coloca de modo mais simples e preferível, “damas de honra”.

Este escoltar da noiva *perante o Rei*, nas suas roupagens mais finas, enquanto ele espera por ela em toda a pompa real, não é formalidade supérflua: é o equivalente encenado da frase de Paulo: “para vos apresentar como virgem para um só esposo” (2 Co 11:2), e ressalta a ênfase do primeiro casamento, quando Deus “trouxe” a mulher ao homem, e do último, quando a igreja vem “preparada” como noiva “adornada” para seu marido. Desfazer-se destes elementos de um casamento é torná-lo trivial, é desprezar a honra devida entre noivo e noiva, e o lugar que ambos ocupam num círculo mais largo.

45:16-17. Filhos Para o Trono.

É ao rei que se fala agora; *teu* e *teus* são formas masculinas, no original. É a vez dele de ser exortado a olhar para o futuro, e não para o passado (16; cf. 10), como a promessa de novas glórias. Estas palavras poderiam simplesmente ser os melhores votos formais que são apropriados para um rei, como a saudação: “Vive para sempre!” O oráculo messiânico dos versículos 6-7 nos prepara, entretanto, a interpretá-las como sendo antegozo de quando Deus conduzirá “muitos filhos à glória” (Hb 2:10, 13), que “reinarão sobre a terra” (Ap 6:10) com seu Senhor, sendo o louvor deles tão eterno quanto se declara nesta bênção final.

Salmo 46 Uma Cidade Inabalada

O hino da Reforma, *Ein' feste Burg* (“Castelo forte é nosso Deus”), escrito por Lutero, teve seu ponto de partida neste salmo, captando o seu espírito indomável, mas partindo em novas direções. Quanto ao salmo,

proclama a ascendência de Deus numa esfera após outra: Seu poder sobre a natureza (1-3), sobre os atacantes da Sua cidade (4-7), e sobre o mundo inteiro, com suas guerras (8-11). Seu tom robusto e desafiador sugere que foi composto num momento de crise, que torna duplamente impressionante a sua confissão de fé. Como, porém, a crise permanece sem identificação, e o salmo se estende muito além de qualquer situação local, pouca coisa se pode lucrar com especulações históricas. Quanto à teoria que se deve procurar a sua origem num drama cúltico, ver a Introdução, III, pp. 18ss.

O Título.

Ver a Introdução, VI, c. 3, pp. 52ss.

46:1-3. Deus no Tumulto.

Até recentemente, o ser humano tem dado pouco lugar nos seus pensamentos à possibilidade de uma catástrofe de alcance mundial. Este salmo, no entanto, pode enfrentá-la sem medo, pois a sua primeira frase é literalmente verdadeira. Nossa verdadeira segurança se acha em Deus, não em Deus *mais* outra coisa. Agora seguem os detalhes tanto desta confiança como da ameaça a ela.

1. *Refúgio* dá o aspecto defensivo ou externo da salvação: Deus o imutável, em Quem achamos proteção. *Fortaleza* dá a entender o aspecto dinâmico: Deus no íntimo, para fortalecer os fracos para agirem. Ambos conceitos se resumem nas palavras *socorro bem presente nas tribulações*, onde a palavra *bem presente* tem implicações da Sua prontidão para ser “achado” (conforme a raiz original se emprega em, e.g., Is 55:6), e da sua “suficiência” para qualquer situação (cf. Js 17:16; Zc 10:10).

2, 3. Este não somente é um quadro poderoso em palavras, construído das duas coisas que são mais imutáveis⁷ e impregnáveis, *a terra* e *os montes*, em comparação com o símbolo daquilo que é mais irrequieto e ameaçador, *os mares*; começa a contemplar o fim da totalidade do esquema criado, quando a terra, as montanhas e as águas foram colocadas nos seus devidos lugares, conforme a descrição dada, e.g., em 104:5-9. O desfazer final de tudo isso, do que foi dado um relance

⁷ Notar, como contraste, a palavra *transtorne* (2a — lit. “mudar”), a mesma palavra no hebraico que “se retrata” em 15:4c.

sombrio aqui, se torna explícito em 102:25ss., onde fica igualmente clara a segurança final dos servos de Deus.

46:4-7. Deus na Sua Cidade.

O salmo, depois de falar de transtornos na natureza, volta-se à fúria dos homens, e a uma cidade assediada.

4. Com Deus, as águas já não são mares ameaçadores: são um rio que dá vida; cf. os mares e rios de 98:7-8, que dão as boas-vindas ao seu Criador; cf. a figura de linguagem que descreve a ajuda de Deus como sendo a fonte plácida que supre a água para os assediados, em Isaías 8:6. *A cidade de Deus* é um dos grandes temas do Antigo Testamento, e especialmente dos Salmos, dentro dos quais este salmo e os dois seguintes formam um grupo inesquecível.⁸ A escolha que Deus fez de Sião, ou Jerusalém, fora tão marcante como fora Sua escolha de Davi, e a maravilha desta realidade freqüentemente irrompe na superfície; pois é somente como habitação de Deus que é forte (5) ou de qualquer consequência; como tal, porém, será invejada pelo mundo (68:15-16), e será a cidade-mãe das nações (87). O Antigo Testamento, de fato, já aponta na direção da visão neotestamentária de Sião como comunidade celestial ao invés de mera localidade na terra (cf. sobre 48:2).

5. A promessa *jamais será abalada* obtém mais força pela repetição da mesma palavra, *se abalem* que se emprega a respeito dos montes (2), e dos reinos (6), por impressionantes que sejam, comparando-se com a pequena Sião. Além disto, as palavras *desde antemanhã* (lit. “ao irromper do dia”) ecoam a maior libertação de todas, o momento em que, “ao romper da manhã” o mar Vermelho voltou-se para engolfar os exércitos do Egito (Êx 14:27).

6. Como noutros trechos, o julgamento se vê aqui em ambos os seus aspectos: primeiro, como conclusão lógica da instabilidade inerente do mal, na qual a seqüela apropriada de *bramam* (enfurecer-se ou estar em tumulto) é *abalar-se* (ver sobre 5, acima); e, segundo, como intervenção de Deus, cuja voz será tão decisiva em dissolver o mundo como era ao criá-lo (cf. 33:6, 10).

7. A primeira linha deste estribilho emocionante fala de poder (quer os *exércitos* sejam, conforme pode sugerir 1 Sm 17:45, os de Israel,

⁸ Ver também, entre outros, Salmos 65; 68; 76; 84; 87; 99; 122; 125; 132-134; 137.

quer sejam os do céu, como em 1 Reis 22:19), e a segunda linha fala da graça, ao mencionar *Jacó*, o escolhido de Deus. A palavra *refúgio*, aqui e no versículo 11, é diferente da do versículo 1, e dá a entender um alto inacessível, um “alto refúgio”.

46:8-11. Deus é Exaltado na Terra.

Esta é uma visão de coisas que virão no fim, embora as vitórias do presente sejam um antegozo delas. A palavra traduzida *contemplai* geralmente se emprega para o ver com o olho interior, conforme vê um vidente ou profeta.

Embora o resultado final seja a paz, o processo é de julgamento. As palavras de consolação, *Ele põe termo à guerra* . . . , colocam-se num contexto não de suave persuasão, mas numa situação de um mundo devastado e desarmado à força (8, 9b).⁹ Esta seqüência, com tranqüilidade do outro lado do julgamento, concorda com a profecia e a apocalíptica do Antigo Testamento, e com o Novo Testamento (e.g. Is 6:10-13; 9:5; Dn 12:1; 2 Pe 3:12-13).

10, 11. Semelhantemente, a injunção *Aquietai-vos* . . . não é falada em primeiro lugar como consolação para os aflitos, mas como repreensão para um mundo inquieto e turbulento: “Quietol!” — na realidade: “Deixa distol!” Assemelha-se a uma ordem dada a outro mar tumultuoso: “Acalma-te, emudece!” (Mc 4:39). E o fim que se tem em mira se declara não em termos das esperanças humanas, mas da glória de Deus. Sua firme intenção, “Serei exaltado” (lit., melhor que RSV e ARA) basta para despertar o ressentimento dos orgulhosos, e os anseios e resoluções dos humildes: “Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus” (57:11), renovando a confiança deles. O estribilho volta com força adicional, já que é um Deus assim que está conosco, um Ser tão exaltado que é “nosso alto refúgio”.

Salmo 47

“As Aclamações de um Rei”

Desde a primeira palavra até a última, este salmo comunica a emoção e júbilo de uma entronização; e o Rei é o próprio Deus. Uma

⁹ A palavra que se traduz *carros* (9) normalmente significa “carroças”, o que dá mais probabilidade à interpretação “escudos”, dada na LXX (cf. NEB, JR, Gelineau). “Escudos” traduz as mesmas consoantes hebraicas que se traduzem “carros”, depois de mudar-se uma vogal.

escola forte de pensamento sustenta que este salmo e outros, notavelmente 93, 95-99, surgiram de um festival anual que dramatizava o poder de Deus sobre Seus inimigos, e Sua soberania sobre toda a criação.¹⁰ Do outro lado, uma vez que existe a noção de Deus como Rei, é apenas um passo pequeno para chegar à criação de poesias que exploram as analogias que ela sugere, com ou sem festival. E, além de poesia, trata-se aqui de profecia, cujo clímax é de alcance excepcionalmente longo.

47:1-4. Nosso Rei, Conquistador Deles.

O convite a *todos os povos* coloca o cenário na sua perspectiva verdadeira: a visão é de alcance mundial. “Povos”, “nações” e “toda a terra” são palavras que dominam o salmo. A nota de *júbilo* (1) também será predominante, pois este rei não é tirano; a primeira estrofe, porém, estabelece a reverência que Ele impõe, e não hesita em declarar Seus juízos e Seu direito de escolha (3-4), que terá a aparência de favoritismo, até que o versículo final traga o desenlace. Neste ínterim, *Jacó* pode se deleitar, sem sentir vergonha, nas suas conquistas e no seu privilégio de conhecer Deus pelo nome (*o Senhor*, 2; i.e., Javé) além de pelo título.¹¹ Cf. 147:19-20.

4. *A glória de Jacó* é um modo de dizer: “A terra gloriosa de Jacó.” A frase, *Jacó, a quem ele ama*, pode provocar a pergunta: “Por quê?” — que não pode ser respondida, seja qual for o objeto do amor: “Jacó, ou “a mim”, ou “a igreja” ou “o mundo” (cf. Gl 2:20; Ef 5:25; Jo 3:16). A Bíblia se ocupa, ao invés disto, em tratar das nossas respostas erradas (Dt 7:7), das nossas dúvidas (Mt 1:2ss.) e das nossas traições (Os 11:1-2).

47:5-7. A Marcha Real e as Boas-vindas Reais.

A chave para o versículo 5 é sua alusão a 2 Sm 6:15, quando a arca foi trazida para a cidade de Davi para fazer com que esta fosse a habitação de Deus. Nas palavras, *por entre aclamações, . . . ao som de trombeta*, as duas passagens (2 Sm e Sl 45:5), são idênticas no hebraico. Assim, retrata-se aqui a ascensão de Deus ao Seu trono terrestre, independentemente de se isto era dramatizado de novo por uma procissão

¹⁰ Ver a Introdução, III, pp. 18ss.

¹¹ *Altíssimo* (Elyon) também era um termo empregado pelos cananitas.

periódica com a arca. O verbo no perfeito, *Subiu Deus*, pode significar que a alusão se trata do evento grande e único nos dias de Davi.

6, 7. A repetição insistente, *cantai louvores* (uma palavra única no hebraico, tendo, portanto, um impacto mais rápido e vivo) sugere algo do som de uma multidão gritando sua aclamação. A palavra final é *maškil* (traduzido aqui: *com harmonioso cântico*), que aparece com título de certos salmos (32, 42, etc.; ver a Introdução, VI, c. 2 p. 52). A raiz desta palavra, no entanto, contém a idéia de sabedoria e perícia — daí NEB “com toda a sua arte”, e AV, RV, ARC: “com inteligência”. Esta última expressão contribui mais para a frase, e é a interpretação dada pela LXX, que Paulo parece ter tido em mente em 1 Co 14:15, “mas também cantarei com a mente”.

47:8, 9. Um Trono, um Mundo.

A visão do salmo abrange uma área inteiramente nova no versículo final. Até este ponto, o relacionamento de Deus para com o mundo em geral tem sido apresentado como o de um “grande rei” (2), i.e., um imperador, cujo próprio povo se distingue do círculo exterior dos seus súditos (3-4). Agora, com uma palavra única, torna-se visível a verdadeira finalidade visada. Os inúmeros *príncipes* e *povos* devem se tornar um só *povo*; já não serão os de fora, mas de dentro da aliança: isto se entende pelo nome que recebem: *o povo do Deus de Abraão*. É o cumprimento abundante da promessa de Gn 12:3; antecipa aquilo que Paulo expõe a respeito da inclusão dos gentios como filhos de Abraão (Rm 4:11; Gl 3:7-9).

Caracteristicamente, no entanto, este salmo inclui esta promessa no seu tema, a glória real de Deus. Seu comentário é, não que “as nações ficarão em paz”, embora isto seria a verdade, mas, ao invés disto, que *ele se exaltou gloriosamente*. Este foi, em palavras diferentes, o ponto culminante de 46:10, ultrapassando o de 46:9. É para este ponto que tudo avança. No ínterim, o evangelho revelará um tipo inesperado de “exaltação” que começará o processo de “reunir” os povos: “E eu, quando for levantado . . . , atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12:32).

Salmo 48 A Cidade de Deus

Há muita coisa em comum aqui com Salmo 46, não menos pela sua atmosfera de euforia depois de uma grande libertação. Aqui, também,

seja qual for a ocasião imediata que inspirou o salmo, temos a consciência de um pano de fundo maior do que as colinas de Judá. Sião é mais do que uma capital local; a luta envolve a terra inteira e o alcance total do tempo. Os contornos da “Jerusalém lá de cima”, com seus grandes muros e fundações que são “para sempre”, já chegam dentro do campo da visão.

48:1-3. O Rei Residente.

Se este é um “Salmo de Sião”, é apenas por causa do *grande Rei* que reina ali, conforme indicou nosso Senhor ao citar o versículo 2 (Mt 5:35). Vê a cidade como será quando “para ele afluirão todos os povos” (Is 2:2ss.) — pois certamente ainda não é a *alegria de toda a terra*. Por meio de uma fraseologia eficaz, retrata o Sião literal em termos do celestial — a comunidade cujo rei é Deus — ao identificá-lo com “o extremo norte” (2) por estranho que pareça (pois geograficamente, isto não é o caso). Esta era uma expressão tradicional em Israel e entre os seus vizinhos,¹² para representar a sede real de Deus: em Is 14:13 é o equivalente de “céu”.

3. Sião, porém, também está bem na terra e dentro da história. Precisa de fortificações (não meramente *palácios* ornamentais, como se vê nos termos paralelos, *torres*, *baluartes*, nos versículos 12-13), embora seja Deus quem, de fato, a defende; e relembra emergências específicas no passado, nas quais Deus Se revelou com poder. Há a mesma mistura de precauções humanas e ajuda milagrosa como na experiência da igreja.

48:4-8. Os Reis em Derrota Total.

Os reis (4), no plural, e *as naus de Társis* (7), i.e., os grandes navios oceânicos, parecem indicar uma luta em escala maior do que qualquer dos assaltos contra Jerusalém no Antigo Testamento.¹³ A cena parece mais semelhante à conspiração em escala mundial aludida no Salmo 2, embora pudesse ter sido sugerida inicialmente pelo exército grande da Assíria, cujos comandantes eram “todos reis” (Is 10:8), conforme indicaram Kirkpatrick e outros, e cujo povo Deus prometeu que “quebran-

¹² Cf. o monte Zefon (“norte”) de Baal, em, e.g., ANET,² p. 136, c. 27ss.

¹³ O desastre em alto mar pode concebeivelmente ser nada mais do que uma metáfora para representar a derrota repentina de um exército.

taria", empregando o mesmo verbo básico que aqui se traduz; *destruís-te* (Is 14:25). A linguagem é suficientemente arrebatadora para celebrar as grandes vitórias nas "guerras do Senhor", e para profetizar o próprio tempo do fim. A igreja pode cantar este salmo, tendo em mente os triunfos do evangelho, e pensando na futura derrota total dos ímpios. O versículo 7 é ecoado em Ezequiel 27:26, onde o *vento oriental* destrói o navio de tesouros que representa Tiro; e este, por sua vez, fica sendo o símbolo do fim do mundo em Ap 18 (cf., e.g., Ap 18:17-19 com Ez 27:29ss.).

8. A seqüência, *ouvido* e *vimos*, é muito empregada na Bíblia, com sua ênfase no crer, sendo que a fé depende do testemunho. (Rm 10:17), e se satisfaz em deixar as provas se seguirem. A angústia de apenas ouvir se refere de modo pungente em 44:1, 9ss.; o "ver" que se segue pode ser emocionante, como aqui, ou avassalador, como em, e.g., Jó 42:5-6; João 20:28-29; é possível que sempre haja ambos juntos, até certo ponto.

48:9-11. O Coro de Louvor.

O significado básico do verbo traduzido *pensamos*, é retratar ou formular. A maioria das versões, tanto as antigas como as modernas, entende que isto acontece puramente na mente (e.g. "refletir sobre" "medir", Gelineau). NEB, no entanto, vê aqui um ritual dramático, e traduz: "re-encenamos a história . . .". Isto é possível, porém muito precário; a evidência a favor de qualquer coisa mais dramática no culto israelita do que uma procissão (ver sobre versículos 12ss.), é indireta e ambígua. Alguns exemplos da celebração dos atos praticados pelo amor de Deus, realizada no Templo, se acham, e.g., em 2 Cr 5:13; Ne 8:13-18, onde os salmos e as leituras eram os meios principais para se atingir este fim.

10, 11. Esta visão de alcance mundial está de acordo com versículo 2, e é mais explícita, sendo que o *nome* de Deus representa Sua revelação de Si mesmo (cf. Êx 34:5-7; e ver sobre 20:1), e Seu *louvor* é tanto o renome que merece como a resposta que este desperta. Noutras palavras, há um vislumbre de uma revelação para o mundo inteiro. Sendo assim, a tradução *justiça*, na última linha (e não "vitória") é certa, pois se refere àquilo que emana do caráter de Deus, e não somente do Seu poder. *Juízos* (11), tem significado semelhante: fala das Suas decisões equitativas, que são um alívio para o oprimido, embora sejam um terror para os ímpios; cf. Is 11:4; 42:4.

As filhas de Judá são as cidades e vilas, cf., e.g., Jz 1:27 [heb.].

48: 12-14. *Passa-se Revista aos Baluartes.*

Quando Neemias acabou a construção do muro de Jerusalém, mandou duas procissões marcharem em direções oposta ao redor do topo dele, para a dedicação (Ne 12:31ss., 38ss.) Depois de ser levantada uma cerca, seria igualmente apropriado marchar ao longo das defesas, cantando um salmo tal como este; o mesmo poderia acontecer numa das grandes festas de peregrinação. De outro lado, a marcha poderia ser retratada na mente (como, talvez, em 84:5); não há modo de saber com certeza. Para o cristão que lê este salmo, há uma exortação correspondente no sentido de passar revista às torres e baluartes da igreja, uma comunidade que é, essencialmente, tão indestrutível como uma fortaleza (Ef 2:20-22; Ap 21:10ss.), e, ao mesmo tempo, tão vulnerável e indefesa como um rebanho de ovelhas (Ato 20:29).

13b, 14. Este salmo, apesar de tudo, não é para louvor a Sião, a não ser na sua capacidade de habitação de Deus. O versículo 14 parece ser uma falta de seqüência: justamente quando esperamos ler acerca dalguma glória cumulativa da cidade, nada mais ouvimos acerca dela: só se fala em Deus. Este Deus, porém, é *nosso Deus*; e este relacionamento é permanente porque a aliança que o estabeleceu foi primariamente feita por Ele (Gn 17:2, 8). Três palavras diferentes exprimem esta permanência; duas delas, no original, com o significado de "sempre", se representam aqui assim: *para todo o sempre*; a terceira, *'al-mût*, significa *até a morte*.¹⁴

¹⁴ As consoantes desta expressão, se forem juntadas numa só palavra, podem ser revocalizadas para formar a palavra *'ôlāmôt*, "para sempre", como na LXX, Vulg. Outro ponto de vista é que se trata de uma direção musical acrescentada a este salmo, ou que introduz o seguinte: cf. o título do Salmo 9 ou (supondo-se um caso de haplografia — a omissão de uma de duas letras idênticas) Salmo 46. Quanto a isto, ver a Introdução, VI. c. 3, p. 54 ("Sobre Alamote"). A objeção principal ao sentido "até a morte" é que o interesse do salmista é coletivo mais do que individual; este, porém, não é um fato conclusivo. A. R. Johnson quer vencer esta objeção ao fazer da "morte" um termo para os inimigos nacionais de Israel, traduzindo assim: "Deus . . . é nosso líder contra a 'Morte' " (*Sacral Kingship in Ancient Israel* — Imprensa da Universidade de Gales, 1955), p. 81. Basta, porém, indicar que "até a morte" é meramente a expressão mais forte que se pode achar para representar a constância.

Salmo 49

A Glória Vazia deste Mundo

A linguagem do prelúdio, a convocação de toda a humanidade, faz uso de muitos dos termos incluídos na parte inicial do Livro de Provérbios, e proclama que se trata aqui de um salmo sapiencial, dando instrução aos homens mais do que adorando a Deus. Seu tema, a futilidade do mundanismo, resumido no estribilho (12, 20), se aproxima do de Eclesiastes. Em contraste com este último Livro, porém, coloca abertamente a certeza da vitória sobre a morte, que Eclesiastes deixa oculta. A grandiosa declaração: “Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si” (15), é um dos pináculos mais altos da esperança no Antigo Testamento.

49:1-4. Para Todos os Homens em Toda Parte.

Como a maioria dos escritos de Sabedoria, este salmo se dirige aos homens na sua humanidade em comum, e não somente aos israelitas no seu vínculo especial com Deus através da aliança. Traz uma revelação da parte dEle, e, pela sua preocupação em captar a atenção do mundo, revela a importância crucial daquilo que tem para dizer. Destarte, estes versículos iniciais ajudam na interpretação de, e.g., o versículo 15, preparando-nos para aceitá-lo com a plenitude do seu significado, e não nalgum sentido mais fraco e menos assinalador de uma nova era.

2. *Plebeus . . . fina stirpe.* estas palavras representam “filhos do homem”, que aparece duas vezes, uma vez com o termo geral para “homem”: ‘*ādām*, e outra vez com o termo individual: ‘*īś*. A dupla frase é interpretada por NEB, de modo convincente: “toda a humanidade, todo homem vivo”.

4. *Decifrarei* é lit. “abrirei”, e pode, portanto, significar expôr o problema ou respondê-lo. O primeiro é mais provável, tendo em vista a convocação do mundo inteiro para escutar. NEB faz uma boa paráfrase: “e contarei ao som da harpa como entendo o enigma”.

49:5-9. Um Breve Triunfo.

Com a técnica do professor para provocar pensamentos, o *Por que* do salmista convida um exame novo de uma questão fechada — que é uma abordagem frutífera, mesmo numa situação tão ruim como esta, com o inimigo em todos os lugares (5b), e sobrepujante (6), e tão inescrupuloso como o Jacó não regenerado (cujo nome, no sentido de “usur-

pador", tem a mesma raiz que os *que me perseguem* aqui (5); mais literalmente, "os que estão nos meus calcanhares" (RV; cf Gn 27:36).

7-9. Mesmo antes da resposta, a própria pergunta ofereceu uma pista no versículo 6, com as palavras *que confiam nos seus bens* — sendo que as riquezas são notoriamente instáveis (Pv 23:5). Agora surge o pleno absurdo disto, de viver em prol daquilo que sempre acaba falhando, e que faz assim justamente no ponto em que o fracasso desmancha tudo.

A figura de *redenção* é duplamente apropriada, pois ser feito refém a troco de um resgate ("redenção") é um risco tão grande dos muito ricos, como é necessidade dos muito pobres. Nesta etapa, o assunto em foco é apenas a incapacidade da pessoa de pagar um preço para ela mesma ou outra pessoa¹⁵ escapar da morte. A questão de redenção como expiação (cf. Mt 20:28), não surgirá senão no versículo 15, onde será um relance indireto.

49:10-12. Perda Total.

O versículo 10 ressalta com clareza franca que a resposta à pergunta: "Quanto Fulano deixou?" é "Tudo". Pouco alívio é oferecido pela exceção sinistra deixada no versículo 11, "seus sepulcros" (se esta for a leitura certa da palavra traduzida *O seu pensamento íntimo*)¹⁶ — em contraste com as *terras* às quais deram seus próprios nomes — sendo os únicos bens imóveis permanentes que alguém pode possuir.

12. Haverá uma mudança significativa (que RSV e outras versões recentes suprimem)¹⁷ quando este estribilho é ouvido pela segunda vez no versículo 20. No texto hebraico, suas duas formas resumem as duas metades do salmo. Aqui, faz compreender a questão central de que, afinal das contas, não há "alojamento para pernoitar" (o sentido comum

¹⁵ Ao invés de "irmão" (*'aḥ*, ARA), alguns MSS têm "verdadeiramente" (*'aḥ*, RSV), que então seria seguido pelo verbo reflexivo "remir-se", uma diferença de vogais, e não de consoantes. Mesmo assim, a leitura "irmão" é atestada pela LXX, etc., e faz bom sentido, conforme a frase que temos em ARA. NEB traduz *'aḥ* por "ail", sentido este que a palavra tem em Ez 6:11.

¹⁶ As versões antigas são unânimes em ler "sua sepultura" (*qibrām*), ao invés de (*qirbām*) lit. "o meio deles" = "seu pensamento íntimo". Há dificuldade em fazer sentido desta última tradução, tirada do TM. Daí a probabilidade da primeira possibilidade acima, decorrente da transposição das duas consoantes centrais por erro ortográfico.

¹⁷ As versões antigas têm "entender" em ambos os versículos, enquanto o TM tem *yālîn*, "permanecer", aqui, e *yābîn*, "entender", no versículo 20 [heb. 21].

desta palavra traduzida *permanece*) que o dinheiro ou a posição podem comprar. (*Ostentação* tem conexões com ambos: cf. “preciosa”, Pv 20:15; “honras”, Et 6:3.)

Ficar sem lar, no entanto, não é o fim da história, seja para melhor, seja para pior. Esta continua em seguida, para logo chegar ao seu auge.

49:13-15. O Grande Ponto Divisório.

Até esta altura, embora a ênfase tenha sido dada à mortalidade dos arrogantes, já que o problema começou com eles no versículo 5, a morte tem sido encarada como o fim que todos os homens têm em comum. Agora começa a surgir uma distinção entre estes mundanos (talvez juntamente com seus admiradores, mas há obscuridade no sentido de 13b¹⁸), e, do outro lado, os homens de Deus.

14, 15. A morte personificada é uma figura poética incomum no Antigo Testamento; esta passagem, quanto ao seu efeito sinistro, se classifica juntamente com Jr 9:21, onde a morte sobe pela janela para carregar os vivos. Agora, não é considerada uma intrusa; está nas suas próprias pastagens. O texto hebraico como o temos, no entanto (com o apoio das versões antigas), vê outra conquista além desta: “E os retos terão domínio sobre eles na manhã” (ARC; RSV mg., AV. RV, cf. JB.¹⁹ ARA tem: *eles descem diretamente para a cova*). Pode ser uma promessa no mero sentido de que as vítimas acabarão virando o jogo contra seus opressores com o tempo, de modo semelhante a, e.g., Hc 2:6ss. Pode, no entanto, tratar de uma visão da manhã da ressurreição como em Dn 12:2; cf. as palavras “quando acordar” em 17:15.

O que se pode achar com certeza neste versículo 14, até este ponto, é o contraste entre os que serão finalmente desamparados, e os que serão

¹⁸ Lit. “e depois deles com sua boca se comprazem” — onde “depois deles” pode se referir àqueles que os seguem; “sua boca” pode ser aquilo que dizem (ARA) ou sua porção, e o sujeito de “se comprazem” pode ser estes homens ou seus seguidores. NEB, JB e Gelineau revocalizam as consoantes de “se comprazem”, dando como resultado: “correm”, colocando este verbo ou neste versículo ou (NEB) no próximo. O hebraico assim fica mais fácil e deixa intactas as consoantes; é bem possível que tenham razão. Cf. JB “com homens para correrem atrás deles quando erguem a voz”.

¹⁹ RSV supõe que “manhã” (*bôqer*) é um erro ortográfico, e que a palavra deveria ser “sepultura” (*qeber*). Não é, porém, muito provável que haja novo erro ortográfico da mesma palavra, tão logo depois do versículo 11. Além disto, a suposição exige mudanças das vogais e das divisões das palavras no restante da linha.

finalmente vitoriosos. O restante do versículo 14 não deixa dúvida alguma quanto à natureza do contraste final, que se completa no v. 15, que está entre a corrupção e a salvação. A corrupção se descreve de modo impessoal, como um defazer (*se consome*) e uma desapropriação,²⁰ mas a salvação é pessoal do começo ao fim. Deus, ao invés de exigir um resgate, como no versículo 7, o paga pessoalmente (15) — e neste fato há pelo menos alguma indicação da expiação, à luz do contexto, no qual o Seol (*a morte*) tem a custódia do pecador. E *ele* e *me* confirmam que não se trata da salvação à distância, mas face a face. A palavra *tomará* é mais positiva do que talvez soe para nós; é a palavra que se refere a Enoque: “Deus o tomou para si” (gn 5:24); voltará a ocorrer numa situação semelhante a esta em 73:24. Quer esta visão chegasse até a ressurreição, quer não, nos conta a primeira coisa que importa após a morte: que nada pode separar o servo do seu Senhor, cuja preocupação com ele é amorosa e ativa.

49:16-20. A Grande Ilusão.

Voltamos à pergunta que foi feita no versículo 5, tendo agora bases ainda mais firmes para a resposta. Ao invés de *Não temas* poderíamos ter esperado “Não olhes (com inveja)”, uma palavra semelhante no original (cf. NEB). O versículo 5, porém, explica o medo, pois o tipo de rico que se tem em mente é desapiedado. Note-se que não há nenhuma promessa aqui no sentido de ele não ter a primazia em vida; há só a lembrança de que a sua glória não pode durar. Suas recompensas, tais como são, se resumem fielmente no versículo 18. Não há nada mais.

20. Destarte, conclama-se à coragem e à fé com visão clara; e o estribilho final impõe sua lição ao mudar de modo deliberado a sua forma anterior. O texto hebraico (rejeitado por RSV e NEB a despeito de evidências antigas), se preserva em AV, RV, ARA: “O homem, revestido de honrarias, *mas sem entendimento*, é antes como os animais, que perecem”.

Entre o primeiro estribilho (12) e o segundo, veio a grande promessa de 14b, 15, e a definição do grande abismo que há entre os destinos dos homens. É um fim sombrio, mas o convite inicial deixa claro o seu propósito: que todos os povos escutem (1) e achem o entendimento e “sabedoria” (3) que é o único caminho que conduz à vida.

²⁰ O significado mais provável desta frase difícil é “E a sua forma (ou formosura) é para o Seol consumir, sem lugar para ela”.

Salmo 50 O Juiz Rompe Silêncio

Neste salmo poderoso, a cena imaginada é uma teofania, o aparecimento de Deus no meio do fogo e da tempestade para conclamar o mundo inteiro para Seu assento de julgamento. Os olhos de todos estão sobre Ele, e os olhos dEle estão sobre Israel. O salmo inteiro se dirige ao povo da aliança, falando em primeiro lugar às pessoas que são religiosas sem pensarem muito nisto, e depois às endurecidas e hipócritas, trazendo para elas um forte bafo de realidade. É a mensagem que os profetas, e, finalmente, Jesus, tinham que anunciar a uma igreja que se esquecera que tinha que tratar com o Deus vivo.

Os aspectos que relembram o monte Sinai e a aliança (1-5), as alusões aos Dez Mandamentos (7, 18-20), e a referência à recitação destas e à profissão de lealdade à aliança (16), combinam para dar a impressão da lembrança e renovação da aliança como pano de fundo deste salmo. Ver Introdução, III, pp. 18ss.

50:1-6. O Juiz Aparece.

O grupo de títulos, El Elohim Javé — duas palavras gerais para “Deus” seguidas por uma que é o nome especial revelado a Israel — forma uma abertura majestosa e apropriada a uma passagem que junta o mundo em geral e o pequeno círculo do povo escolhido. No começo, tudo indica uma crítica acerba contra os pagãos, que são convocados a Sião (cuja formosura ainda não fora ferida pelo juízo; contrastar 2a com a nostalgia de Lm 2:15), onde o homem pecaminoso deve enfrentar o impacto da divindade de modo mais deslumbrante e avassalador (2, 3). De repente — pois isto emerge com a última palavra do versículo 4 — há uma reviravolta. Israel apelou a Deus,²¹ só para ver que a própria nação é que está sendo julgada. O resto da humanidade, com todo o céu e a terra (1, 4), foi reunido para ser testemunha da acusação (cf. Dt 30:19), e não para responder em juízo. O julgamento deve “começar pela casa de Deus” (1 Pe 4:17). Sua vocação especial não é menosprezada: é ressaltada três vezes no versículo 4, onde as palavras *meus santos* (*h^a sîdāy*) e *aliança* e *sacrifícios* relembram a grande cerimônia de Êxodo

²¹ O versículo 3 deve ser traduzido: “Venha o nosso Deus, e não guarde silêncio!” (cf. JB).

24:3-8. É por causa dela, e não a despeito dela, que terá que prestar contas de modo sério. É o mesmo fato que se ressalta com efeito surpreendente em Am 3:2, e que se explica na declaração “àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão”, em Lc 12:48. O cristão pode refletir sobre as implicações exigentes de desfrutar de uma “melhor aliança” (Hb 7:22; 10:22ss.).

50:7-15. Palavras Claras Para os Religiosos.

Logo se revela que a cena de julgamento não é para pronunciar sentenças, mas para trazer a verdade à luz e os pecadores ao arrependimento. Os versículos 8ss., pela própria renovação de confiança que dão,²² apresentam um quadro mais condenador da religião impensada do que o que qualquer acusação desvendaria. Qual é a caricatura de Deus que Israel esboça mentalmente? É Ele um “parente pobre” celestial, ávido, dependente, e queixoso? E por quê, mediante o primeiro sinal do desagrado dEle (7), os pensamentos dos israelitas voam de imediato a pontos de ritual, e não de relacionamento? Os versículos 14-15 são igualmente reveladores, por darem a entender orações e promessas feitas na adversidade e esquecidas na prosperidade. A verdade, no entanto, tem a intenção de curar, não apenas de convencer. O discurso começou (7) com lembranças da aliança (*povo teu . . . o teu Deus*) em palavras que relembram tanto o Shema (“Ouve, Isarel . . .” Dt 6:4-5) como o Decálogo (Dt 5:6ss.), e apresenta Deus como grande Supridor (cf. 11 com Mt 6:26; 10:29) e grande Libertador (15), que espera a resposta calorosa de gratidão e confiança. Estes são os sacrifícios (cf. Hb 13:15) e esta é a glória — não pompa, mas amor — que Ele mais deseja.

50:16-21. Palavras Claras Para os Hipócritas.

Estes homens não são os pagãos; são os nominalmente ortodoxos, aqueles que combinam a iniquidade com os atos de culto (cf. Is 1:13). Se as pessoas que eram mecanicamente piedosas, aludidas nos versículos 7-15 precisavam de ser lembradas de que Deus é espiritual, as personalidades endurecidas de 16-21 precisam enfrentar a realidade de ser Ele moral. Agora, é a segunda metade do Decálogo que se torna a pedra de toque.

²² Não há motivo para transformar o versículo 8 em pergunta (NEB), pois a construção semelhante no versículo 9 é claramente uma declaração.

16. Pode muito bem ser que este versículo se refira à leitura pública da lei ordenada em Dt 31:10ss. Uma das maiores de tais ocasiões era a renovação da aliança (2 Rs 23:1-3); Jeremias, no entanto, viria a sofrer perseguição durante a sua vida inteira, da parte da própria nação que a professara. De modo apropriado, esperava uma nova aliança (Jr 31:31ss.), do coração, e não apenas *nos lábios*.

17. *Aborrecer a disciplina*, evidentemente, não é uma característica tão moderna como parece. A importância de aceitá-la é um tema constante de Provérbios (onde usualmente se traduz “ensino”: e.g. Pv 1:7), porque a sabedoria é uma qualidade de caráter, e o caráter se desenvolve com grande dificuldade. O Novo Testamento dá plena confirmação disto. Neste versículo 17, sua associação com *minhas palavras* mostra que se refere ao treinamento da mente e da consciência através das Escrituras (como, e.g., em 2 Tm 3:14—4:5), mais do que aos efeitos disciplinadores do sofrimento (como, e.g., em Hb 12:3-11).

18-20. Três dos Dez Mandamentos que tão levemente se recitam (16), são conclamados para desmascarar as afeições e ações rebeldes dos homens. Parece desnecessário dizer que a amizade mencionada no versículo 18 é a de amigos íntimos, e não da ajuda compassiva. O Novo Testamento dá mais detalhes desta distinção, e.g. em Mc 2:15-17; Lc 15; 1 Co 5. Neste versículo pode haver implicações, também, da hipocrisia de desfrutar do pecado em segunda mão, enquanto pessoalmente evita os riscos do mesmo; e isto seria típico da tortuosidade retratada em 19 e 20. Neste último, *Sentas-te para falar se interpreta em NEB*, de modo legítimo: “Sempre estás falando”.²³ Pode ser uma declaração literal, no entanto, como relance adicional e vívido deste homem: de pé no meio do culto, formando um círculo íntimo com seus amigos duvidosos (18), e tomando seu tempo para discorrer à vontade diante de um grupo de ouvintes interessados (20).

21. Parte do valor do silêncio de Deus é que nos permite ser o que realmente somos, e revelar isto. A linha central deste versículo (que poderia ser o epitáfio de teólogos, na esfera deles, tanto como dos libertinos na sua) tem sua veracidade confirmada pelo apelo temerário do versículo 3 para Deus romper Seu silêncio (ver a nota do rodapé ali).

²³ D. W. Thomas, TRP, ad loc., chama atenção a este sentido de “sentar-se”, interpretado como “continuar”, no texto heb. de Gn 49:24; Lv 12:4-5; 1 Rs 22:1.

50:22, 23. As Acusações Finais.

Fala-se aos dois grupos na ordem invertida. O versículo 22 revela as características gêmeas da ira de Deus: que é desencadeada com relutância, mas irresistível uma vez que se chega a este ponto. No versículo 23 a palavra *caminho* não tem *seu* ou “meu” antes dela no original; há vantagem na tradução de RV mg. que segue Delitzsch: “. . . esse me glorificará, e prepara um caminho para Eu lhe mostrar a salvação de Deus.” Se for correta, ao invés de uma interpretação que diz: “ao que prepara (corretamente) o (seu) caminho”, mais uma vez afasta qualquer noção de um favor a Deus prestado por nós. A frase *O que me oferece sacrifício de ações de graça*, embora dê lugar a um sacrifício literal, sugere uma oferta de puro louvor, tal como a de Os 14:2; Hb 13:15. O dar — a salvação — é da parte de Deus; nossa parte é receber a dádiva com os agradecimentos e obediência, cheios de alegria, que ela merece.

Salmo 51 Mais Alvo que a Neve

Este é o quarto, e com certeza o maior, dos sete “Salmos Penitenciais” (ver sobre Sl 6). Surge dos momentos mais sombrios do conhecimento que Davi tem de si mesmo, mas, além de explorar as profundezas da sua própria culpa, pesquisa alguns dos pontos da salvação de maior alcance. Os dois versículos finais mostram que a nação, na sua própria hora mais sombria, achou aqui palavras para a sua própria confissão e para acender de novo a sua esperança.

O salmo pode ser estudado pelos seus temas, bem como no seu progresso da imploração para a segurança. No decurso dele, muita coisa se aprende a respeito de Deus, do pecado e da salvação. É também frutífero estudar as variedades de linguagem: os imperativos da petição, os tempos presentes e passados da confissão, e os futuros (mais do que os que aparecem na maioria das traduções; ver os comentários) que, com gratidão, se apagam à graça salvadora.

O nome de Davi, que reaparece aqui, será achado em todos os títulos dos vinte e dois salmos que ainda restam deste Segundo Livro, menos quatro deles.

O Título.

A história do pecado de Davi e do seu arrependimento se conta em 2 Samuel 11 e 12. Entre o Davi deste salmo e o tático cínico de 2 Samuel

11, fica apenas (quanto à situação humana) Natã o profeta. Em lugar algum, o poder da palavra de Deus, se evidencia de modo mais marcante do que nesta transformação.

51:1, 2. A Petição.

A petição inicial, *Compadece-te de mim*, é a linguagem de quem não faz jus algum ao favor que implora. *Benignidade*, porém, é uma palavra da aliança. Apesar de nada merecer, Davi sabe que ele ainda pertence; cf. o paradoxo das palavras do Filho Pródigo: “Pai . . . já não sou digno de ser chamado o teu filho.” Chegando ainda mais perto, apela ao terno calor de Deus, na palavra *misericórdias*, um termo emotivo que se emprega, e.g. em Gn 43:30 quando José “se movera no seu íntimo” pelo seu irmão. É semelhante à palavra visceral no Novo Testamento “entranhável compaixão”.

1b, 2. O perdão, no entanto, consiste em mais do que um espírito de ternura. O registro acusador do pecado permanece, e a poluição se apegua. A petição *apaga* significa, literalmente, uma ação como apagar o que está escrito num livro ou lousa (cf. Êx 32:32; Nm 5:23). Somente o evangelho poderia nos revelar a que preço seria possível apagar “o escrito de dívida, que era contra nós” (cf. Cl 2:14). A metáfora acompanhante *lava-me completamente*, emprega um verbo que se vincula com a lavagem de roupas, como se Davi se comparasse a uma peça imunda de roupa que precisava passar por lavagem intensiva. O pensamento ainda é primariamente da culpa que o torna indigno da presença de Deus ou do povo de Deus (cf. a poderosa lição objetiva em Lv 15). Nos versículos 6-12, tratará do aspecto mais interno da purificação.

51:3-5. A Confissão.

Numa nova figura de linguagem, seu pecado se avulta como presença acusadora: cf. NEB “meus pecados me confrontam o dia inteiro”. Não é só isso, porém.

4. Seu pecado era traição. Dizer “*Pequei contra ti, contra ti somente*” pode convidar a cavilação que o adultério e o assassinato dificilmente são males particulares. Trata-se, no entanto, do modo tipicamente bíblico de chegar ao coração do assunto. O pecado pode ser contra si mesmo (1 Co 6:18) e contra o próximo; a ofensa contra Deus, porém, é sempre o verdadeiro alcance dele, como José percebera havia muito tempo antes (Gn 39:9). Nossos corpos não pertencem a nós mesmos; e nossos vizinhos são feitos à imagem de Deus. Nota-se o

imenso contraste aqui, com o ponto de vista de preocupação consigo mesmo em 2 Samuel 11, onde a única pergunta de Davi foi, com efeito, “Como encobrir o que fiz?” Agora, trata-se de “Como posso agir assim para com Deus?”

Sua aceitação total do veredito de Deus contra ele (4b) tem seu paralelo no Novo Testamento na confissão do ladrão arrependido (Lc 23:41), e é citada em Rm 3:4 na sua forma da LXX (“quando fores julgado”). Naquela forma, transmite o fato com força máxima, mas ainda é o mesmo fato que temos aqui no texto hebraico (i.e., como em ARA, *puro no teu julgar*): que ninguém poderia pôr defeito — mesmo se tivesse autoridade para opinar — no julgamento que Deus pronuncia contra o pecador.

5. A nova perspectiva a respeito do seu pecado, como auto-asseração contra Deus, abre novas vistas de conhecimento-próprio. Este crime, conforme Davi agora percebe, não era um evento contrário à natureza dele: fazia parte do seu caráter; era uma expressão extrema do tipo de criatura pervertida que sempre tinha sido, e da raça degenerada da qual nasceu. Isaías, semelhantemente, também viu a corrupção do seu povo, quando conseguiu vislumbrar a sua própria (Is 6:5). Davi, naturalmente, não fala contra sua mãe em particular, nem contra o processo da concepção. Nem tampouco quer se desculpar desta forma. É o ponto culminante dos fatos que enfrenta: que seus pecados são dele mesmo (*meu, minha*, cinco vezes nos versículos 1-3), e são indesculpáveis (4); pior do que isto, são o próprio elemento no qual vive (5).

51:6-9. A Restauração.

Este crescendo começa num ponto de mau presságio, no abismo que existe entre aquilo que Deus deseja²⁴ (6a), e aquilo que Davi acabou de confessar. Os desejos de Deus, no entanto, são intenções: ao Se comprazer na *verdade*, Ele *fará conhecer a sabedoria*, ao invés de deplorar a sua ausência. Em 6b começa uma série de verbos no futuro, e não no imperativo (heb. 8b; lit. “tu me ensinarás . . .”), até ao fim

²⁴ Apesar dos versículos 16 e 19, NEB e RP rejeitam o sentido comum deste verbo neste versículo, preferindo uma interpretação tirada de uma raiz árabe, “guardar, preservar”. Isto é improvável (16, 19), desnecessário e, em NEB, irrelevante ao contexto. Cf. sobre 37:23.

de 8. A versão de Coverdale, no Livro de Orações (Anglicano), fica quase sozinha em traduzi-los como afirmações, que realmente são.

7. *Purifica-me com hissopo* é uma alusão à purificação do leproso, aspergido sete vezes com o sangue sacrificial no qual foi moihado um ramo de hissopo como borrifador (Lv 14:6-7); ou pode se referir ao ritual para a purificação daqueles que tiveram algum contato com um defunto (Nm 19:16-19). Em ambos os casos, terminava com o pronunciamento sem rodeios, “e ele será limpo” — promessa esta que Davi toma para si na primeira pessoa. Ele também sabe pelo contexto mencionado qual é a palavra especial para *purificar*, da qual a equivalente mais próxima seria “tirar o pecado” (Lv 14:49; Nm 19:19), e ele faz um retrato mental da seqüência final daquele ritual, a lavagem das roupas e do corpo. O toque descritivo, *mais alvo que a neve*, é dele mesmo: um lampejo de reconhecimento que não há meias medidas com Deus. Cf. Is 1:18.

8. *Faze-me ouvir*. Aqui parece que Davi retrata a volta do proscrito para a sociedade, com os sons de boas-vindas e festividade vindos ao seu encontro. Para o clímax, NEB toma o sentido básico do verbo *exultem* (*gíl*), e traduz: “para que *dancem* os ossos que esmagaste”. Mais uma vez, o socorro que espera não é pela metade.

9. Este versículo, ecoando o versículo 1, completa a primeira parte do salmo, na qual a ênfase tem sido mormente colocada na culpa e na sua purificação. Agora, o centro da gravidade mudará para a salvação.

51:10-13. Renovação Interior.

A profundidade do conhecimento-próprio revelada nos versículos 3-5 poderia ter levado Davi ao desespero; ao invés disto, expandiu o alcance das suas orações (Cf. Rm 7:18-25). Com a palavra *cria*, pede nada menos do que um milagre. É um termo que representa aquilo que somente Deus pode fazer, e pode se referir a um processo prolongado tanto como a um ato instantâneo (cf. Gn 2:3), como é evidentemente o caso aqui. Tanto a história anterior de Davi, como a linguagem de 11b, 12a, mostram que este não é um pedaço de um homem não regenerado: é uma oração em prol da santidade (cf. 11b). Abrange, por assim dizer, todos os sete dias da criação, e não apenas o primeiro.

Com as palavras *coração* e *espírito* vai até as “fontes da vida” (Pv 4:23), e faz conexão entre o seu próprio espírito e o Espírito de Deus. A oração de 10b se traduz corretamente aqui, ARA, como nas versões

mais antigas: *e renova*²⁵ *dentro em mim um espírito inabalável*. Forma um paralelo com a petição "*Restitui-me . . .*" no versículo 12: a oração de um desviado que chegou ao arrependimento.

11. O pano de fundo provável deste temor de ser rejeitado por Deus foi o exemplo de Saul, de quem Se afastara o Espírito de Deus (1 Sm 16:14). Este versículo não se ocupa com a mera doutrina da perseverança, mas com a prática dela, assim como fez Paulo em 1 Co 9:27 e nosso Senhor em Jo 15:6. A palavra *santo* deve nos fazer lembrar quão grande é o alcance de semelhante pedido; cf. 1 Sm 6:20.

12. Embora a oração do versículo 10, pedindo a firmeza de espírito, fosse obviamente apropriada após uma queda tão grande, a petição fervorosa²⁶ por um *espírito voluntário* pode nos dar a impressão de ser menos relevante. A palavra sugere o entusiasta que se oferece para uma tarefa, com sua atitude pronta e generosa. Pensando bem, no entanto, um espírito assim é o antídoto que Deus supre como cura da tentação: é aquele deleite positivo na Sua vontade (40:8), que Davi perdera, em grande medida, na sua prosperidade.

13. *Então ensinarei . . .* — há aqui uma pronta disposição semelhante à do versículo 12, como se a oração daquele versículo já estivesse sendo respondida. Podemos notar a conexão estreita entre uma fé alegre e uma fé que se transmite, e entre a experiência da restauração e o ato de levar outros àquele conhecimento. "Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22:32). As palavras traduzidas *restitui* (12) e *se converterão* (13) são partes do mesmo verbo hebraico. Além disto, o próprio salmo é a resposta mais rica à oração, sendo que mostrou a gerações de pecadores o caminho para casa, muito tempo depois que se acharam além da possibilidade de restauração.

51:14-17. Adoração Humilde.

Davi continua horrorizado com a enormidade do seu pecado. Não tinha nada da leviandade dos contemporâneos de Isaías, que nem sequer tinham consciência do sangue sobre as suas mãos erguidas em oração (Is 1:15), e nunca se debateram com as realidades da adoração

²⁵ Este é o significado regular deste verbo no Antigo Testamento. Ver, e.g., 104:30; Is 61:4; Lm 5:21. A única exceção que parece haver é Jô 10:17.

²⁶ É um imperativo enfático: "Oh! restitui-me . . .". Cf. o início do versículo 13.

(Is 1:11). *Crimes de sangue* traduz a palavra hebraica que significa lit. “sangues”; daí as alternativas possíveis, “morte” (RSV mg., JB) ou “derramamento de sangue” (NEB). Estas alternativas revelam demasiada preocupação consigo mesmo da parte de Davi para se enquadrarem nesta contrição dele. Em nenhum ponto no decurso deste salmo se preocupa em escapar das conseqüências materiais dos seus pecados: é a culpa deles que é um fardo para ele. Mesmo a palavra “livramento” (RSV) é por demais limitada: na realidade quer louvar a *justiça* de Deus (14c, ARA [heb. 16] a tradução literal que faz mais sentido), cuja obra suprema desta é tornar justo o próprio pecador (cf. 6ss.).

15. À luz do versículo 14b, a oração *Abre, SENHOR, os meus lábios*, não é mera fórmula; é o grito de alguém cuja consciência o levou a calar-se, envergonhado. Anseia por adorar com liberdade e gratidão, como antes; e crê que, pela graça de Deus, assim será. Vista no seu pano de fundo verdadeiro, esta petição humilde do fundo do coração leva o adorador, num só passo, da confissão para a beira do louvor.

16, 17. O Antigo Testamento tem um modo idiomático de dizer “não aquilo, senão isto”, onde diríamos “isto em preferência àquilo” (cf. Os 6:6), ou: “não aquilo sem isto”. Os versículos 18-19, com seu louvor ao sacrifício, nos lembram que os cantores antigos deste salmo assim entenderam estes versículos. Deus não está rejeitando os próprios sacrifícios que Ele ordenou, e muito menos declara que podemos fazer nossa própria expiação. O que Ele ressalta aqui é que o melhor dos sacrifícios é odioso a Ele sem um coração contrito. Não há referência meramente à expiação (pela qual somente o sangue alheio pode servir: Lv 17:11; Hb 9:22), e, sim, à gama total do culto e da adoração, que deve ser, ao invés de simbólica, uma realidade pessoal, pois a oferta pacífica (*sacrifícios*, 16), expressava comunhão, e o *holocausto*, dedicação. Em tudo isto, Deus está procurando um coração que sabe quão pouco merece, e quão grande é a sua dívida.

“Eu mesmo sou minha oferenda; que minha devoção comprove, Depois de receber tão grande perdão, quanto eu amo.”²⁷

²⁷ S. J. Stone, “Weary of self and laden with my sin”.

51:18, 19. A Oração de um Povo.

É concebível que o próprio Davi pudesse ter acrescentado estas palavras, retratando a triste situação espiritual de Sião em termos físicos. É muito mais provável, porém, que as gerações entre o Cativo e a Reedificação fizeram da penitência de Davi a delas, acrescentando estes versículos para tornar específica a sua oração. Conforme foi indicado acima (sobre 16, 17), não contradizem, senão interpretam, os versículos 16-17. Para a resposta gloriosa, ver Ne 12:43, quando se completaram os muros: “No mesmo dia ofereceram grandes sacrifícios . . . de modo que o júbilo de Jerusalém se ouviu até de longe”.

Salmo 52 O Agitador

O título vincula o salmo com uma das experiências mais amargas de Davi. Fugindo de Saul, ele persuadira Aimeleque, o sacerdote, a dar-lhe alguns suprimentos; e agora, Aimeleque foi acusado diante do rei, e a totalidade da sua comunidade foi massacrada. O informante foi Doegue, o edomita, e foi ele que levou a efeito o massacre.

Temos duas das declarações de Davi quanto a isto. Uma é sua exclamação dirigida a Abiatar, filho de Aimeleque: “Fui a causa da morte de todas as pessoas da casa de teu pai. Fica comigo . . . estarás salvo comigo” (1 Sm 22:22-23). A outra é este salmo, no qual reflete em primeiro lugar sobre o tipo de homem que é Doegue, que faz carreira à força, mediante calúnias e intrigas; depois, reflete também sobre a brevidade de tal sucesso. Finalmente, renova sua confiança em Deus, que defende os Seus tão certamente como o próprio Davi prometera defender a Abiatar.

52:1-4. A Língua Destrutiva.

A palavra *gloriar-se* não dá a entender necessariamente uma pompa externa: o essencial é o convencimento do homem.²⁸ Considera-se muito esperto, está emaranhado nas suas intrigas, entregou-se à prática da iniquidade — pela repetição *amas . . . amas* dá a entender a escolha e não somente a atração.

²⁸ Cf. 49:6 [heb. 7] onde é paralelo com “confiar”; ver também, e.g., Jr 9:23 [heb. 22].

1. No seu contexto (ver o título, e os comentários introdutórios) as insinuações contra Aimeleque foram bem colocadas para Doegue obter a gratidão do rei, que agora estava se imaginando desprovido de amigos. Talvez haja ironia no termo militar *ó homem poderoso* (1), como se este título fosse obtido através da proeza de Doegue na carnificina de indefesos. Como o vaqueiro grande se mostrou valente! (“Grande, lit. é traduzido “maioral”, 1 Sm 21:7 [heb. 6]).

(Neste mesmo versículo 1 do Salmo, a frase *a bondade de Deus* traduz o texto hebraico *hesed 'el*, o que pode fazer sentido, mas é abrupta aqui, e se adianta ao contraste que ainda se fará no versículo 8. A Pesita apóia a possibilidade de ter havido troca das palavras na cópia. Teríamos, então, *'el-hâsîd*, “contra os piedosos”).

52:5-7. Prazo Curto Para os Condenados.

Verbos violentos se acotovelam no versículo com um efeito sempre mais radical; ao desastre final *te extirpará da terra dos viventes* (5c) os ímpios não têm resposta alguma (cf. 49:13-15).

6. A seqüência de *ver* e *temer* (verbos com ortografia semelhante em hebraico), ou, noutras palavras: “olhar tudo isso, atemorizados” (NEB), já surgiu em 40:3, como reação diante da libertação operada por Deus, que pode ser tão emocionante como Seus julgamentos. Aqui, porém, a etapa final é o riso, que é a penalidade totalmente devastadora para os pomposos e orgulhosos.

7. A palavra *fortaleza* ressalta a falta de segurança mesmo dos mais fortes. A pessoa atirada, por toda a sua agressividade, é parcialmente impelida pelo medo. A linha final não repete aqui aquilo que é o essencial no hebraico, lit., “e na sua cobiça se fortalecia”²⁹ — pois esta é a parte dominante da sua motivação.

52:8, 9. Guardado em Segurança.

Conforme sugerimos antes, Davi talvez viu o paralelismo entre a proteção que ofereceu (1 Sm 22:23) e a proteção que achou. A *oliveira* é uma das árvores que vivem mais tempo; aqui, o fato é duplamente ressaltado, pois a oliveira na figura de Davi é *verdejante* (“cheia de seiva” — Weiser), e, além disto, cresce no átrio sagrado (trata-se de

²⁹ Cf. BDB, que prefere, no entanto, a leitura “riquezas” (LXX, Targ.), que é uma palavra diferente. Para a tradução “cobiça” cf. Pv 10:3.

mais uma alusão ao santuário em Nobe?) onde ninguém mexerá com ela, e muito menos a desarraigará (cf. 5c). Certamente há um contraste deliberado entre o objeto da *confiança* dele (8b) e o de Doegue (7b), sendo tangível e transitório o deste último, enquanto o de Davi é inviolável, porém *para todo o sempre*.

9. A gratidão que aqui se expressa ainda faz parte da confiança e fé, pois, fielmente ao texto hebraico confirmado pelas versões antigas, temos: *esperarei no teu nome*, e isto não de modo particular, mas em público, onde qualquer falta de atendimento da parte de Deus ficaria óbvia. Cf. sua deliberada recusa a tentar coagir a Deus em 1 Sm 28: 8-11. As palavras finais de Davi neste salmo se interpretam de modo excelente em JB: “. . . e confiarei no teu nome, que está tão repleto de bondade, na presença daqueles que Te amam.”

Salmo 53 A Raça de Víboras

Excetuando-se uns poucos detalhes, e a maior parte do versículo 5, este salmo é idêntico ao 14, onde se pode ver os comentários. O título acrescenta a anotação *para cítara* (ARC “sobre Maalate”) (ver a Introdução, VI, c. 3, p. 56); ocorre outra vez no 88. Em toda esta versão do salmo, o nome divino é simplesmente *Deus*, como é o costume quase invariável neste Livro do Saltério (ver a Introdução, II, p. 15), enquanto no 14 o nome Javé (o Senhor) ocorre quatro vezes. Nesta coleção, a propósito, esta meditação sobre o insensato arrogante, o *nābāl*, se coloca entre matéria que se refere a Doegue (Sl 52, 1 Sm 22) e a que se refere aos zifeus (Sl 54; 1 Sm 23 e 26).

As seguintes são variações, comparando-se o Salmo 14:

1. *Iniquidade* ('āwel): cf. “abominação”, 14:1 ('*ālilā*).
3. *Todos se extraviaram* (*kullô sâg* — “todos se decaíram”); cf. “todos se extraviaram”, 14:3 (*hakkōl sār*).
4. *Os obreiros da iniquidade*: em 14:4, esta frase é introduzida por “todos”.

5. *Onde não há quem temer*, ou: “onde não houve terror”. Isto pode significar “onde antes não tinham medo”, ou, mais provavelmente, “onde não havia causa para medo”. Esta frase não está presente no Salmo 14, e introduz a mudança considerável no restante do versículo: *porque Deus dispersa os ossos daquele que te sitia*. A referência ao que “sitia” pode ser a chave da mudança: i.e., este salmo, nesta

forma, celebra a liberação milagrosa operada ao cair pânico repentino sobre o inimigo (cf. e.g. 2 Rs 7:6-7). Para mais detalhes das variações deste versículo, ver sobre 14:5b, 6.

Salmo 54 Meu Ajudador

Este salmo surgiu do meio das experiências provadoras que se seguiram após aquelas que se aludem em 52. Ser traído por Doegue, o edomita, não fora uma grande surpresa (1 Sm 22:22); agora, porém, Davi se vê rejeitado por homens da sua própria tribo (1 Sm 23:19ss.; 26:1ss.), embora tivesse protegido uma das suas fronteiras contra os filisteus (1 Sm 23:1ss.). Nesta situação perigosa e decepcionante, volta-se mais uma vez para Deus.

54:1-3. Minha Oração.

Num ambiente de traição há força adicional em apelar para o nome de Deus, e na oração *faze-me justiça*. Aqueles que traíram Davi eram oportunistas que não representavam princípio algum, fazendo sua cor e sua forma adaptar-se à situação do momento. Deus, pelo contrário, Se declarou, e fica firme ao lado do seu bom nome: cf. e.g., 23:3; 48:9-10. E Davi, por sua parte, se preocupa com a justiça, e não meramente com a segurança. *Faze-me justiça* aqui é um termo judicial, embora o veredito terá de ser pronunciado com atos salvadores, e não em palavras. A censura contra o caráter de Davi é que ele não passa de traidor. Suas palavras, dirigidas a Saul, revelam a mágoa disto: "Pois que fiz eu? E que maldade se acha nas minhas mãos?" (1 Sm 26:28).

3. Os insolentes (ou "arrogantes"); é assim que várias MSS hebraicos e o Targum lêem o texto, e é provavelmente a leitura correta, contra "estrangeiros" no TM.³⁰ Cf. 86:14, que é quase idêntico. A expressão paralela, *os insolentes*, pode ser estudada especialmente em Is 25:3-5. A última linha do nosso versículo revela a ênfase tipicamente bíblica naquilo que *falta* na atitude humana, como aspecto de significado especial. Aqui, é o auge da descrição; cf. as últimas linhas de 36:1, 3, 4 e de 53:1, 3, 4.

³⁰ No texto consonantal a diferença é entre duas letras bem semelhantes.

54:4, 5. Meu Ajudador.

Davi, nos versículos 1-3, oferecia a si mesmo e os seus inimigos à atenção de Deus, e agora, fixa a sua própria atenção em Deus. Em 4b, as versões antigas, seguidas pela maioria das modernas, achavam o texto hebraico surpreendente, colocando Deus “entre” os que *me sustentam a vida*. Isto, no entanto, não é diminuir o papel dEle; trata-se de ver a Sua mão por detrás da ajuda humana — os “seiscentos”, os “trinta”, os “três”, de 1 Sm 23:13 e 2 Sm 23:8ss. — cuja fidelidade era o apoio e a alegria de Davi. No tema da retribuição, o versículo 5, que deixa o assunto para Deus, está de pleno acordo com Rm 12:19, embora não tenha andado a segunda milha que os dois versículos seguintes em Romanos indicam.

54:6, 7. Minha Oferta de Ações de Graças.

O essencial do aspecto *voluntário* dos sacrifícios é que nenhum voto fora incluído na oração pedindo socorro; não se tratara de dizer, com efeito: “Se Tu fizeres isto, eu Te darei aquilo.” O agradecimento e o sacrifício eram espontâneos (cf. 51:12); e embora os Salmos 50 e 51 indiquem que o sacrifício não tem eficácia em si mesmo, mesmo assim, quando oferecido do modo certo, dava expressão visível ao amor da pessoa, dava acesso à presença de Deus através da expiação, e reunia um grupo de pessoas para participarem da festa e escutarem a história (cf. Dt 12:6-7). Desta forma, Davi revive a angústia da sua oração inicial (1-3), e a fé que ela produziu (4-5), como prelúdio aos agradecimentos — tangíveis e articulados — que agora apresenta. Ao legar este salmo a nós, faz “caminhos retos para os nossos pés”, para um progresso semelhante, se necessário for, do quase-desespero para a libertação.

Salmo 55

Traído

Um clamor tal como este contribui para tornar o Saltério um livro para as extremidades da experiência, e não somente para suas normalidades. Aqui se acha um companheiro no sofrimento para a pessoa transtornada; para os demais de nós, pode servir de orientação em nossa intercessão, a fim de orarmos com eles, “como se presos com eles” (Hb 13:3), ou compartilhando outros sofrimentos com eles. Além disto, as passagens sobre a traição (12ss.; 20-21) que são de partir

o coração, nos dão mais discernimento dos sofrimentos do próprio Cristo, e, ao mesmo tempo, do Seu controle-próprio e atitude redentora, numa situação semelhante àquela que deu a Davi motivos justos para apelar ao julgamento.

55:1-3. A Pressão Intolerável.

Uma frase que se repete na lei em Dt 22:1-4 (lit. “*não te escondarás*” — “*não te furtarás*” em ARA) ilumina a petição *não te escondas*, a empregar a mesma expressão que proíbe o passar por cima de um predicamento do próximo, por mais inconveniente que seja a ocasião. Sendo assim, a alusão faz da oração um apelo ao caráter consistente de Deus e não somente à Sua misericórdia.

2. O texto original tem uma palavra (*’ārīd*) rara, que significa “estou inquieto”, *sinto-me perplexo*, enquanto as versões antigas apóiam a interpretação “estou vencido” (*’ūrad*). A primeira tradução dá uma descrição mais vívida da triste situação de Davi, e concorda com a expressão seguinte: *ando perturbado*, uma palavra que se aplica à confusão de um exército desmoralizado (cf. Dt 7:23).

3. Agora vem a causa desta agitação: um grupo hostil, que se sente firmemente na ascendência. O *clamor* do inimigo acompanha melhor a palavra *opressão* do que qualquer outra sugestão para a tradução desta última palavra rara (“olhar fixo”, ³¹ “clamor agudo” NEB). ³² *Lançar*, na linha seguinte, retrata algo que se derruba: “*trazem a calamidade que se desaba sobre mim*” (JB).

55:4-8. O Anseio de Escapar.

É consolador para nós, sabermos que existem gigantes espirituais que tiveram este anseio, quer sucumbissem a ele, como Elias (1 Rs 19:3ss.), quer o resistissem, como Jeremias (Jr 9:2; 10:19).

55:9-11. As Forças da Anarquia.

Embora qualquer bom cidadão se aflija com o colapso da sociedade, Davi, como rei, é diretamente desafiado. Sua oração é perceptiva, e é uma lição para nós: ele se lembra como Deus tratou Babel (9a), outra cidade arrogante, explorando os aspectos divisivos que estão inerentes

³¹ Uma conjectura a partir do ugarítico, *’q* “globo ocular”.

³² Uma conjectura a partir do árabe *’ayyaka* (*’āka*): G. R. Driver, JBL 55 (1936), p. 111, citado por D. W. Thomas, TRP, ad loc.

no mal. Orou de modo semelhante quando Aitofel, homem astuto sem medidas, ficou sendo o conselheiro de Absalão (2 Sm 15:31). Nesta parte do salmo, além disto, as provações pessoais de Davi cedem lugar à sua preocupação pelo bem público. Esta é a cidade de Deus, cujas muralhas (10) devem dar segurança ao Seu povo (48:12ss.), e não o lugar de rebeldes e terroristas desfilarem, e cujas praças (11) devem estar acima de qualquer vergonha (144:14). A oração se faz em bases sólidas.

55:12-15. O Amigo Falso.

Com nosso conhecimento limitado do círculo em que Davi andava, é desnecessário procurar achar o nome do traidor; o que importa é a descrição. *Meu igual* pode ser, mais exatamente, “um homem de meu próprio nível” (JB), cf. NEB, “um homem do meu próprio tipo”. O que Davi descrevia nesta passagem comovente, também era a essência da sua própria traição contra Urias, um dos seus melhores amigos (2 Sm 23:39).

15. Notem-se os plurais nesta explosão repentina. De modo característico, a reação principal de Davi diante da traição pessoal era a grande tristeza (12-14), enquanto a sua ira se inflamava contra a ameaça coletiva à sua autoridade — embora, naturalmente, o incitador central estaria plenamente incluído. A frase *vivos desçam à cova!* é claramente um eco de Nm 16:30, onde Moisés invocara uma prova de que os rebeldes que enfrentava estavam, na realidade, resistindo a Deus.

Quanto a um detalhe: o texto consonantal de 15a [heb. 16a], se traduz mais facilmente “Desolações (*yēšîmôt*) sobre eles!”, mas as vogais tradicionais mudam isto para: “A morte os engane” ou seja *A morte os assalte*, com o elemento de surpresa.

55:16-19. O Deus que Ouve.

O inimigo, ao impulsionar o servo de Deus à oração, já se excedeu; é um fato que vale a pena relembrar numa situação semelhante. É o ponto decisivo do salmo.

17. Embora “sete vezes por dia” em 119:164 deva ser um número arredondado, os três pontos de tempo mencionados aqui dão a impressão de se constituírem em padrão regular, adotado por Davi durante a crise. Outros, de Daniel em diante (Dn 6:10), têm se sentido constrangidos a adotarem medidas contrárias disciplinadas, tais como estas, contra as pressões do mundo. *Farei as minhas queixas* é um pouco der-

rotista demais; a palavra significa basicamente “medito” (cf. e.g. 77:6, 12 [heb. 7, 13]), e é influenciada pelo seu contexto, que aqui inclui a oração da fé (16, 17b; cf. ARC “orarei”).

18. *Dos que me perseguem*, lit., a ARC “da guerra que me moviam”, cf. *guerra* no v. 21, que traduz o mesmo substantivo raro que consta na frase supra.

19b. *Porque não há neles mudança nenhuma*. Isto significa, ou que estes homens estão por demais confirmados nos seus pecados, ou que estão seguros demais, materialmente falando, para se preocuparem com Deus. Cf. o Moabe complacente, em Jr 48:11: “tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado da vasilha para vasilha.”

55:20-21. O Bajulador.

A profundidade desta perfídia é que rompia compromissos específicos: esfaqueava aliados declarados, e não meramente companheiros, pelas costas. O aspecto sagrado de uma *aliança* se revela na palavra traduzida *corrompeu*, que significa profanar algo sagrado. Para um laço de amizade tal como este, Deus teria sido invocado como testemunha.

55:22, 23. A Visão a Longo Prazo.

Para nós é fácil ver que os sofrimentos de Davi não eram realmente preço demais para se pagar a fim de legar ao mundo o versículo 22, mesmo que Davi não achasse assim. *Cuidados* é tudo quanto nos é dado, nossa situação destinada. E a promessa não é que Deus carregará este fardo: é a nós pessoalmente que sustentará. O verbo *suster* é aquele que se aplicou a José o providenciador e sustentador (Gn 45:11, etc.), e de vários patrocinadores humanos; sobretudo, aplicava-se aos cuidados, que a tudo abrangiam, que Deus teve por Israel no deserto (Ne 9:11).

23. Pela expressão *não chegarão à metade dos seus dias*, Davi indica quão precária é a carreira do criminoso, embora não se esqueça que este é o destino para eles determinado por Deus, em cujo mundo vivem. Em outros momentos, pode ver ainda mais longe (e.g. 16:10-11; 17:13-15); o importante, porém, é que Deus tem o assunto inteiro nas mãos dEle, e que Davi já fez a sua escolha. O *eu* é enfático, deixando de lado as preocupações com o inimigo. Na realidade, há dois lados nesta questão, e não três. *Eu todavia, confiarei em ti*”.

Salmo 56

“Que me Pode Fazer um Mortal?”

Para Davi fugir de Saul para Gate, justamente a cidade natal de Golias, exigiu a coragem que nasce do desespero; mostra qual a estimativa que ele tinha da sua situação diante do seu próprio povo. E agora esta fuga fracassara, e ele é duplamente cercado. Por enquanto, seus próprios seguidores eram pouquíssimos; os quatrocentos mencionados em 1 Sm 22:10 ainda tinham que ser reunidos. Este salmo é o primeiro de dois que brotaram desta crise. No fim, acaba irrompendo em ações de graças, que formariam o tema, livre de nuvens, do Salmo 34.

O Título.

Ver a Introdução, VI, c. 2, p. 51; VI. c. 3, p. 52.

56:1-4. Pressão e Promessa.

O homem procura ferir-me, lit. “os homens ofegam após mim”, como quem está correndo atrás dele numa caçada (cf. Jó 5:5). Já estão fechando o cerco (ver os comentários introdutórios, acima), mas Davi ainda não está esmagado.

2. *Atrevidamente* é, lit., “altura”, que AV e ARC entendem como termo que representa Deus: “ó Altíssimo”. Como, porém, os substantivos hebraicos muitas vezes se empregam como advérbios, podemos traduzir “altivamente”.

3. *Em me vindo* é, lit., “(no) dia (quando) me vem”, como no v. 9. Podemos dizer: “Quando me vem o temor.” A fé se vê aqui como ato deliberado, como desafio ao estado emocional da pessoa. A primeira poderia ter dito, por demais facilmente, “Quando estou em paz . . .”.

4. Este versículo impressionante torna-se estribilho, aumentado e repetido nos versículos 10 e 11, e citado em 118:6 e Hb 13:6. Acrescenta ao esboço de fé já dado no versículo 3, ao mostrar em que a fé descansa, i.e., *em Deus*, e onde acha seu conteúdo, i.e., na Sua *palavra* (fato este que será ressaltado duas vezes no versículo 10). *Nada temerei* forma um paralelo com vers. 3a, dando resposta a ele como resultado do ato de confiança. A última linha, *Que me pode fazer um mortal?* demonstra, com seu raciocínio firme, que as proporções da cena nos vers. 1 e 2, onde se avultavam os inimigos em derredor da sua vítima, já se mudaram. Agora, sendo comparados com Deus, revelam que são

mortais fracos (cf. Is 31:3). Ainda poderão fazer muita coisa contra o servo de Deus, conforme confirmarão os versículos seguintes (especialmente o versículo 8); nada disto, porém, o derrotará. Cf. o contexto de sofrimento e de ações de graças no qual Hb 13:6 cita estas palavras.

56:5-7. O Zelo dos Opressores.

A pressão sem alívio era a parte pior da provação. Foi a primeira coisa que Davi ressaltava: *todo o dia . . . continuamente* (lit. “todo o dia”) (1, 2); e agora a menciona de novo (5). Se o ataque foi por meio de *torcer as palavras* de Davi, ou, conforme dizem outras interpretações, por meio de *danificar a causa* deste de modo geral, não é fácil saber com certeza.³³

Ser vigiado a fim de os inimigos acharem defeito (16), foi uma provação que o Senhor de Davi também enfreteria (Lc 11:53-54). Incidentalmente, o contexto da palavra *aguardando* ilustra a expectativa zelosa que ela sempre dá a entender: nunca é uma palavra plácida; ver, e.g., o comentário de 40:1.

7. *Dá-lhes a retribuição*. O hebraico tem “livra-os” (*pallêt*), que AV e RV interpretaram como expressão irônica (“Porventura escaparão eles?” ARC). Mais provavelmente, aquela palavra era originalmente soletrada *paliês*, que juntamente com o dativo, seria traduzida: “retribui-lhes”.³⁴ A segunda metade do versículo não nos deixa com dúvidas quanto ao impacto principal da oração, e podemos fazer remontar a resolução de Davi no sentido de subjugar os filisteus àquele período da sua vida. Haveria de ver a resposta à sua oração: cf. 2 Sm 5:17ss.; 8:1.

56:8-11. O Cuidado do Protetor.

Meus passos, ou “minhas peregrinações”, a situação especial de Davi, cuja palavra original em hebraico (*nōd*; cf. Gn 4:16), parece ter trazido à mente o som semelhante de *n'ōd*, *odre*, assim como o verbo *contar* sugeriu a palavra relacionada com ele, *livro* (em hebraico, *sāfar* e

³³ De dois verbos possíveis, um significa “molestar”, e o outro, “formar”; enquanto o substantivo pode significar ou “palavras” ou “assuntos”.

³⁴ NEB, com base na LXX, conserva o verbo do TM (“escapar”), e acha o negativo que falta, por detrás da palavra para “crime” (*ayin* no lugar de *'awen*).

sefer).³⁵ Desta forma, conforme parece, este versículo foi construído, sendo vividamente marcado com a confiança afetuosa do autor, e com sua inquietude e melancolia. Nosso Senhor tinha expressões igualmente marcantes para representarem a atenção que Deus presta aos detalhes: cf. Mt 10: 29-30.

9. *No dia em que eu te invocar* é expressão semelhante a (lit.) “no dia quando me vem temor”, no versículo 3, para o qual fica sendo um bom companheiro. Paulo mais tarde, ecoou o fim triunfante deste versículo (ou de 118:7a), coroando-o com as palavras “quem será contra nós?” (Rm 8: 31).

10, 11. Aqui se retoma o versículo 4 (ver o comentário ali) como estribilho, enfatizando sua primeira linha ao virtualmente repeti-la, um plano predileto neste salmo. Aqui o nome Javé (*o SENHOR*) faz um dos seus raros aparecimentos no Segundo Livro (42-72) do Saltério.

56: 12, 13. Passado o Perigo.

Agora chegamos à finalidade explícita do salmo: canta-se para celebrar a resposta à oração e para cumprir a promessa feita na adversidade. *Ações de graça* podem representar sacrifícios literais (e.g. Lv 7: 12), ou canções de gratidão (e.g. 26: 7); aqui, sem dúvida, fala-se de ambos, e o salmo ofereceria a muitos adoradores posteriores palavras para acompanharem a oferta. De fato, nota-se que o último versículo foi tomado por empréstimo, e até ressaltado, na forma aperfeiçoada de 116: 8-9, onde as lágrimas do sofredor não são apenas recolhidas (8), como também banidas para longe.

Salmo 57 Salvo Para Cantar

O fim do título do salmo mostra que a situação histórica desta canção está “na caverna”, e podemos sentir o mesmo espírito realista porém aventureiro, que o perigo inspira ao invés de acovardar, que a narrativa em 1 Samuel revela. Este é o mesmo Davi que podia dizer: “apenas há um passo entre mim e a morte” (1 Sm 20: 3), e ainda ganhar a iniciativa sobre seu perseguidor, sem, porém, deixar de ter fé humilde diante de Deus (1 Sm 24: 1-15).

³⁵ As versões antigas variam consideravelmente da primeira linha do TM. NEB simplesmente a omite, considerando o jogo de palavras como uma repetição confusa.

O estribilho emocionante dos versículos 5 e 11 forma uma pontuação e ligação deste salmo, e os versículos 7-11 reaparecerão no Salmo 108, como sua abertura, onde este ato de louvor será legado ao hino de batalha tirado do Salmo 60.

O Título.

O termos neste título que ocorrem freqüentemente no Saltério se discutem na Introdução, VI c. 2, p. 51). Quanto às palavras *Não destruas* (heb. e ARC *Al-Tachete*), ver a Introdução, VI. c. 3, p. 52.

57:1-3. O Refúgio.

A petição repetida *Tem misericórdia de mim*, é idêntica à abertura do Salmo 56, e também à do 51 (onde ARC traduz da mesma forma em português, enquanto ARA traduz: "Compadece-te de mim"). Quanto ao *refugiar-se*, é uma característica de Davi que, enquanto a maioria das pessoas teria considerado a caverna como um refúgio, ele viu além dela. A rocha sólida, de si mesma, poderia ser uma arapuca tão facilmente como uma fortaleza (cf. 1 Sm 23:25ss.); a proteção viva simbolizada por *asas* não fracassaria: cf. 61:4, e as seqüelas de Rt 2:12 de um lado, e Mt 23:37 do outro lado.

2. Os dois títulos que aludem a Deus neste versículo mostram como uma oração pode ser enriquecida pelo seu modo de dirigir-se a Deus. Sobre o nome *Altíssimo*, ver o comentário de 7:17; poderia ter trazido lembranças da boa mão de Deus sobre Abraão, outro homem desprovido de lar fixo; certamente foi uma preparação para o pensamento do socorro do alto, expressado em 3a. A segunda linha, cuja brevidade original não podemos representar (três palavras no hebraico), diz o suficiente em poucas sílabas para transformar o desânimo em certeza grata e esperançosa.

3. A exaltação de Deus como "Altíssimo" (2) não significa que Ele seja remoto: no céu, fica desimpedido de enviar socorro — fato este que as primeiras palavras do Pai Nosso devem também trazer à nossa mente. *Os que me ferem* também podem ser "os que me perseguem", cf. sobre 56:1. A parte seguinte do salmo dará mais detalhes quanto a isto.

57:4-6. O Círculo dos Inimigos.

Devorar os filhos dos homens. Traduções recentes aceitam a idéia

de *devorar* como interpretação de, lit., “pôr fogo” (cf. ARC “estão abrasados”).³⁶

5. Aqui temos o outro aspecto, e o principal, de Deus como Altíssimo: não, agora, que Ele é onipotente (cf. sobre versículo 3), mas que também é de importância total. É maravilhoso que Davi deixe de se apegar aos seus interesses urgentes, para pensar na sua preocupação suprema: que Deus seja exaltado. Numa crise desta, este equivalente a “santificado seja o Teu nome” era uma vitória em si mesma (cf. Jo 12:27-28), e uma arma contra o inimigo.

6. Davi quase tinha perdido a sua resistência (6a), talvez até que orasse do modo centralizado em Deus registrado no versículo 5; agora, houve uma reviravolta da situação, e o mal, de modo característico, traz consigo seu próprio julgamento.

57:7-10. O Hino de Louvor.

A exclamação: *Firme está o meu coração!* forma um contraste feliz com 6a: “a minha alma está abatida”. *Firme* é um adjetivo bastante comum para coisas que são solidamente firmadas ou bem preparadas. O cantor vai dedicar toda a sua atenção a sua oferenda de louvor.

8. *Minha alma*, lit., heb. “minha glória” (cf. ARC); ver, porém, a nota de rodapé sobre 30:12. Na linha final, temos a metáfora vívida de despertar a alva. J. W. McKay³⁷ indicou que embora *alva* seja um substantivo masculino, e que seja considerada no Antigo Testamento como fenômeno natural, às vezes é personificada visando efeitos poéticos: aqui, como alguém que dorme; em Cantares 6:10, como alguém que aparece em público; cf. ainda, 110:3; 139:9; Jó 3:9c; Is 14:12.

9. É fácil deixar de perceber o grande alcance desta visão, esquecendo-se de que o abrigo de uma caverna e o afastamento do inimigo teria bastado para a maioria dos homens na situação oprimida de Davi. Os pensamentos dele, no entanto, já tinham saído voando “acima dos céus” (5); e seu Senhor não era um régulo local. Estas palavras, ou a expressão quase equivalente em 18:49, foram levadas completamente a sério em Romanos 15:9, como profecia que tinha de ser cumprida.

10. Cf. 36:5, em palavras bem semelhantes. *Se eleva*. Lit. “é grande”.

³⁶ Cf. G. R. Driver, JTS 33 (1932), p. 32.

³⁷ VT 20 (1970), pp. 451-465.

57:11. Deus Sofre Tudo.

Este estribilho dá o toque para completar o salmo, cantado agora não com a fé desafiadora do versículo 5, mas com grato amor.

Salmo 58
Tiranos em Juízo

O Saltério, com sua paixão pela justiça, não permite que nos acostumemos ao escândalo da iniquidade nos escalões mais graúdos. O clamor de Davi contra déspotas humanos tem paralelo no de Asafe contra principados e potências no Salmo 82. O domínio humano e o sobrenatural são tratados em conjunto em Is 24:21, onde ambos enfrentam o julgamento: “Naquele dia o SENHOR castigará, no céu, as hostes celestiais, e os reis da terra, na terra.”

Uma mudança de forma separa cada estrofe das demais, enquanto se fala aos tiranos em primeiro lugar (1-2), depois se descrevem (3-5), profere-se oração contra eles (6-9), e, finalmente, regozija-se por causa da queda deles (10-11).

O Título.

Para a frase: *Segundo a melodia: Não destruas* (ARC: “Al-Tache-te”), ver a Introdução, p. 57. Os demais termos também se debatem na Introdução, VI c. 2, p. 51.

58:1, 2. O Desafio.

A pergunta e resposta, com o emprego dos termos éticos mais simples, *justiça* e *iniquidade*, pode parecer politicamente ingênua, mas continua sendo aquilo que mais profundamente perscruta. O próprio Davi, por exemplo, tinha que enfrentar este aspecto, que às vezes passa despercebido, no que diz respeito aos seus tratos com Batseba e Urias. Note-se, também, a seqüência verdadeira, *no íntimo . . . vossas mãos*. Aqui temos a desumanidade calculada, pensada e *distribuída* (lit. “pesada”) com a eficiência de um negócio. Miquéias descreve este zelo insone pela obtenção do domínio em Mq 2:1-2.

No versículo 1a, as várias traduções refletem os muitos sentidos possíveis das consoantes hebraicas *’lm*.³⁸ Provavelmente devam ser pro-

³⁸ RV (“em silêncio”) conserva as vogais tradicionais mas não faz sentido. AV, PBV têm “congregação” (uma inferência precária tirada de um verbo “ligar”). LXX, Vulg., entenderam que a palavra era *’ulām*, “verdadeiramente?”.

nunciadas 'ēlīm, e interpretadas como referências a governadores (*juízes*), ou pelo sentido de “carneiros” que esta palavra pode dar, e que às vezes se emprega para governadores (e.g., o heb. de Êx 15:15; Ez 17:13), ou pelo sentido de “deuses” ou “poderosos”, que também se interpreta assim.³⁹ Estes, porém, são dominadores humanos; cf. e.g. versículo 3. No Salmo 82, onde se emprega a palavra 'elôhīm, o contexto indica anjos.

58:3-5. A Acusação Formal.

Já não se fala com os tiranos; aqui, faz-se um retrato deles. Mesmo assim, a diferença entre tais pessoas e o próprio Davi era, conforme ele mesmo confessou em 51:5, de grau e não de tipo. Ele também era pecador *desde a sua concepção*. E a descrição nos versículos 3ss. é muito semelhante à que se cita em Rm 3:10ss. para advertir o leitor que está vendo um espelho, e não um retrato alheio. Se a ele, diferentemente destes, por enquanto, foi “concedido o arrependimento para a vida” (cf. At 11:18), é a Deus que deve agradecer.

Para com o homem, *mentiras e peçonha*; para com Deus ou qualquer voz de razão ou persuasão, ouvidos surdos; este é o pecador que seguiu seu princípio de consideração própria até às últimas consequências. Ele é uma ameaça — o salmo ressalta este fato — e também é uma criatura infeliz, isolado pelo seu espírito agressivo-defensivo. No símile da serpente, a palavra que se traduz *víbora* seria, mais precisamente, a cobra de capelo, cujas características se indicam nos outros trechos onde ocorre o heb. *peten*. Cf. K-B; e também G.S. Cansdale, que escreve: “A cobra de capelo é o objeto principal dos encantadores . . . Concorda-se de modo geral que todas as serpentes são surdas, . . . e que o encantador fixa a atenção delas com o movimento da sua flauta, e não com sua música”.⁴⁰ Coverdale traduz 5b: “por mais sabiamente que encante.”

58:6-9. A Maldição.

Esta oração tem como seu motivo o senso de escândalo por que homens brutais podem perambular e fazer devastações no mundo de Deus. Quanto à retórica violenta, ver a Introdução, p. 39. Levanta a

³⁹ Cf., e.g., Jó 41:25 [heb. 17]; Ez 32:21, porém, alguns MSS. empregam uma ortografia que indicaria o significado de “carneiros”.

⁴⁰ G. S. Cansdale, *Animals of Bible Lands* (Paternoster, 1970), p. 206.

seguinte pergunta: amaldiçoar com paixão os tiranos é melhor ou pior do que dar de ombros ou guardar silêncio diplomático? O Novo Testamento (e.g. Mt 23), nos deixa com poucas dúvidas, embora transfira o assunto para uma nova base: esforçar-se por vencer o mal com o bem.

6. A agressividade dos *leõezinhos* (leões jovens em pleno vigor) acrescenta um elemento que falta da figura de linguagem da serpente, que é preta escondida (4-5).

7. *Ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas.* No hebraico, esta linha deve ter sofrido perdas na transmissão do texto, pois é difícil tirar uma tradução das palavras que ali constam, embora o que temos aqui no português (ARA) seja viável. A conjectura para restaurar o texto se traduz: “como a relva, sejam pisoteados, e murchem”. Neste caso, a derivação do verbo final seria *mālal* (“murchar”) como na LXX, Vulg., e não *mûi* (“circuncidar”). Além disto, foi necessário mudar a ordem das outras três palavras hebraicas, e alterá-las.⁴¹

8. Conforme indicou G.R. Driver,⁴² a tradução *lesma* é duplamente inapropriada, porque a lesma não se dilui, e também porque o senso de “aborto” condiz com a segunda linha, e é atestado no Talmude, onde parece se referir a uma falha de gestação numa etapa cedo demais para ser chamada aborto. Os gregos faziam uma distinção semelhante. Ele traduz, portanto, “como uma falha na concepção, que passa diluindo-se”.

9. No mesmo artigo, Driver conjectura um erro de copista que teria dado origem à palavra traduzida *vossas panelas*, surgindo do verbo “arrancar” como a palavra “como”. Na segunda linha, argumenta que a palavra *verde* se refere a ervas daninhas, e apóia o sentido mais comum “ira” onde ARA diz: *em brasa*. O resultado que tira de tudo isto é: “Antes que eles percebam, Ele os arranca como espinheiros, como ervas más que na Sua ira arrebatam.” Trata-se de uma tentativa entre muitas para desembaraçar um texto que parece ser confuso; dificilmente há acordo entre as versões.

58:10, 11. A Limpeza.

Se o versículo 10 parece impetuoso, o contexto já mostrou que esta é a ferocidade de homens que se preocupam com a justiça. Este fato se salienta na palavra *o justo* que a eles se aplica, e pelo fato de que a

⁴¹ Para maiores detalhes, ver TRP.

⁴² JTS 34 (1933), pp. 40-44.

víngança (ou, menos emotivamente, a retribuição) vem da parte de Deus, conforme a antecipação da oração anterior e a confirmação do versículo final. O que pode parecer sede de sangue em 10b se reveste de aspecto diferente quando se interpreta à luz da repreensão de Is 63: 1-6, onde Deus fica horrorizado porque ninguém quer marchar com Ele para o julgamento. Estes são guerreiros, não vivandeiros. O Novo Testamento até chegará a exceder esta linguagem, ao falar do dia do juízo final (e.g. Ap 14:19-20; 19:11ss.), embora repudie as armas carnis para a guerra espiritual (Ap 12:11).

11. O cenário agora se alarga. A raça humana finalmente será testemunha daquilo que os retos sempre sabiam pela fé. No hebraico, um detalhe gramatical revela que os que falam são pagãos, pois suas palavras (*judga*, plural no original) tratam *'elōhîm* (Deus) como plural, enquanto Israel sempre o trata como sendo uma palavra no singular ao falar do Deus verdadeiro.

Este versículo, pois, dá mais um indício como resposta ao problema do salmo. Se a tirania tem escopo formidável, a fé também o tem. Os justos também verão sua ceifa; e não será uma parte mínima da sua glória, este fato de ter sido semeada em lágrimas e aguardada (conforme indica Tg 5:1-11 num contexto tal como este) com paciência indomável.

Salmo 59

Dispersa Nossos Inimigos

A fuga noturna de Davi, por uma janela superior da sua casa (1 Sm 19:11ss.) dá a este salmo sua urgência, seu senso de ultraje — “Sem culpa minha” (4) — seu desprezo dos que espreitavam de noite para prendê-lo (6-7, 14-15), e seu deleite feroz na libertação operada por Deus. Esta aventura, porém, juntamente com a sua canção, desabrocharam em algo maior, de modo que “todas as nações” (5, 8) e “os confins da terra” (13), se tornam visíveis no salmo completo, cuja data deve ser depois da ascensão de Davi, quando, então, pode falar de “meu povo” (11), e das repercussões de alcance mundial da derrota dos seus inimigos (13). O salmo realmente tem muita coisa em comum com o Salmo 2, assim como Davi o proscrito mostrava toda a promessa de Davi o rei.

O Título.

Para a frase *Não destruas*, ver a Introdução, VI, c. 3, p. 57. Para os demais termos, ver pp. 51, 54, 57ss.

59:1-5. O Círculo de Inimigos.

Ver as notas introdutórias, acima, sobre o perigo que Davi enfrentava, e sobre a antecipação de um conflito maior. A expressão *põe-me acima do alcance* (1), como a palavra *alto refúgio* (9, 16, 17) que tem afinidades com ela no original, contém o pensamento daquilo que é colocado nas alturas, fora do alcance. Em contraste, a casa de Davi não era proteção; era um alçapão mortal, conforme ele reconhecia (1 Sm 19:12). Cf. como extensão desta comparação de refúgios, Pv 18:10, 11.

2. A Bíblia se recusa a reduzir conflitos humanos a meros choques de interesses. Se o versículo 1 não vai além disto, este versículo 2 vai mais profundo, para examinar a mentalidade que adota o mal e a violência como modo de vida. (Sobre *os que praticam a iniquidade*, ver a nota de rodapé sobre 6:8). O próprio Davi mais tarde viria a ser acusado disto (2 Sm 16:7-8), e, inconscientemente, refutou a acusação de imediato pela maneira de ele enfrentá-la.

3, 4. O contexto deste protesto de inocência, no salmo e na narrativa, lança luz sobre outras passagens onde esta alegação soaria exagerada, se fosse absoluta (ver mais sobre 5:4-6). O evangelho, no entanto, trouxe novas luzes acerca da questão de tratamento injusto, que se expõe em 1 Pe 2:18ss.

5. Aqui, o quadro se alarga, enquanto Davi, agora como rei, aplica a oração pessoal de 4b a uma situação maior. Foi, no entanto, o tipo de oração que já era capaz de orar na sua juventude, conforme revelaram suas palavras de largo alcance dirigidas a Golias em 1 Sm 17:45-46.

59:6, 7. A Alcatéia que Espreita.

Esta expressão de desprezo muito bem poderia ser a reação espiritual de Davi diante da emboscada noturna (1 Sm 19:11). Um horário apropriado para vira-latas! Jó 24:13-17 desenvolve um tema semelhante com forte desprezo pelo assassino e o adúltero, cujo dia, como o deles, começa vergonhosamente ao cair da tarde.

7. *Alardeiam*. A idéia da raiz hebraica deste verbo é borbulhar ou irromper. A respeito de cães, seria possível dizer: "Na boca gotejam saliva"; de seres humanos: "da sua boca vem uma torrente de insensatez" (NEB). Cf. o emprego da palavra em Pv 15:2, 18. "Insensatez" não é suficientemente forte, no entanto, pois a segunda linha descreve conversa destrutiva, e a terceira, blasfêmia.

59:8-10. **Conflança Triunfante.**

Para a formidável zombaria de Deus, cf. 2:4-6, e a risada da Sabedoria em Provérbios 1:24ss. Este quadro, porém, deve ser equilibrado pela profunda tristeza dEle (Gn 6:6; Lc 19:41ss.), embora esta também não deixe de ser um sinal do julgamento vindouro.

9, 10. Estes versículos, que celebram o ponto decisivo que agora foi atingido, se repetem em forma breve no versículo 17, para dar um fecho ao salmo. Há, no entanto, a diferença entre a esperança e o seu cumprimento entre os dois trechos: 9, *em ti . . . esperarai* se transforma em 17: *a ti . . . cantarei louvores*; além disto, o futuro expressado no v. 10 se contrasta com o passado em 16b.

A expressão *virá ao meu encontro* é vívida: baseia-se na idéia daquilo que está “defronte” de alguém, usualmente no sentido de confrontá-lo ao vir ao seu encontro, como na bela frase em 21:3 (ver a nota). Pode, alternativamente, significar *ir na frente para mostrar o caminho*, como em 68:25. Ambos os sentidos são aplicáveis; o que importa é que Deus, e não o inimigo, está em primeiro plano diante de Davi.

59:11-13. **Declínio Lento.**

Pelas suas referências a *meu povo* e aos *confins da terra*, esta estrofe aplica as lições da parte anterior da vida de Davi aos assuntos importantes de estado, e, além destes, para a glória de Deus que enche o mundo (13b).

11. O realismo de *para que o meu povo não se esqueça* é tipicamente bíblico; é uma das preocupações principais de Dt (e.g. 8:11ss.), e domina os Salmos 78 e 106 no resumo que fazem da história. Deus, por causa da teimosia e falta de atenção do Seu povo, emprega potências hostis com várias finalidades: para punirem (Is 10:5-6), como testes de lealdade (Jz 2:22), como endurecedores (Jz 3:2), e, nesta passagem, como lições práticas. Tendo em vista o versículo 13, a oração *Não os mates* não é absoluta: pede apenas que o julgamento avance, sem se apressar, até às últimas consequências. O Antigo Testamento frequentemente emprega uma declaração inflexível para interpretar outra, quando nós empregariamos uma oração subordinada adverbial (e.g. Êx 20:4-5 à luz de, e.g. Nm 21:8; 2 Rs 18:4b).

dispersa-os. Lit. “faze-os vaguear”; a mesma raiz hebraica reaparece em 15a [heb. 16]: “Vagueiam”. O próprio Davi estava para experimentar esta humilhação (2 Sm 15:20).

12. Um exemplo clássico de uma comunidade inteira que se destrói pela *soberba . . . e mentiras* é a história de Siquém em Juízes 9. Cada um destes pecados é fatal para a comunidade, e traz consigo o seu castigo natural; além disto, o orgulho é um desafio direto lançado contra Deus.

13. As grandiosas palavras que Davi dirigiu a Golias em 1 Sm 17:46b, que são muito semelhantes a 13b, confirmam que a linha final, *até aos confins da terra* aqui se interpreta juntamente com *se saiba* e não com *reina*. O anseio por ver Deus devidamente reconhecido é o sinal do servo leal (cf. 1 Rs 18:36; Jo 12:27-28); e embora Davi pudesse ter dado a entender “Deus — não Saul” (Perowne) na primeira vez que cantou o salmo, sua subsequente extensão do escopo do mesmo dá o significado de “Deus — não Davi”, pois ora em prol de uma intervenção direta do céu.

59:14, 15. A Alcatéia Faminta.

Quando o estribilho reaparece, é alterado pela certeza de triunfo que Davi sente. Os espreitadores estão de volta, mas onde está a sua arrogância agora? Cf. v. 7 com 15.⁴³ Há alguma incerteza quanto à palavra *uivam*, que é a expressão que se emprega para a “murmuração” — quase poderíamos dizer “ganido” — no deserto; aqui, faz bom sentido, e assim se entende nas versões antigas. Apesar disto, as vogais hebraicas sugerem um sentido alternativo: “pernoitam”, que alguns comentaristas preferem. O *uivar*, no entanto, relembra os rebeldes famintos no deserto, e parece ser a maneira certa de ler as consoantes, o que é apoiado pelo contraste significante que se segue imediatamente depois.

59:16, 17. Louvor Triunfante.

Após o primeiro estribilho sinistro (6-7), houve uma forte antítese: “Mas Tu, SENHOR . . .” (8). Ao aparecer pela segunda vez, há uma seqüência igualmente deliberada entre “Quanto a eles” (a ênfase que o hebraico requer, 15), e *Eu, porém . . .* (16); segue-se o contraste adicional entre as queixas frustradas e o cântico exuberante. Este último é representado por três palavras originais, que assim se traduzem: *cantarei . . . louvarei com alegria . . .* (16); *cantarei louvores* (17).

⁴³ NEB, com insensibilidade surpreendente, abole este estribilho ao omitir o versículo 14, e ao desarrigar o versículo 15 para colocá-lo depois do versículo 6.

17. Assim como o estribilho sombrio voltou mudado (6-7, 14-15), assim também o cântico de confiança. No versículo 9, o tema era esperar com paciência: “Em Ti . . . esperarei” (ver o comentário). Agora Davi olha com gratidão para o passado, por causa da oração já respondida (16b), e muda “esperarei” para *cantarei louvores* ou (NEB) “a Ti entoarei um salmo”.

Salmo 60 **Vão é o Socorro do Homem!**

Se não tivéssemos este salmo com seu título, não teríamos idéia do poder de resistência dos vizinhos hostis de Davi no auge da carreira dele. Seu próprio sucesso trouxe consigo os perigos de alianças entre seus inimigos (cf. 2 Sm 8:5), e de batalhas longe de casa. Num momento destes, quando o peso das suas tropas estava com ele perto do Eufrates (2 Sm 8:3), parece que Edom aproveitou a oportunidade de atacar Judá pelo lado sul.

A situação histórica do salmo é, portanto, a notícia desanimadora de desordens na pátria (1-3), e de uma derrota na primeira tentativa de vingá-las (10). A triste história, e a oração final, acabam sendo dominadas pela resposta surpreendentemente impetuosa da parte de Deus (6-8).

Há vinculações com outras partes da Bíblia. Vss. 6-12 se repetem em 108:7-13, e v. 10 emprega a linguagem de 44:9b. Três homens, Davi, Abisai e (aqui) Joabe recebem o crédito pela matança no Vale do Sal (cf. 2 Sm 8:13; 1 Cr 18:12), um fato que pode refletir a hierarquia militar ou, conforme sugere 1 Rs 11:15-16, eclosões diferentes da guerra. A variação entre a cifra de 12 000 aqui e 18 000 em Samuel e Crônicas, pode ter sua origem nos modos diferentes de resumir a longa campanha, e nos erros dos copistas, dos quais se acha um exemplo secundário no texto hebraico de 2 Sm 8:13.

O Título.

Para os termos *Ao mestre de canto* e *Hino* (ARC “Mictão”), ver a Introdução, pp. 51. *Segundo a melodia: Os lírios* (ARC “Susã”) pode ser uma direção musical,⁴⁴ ou pode ser o nome de uma melodia (conforme diz ARA). O plural desta palavras, *shoshannim*, “lírios” se traduz

⁴⁴ Ver, porém, a Introdução, VI, c. 3(p. 52) para outro ponto de vista.

normalmente em ARA como “lírios”. No Salmo 80 *Eduth* recebe sua tradução em português: “Testemunho”. Esta palavra “testemunho”, mais a frase “para ensinar”, nos lembra que o salmo, com sua petição que vem do fundo do coração do homem, e com sua palavra poderosa que soa da parte de Deus, não é nenhuma peça de museu: é uma mensagem dinâmica para todas as gerações.

60: 1-4. O Rasto da Destruição.

O pronome *tu*, que se repete várias vezes de modo oculto na forma dos verbos, não é enfático; os verbos vêm em profusão, levando a causa dos *reveses* (3) diretamente a Deus, e não meramente a algum ponto intermediário na corrente da causalidade. Para Davi, portanto, o quadro caótico é, em princípio, inteligível, sujeito a um único controle último.

1. *Rejeitaste* tem de ser vinculado com a expressão que fica no extremo oposto, *teus amados*, no versículo 5. Não se trata, portanto, de repúdio final; mesmo assim, é ira formidável. É a primeira coisa que se menciona, pois importa mais do que todo o resto. Nada fere mais do que a alienação.

2. A figura de linguagem do terremoto nos confronta com o modo de Deus tratar, sem poupar, as coisas que consideramos seguras, “a fim de permanecer aquilo que não pode ser abalado”. Este não era um golpe isolado. Deus, bem diferente dos profetas da paz que queriam cair as brechas da sociedade (Ez 13: 10-16), continuaria a sacudir até cair aquilo que não era digno de ficar de pé, e a rachar aquilo que não tinha unidade interna (como, e.g., em 1 Rs 12). O processo haveria de persistir no Novo Testamento (cf. Ap 2 e 3), e na história da igreja.

3. Pode ser que NEB tenha razão em ver um estado de embriaguez em ambas as linhas do versículo,⁴⁵ mas a interpretação que aqui temos *Fizeste o teu povo experimentar reveses*, faz sentido suficiente. A situação em 3b é de desespero, sendo que a crise externa se acompanha por confusão e choque no íntimo.

4. Algumas das palavras no versículo 4 têm mais do que um sentido possível. O verbo na segunda linha pode refletir a palavra *estandarte* da linha anterior, sendo traduzido “reagrupar” (RSV, JB), ou “arvorar”

⁴⁵ Ver G. R. Driver, *JTS* 36 (1935), pp. 153-4, que faz do primeiro verbo uma derivação irregular de *rāwā*, “ser saturado”, ao invés de ser uma forma regular de *rā’ā*, “ver” (aqui é causativo, i.e., “mostrar”, como em AV, RV).

(AV, RV, ARC); da mesma forma, pode se derivar de uma raiz que significa "fugir" (cf. NEB, ARA). Além disto, *de diante de* pode significar "por causa de" (cf. heb. de Dt 28:20; Ne 5:15), e a palavra traduzida *arco* deveria, talvez, ser traduzida: "a verdade" (Pv 22:21) ou "justiça" (cf. NEB).

Assim, o significado pode ser um primeiro raiar de encorajamento, e.g., "para se reagrupar ao redor dele por causa da verdade" (ou: "de diante do arco"), ou pode ser o golpe mais forte que houve: a ordem de bater em retirada. Esta seria a interpretação mais provável, como na LXX e ARA: *para fugirem de diante do arco*, e o *Selá* no fim do versículo 4 sugere que a história de desgraças continua até aquele ponto, deixando para o versículo 5 a primeira palavra de esperança. Podemos notar que Jr 4:6 dá um exemplo de um estandarte como ponto de reagrupamento, para a fuga e não para o ataque: "Arvorai a bandeira rumo a Sião, fugi, e não vos detenhais."

60:5-8. O Homem Tem Seu Tamanho Reduzido.

5. Apesar de desesperadores os apuros, este versículo é uma oração de fé, que brilha na expressão *os teus amados*. A palavra hebraica assim traduzida pertence à linguagem da poesia de amor; apela à vinculação mais forte, ao relacionamento mais ardente. Não sofre decepção: a resposta é imediata e avassaladora.

6-8. Quando à resposta divina que às vezes irrompe em alguns dos Salmos, ver sobre 12:5, 6. Aqui, a maioria dos intérpretes modernos tira de uma possível tradução "no seu santuário"⁴⁶ a idéia do cenário de um festival tal como aquele em Dt 31:10ss., para comemorar e realizar a dádiva que Deus fez a Israel: a terra prometida. Quer Davi citasse algum ritual, quer as palavras lhe chegassem como algo novo que surgiu da crise, a proclamação é magnificamente apropriada. É como se, no auge de uma briga de crianças que já chegou a vias de fato, se ouvisse os passos firmes e a voz animada do pai.

Os versículos 6 e 7 proclamam a herança de Israel; o versículo 8 coloca os vizinhos no seu lugar. Deus domina a cena de modo colossal: já não se trata de rivais lutando pelas terras, trata-se do senhorio que divide as terras e as tarefas extamente como lhe apraz.

⁴⁶ O sentido, no entanto, pode ser "na sua santidade": ver RSV mg., NEB mg.

6, 7. *Siquém e Sucote*, um de cada lado do Jordão, eram as primeiras partes da terra prometida que Jacó ocupou depois dos anos que passou com Labão. *Gileade* era o território israelita ao leste do Jordão, a tribo de *Manassés* ocupava os dois lados do rio, e *Efraim e Judá* eram as tribos principais ao oeste dele. Assim, em poucas palavras concentradas, a história primeva e as áreas distintivas de Israel são trazidas à lembrança, e mencionam-se os objetos principais de defesa e domínio (o elmo — *defesa de minha cabeça* e o cetro). Note-se, porém, a repetição de *meu e minha*, pois tudo é dEle, não deles, e aqueles para quem Ele o dá são arrendatários e mordomos. A posse deles é tanto mais segura exatamente por esta razão.

8. Depois das posições de honra, vêm os criados; continuam sendo dEle para distribuir, e também têm suas utilidades, mesmo assim: cf. 2 Tm 2:20-21. Provavelmente não há razão para fazer de Moabe, e não de Edom, a *bacia de lavar*, a não ser que Edom, que é o inimigo aqui, tenha a posição mais baixa de todas. Ambas estas nações eram notadas pelo seu orgulho (Is 16:6; Ob 3). A sugestão de Delitzsch, que *atirar a sandália* era reivindicar uma propriedade, é desnecessária; e o quadro mostra um homem que volta para casa e joga suas sandálias para um escravo pegar, ou as joga num cantinho. *Sobre a Filístia jubilarei* representa o heb. lit.: “Filístia, grita sobre mim!” que pode ser uma exclamação irônica sobre ela, ou a reivindicação de homenagem, (cf. “aclamações ao seu Rei”, Nm 23:21). Salmo 108:9 [heb. 10], no entanto, tem o texto que ali e aqui se pode traduzir *Sobre a Filístia jubilarei*.

60:9-12. Recomeça a Luta.

Uma coisa é gloriar-se no poder de Deus, outra bem diferente é avançar confiando nele. Não se menospreza a tarefa; a *cidade fortificada* está além dos recursos de Davi (cf. 2 Co 10:3-4), a não ser que Deus vá com ele, ou, melhor, adiante dele (*me conduzirá . . . me guiará*). E isto não se considera feijões contados (10); enfrenta-se de modo franco a lição do afastamento de Deus do Seu povo. (Para outra situação como esta, e as perguntas que provocava, ver sobre 44:9-16, 17-26).

Note-se, porém, o novo espírito de ataque, apesar de Davi não confiar em si. O inimigo já não é o invasor, como nos versículos 1ss., mas aquele que vai ser invadido. Finalmente a oração se transforma em afirmação, e a aventura individual fica sendo um empreendimento em conjunto. Da nossa parte, haverá proezas corajosas; da parte de Deus,

não somente haverá a Sua mão sobre a nossa (Em Deus, 12a), como também o Seu pé sobre o inimigo (12b).

Salmo 61

“A Rocha que é Alta Demais Para Mim”

Em termos gerais, trata-se primeiramente de uma oração pela segurança, e, depois do *Selá* no versículo 4, ações de graças pela resposta assegurada, e um pedido construtivo por graça duradoura. É possível que os versículos 6 e 7 sejam uma interpolação inspirada para o emprego de adoradores posteriores, fazendo da petição de Davi uma oração para os sucessivos ocupantes do trono dele. Se for assim, será uma lembrança no sentido de empregarmos os salmos como intercessões para nossos contemporâneos e não apenas como orações para nós mesmos.

Este, porém, pode ter sido um grito por socorro quando Davi estava fora numa campanha (cf. os primeiros comentários sobre o Salmo 60), ou expulso por Absalão. Da mesma forma, poderia ter adaptado uma petição antiga proferida na época da sua fuga de Saul. O que ele dificilmente poderia ter previsto foi a resposta abundante da oração em prol do rei (6-7), que seria atendida através da pessoa de Cristo além de tudo quanto ele poderia ter pedido ou imaginado.

61:1-4. “No Esconderijo das Tuas Asas”.

O Antigo Testamento abunda em exemplos de homens que confiavam em Deus quando estavam longe de casa, onde tudo pareceria estranho e precário (e.g. Abraão, Jacó, José . . .), e onde outros deuses ostensivamente imperavam (cf. 1 Sm 26:19). Aqui Davi passa pela provação da depressão ou exaustão (2); cf. a mesma palavra hebraica, *abatido*, “desfalecido” no título do Salmo 102, onde a condição passa a ser descrita com detalhes no texto.

2b. Esta petição inesquecível se reduz a algo menos marcante na LXX, que, segundo parece, teve um texto hebraico um pouco diferente.⁴⁷ Quanto ao tema de um alto refúgio, empregando-se uma palavra diferente, ver sobre 59:1.

3, 4. A segurança que Deus dá se vê aqui em termos sempre mais pessoais, enquanto a aspereza inatingível do rochedo altaneiro do versículo 2 dá lugar à *torre* edificada para o propósito (3), e esta, por sua

⁴⁷ Presume-se (cf. BH) *ʿerôm ʿemēnī* ao invés do TM: *yarūm mimmennī*.

vez, é trocada por um frágil *tabernáculo* (4), com suas implicações de segurança entre amigos; e, finalmente, o abrigo afetuoso dos pais, simbolizado por *tuas asas*. Este último, apesar das aparências, é a melhor segurança de todas: cf. sobre 57:1. É mais do que um desejo sonhado: o versículo 4b mostra tanta confiança como a oração em 4a.

61:5-8. Melhor do que a Segurança.

5. Embora a nota repentina de certeza pudesse significar que o salmo inteiro fosse uma composição de ações de graças para acompanhar o pagamento de um voto, e os versículos iniciais pudessem ser uma mera lembrança da oração que fora proferida no meio das dificuldades, parece melhor entender que o versículo 5 se seguiu imediatamente após a petição, enquanto a consolação da parte de Deus vai se tornando aparente a Davi. O conteúdo talvez pareça vago, mas na realidade abrange a tudo, pois a *herança*, ou possessão destinada, dos seguidores de Deus é limitada e inalienável: ver 37:11, 29, o equivalente de “todas as coisas são vossas”. É necessário esperar por ela, mas ela é certa. Davi, com linguagem diferente, vai ainda mais longe em 16:5-6.

6, 7. Quer Davi proferisse esta oração como rei, reivindicando as promessas de e.g., 2 Sm 7:16, ou se ela foi acrescentada para o emprego no culto público (ver os parágrafos introdutórios), foi mais do que cumprida na pessoa do Rei mesmo, o Messias. Através dEle, Seu povo participa das bênçãos reais (Ef 2:6; Ap 22:3-5), e pode fazer esta petição magnífica em seu próprio benefício.

8. O salmo já fez uso de várias palavras para expressarem aquilo que é durável, em contraste com a insegurança que se expressou no começo dele. Aqui, *para sempre* leva a mente para o futuro ilimitável, enquanto *dia após dia* dirige-a para aquilo que está no porvir imediato, e para uma resposta prática. Votos usualmente se cumprem numa só cerimônia, mas Davi tem consciência de uma dívida que nunca poderá ser paga. Conforme George Herbert expressou o fato num hino seu:

“Decerto Teu doce e maravilhoso amor
Todos os meus dias medirá;
E como ele nunca se afastará,
Nunca cessará o meu louvor.”⁴⁸

⁴⁸ George Herbert, “The God of love my Shepherd is”.

Salmo 62

Toda a Minha Esperança

Este salmo tem uma posição de destaque entre muitos preciosos frutos da adversidade que há no Saltério, pois é evidente que foi composto enquanto as pressões ainda eram intensas (3), e revela sinais do crescimento da confiança e da clareza enquanto se desenvolve. O segredo que Davi aprendeu sozinho (1), repetiu para si mesmo para guardá-lo na memória (5, ver o comentário), e instou com outras pessoas a viverem segundo ele (8), chegando finalmente a extrair as lições de experiência e revelação para nosso benefício e para a honra de Deus. Tem a urgência de uma oração que ainda aguarda uma resposta, e de convicções que mais uma vez se confirmaram e se aprofundaram.

O Título.

Jedutum se debate no comentário inicial do Salmo 39. Ver também a Introdução, VI. b. p. 46, e (quanto ao *mestre de canto*), VI, c. 3, p. 53.

62:1-4. Quietude Sob Pressão.

Os dois primeiros versículos voltarão para introduzir a segunda estrofe (5-6), com uma alteração sutil de tom que será anotada no respectivo comentário. Aqui, a primeira frase tem uma simplicidade significativa na sua forma literal: “Realmente (ou: Somente) para com Deus minha alma é silêncio”. ARA interpreta: *Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa*. As palavras já foram ditas, todas elas — ou talvez não se acha mais delas — e o resultado fica exclusivamente nas mãos de Deus. Pode até ser que Davi, como em 39:2, não confie em si para responder aos seus perseguidores. É o tipo de situação que se expressa em 123:2. (Ver sobre 65:1, quanto ao silêncio como outro tipo de clímax).

Não somente as palavras iniciais, como também o conteúdo das duas primeiras estrofes (1-8), recebem força adicional da exclamação *’ak*, “verdadeiramente” ou “somente”, que introduz cinco dos oito versículos (ARA às vezes tem “só”). É uma palavrinha para dar ênfase, para ressaltar uma declaração ou mostrar um contraste; sua repetição insistente dá ao salmo um tom de sinceridade especial.

2. O pensamento de Deus como *rocha* e alto *refúgio* (cf. 18:2; 144:2, ver sobre 59:1) é um favorito de Davi; isto é compreensível, pois seus salmos raramente se vêem totalmente livres da sombra de algum

inimigo. Quando diz: *não serei abalado*, acrescenta *muito* (no hebraico vem no fim do versículo), como se qualificasse esta certeza, depois de pensar. Quando, porém, o estribilho volta no versículo 6, é sem qualificação.

3, 4. O mal, sendo competitivo e sem compaixão, se atrai para tudo quanto é fraco, para dar o empurrão final àquilo que está *prestes a cair*.⁴⁹ Atrai-se, também, para coisas fortes, que ficam sendo alvos da sua inveja e duplicidade (*derrubá-lo da sua dignidade*). É um contraste total com a bondade que poupa a cana quebrada, que atinge seu alvo “pela manifestação da verdade”, e se regozija “quando nós estamos fracos, e vós, fortes”.⁵⁰

62:5-8. A Quietude Guardada e Repartida.

Os versículos 5 e 6 repetem o estribilho de abertura, só que há três alterações mínimas que alteram o tom de voz. Onde o hebraico diz, lit. “silêncio” em 1a, aqui diz, lit., “fique silencioso”. ARC capta a distinção assim: “A minha alma espera somente em Deus” (1a); “Ó minha alma, espera somente em Deus” (5a). Agora, Davi se exorta a praticar o silêncio que meramente declarou no versículo 1. (Está se controlando depois da agitação dos versículos 3 e 4?). A segunda mudança é de estilo, colocando *esperança* onde antes constava “salvação” (ver 5b e 1b), evitando assim uma repetição no versículo seguinte (6, cf. 2). A terceira é muito positiva, e reforça a confiança parcial de 2b (“não serei muito abalado”), que se transforma em certeza inqualificada: “não ser jamais abalado” (6b).

7. Foi correto falar francamente dos traidores e dos seus complôs, na primeira estrofe; agora, Davi tem a sabedoria para não mais remoer tais assuntos. Enche com Deus os seus pensamentos. Trata-se de meditações que já expressava em outras palavras semelhantes, mas servem para conservar sua mente nas linhas certas, e um fato novo emerge: *de Deus depende a minha . . . glória*. É algo mais do que a necessidade de refúgio e salvamento, que veio à mente em primeiro

⁴⁹ Aqui seguimos a tradução, apoiada pelas versões antigas, segundo a qual a palavra traduzida “derrubar” é vocalizada como verbo ativo (assim traduzem a maioria das traduções modernas) e não passivo (como AV, PBV, RV mg.). Os MSS variam quanto à vogal que causaria esta diferença.

⁵⁰ Cf. Is 42:3; 2 Co 4:2; 13:9.

lugar; pode ser que esta nova necessidade surgiu de outro lugar. Esta glória tem uma só fonte, e sem ela, tudo que resta perde todo o valor: cf. Jr 9:23; Mr 8:35-38. Esta falta total de valor será declarada com clareza na estrofe final.

8. A experiência de Davi é algo para repartir. Aquilo que descobriu no meio de uma crise terá validade *em todo tempo*; o que Deus fez para Davi, pode fazer para outros. Podemos notar aqui, na expressão *derramai perante ele o vosso coração*, o pólo oposto da oração, comparado com o silêncio que reinava nos versículos 1 e 5. Dificilmente se poderia achar duas expressões melhores para o derramar espontâneo dos problemas, que é um lado do assunto, e a expectativa disciplinada, que é outro lado dele.

62:9-12. Sombras e Substância.

Os dois pares de versículos se expandem a respeito das lições mais gerais que aqui emergiram quanto à vida, em termos do homem (9-10) e de Deus (11-12).

9. As palavras *plebeus* e *fina estirpe* não passam de uma inferência; o hebraico tem, simplesmente, duas expressões paralelas para “filhos do homem”, onde “homem” é representado pela palavra genérica *’ādām* e a palavra específica *’iś*, como em 49:2. Em ambos os lugares, NEB provavelmente tem razão em considerá-las como modo poético de dizer “todos os homens”. *Vaidade* é a mesma palavra que ocorre em Eclesiastes; ali, como aqui, poderia ser traduzida “sopro de vento”. O Novo Testamento emprega linguagem semelhante em Tg 4:14. *Falsidade* é, lit., “uma mentira”. A intenção aqui não é somente que nada devemos temer da parte do homem (como em 27:1ss.), como também nada temos a esperar da parte dele. Ambos pensamentos estão presentes em 118:6ss. Sua traição foi notada nos versículos 3ss., e agora vê-se seu esvaecimento — juntamente com a “glória vazia deste mundo” — nesta parêntese de versículos. A palavra hebraica que se traduz “glória” (7) se baseia naquilo que tem peso ou substância, e, portanto, a figura da balança é muito apropriada, especialmente em JB: “Postos na balança, vão subindo, mais leves do que um sopro de vento”.

10. Dentro do tema do salmo, ressaltam-se tão firmemente os objetos certos e errados para a nossa fé, que a preocupação com as *riquezas* é considerada não menos perigosa do que uma vida de crimes. Os Evangelhos ressaltam esta verdade com igual firmeza, e pode ser que 1 Tm 6:17ss. faça alusão a este versículo com seu próprio

tratamento cuidadoso do assunto. *Não confieis* é uma expressão baseada, no original, na mesma raiz traduzida “vaidade” no versículo anterior, onde se vê o comentário sobre esta palavra de desprezo. Dá a idéia de “nada de vã confiança”. A palavra *prosperam*, aplicada às riquezas, se aplica ao aumento com juro e lucros, parte da fascinação do ganhar dinheiro. Cf. NEB: “embora as riquezas criem riquezas . . .”.

11, 12. Depois de vermos as sombras patéticas, voltamos à realidade sólida, em dois níveis, o prático e o moral. NEB entende que são estas as duas lições de *duas vezes ouvi isto* (“duas coisas aprendi”), mas é mais provável que *uma vez . . . duas vezes* seja um modo enfático de dizer que o oráculo foi reiterado.⁵¹ Quanto ao sentido, isto faz pouca diferença.

O primeiro ditado, o *poder pertence a Deus*, lança sua luz em duas direções: para o poder fingido do homem, que acaba de ser descartado, e para o servo que confia, e que assim se lembrará tanto da capacidade para salvar, como do poder terrestre que delega a quem Ele quiser.

O segundo atributo era traduzido “misericórdia” (aqui: *graça*), mas o versículo 12 torna especialmente claro que esta palavra (*hesed*) se baseia naquilo que é verdadeiro e digno de confiança. Vincula-se estreitamente com a observância da aliança. Aqui é a firmeza que predomina, e a olhadela para a retribuição é feita com gratidão, não tanto com a preocupação com o juízo final (se é que ele entra neste quadro) mas com a maneira justa de Deus agir em todos os casos, sem sinal da duplicidade ou cinismo moral deplorados pelo salmo.

Para Deus, Davi bem pode esperar em silêncio (1); e o salmo termina, devolvendo a Deus em adoração a descrição que Ele fizera do Seu caráter.

Salmo 63 Todos os Meus Anseios

Mais uma vez, a pior situação trouxe à tona o melhor que Davi pôde produzir, em palavras como em atos. O título no texto canônico identifica o cenário desolado que deu origem a estes pensamentos, e a menção do *rei* no versículo 11 indica a ocasião em que Absalão, e não

⁵¹ Jô 33:14 pode ser um exemplo do primeiro sentido, e Jô 40:5 um exemplo do segundo. Há vários exemplos da expressão idiomática em Pv 30.

Saul, fê-lo refugiar-se *no deserto de Judá* no caminho para o rio Jordão (cf. 2 Sm 15:23). Não somente se ressalta a cansaça desta viagem (e.g. 2 Sm 16:14) como também, conforme indica Kirkpatrick, a fé forte que se evidencia no salmo também estava presente ali, sendo que Davi estava disposto a se ver separado da própria arca (2 Sm 15:25) na sua certeza da sua comunhão com Deus e da sua dedicação à Sua vontade. Talvez haja outros salmos que se igualem a este na expressão de profunda devoção; poucos, ou talvez nenhum, o ultrapassam.

63:1-4. Deus meu Desejo.

O anseio que se expressa nestes versículos não é o tatear de um estranho que procura achar a Deus, é a impaciência de um amigo, de alguém que ama, para estar em contato com aquele que tanto preza. A simplicidade e a intrepidez de *Tu és meu Deus* é o segredo de tudo quanto se segue, pois este relacionamento é o âmago da aliança, desde o tempo dos patriarcas até ao dia de hoje (Gn 17:8c; Hb 8:10c), e suas implicações são infindas — literalmente eternas conforme Jesus indicou em Mt 22:31-32. Aqui, sua realidade se mostra no amor que despertou na *alma* e no *corpo*, i.e., na totalidade do ser de Davi (cf. 35:9-10), que se sente profundamente inquieto e insatisfeito sem Deus. Cf. a sede que até o descrente sente sem a reconhecer, conforme o diagnóstico de Jesus em Jo 4:13-14.

Não há motivo sério para se deixar a tradução familiar: “de madrugada te buscarei” (ARC), que se baseia na origem de “buscar” (no caso do sinônimo hebraico que se emprega aqui) numa palavra que significa “aurora”, sugerindo um anseio que se condiz com o pensamento de 130:6 e com a linguagem de 57:8.⁵² No Salmo 143:6, a própria *terra árida* (“sedenta”) retrata a alma sedenta de Davi, mas aqui não há tal comparação direta. Pode ser subentendida, mas não é declarada. Trata-se de uma oração de Davi proferida num lugar seco e desanimador, definido no título como sendo o Deserto de Judá. Dá-se a entender que o anseio que este local desolador despertou é apenas o começo de um desejo bem mais profundo. A sua comparação explícita,

⁵² RSV e JB omitem “cedo”, baseando-se, conforme supomos, no fato de que a etimologia de uma palavra tende a ficar em segundo plano, ou numa raiz cognata acadiana que significa “virar-se em direção a” (cf. K-B). NEB, porém, mantém “cedo”, e Pv 13:24 (cf. RV) apóia o ponto de vista de que este elemento no verbo se destacava no hebraico.

introduzida pelo *Assim* do versículo seguinte, revela um ângulo novo do assunto.

2. *Assim*. NEB esclarece dizendo “ansiando assim”. Noutras palavras, foi com este mesmo desejo intenso que Davi adorara a Deus em Sião, em tempos mais felizes, e Deus Se revelara. Continuará sendo assim agora, com ou sem deserto, pois Deus não é o prisioneiro do Seu santuário. Davi fala aqui a mesma linguagem que suas ações proclamaram quando mandou de volta a arca (ver os comentários introdutórios ao salmo); e o mesmo pensamento chega à sua expressão mais perfeita no Salmo 139. Quanto à visão de Deus, ver sobre 11:7.

3. Agora, dá mais um passo para a frente. Qualquer leitor das suas palavras pode julgar a extensão deste avanço, ao perguntar a si mesmo se sua própria estimativa do assunto teria chegado até este ponto, sem ter recebido alguma sugestão. Mesmo assim, é uma estimativa verdadeira, testificada por um exército inteiro de mártires, e declarada em palavras semelhantes por Paulo em At 20:24: “Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira” (ARC).

4. O aspecto interno da devoção de Davi foi completado por aquilo que era externo e coletivo, conforme mostrou o versículo 2, sendo que cada aspecto fortalece o outro. *Levantar as mãos* e os olhos (Jo 17:1) para o céu era dar ao corpo sua parte na expressão da adoração (cf. 134:2) ou da súplica (28:2; cf. 1 Rs 8:54). O Novo Testamento se expressa de modo semelhante (1 Tm 2:8).

63:5-8. Deus me Deleite.

A nova estrofe mostra a recompensa abundante da fé e persistência reveladas nos versículos 1-4.

5, 6. O contraste entre “a minha alma tem sede de ti” (1) e *farta-se a minha alma* é inesperadamente forte, como se a mera satisfação da sede tivesse sido uma metáfora fraca demais. O louvor agora é exuberante: a palavra hebraica traduzida *júbilo* (5), como “canto jubiloso” no versículo 7, é algo que soa de plenos pulmões. Mesmo assim, a diferença principal é apenas de ânimo: em ambas as estrofes, é para o próprio Deus que Davi é atraído, e não para qualquer alvo inferior; em ambas, louva a Ele, e em ambas, é humildemente dependente. O deserto (1) aguçou suas saudades de Deus, mas sua falta de sono *durante a vigília da noite* também reivindicou para o mesmo

Senhor a passagem do tempo e os pensamentos. Ambos os tipos de adversidade produziram “rios no deserto” e “mel da rocha”.

7, 8. Quanto a *tuas asas* ver os comentários sobre 17:8; 61:3, 4. As duas metades do versículo 8 formam uma declaração das mais vívidas sobre as duas facetas da perseverança. O verbo *apegar-se* nos é conhecido em outros trechos do Antigo Testamento (e.g. Gn 2:24, quanto à devoção nupcial; Dt 10:20, quanto à lealdade ao Senhor; e Rt 1:14 como exemplo destacado da fidelidade). Neste versículo, tem um sentido muito ativo: lit. “apega-se após ti”, como quem segue correndo; cf. ARC: “A minha alma te segue de perto.” É só Deus quem torna isto possível, e a firmeza com que Ele segura e sustenta é aludida na *destra*, a mão mais forte; cf. Is 41:10. Há a mesma interação mútua do lado humano e divino em Fp 3:8-14.

63:9-11. Deus Minha Defesa.

Davi ficara tão absorto no seu tema que seus inimigos, sempre presentes nos seus salmos, só entram em pauta nesta altura. Nem por isso a ameaça deixou de ser real, e sua sombra escura ressalta quão sólida é a fé exercida por Davi, sem ter nada de fugitiva ou enclausurada. Sabe que a “graça” de Deus, louvada por ele no versículo 3, está forte com a justiça (cf. 62:12). O Novo Testamento concordará com isto: cf. Rm 2:4-6.

10. Os *chacais* (e não “raposas”, ARC — a mesma palavra hebraica serve para ambos) fazem sentido aqui, por serem os animais da carniça residual — comem os restos da caça que os animais maiores rejeitam.⁵³ Noutras palavras, os ímpios são o próprio lixo da humanidade.

11. Já notamos o título pelo qual Davi se refere a si mesmo, *o rei*, como indício às circunstâncias do salmo (ver os comentários introdutórios). Decerto, porém, trata-se de mais de um sinônimo para “eu”. Se isto for escrito na ocasião do seu banimento por Absalão, o título real fica sendo uma reasseveração da sua vocação, que era da parte de Deus, e uma declaração de que esta não poderá falhar. Um paralelo cristão, entre muitos, se pode achar na doxologia de João o prisioneiro, que mesmo em Patmos louva a Deus pela liberdade e sacerdócio real que são seus por direito de nascimento, e nossos também (Ap 1:5-6).

⁵³ Cf. G. S. Cansdale, *Animals of Bible Lands* (Paternoster, 1970), pp. 124-126.

Se foi bem fundamentada a fé que Davi tinha na sua vocação real, a do cristão o é ainda mais.

Salmo 64

A Recompensa Proporcional

No Salmo 63, focalizava-se a atenção em Deus, e o inimigo ficava quase fora do quadro, enquanto aqui a posição é invertida, embora o resultado final seja o mesmo. A brevidade das contra-medidas tomadas por Deus, depois dos complôs complexos dos ímpios, conta por si mesma a sua história decisiva.

64:1-6. O Ataque Insidioso.

Tudo nestes versículos ressalta a astúcia e a perfídia da oposição, que luta a partir de esconderijos, não por necessidade como seria o caso de um exército bem inferior em números, mas por escolha, como grupo cuja causa é vergonhosa e cujas táticas são indefensíveis.

1. *Perplexidades* significa, basicamente, a meditação de alguém sobre a sua situação, seja boa (104:34), seja ruim (e.g. Jó 10:1). Aqui temos a idéia de pensamentos perturbados. Na segunda linha, nota-se a palavra *terror*, que paralisa as pessoas, enquanto o medo pode ser saudável e levar à sobriedade. Weiser menciona o bom senso que leva Davi a pedir em primeiro lugar a libertação do estado de mente que acabaria com pensamentos lúcidos e resistência firme.

2. Agora, o pensamento se dirige para o acampamento do inimigo. A *conspiração* se refere aos planos e aos que planejam, e o *tumulto* é o círculo externo de rebeldes que leva a efeito os desígnios dos líderes do motim. No bom sentido, o hebraico emprega a palavra que aqui significa “conspiração”, a respeito do convívio íntimo entre amigos, em 25:14.

3. Em seguida, descrevem-se as armas destes homens, revelando-se que se trata de conspiradores dentro do próprio reino, semeando

⁵⁴ A palavra traduzida *apontam* usualmente se acha na expressão “curvar (lit. pisar) o arco”, que aqui parece ter sido transferida do arco para as flechas, como também em 58:7 [heb. 8], se aquele for o texto correto. Para um emprego mais audaz, porém mais lógico, do mesmo verbo, ver Jr 9:3 [heb. 2]. NEB “voar . . . como flechas” é uma emenda, empregando-se uma expressão que acha algum apoio em Is 49:2; Jr 51:11, e da falta da palavra “como” no texto que ora temos; ainda assim, é uma conjectura.

dúvidas e discórdia. (Quanto à teoria que as palavras deles eram fórmulas mágicas, ver a nota de rodapé sobre 6:8. Não há necessidade da magia para espalhar devastação com a língua!⁵⁴ Cf., e.g., Pv 16: 27-28).

4. Agora vêm os métodos deles, que não se arriscam à oposição aberta (“pela manifestação da verdade”, 2 Co 4:2; cf. “resisti-lhe face a face”, Gl 2:11). No contexto desta guerra de mentiras e insinuações, o ataque feito às *ocultas* ou será a situação adredemente preparada para comprometer moralmente um homem inocente, ou o abrigo da anonimidade do qual se pode lançar boatos sem risco (*e não temem*).

5. Finalmente, os pensamentos deles. *Teimam* é uma boa tradução para a atitude deles, mais direta do que a alternativa “se encorajam”.⁵⁵ Sua alegria em terem conseguido disfarçar suas pistas prepara o cenário de modo perfeito para o que há de se seguir. No ínterim, o avanço do salmo faz uma pausa a fim de fazer um comentário agudo sobre a natureza humana (6b).⁵⁶ Trata-se de uma observação que adverte o leitor de que o engano (e a auto-decepção) que acaba de observar podem ter seus equivalentes bem mais perto dele.

64:7-10. O Castigo Exemplar.

Tudo fala da natureza rápida e apropriada do julgamento; o fim vem dentro de um versículo e meio (7, 8a), em contraste com as tramas longas e laboriosas que ele frustra. Os conspiradores são rapidamente aniquilados com suas próprias armas. Note-se a *seta* (7, cf. “flechas”, 3), o ataque da sua *própria língua* afiada contra eles (8, cf. 3).

8b, 9. Este tema é resumido em Is 26:9: “Quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça.” No Antigo Testamento, a expressão “menear a cabeça” pode indicar escárnio (Jr 48:27) ou preocupação chocada (Jr 31:18). Aqui, pode-se tratar de qualquer dos dois,⁵⁷ sendo a segunda alternativa a mais

⁵⁵ NEB, de modo algo arbitrário, transpõe as palavras seguintes, onde o contexto lhes dá um sentido diferente. O verbo que se traduz *falam* em 5b (ARA) pode ter o sentido que ARA lhe dá: cf. 59:12 [heb. 13]; 73:15.

⁵⁶ NEB remove este pensamento ao substituir a palavra lit. “homem” (aqui: *cada um*) por “maldade”.

⁵⁷ NEB (“amedrontar-se”) deriva esta palavra da raiz *nāḏad*, “fugir”, ao invés de *nūd*, “mover para a frente e para trás”. Embora BDB apóie aquela raiz, esta é igualmente possível e mais apropriada.

provável, tendo em vista o versículo 9 com sua reação de abrandamento diante daquilo que aconteceu.

10. Destarte, a oração proferida no versículo 1, pedindo a proteção contra o pânico, foi mais do que respondida. O julgamento ainda está no futuro, mas a alegria já pode irromper-se. É uma alegria sóbria, depois de se enfrentar os fatos na sua pior situação, mas também no seu aspecto avassaladoramente melhor.

Salmo 65 **Este Deus Generoso**

O clímax deste salmo, uma estrofe tão refrescante e irreprímível como a própria fertilidade que descreve, lança na sombra todo hino da ceifa, desclassificando-os como forçados e artificiais. Aqui, quase ouvimos o tamborilar das chuvas e sentimos a irrupção do crescimento das plantas ao nosso redor. Além deste trecho, o restante da canção tem o mesmo estilo direto, seja para falar de Deus nos átrios do Seu templo (1-4) ou no Seu vasto domínio (5-8) ou entre as colinas e vales que Sua mera passagem desperta para a vida (9-13).

Várias maneiras de identificar a ocasião do salmo já foram feitas: e.g. um festival do outono que prevê um ano vindouro de fartura, que também incluía, talvez, rituais que invocam a bênção que se espera; ou, tendo em vista as pastagens verdejantes que descreve, poderia ser uma celebração da primavera tal como a oferta das primícias na Páscoa; ou, ainda, uma libertação nacional depois da fome (notem-se as alusões iniciais às orações ouvidas e aos pecados perdoados). Seja qual for o evento ou a estação que originalmente celebrava, a gratidão e alegria que revela em Deus como Redentor, Criador e Sustentador faz dele um ato de louvor rico e com muitas facetas, e não apenas um salmo para a festa da colheita.

65:1-4. O Deus da Graça.

Esta abertura sugere uma multidão de adoradores no Templo,⁵⁸ celebrando uma renovação da misericórdia de Deus e a resposta às suas orações. Possivelmente, tinha havido da parte dEle insatisfação com Seu povo, revelada numa seca e carestia, cujo fim seria aludido

⁵⁸ Quanto ao emprego deste termo nos salmos de Davi, ver a nota sobre 5:7.

na última estrofe do salmo; agora, a primeira alegria deles é de ter havido reconciliação, e de serem bem-vindos na casa dEle.

1. **Confiança e louvor.** Lit. “silêncio (e) louvor”, ou: “silêncio é louvor”. Traduzir “é apropriado o louvor” forma uma frase que faz sentido, e que é adotada pela LXX, Vulg. Sir., NEB, JB, havendo um pensamento semelhante em 147:1, com palavras diferentes. Porém, fazer assim exige uma mudança nas vogais, e o verbo que disto resulta não é fácil interpretar desta forma.⁵⁹ Melhor seria deixar o texto inalterado e traduzir (com Delitzsch): “o silêncio é louvor”, fazendo uma comparação com 62:1 [heb. 2]. Noutras palavras, pode às vezes ser um ponto alto do louvor quedar-se silencioso diante de Deus, reverenciando a Sua presença e ficando submisso à Sua vontade.

2, 3. A menção do voto (1) e da oração respondida, neste contexto de pecado e perdão, sugere que este seja um salmo para celebrar uma renovação do favor divino; ver acima. *Se prevalecem as nossas transgressões, tu no-las perdoas* é uma declaração sublime da graça divina, que se torna ainda mais abundante onde abundou o pecado. A confissão de transgressões que são grandes demais para se enfrentar chega ao mesmo resultado que a frase na parábola, “não tendo nenhum dos dois com que pagar . . .” (Lc 7:41, 42).

4. Embora o perdão faça o homem atravessar o limiar da entrada, a disposição dos átrios de Deus e dos Seus ritos indica quanto terreno resta para ser explorado além daquele ponto. Ao confinar a alguns poucos (4a) o direito hereditário de considerar que a casa dEle é lar deles, Deus ressaltou a pura graça de boas-vindas desta natureza. A honra ainda agora não é nada menor porque todos os que crêem são convidados para entrar (Hb 10:19ss.). E os sacrifícios que faziam a expiação também ofereciam suprimentos (4b), sustentando os sacerdotes e, em certos casos, dando uma festa aos adoradores (cf., e.g., Lv 7:7-16). Alguns dos próprios dízimos eram destinados para providenciarem banquetes aos contribuintes e aos seus vizinhos mais pobres (Dt 14:22-29). Naquele recinto, não haveria pessoas passando fome. Se o versículo 3 antecipava Rm 5:1, o versículo 4 tem sua contrapartida em Rm 5:2, e mesmo em 2 Co 9:8.

⁵⁹ I.e., *dōmīyyā*, participio Qal fem. de *dāmā*, “assemelhar-se” (e.g. Is 46:5). Tem as mesmas consoantes que *dūmīyyā*, “silêncio”, que é a palavra no texto hebraico (com o apoio de Targ. Áquila e Jerônimo).

65:5-8. O Deus de Poder.

Nesta altura, a ênfase recai sobre a revelação de Deus como Senhor da natureza e do homem, cujo poder para colocar os turbulentos no seu lugar certo é tão bem-vindo como é temível.

5. *Justiça.* A justiça de Deus é dinâmica, retificando aquilo que está errado ou fora de ordem, e trazendo a salvação. O motivo dela em fazer assim é moral, e são justos seus fins e seus meios. Sobre várias nuances do significado desta palavra e das suas expressões afins, ver sobre 24:5.

Há aqui uma visão larga. “Nos” e “nosso” têm o som de experiência pessoal, mas não de orgulho.

“Os braços amorosos que me cercam,
Querem abraçar a humanidade toda”.⁶⁰

A palavra *esperança* aqui é, mais precisamente, “confiança” — não se diz que todos os homens a têm, nem que a buscam, mas que todos devem tê-la. Não há outro descanso para nós. Para suas implicações ulteriores, ver sobre 47:8.

6, 7. Embora os *montes* pareçam ser compactamente seguros, e os *mares* indomáveis e ameaçadores, os salmistas têm conhecimento religioso demasiado para pensar neles separadamente do Criador deles, como objetos de confiança ou de terror por si mesmos; cf., e.g., 46:2; 104:5-9; 121:1-2. Da mesma forma, o mar da humanidade está sujeito ao seu Senhor (7b; cf. Is 17:12-14); esta analogia faz-nos entender que o milagre registrado em Mc 4:35ss. é, ao mesmo tempo, uma parábola encenada.

8. *Nos confins da terra.* Esta frase seria mais literal simplesmente como “nos confins”. *Os que vêm do Oriente e do Ocidente.* ARC é mais literal: “As saídas da manhã e da tarde.” A palavra literal “saídas” parece tomar um termo para o oriente (de onde o sol “sai” na sua viagem) e aplicá-lo também para o ocidente (como se fosse para retratar a escuridão que parte do lugar do pôr do sol). O quadro aqui, portanto, ou retrata a glória do dia e da noite (cf. 19:1-2; Jó 38:7, 19-20), ou a expansão do mundo, desde o Oriente até ao Ocidente, louvando o Criador.

⁶⁰ C. Wesley, “Jesus! the name high over all”.

65:9-13. O Deus da Abundância.

Difícilmente se poderia superar a beleza desta descrição evocativa da terra fértil, que num momento se faz com precisão amorosa, e que no momento seguinte se faz com liberdade poética, culminando-se tudo com o quadro imaginativo dos campos e colinas que se vestem com suas melhores roupas para juntos festejarem.

9, 10. *Tu visitas* expressa um pensamento tipicamente bíblico, que Deus, apesar de sempre estar presente e ativo, tem Seus momentos decisivos de Se aproximar para abençoar ou julgar (e.g. Gn 50:24-25; Êx 32:34; Lc 1:68). A palavra *regar* dá a idéia de abundância, sendo o mesmo verbo hebraico que se refere aos lugares “transbordantes” em Jl 2:24. O fim do versículo 9 ressalta grandemente a absoluta segurança da operação de Deus, repetindo duas vezes o verbo cujo sentido básico é “estabelecer” (aparece no contexto como *preparas*, *dispões*), e a raiz de dito verbo, um advérbio “decerto”, aparece uma terceira vez, na expressão traduzida *para isso*. *A dispões*. O pronome “a” se refere à terra mencionada nas primeiras duas linhas: no versículo 10; mostra-se de modo mais exato, e quase tangível, como Deus a prepara para a colheita que tem que produzir.

11. *Da tua bondade*. O sentido do hebraico também entende que o próprio ano inteiro é fruto da bondade de Deus, uma dádiva divina à qual a primavera e o verão formam o toque final. As *pegadas* são as de um veículo para carregar produtos agrícolas; trata-se de uma figura poética para representar a ação de Deus em derramar as chuvas serôdias enquanto passa, deixando a abundância pelo caminho.

12, 13. O *deserto* é mencionado como lugar usualmente monótono e de pouca vegetação, e os *outeiros* provavelmente são assim também (cf. o paradoxo de 72:16); mesmo estes lugares, no entanto, rapidamente ficam revestidos de grama e flores depois das chuvas. *Os campos* e *os vales* se revestem de modo ainda mais suntuoso. Assim, a paisagem inteira está presente nas suas melhores vestimentas, como se fosse cantar e celebrar um festival. Esta alegria é própria da estação, e o cenário é local, mas já não é um passo longe entre esta descrição e a visão noutros Salmos (e.g. 96; 98) de uma vinda final de Deus, com as boas-vindas de toda a criação.

Salmo 66
Deus de Todos — de Muitos — de Um

Este é um salmo de ações de graças, no decurso do qual o enfoque vai se estreitando a partir do louvor coletivo, ao qual a terra inteira é convocada (*Vinde e vede . . .*, 5), pelo povo de Israel que celebra a sua redenção, fixando-se, finalmente, num só indivíduo que traz suas ofertas e convida os fiéis (*Vinde, ouvi . . .*, 16) a escutarem a história dele, que é uma miniatura da deles. Podemos imaginar o cenário de um culto público, talvez na Páscoa ou numa celebração depois de uma vitória, no qual o louvor coletivo cede lugar à voz deste adorador solitário, que fica diante do altar, trazendo suas ofertas, e falando do Deus cujos cuidados não somente são de alcance mundial e nacional, como também atingem o indivíduo: “*Vos contarei o que tem ele feito por minha alma*” (16).⁶¹

66:1-4. A Homenagem de Toda a Terra.

A soberania universal de Deus, que deve ser reconhecida, e ainda o será, não é tema excepcional no Saltério; basta, só de início, ver os salmos antes e depois deste.

1. Este versículo, a não ser no termo empregado para Deus, é idêntico com o versículo do Salmo 100 (conhecido como “Jubilate”). A aclamação, em semelhante contexto, é uma exclamação de homenagem, como em 1 Sm 10:24, quando todos gritavam para aclamar o rei.

2. Este versículo, que talvez dê a impressão de não dizer muita coisa, define os princípios básicos do cântico no culto: qual é seu conteúdo ou preocupação principal (2a), e qual a sua qualidade apropriada. Esta “glória” será o de “espírito e verdade”. Os próprios salmos mostram a grandiosidade e a vitalidade da adoração que tem esta qualidade: nunca é trivial, nunca afetada.

3. Nas Escrituras, caracteristicamente, as duras realidades que acompanham a salvação, e que mostram que o julgamento sempre é um ingrediente dela, e que parte fundamental dela é a soberania indis-

⁶¹ É também possível que quem fala aqui é rei ou líder, agindo em prol do seu povo. O tom do seu testemunho, porém, e a alusão noutros lugares a pagar os votos em público (e.g. 40:9-10; 116:14), fazem com que seja provável que este seja um salmo cujo propósito é dar ao adorador um ambiente público para sua oferta votiva.

putada de Deus, não são encobertas. Quanto à palavra *submissos*, ver a nota de rodapé sobre 18:44.

4. Os tempos verbais estão literalmente no futuro, embora sua tradução possa ser feita para o presente ou o imperativo, em português. O futuro, porém, faz mais justiça aos fatos, por ser uma promessa que ainda há de se transformar em realidade. ARC: "Toda a terra te adorará e te cantará louvores; eles cantarão o teu nome."

66:5-7. A História de uma Nação.

Aqui temos a base da esperança final que acaba de ser pronunciada. A travessia do Mar Vermelho e do Jordão (6) comprovaram de modo decisivo que Deus tem o poder e a vontade de salvar Seu povo e julgar os rebeldes (7). Justamente por isso, mostrou que a vocação de Israel para ser a bênção do mundo ainda permanecia válida (cf. 8). Desta forma, o Êxodo não é letra morta no Antigo Testamento (nem no Novo): é um evento do passado cujas repercussões continuam *eternamente* (7), e cujo padrão, como o da cruz e da ressurreição, se reproduz em todos os atos de salvação realizados por Deus. Um exemplo disto provavelmente se pode ver na estrofe seguinte.

66:8-12. A Provação de uma Nação.

Conforme foi indicado acima, o versículo 8 revela a convicção de que a boa fortuna de Israel abrangeria o mundo inteiro, conforme a promessa dada a Abraão. O salmo seguinte colocará este fato de modo mais explícito. A provação que aqui se refere provavelmente não é a do Êxodo, mas alguma coisa mais recente. O hábito bíblico de ver a mão de Deus em todos os eventos (*Tu . . . tu . . .*, 9-12) torna o sofrimento tão significativo quanto a libertação, sendo que é visto como escrutínio perspicaz (*provaste*, 10) e disciplina saudável (*acrisolaste*, 10). Um dos efeitos desta experiência já se vê na confissão de que desfrutamos da vida e da segurança pela dádiva e não por direito nosso (9) — lição esta, acerca de Deus que nos sustenta, reiterada no Novo Testamento em Tg 4:15.

11, 12. Apesar do grande número de metáforas que se referem à provação, a palavra traduzida *oprimiste* não se conhece noutro lugar, e seu significado é incerto. É possível que se derive de uma raiz que significa "premer", idéia que nos é familiar no emprego metafórico moderno de "pressão" e "opressão". Is 43:2, ao empregar as figuras de *fogo* e *água*, vai um passo além do salmo, ao prometer a presença de Deus na provação, e que Ele nos libertará dela.

O *lugar espaçoso* é, lit., “saturação” ou “transbordamento”, (cf. “transborda” em 23:5, e “lugar de abundância” ARC aqui). Entendendo-se assim, declara de modo algo obscuro aquilo que o Salmo 23 declara de modo mais simples, que a salvação da parte de Deus é abundante. As versões antigas, porém, parecem ter lido “alívio”, que pode ser o texto certo.⁶²

66:13-15. A Dívida de um Homem.

Se este é um clímax estranho, mediante o qual as ações de graça da nação são sobrepujadas por aquelas de um só adorador, não é diferente do paradoxo dos caminhos de Deus, que deixam lugar para os poucos e os pequenos, que são tão importantes para Ele como os muitos e os grandes, sendo que todos se acham, e não se perdem, na Sua grande congregação.

Quanto ao pagar votos, ver sobre 22:22-26; há, porém, a diferença que neste salmo, as ofertas são totalmente de Deus, não sendo do tipo nas quais o adorador e seus amigos possam participar. As ofertas de ações de graças mais comuns, que formavam a base de uma festa, ressaltavam a alegria da comunhão; os holocaustos, porém, falavam de uma dedicação total. Esta sugere uma atmosfera de gratidão mais submissa do que exuberante, como se refletisse a gravidade da ameaça que acaba de ser removida, e a profundidade da dívida do ofertante. A profusão destas ofertas ressalta esta verdade, dizendo, de modo poético, que o número total dos animais que se poderiam sacrificar não bastaria para celebrar a ocasião de modo condigno.

66:16-20. A História de um Homem.

O convite: *Vinde, ouvi*, dirigido a todos os fiéis corresponde a *Vinde e vede* (5) da parte de Israel, dirigido ao mundo inteiro. Na escala maior, a igreja testifica primariamente os atos de Deus feitos de uma vez para sempre, e convida os homens para o Seu reino (5-7); no nível pessoal, o indivíduo acrescenta seu testemunho quanto ao Seu cuidado continuado e íntimo. Este testemunho duplo revela o equilíbrio certo entre a salvação passada e presente, coletiva e individual.

17, 18. Estes versículos lançam luz sobre a prática da oração, em dois pontos: primeiro, há nela a participação do louvor (17), ainda

⁶² I.e., *r^ewāhā* ao invés de *r^ewāyā*.

quando (conforme a confirmação do versículo 14) se trata de um grito urgente por socorro. Cf. o exemplo de Josafá em 2 Crônicas 20:12, 21-22. Segundo, há a exigência de total sinceridade, da qual o versículo 18 é a expressão clássica, e Josué 7:12-13 é a ilustração clássica.

20. Mesmo assim, a palavra final de gratidão não é só por causa da resposta ao pedido: é por aquilo que esta resposta significa, ou seja, o relacionamento com Deus que não sofreu interrupção, e que é prometido (ver sobre 17:6), pessoal e — já que poderia ser *apartado* por motivos justos — sempre uma dádiva da graça.

Salmo 67

O Círculo que se Expande

Se houvesse um salmo escrito acerca das promessas feitas a Abraão, no sentido de que este seria abençoado e transformado em bênção para os outros, bem poderia ser como este. A canção começa no meio do povo de Deus, e volta para deter-se ali por um momento antes do fim; seu pensamento, porém, sempre sai voando para os povos distantes e para aquilo que os aguarda quando a bênção que já “nos” atingiu atingir a todos.

O único verbo no tempo passado que há no poema inteiro é o de 6a: “A terra deu o seu fruto.” Se, porém, a situação histórica do salmo parece ser um festival da colheita, é extraordinário, (conforme Weiser indica) como a natureza fica sobrepujada pela história, e como o salmista é comovido por esperanças que não têm elemento material ou de estima própria. No Sl 65, houve um equilíbrio exato entre os dois aspectos da provisão divina, que satisfaz as formas mais óbvias e as mais ocultas da nossa fome (65:4, 5b, 9). Aqui, porém, nada importa senão a necessidade que o homem tem do próprio Deus.

1. Se o espírito do salmo, conforme já sugerimos, é o da esperança abraâmica, seu texto é a Bênção arônica. Este versículo faz eco a três das palavras-chaves de Nm 6:24-25, e o *Selá*⁶³ que o segue, juntamente com a mudança da pessoa que o texto original mostra (*seu* para *teu*),⁶⁴ o separa um pouco da sua seqüela (2). É como se a bênção pronunciada no festival permanecesse na mente do poeta, para então germinar na forma de uma oração que explorava suas possibilidades,

⁶³ Ver a Introdução, VI, c. I (p. 50).

⁶⁴ NEB pode reivindicar um pouco de apoio ao ler “seu” no versículo 2 [heb. 3], mas o peso da evidência é contra esta simplificação.

seguindo-as para além do círculo estreito onde ele ficava, e onde parecia que estas terminavam.

2. A primeira coisa a transbordar da bênção, que é do próprio Israel, será o expandir do conhecimento que leva à vida — esperança esta que foi realizada maravilhosamente ao serem produzidas as Escrituras, cuja obra dupla de comunicar a verdade e a salvação se resume não somente aqui (2a, 2b) como também em 2 Tm 3:15-16.

3. Este estribilho, repetido no versículo 5, que se refere aos *povos*, é uma oração de grande visão e coragem, na qual a segunda linha, acrescentando a palavra *todos*, confirma sua ênfase em Deus como Senhor a quem todas as línguas devem confessar.

4. Este reino de Deus não deixa de ser jubiloso, como dão a entender as conclamações ao *louvor* que cercam este versículo. É fundamentalmente a alegria da *equidade* perfeita, na qual a imparcialidade da palavra *julgas* é acompanhada pela preocupação pastoral de *guias* (cf. e.g., 23:3; 78:72). A generosidade caprichosa que não faz julgamentos morais é tão estranha ao pensamento bíblico como a tirania que governa sem amor. Ver, e.g., Êx 34:6-7; Is 11:1-9; 42:1-4 para a mesma conjunção de força e ternura que aparece aqui.

6, 7. *Somente a primeira linha se refere ao passado* (ver o segundo parágrafo introdutório, acima); o resto deste trecho é expectativa ou oração, repetindo *Abençoe-nos Deus* (ou: “Deus nos abençoará”, ARC). Podemos orar assim com confiança, pois é *nosso Deus*. Mesmo assim, não é nosso para monopolizar, nem deixará de ser “nosso próprio Deus” (PBV) quando todos os Seus súditos verdadeiros se curvam diante dEle. Além disto, não é menos generoso na graça (no sentido cristão que agora usamos) do que na natureza; no mundo dos homens do que nos campos de colheitas. *A terra com o seu fruto pode ser considerada uma promessa de coisas ainda melhores do futuro*; talvez até como ilustração delas, como em Is 55:10-11 e, e.g., em Jo 4:35; 12:20-24. O salmo nos anima a orar assim: que Deus, que produz tanta coisa a partir de tão pouco, distribuindo-a em amor, possa nos abençoar de tal modo que nós nos tornemos, por nossa vez, a bênção do mundo inteiro!

Salmo 68

A Majestade nas Alturas

Este salmo que corre como cataratas, e que é um dos mais impetuosos e eufóricos do Saltério inteiro, foi, talvez, composto para a

procissão de Davi com a arca “com alegria . . . da casa de Obede-E-dom, à cidade de Davi” (2 Sm 6:12). Começa com uma repetição quase exata das palavras que eram invocadas quando a arca começava cada viagem (Nm 10:35), e chega ao auge quando Deus sobe “às alturas” (18), ao monte que escolheu como Sua moradia.

As duas partes principais do salmo (depois do prólogo e antes do epílogo entusiásticos), celebram, primeiro, a marcha vitoriosa de Deus, que começou no Egito e terminou em Jerusalém (7-18), e, segundo, o poder e a majestade do domínio dEle, que se notam na ascendência do Seu povo e no fluxo de adoradores e vassalos ao Seu escabelo (19-31).

Esta história e profecia da salvação, disposta em linguagem israelita, se apresenta em Ef 4:7-16, como miniatura de uma ascensão muito mais grandiosa, na qual Cristo levou cativo o cativo, para repartir despojos melhores do que estes, na dádiva (e nos dons) do Espírito Santo. Cf. também At 2:33. É por isso que este salmo, desde os primórdios da história cristã, tem sido um salmo do Pentecoste, como também era na sinagoga judaica para a festa da colheita com o mesmo nome.

68:1-6. Uma Fanfarra de Louvor.

O grito antigo: “Levanta-te, ó Deus . . .” foi determinado para o momento de uma procissão começar a avançar, carregando a arca (Nm 10:25); sendo assim, o versículo 1 evoca uma cena que será vista de novo em progresso animado nos versículos 24-27. Aqui, porém, a oração foi mudada, com leves alterações na gramática hebraica, em expressão de louvor.⁶⁵ Aqui, a fé está à altura da definição de Hb 11:1, entendendo agora as coisas esperadas, e tendo a convicção de coisas não vistas. O inimigo nada tem de sólido (2); e o Deus invisível nada tem de ausente.

4. A linha central deste versículo magnífico é passível de mais de uma tradução, porque *exaltai* pode ser “levantai” (i.e., um cântico, ou, como se emprega mais comumente, uma estrada, como, e.g. em

⁶⁵ Ou: “Deus se levantará, e seus inimigos serão dispersos . . .” Todos os três verbos do versículo 1 são afirmações, no presente ou no futuro. Aqueles dos dois versículos seguintes, portanto, continuam sendo afirmações, embora pudessem, isoladamente, ser traduzidos ou como afirmações ou como orações.

Is 57:14) e *nuvens* pode ser “desertos”.⁶⁶ Faria sentido em qualquer dos casos, pois há outro trecho que nos conclama a levantar uma estrada no deserto (Is 40:3), e os céus do versículo 33 não perderiam nada da sua majestade se o versículo 4 fosse confinado ao nível do chão. Ambos os versículos, porém, provavelmente têm a mesma visão, do carro celestial e seu Cavaleiro; cf. 18:10; 104:3.

5, 6. A proteção dos indefesos e o julgamento dos malfeitores são sinais de um verdadeiro rei, seja humano ou divino, mesmo conforme os pagãos; estes dois versículos, pois, completam de modo apropriado o louvor do Rei e Salvador. A arca, ao trazer sua lembrança do Êxodo, também lança luz sobre isto, pois aquela libertação foi a providência clássica para os desamparados, libertação para os prisioneiros, e uma lição para os rebeldes. Nestes eventos, como nos atos do Evangelho que prenunciavam, o modo de ação de Deus se destaca por ser especialmente claro e completo, e interpreta os demais aspectos da Sua atuação, que se observa de modo apenas parcial noutros lugares.

68:7-18. O Progresso Real.

Se na realidade este salmo processional foi escrito pra escoltar a arca à cidade recém-conquistada de Jerusalém, celebrava a última etapa de uma viagem que começou havia séculos, no monte Sinai. A arca foi feita ali, e, a partir de lá, ia adiante de Israel, em nome de Deus, para entrar na terra prometida, e, finalmente, chegar até ao cume do monte Sião. Foi um momento de realização.

7-10. A marcha de Deus. Agora o louvor se dirige diretamente a Deus. Repete-se diante dEle, com gratidão, a lembrança dos milagres dEle, numa estrofe na qual cada cena se vai fundindo com a que se segue: a marcha do êxodo; a teofania no Sinai; a poderosa saraivada que derrotou Sisera (o versículo 8 cita a alusão a Sinai⁶⁷ no Cântico de

⁶⁶ O título de Baal, “o que cavalga sobre as nuvens” (*rkḇ ʿrpt*), é quase idêntico à expressão heb. aqui, o que pode ser uma lembrança deliberada de que somente o Senhor faz jus a ele. Esta semelhança quase exata, juntamente com a clara evidência do versículo 33, apóia fortemente esta tradução que temos em ARA.

⁶⁷ W. F. Albright (*BASOR* 62 (1936), p. 30) convenceu a maioria dos tradutores modernos de que o *próprio* Sinai deve ser traduzido “Aquele de Sinai”, terminando a linha anterior. (A palavra *se abalou* neste versículo [ARA] é um acréscimo do texto hebraico.) Isto evita a construção rara, lit. “aquele Sinai” (embora haja; cf. “este Moisés”, Êx 32:1, 23), embora tenha que procurar apoio em fontes não-israelitas. A linha ficaria, então, como em NEB: “Diante de Deus, Senhor de Sinai, diante de Deus, do Deus de Israel.”

Débora, Jz 5:4-5); finalmente, as bênçãos mais suaves da chuva, ano após ano,⁶⁸ que exibem Sua bondade contínua: cf. 65:9ss.

11-14. A derrota total dos reis. O Cântico de Débora ainda ecoa nestes versículos, que são uma rápida sucessão de figuras de linguagem e fragmentos emocionados de descrição.⁶⁹ Na *palavra* do versículo 11, devemos ver uma cena tal como aquela que se descreve em 2 Samuel 18:19ss., quando o general vitorioso dá a notícia (cf. Mt 28:18ss.), e aquela em 1 Samuel 18:6-7, quando as mulheres a retomam com cânticos e danças (as *mensagemiras das boas novas*⁷⁰). A urgência do hebraico se reflete na tradução: “*fogem, e fogem!*”

A cena, enquanto as mulheres *repartem os despojos*, recebe iluminação de Jz 5:30, onde a mãe de Sísera imagina as ricas vestimentas que o filho traria para casa. (A exclamação *porque* de 13a retoma o motejo de Débora contra Rúben, que escolheu o papel de ficar em casa como se fosse mulher, mas não recebeu despojos: Jz 5:16). As *asas da pomba*, com *prata e ouro* têm sido interpretadas como referência: a Israel gozando da prosperidade, despreocupado (Deltitzsch), ao inimigo que foge (Briggs), à glória do Senhor manifestada na batalha (Weiser), ou até a um troféu específico conquistado do inimigo (cf. NEB); será, porém, que não poderia retratar as mulheres, se mostrando nos seus novos adereços de luxo,⁷¹ pavoneando, por assim dizer?

A *neve sobre o monte Salmon* (14) é outra alusão rápida que dificilmente captamos. Havia um monte Salmon perto de Siquém (Jz 9:48), mas não era necessariamente a única “Montanha Negra” (pois é este o significado do nome, segundo parece); é possível que o termo se aplicasse ao Djebel Drusa, na fronteira de Basã, conforme sugere

⁶⁸ Nos versículos 9 e 10 [heb. 10, 11], os verbos *derramaste e fizeste provisão* devem ficar no presente ou no futuro; cf. NEB.

⁶⁹ Não precisamos aceitar o conselho de desespero que levou T. H. Robinson (seguindo H. Schmidt) a comparar isto a “uma página do índice de um hinário” — um conceito que Albright desenvolveu independentemente: “A Catalogue of Early Hebrew Lyric Poems”, *HUCA* 23¹ (1950-51), pp. 1-39.

⁷⁰ Esta frase traduz uma única palavra hebraica, um dos verbos característicos de Isaías 40ss. Seu equivalente grego nos deu a palavra “evangelizar”.

⁷¹ É animador descobrir que J. H. Eaton faz uma sugestão semelhante (*Torch Bible Commentary*).

Albright.⁷² É difícil definirmos se a derrota dos reis naquele lugar foi causada por uma nevasca, ou se o campo da batalha ficou coberto com armas, roupas e (depois) ossos, como se fosse por neve, ou se os exércitos em fuga eram comparados com flocos de neve levados pelo vento.

15-18. O monte da glória. A referência ao Salmom, coberto de neve, leva a mente aos gigantes com cume de neve, em Basã e além. *O monte de Deus* (um modo de expressar o grande tamanho dele) era, talvez, Djebel Drusa,⁷³ (Salmom? — ver sobre o versículo 14, supra) dentro de Basã, ou o Hermon, tão destacado, mais para o norte. Em comparação com estes, o monte Sião era uma mera colina; Sião, porém, foi a escolha de Deus, e isto como que provocou a *inveja* maligna deles.⁷⁴ Cf. Is 66:1-2. É o tipo de paradoxo no qual Deus Se deleita, como na escolha do próprio Davi (a quem se atribui este salmo), e da pequena cidade de Belém; e, de fato, de todas as “coisas que nada são” (1 Co 1:28).

17. Os carros. Trata-se de um singular que se emprega coletivamente em muitas ocasiões, e.g. 2 Rs 6:17. É, porém, possível que visualiza-se aqui a totalidade das hostes celestiais, como carro-trono do Senhor. Embora outros poemas retratem a saída imponente de Deus do Seu lugar entre as montanhas (e.g. Dt 33:2; Jz 5:4; Hc 3:3), este declara que onde Deus estiver, ali estará o Sinai — e, poderíamos acrescentar, o mesmo se aplica a todo lugar de revelação ou encontro. O novo santuário em Sião não precisa competir com Betel, Sinai ou qualquer outro lugar; é em Sião que Deus decidiu que Se tornaria acessível. Este pensamento será desenvolvido ainda mais em Hb 12:18-24.

18. Enquanto a arca, trono do Deus invisível, encabeça a procissão até seu lugar permanente, seu progresso é uma marcha de vitória que completa o êxodo. Mais uma vez, o cântico triunfante de Débora providencia palavras para a ocasião (Jz 5:12), cf. *levaste cativo o cativo*.

⁷² W. F. Albright, *HUCA* 23¹ (1950-51), p. 23.

⁷³ Cf. D. Baly, *The Geography of the Bible* (Lutterworth, 1957), pp. 194, 222.

⁷⁴ A tradução antiga “Por que saltais” (AV; ARC) não se pode sustentar. Mesmo assim, os montes “saltam como carneiros” em 114:6, onde se trata de outro verbo. O verbo que temos aqui tem o significado de “espreitar”, como no caso de uma emboscada.

Quem são estes cativos, e de quem são as dádivas? As figuras de linguagem tiradas da guerra, e os ecos do Cântico de Débora indicam prisioneiros inimigos e as reparações pagas pelos inimigos. Deus ganhou a Sua guerra, entrou na Sua capital e submeteu os *rebeldes* ao pagamento de tributo. Depois, os versículos 19 e 20 mostram que Seu povo compartilha os benefícios da conquista; em Ef 4:8, será esta a consequência que domina o pensamento de Paulo. No salmo (como E. E. Ellis⁷⁵ indica) “Deus . . . reparte com eles os despojos da Sua vitória; Paulo aplica o Salmo . . . aos dons que Cristo dá à igreja depois da Sua vitória sobre o ‘cativeiro’ da morte.”⁷⁶

68:19-31. A pompa Real.

Com a subida “às alturas”, o salmo atingiu seu ponto mais alto. Agora, desdobram-se as consequências.

19-23. Herdeiros da vitória. A chave desta estrofe é a palavra *dia a dia* (19), que vincula a história da redenção firmemente com o presente e o futuro. Em primeiro lugar, há o cuidado totalmente suficiente de Deus, que, *dia a dia, leva o nosso fardo*. A tradução antiga: “que de dia em dia nos cumula de benefícios” (ARC) não é impossível, pois a expressão é lit. “carrega para nós” (cf. os suprimentos carregados nos jumentos em Ne 13:15); o sentido mais provável, porém, é o que indica que Deus carrega nossos fardos. Esta metáfora se aplica de modo bem eficaz em Is 46:1-4 e 63:9, onde Seu amor incansável se contrasta com a fraqueza desajeitada do paganismo e a inconstância daqueles que recebem ajuda da parte dEle.

20. Duas palavras aqui, *salvação* (ARC) e *escaparmos*, são substantivos plurais no original; o plural é um modo de indicar a

⁷⁵ E. E. Ellis, *Paul's Use of the Old Testament*. Oliver & Boyd, 1957), pp. 138-9; cf. p. 144.

⁷⁶ Onde o TM lê: “recebeste dádivas entre os homens” (ou talvez “que consistia em”, ou, como no ugarítico, “da parte dos homens”?), Paulo tem “concedeu dons aos homens”. Isto resume o salmo, ao invés de contradizê-lo, pois a preocupação do mesmo passa a ser as bênçãos que Deus distribui (19ss., 35). Note-se, porém, que o “dar” (ou “conceder”) de Paulo concorda com o Targum, que talvez se baseasse numa leitura hebraica alternativa, i.e., o verbo *h-l-q* (“compartilhar”, “distribuir”) ao invés de *l-h-q* (“tomar”), e que, incidentalmente, se encaixa com a expressão “entre os homens” que, doutra forma, seria desajeitada. Se esta for a leitura original (reconhece-se que é uma conjectura precária) a frase “mesmo entre os rebeldes” daria a entender um gesto de restabelecimento, como em AV.

repetição das suas ocorrências, e provavelmente a riqueza e o largo alcance do seu significado. *Escapar* significa literalmente “saídas” (ARC); e o cristão pode refletir juntamente com Davi que, embora a morte pareça ser um domínio com muitas entradas e nenhuma saída, Deus fez dela um lugar de onde “me trouxe (o verbo aqui é o que deu origem ao substantivo “saídas”) para um lugar espaçoso” (Sl 18:19, hb 20).

21. Ainda sobram uns *inimigos*, a despeito da conquista inicial e seu clímax no versículo 18. Os salmos de Davi não se vêm totalmente livres deles. O *cabeludo crânio* pode ser uma alusão ao deixar as mechas de cabelos sem cortar, na esperança de que sejam conservadas assim as energias integrais: cf. Dt 32:42; e, talvez, Jz 5:2 (no caso de se traduzir: “os das mechas compridas” ao invés de “chefes”).

22. Não é fácil determinar se Deus aqui lembra Israel dos perigos que Ele venceu para trazê-lo à terra prometida (cf. 136:13, 20), ou se é uma declaração de que nenhum esconderijo abrigará o inimigo em fuga (cf. Am 9:2-3).⁷⁷ O primeiro sentido parece mais provável.

23. A passagem cheira a sangue, mas não tanto de sede de sangue — i.e., a matança como finalidade em si mesma. Não se disfarça a alegria da vitória, e não se finge que vitórias se fazem sem sangue; não se deve, porém, deixar de levar em conta 21b. Trata-se aqui de julgamento, não de imperialismo. Cf. Gn 15:16.

24-27. O cortejo de Israel. Os vários grupos que escoltaram a arca se registram nas narrativas de 1 Cr 13:8 e 15:16-28, onde se preservam muitos nomes individuais; aqui, a cena torna-se visível na sua ordem da marcha. Quanto aos detalhes, as *donzelas* devem “cercar” os cantores e os menestres (Weiser; cf. ARA), e não ficar no meio deles (ARC). O papel delas com *adufes* (tipo de pandeiro) era tradicional: cf. Miriã, e a filha de Jefté, e as mulheres que saudavam Davi e Saul. Os nomes das tribos são amostras do agrupamento total: duas do extremo sul, e duas do extremo norte. *Benjamim* precedeu as demais, talvez para comemorar sua posição de liderança na batalha de Débora (Jz 5:14) ou por causa de Jerusalém que estava dentro das suas fronteiras.

28-31. A homenagem das nações. O tema desta estrofe se desenvolve com grande poder e plenitude em Is 60, e seu cumprimento

⁷⁷ NEB “Dragão” supõe que Basã (*b-š-n*) aqui é o equivalente da palavra ugarítica *btm*, “serpente”; cf. Am 9:3 (com uma palavra diferente).

inicial é, ao presente momento, um fato histórico, como conquista espiritual ao invés de política, com a entrada dos gentios no Reino.

29. *Oriunda do teu templo*, lit., ou: “por causa do teu templo”. Os dois sentidos são possíveis. O segundo concorda bem com e.g., Is 2:2-3; Ag 2:7-8; enquanto o primeiro faz sentido ao tomar esta frase em conjunto com o versículo anterior (ARA). Cf. a oração “Do seu santuário te envie socorro” (20:2). De qualquer maneira, a segunda linha deve ser traduzida: “Os reis te ofereçam presentes”, tendo em vista os imperativos nos versículos adjacentes.

30. Nenhuma tradução deste versículo pode, por enquanto, ser mais do que uma tentativa, mormente na terceira linha. Na primeira frase, *a fera dos canaviais* deve ser o crocodilo ou o hipopótamo, uma alcunha do Egito, opressor tradicional de Israel (cf. Ez 32:2). Os *touros e novinhos* são os povos⁷⁸ hostis, grandes e pequenos, ou os que lideram juntamente com os liderados. A tradução literal da terceira linha é “calcando aos pés as barras de prata”, mas pode ser: “(Cada um) se submetendo com barras de prata”. Estas alternativas dão origem a duas interpretações principais. Ou Deus está pisoteando os cobiçosos⁷⁹ (ARA), ou o inimigo está se agachando⁸⁰ diante dEle com dinheiro de tributo (AV, JB). *Dispersa*. Este imperativo tem forte apoio nas versões antigas, contra o TM que diz: “ele dispersou”. Não se trata de alterar consoante alguma.

31. A *Etiópia* representa o nome hebraico “Cuxe”, i.e., a Núbia, ou Sudão do Norte (cf. NDB); um exemplo significativo de um povo remoto que busca a Deus. Cf. Is 18; At 8:27.

68:32-35. Uma Fanfarra Final.

O coral de abertura foi o de Israel somente (1-6), mas o de encerramento é universal, o que se condiz com a cena de tributo que acaba de ser visualizada. Mesmo assim, enquanto reassevera o poder cósmico de Deus (33-34; cf. 4), ainda Lhe dá o nome de *o Deus de Israel*, não se tratando de qualquer divindade difusa e desprovida de personalidade

⁷⁸ O “genitivo” em, lit., “touros de povos” é de explicação ou aposição (G-K, 128 1); cf. “um jumento selvagem de um homem”, Gn 16:12. Isto não faz sentido em português — ver como ARA traduziu estas expressões.

⁷⁹ I.e., lendo-se *rôšê*, “os que têm prazer em”, ao invés de *raššê*, “pedaços de”.

⁸⁰ Este “pisotear de si mesmo” é atestado em Pv 6:3, mg. NEB, porém, transpõe as consoantes deste verbo, para ler, pelo contrário, “de Patros” (seguindo uma conjectura por E. Nestle, *JBL* 10 (1891), p. 152).

específica. O próprio salmo, com seu entusiasmo que nem se pode conter, mostra que entendeu esta realidade, este conjunto de poder imenso e de preocupação intensiva, no Deus *cujá majestade está sobre Israel* (conforme o versículo 34 expressa esta última), *e a sua fortaleza nos espaços siderais*.

Salmo 69 A Perseguição

Este salmo revela um homem vulnerável: é alguém que não podia dar somenos importância à calúnia, à traição ou auto-acusação (5); somente uma pessoa endurecida ou ensimesmada, e cujo senso de justiça tinha sido embotado, poderia fazer assim. Tanto suas orações como suas maldições brotaram desta sensibilidade pessoal e moral, e o Novo Testamento vê a prefiguração de Cristo no zelo que o cantor demonstra para com a casa de Deus, e nos seus sofrimentos (9, cf. 21). Mesmo assim, a própria justaposição entre Davi, que amaldiçoava seus perseguidores, e Jesus, que orava em prol dos Seus, ressalta a grande diferença entre o tipo e o antítipo, e realmente, entre as atitudes que se aceitavam entre os santos do Antigo Testamento e os do Novo. Isto se discute mais na Introdução, V, pp. 38ss.

Pode-se entender a disposição deste salmo, até certo ponto, ao examinar a sequência dos títulos que aqui se sugerem para suas divisões principais. A estrofe final, com sua nota coletiva, pode ter sido uma adição para dar à congregação a sua participação depois de o indivíduo ter acabado a sua declaração, ou para reinterpretar a totalidade desta oração como sendo a da nação personificada.

O Título.

O título tem semelhanças com os dos salmos 45, 60 e 80; sobre isto, ver a Introdução, VI, c. 3, p. 52.

69:1-5. Um Mar de Calamidades.

Este começo perturbado demonstra o valor de colocar o problema em palavras diante de Deus em oração, pois o relato que Davi dá da sua crise se torna mais claro e refletido enquanto ora. As metáforas desesperadoras da perturbação e do estrebuchar (1, 2) cedem lugar a descrições mais objetivas (embora sejam ainda agitadas) do seu estado e situação (3, 4), e, finalmente, a um esquadriñar da sua consciência (5). A oração já estava fazendo o seu efeito.

4. Quanto à alusão de nosso Senhor aos *que, sem razão, me odeiam*, ver sobre 35:19, onde a expressão paralela *os que com falsos motivos são meus inimigos* também se acha traduzida de modo diferente: “os meus inimigos gratuitos.” *Tenho de restituir o que não furtei* revela a pressão que os inimigos de Davi aplicam a ele.

5. O emprego da palavra *estultice* aqui não é uma tentativa de deixar maus atos passar por meras falhas de julgamento. Trata-se de um pecado contra a verdade, um ato de “insolência moral”,⁸¹ embora seja fruto do descuido mais do que algo deliberado, diferentemente de *nābāl* em 14:1, etc.

69:6-12. O Aguilhão do Insulto.

Uma nota de preocupação agora se mistura com o lamento, enquanto a oração alarga seu círculo de visão para fora (6) e para cima (7). O que acontecerá ao povo de Deus e ao Seu nome se um servo Seu pode ser insultado impunemente? Para sentirmos a força deste pensamento, podemos imaginar a consternação de um embaixador dedicado (9a), cujo país nada faz para protegê-lo de uma campanha de humilhação que visa, conforme ele percebe, o prestígio do próprio país. O fato de que ambas as metades do versículo 9 haveriam de se cumprir em Cristo (Jo 2:17; Rm 15:3), coloca o assunto num contexto tão novo que o leitor tem dificuldade em sentir como Davi se achava desorientado, além da dor que sentia. A “fraqueza de Deus” agora faz sentido, pois é redentora; e “sofrer afrontas por esse Nome” (At 5:41) é, apesar do seu alto custo, um elogio.

69:13-18. O Clamor.

Embora a volta das metáforas do *tremedal* e das *profundezas das águas* (14-15; cf. 1-2) mostre que o senso de desalento ainda predomina totalmente, a oração continua a abrir terreno novo. Agora, pela primeira vez, concentra-se na bondade e misericórdia do Senhor (embora já fosse chamado “meu Deus” (3), “Senhor dos Exércitos” e “Deus de Israel” (6), nomes estes que formam uma base boa para o encorajamento). A fidelidade divina se descreve ricamente nos versículos 13 e 16.

13. Entende-se que *em tempo favorável* se refere à ocasião de *responde-me*, é um reconhecimento humilde de que, por mais que

⁸¹ Ver o Comentário Cultura Bíblica de *Provérbios*, p. 40.

uma pessoa clame “responde-me depressa” (17), seus dias estão nas mãos de Deus (31:15). Do outro lado, a divisão natural do versículo pode dar a entender a convicção de que a própria oração está sendo proferida num dia de graça — talvez no contexto da expiação (cf. Lv 1:4) ou da vocação da parte de Deus (cf. 32:6; Is 55:6) — sem se referir ao tempo da resposta da parte de Deus.

Tua fidelidade em socorrer. A expressão não é suficientemente forte; seria melhor traduzir: “Tua certeza em salvar”.

18. *Redimir* é o verbo que se liga ao dever do parente mais próximo de alguém de tomar a parte dele em tempos de dificuldades: e.g. ao vingar a sua morte (Nm 35:19), ou comprando de volta as suas terras ou a sua liberdade (Lv 25:25, 48-49). *Resgata-me* ressalta esta idéia básica de compra; ver sobre 31:5 (*pādā*). Os dois verbos se acham outra vez lado a lado em Is 35:9-10, onde o povo de Deus é chamado “os remidos” e “os resgatados”; as implicações plenas deste modo de falar só vêm à lume no Novo Testamento.

69:19-21. A Taça do Sofrimento.

Há poucas feridas tão profundas como as que se expressam com as palavras *afronta*, *vergonha* e *vexame*. Já deixaram sua marca repetidas vezes sobre os versículos 6-12. Na sociedade de relacionamentos estreitos do Antigo Testamento, a vergonha pública era ainda mais devastadora do que na nossa (cf. a observação reveladora que Moisés fez em Nm 12:14); e Hb 12:2 isola este fator específico ao falar do custo da cruz. No *Messias* da Handel foi uma escolha inteligente de colocar as palavras, de partir o coração, do versículo 20 depois da zombaria na narrativa da crucificação.

21. Aquilo que foi metaforicamente oferecido a Davi, foi oferecido a Jesus de modo literal, Mt 27:34, 48, texto no qual as palavras gregas para *fel*⁸² e *vinagre* são exatamente as que a LXX emprega aqui. Mateus, porém, não declara especificamente que se trata de um cumprimento da profecia, embora Jo 19:28 fale da sede de Jesus em tais termos.

⁸² A palavra traduzida *fel* é o nome de uma erva (Os 10:4), que não foi identificada com certeza. No Antigo Testamento, muitas vezes se vincula com “absinto”, por causa da sua amargura, mas também se emprega como termo poético para representar a peçonha de serpentes (Dt 32:33; Jó 20:16).

69:22-28. A Maldição.

Até este ponto, Cristo e Sua Paixão têm sido prenunciados de modo tão evidente (ver sobre versículos 4, 9, 21) que agora quase estamos prontos para lermos um pedido semelhante a “Pai, perdoa-os”. A maldição que aqui aparece é uma lembrança poderosa da coisa nova que nosso Senhor fez no Calvário. Não se trata simplesmente de uma diferença emocional. A ira de Davi foi despertada pelo seu zelo pela justiça, e o Antigo Testamento existe em boa medida para conservá-la diante de nós; Cristo, porém, veio para coroar a justiça com a expiação. Depois de cumprida esta obra, semelhante zelo nos comoverá de modo diferente: acalma nossa ira ao invés de inflamá-la; alimenta a compaixão ao invés de estrangulá-la. Ver também a Introdução, V, pp. 38ss.; e também os comentários sobre 35:7, 8; 109:6ss.

O julgamento que Davi invoca sobre estes perseguidores (pois é isto que são, 26; cf. Zc 1:15) enumera, em contraste, as coisas que normalmente fazem com que valha a pena viver a vida: em certo nível, a alimentação e o convívio;⁸³ as faculdades e forças naturais (*olhos . . . dorso*); um lugar para pertencer; e, mais fundamentalmente, a boa vontade de Deus (cf. 24), a absolvição da iniquidade que Ele dá (27), e ser conhecido e aceito por Ele (28; cf. Êx 32:32-33). Esta última necessidade é tão básica como qualquer outra: cf. a maior causa da alegria, conforme Lucas 10:20: “porque os vossos nomes estão arrolados nos céus”; e o aspecto final e irrevogável de: “Nunca vos conheci”.

69:29-33. Louvor Vindo do Coração.

Em certo sentido, o versículo 29 fica isolado, como uma oração final ofegada; sua segunda linha, no entanto, é tão positiva, pedindo mais do que mero alívio, que se vincula ao irrompimento de louvor que se segue.

A lição que se ensina em 30-33 é que o louvor pessoal e explícito agrada mais a Deus (31) e ajuda mais ao homem (32-33) do que o sacrifício mais dispendioso. Há uma nota de ironia na expressão *chifres e unhas* — de pouca utilidade para Deus — que faz lembrar 50:12ss., onde uma lição semelhante é inculcada de modo pronunciado.

⁸³ “Festas sacrificiais” (em vez de *prosperidade*) é a leitura do Targ.; outras versões lêem “como retribuição” (como expressão paralela a *laço* e *armadilha*). Estas leituras são pouco diferentes do TM, que, segundo parece, significa “para paz (ou bem-estar)”, como em AV, RV; ou “para aliados” como em 55:20 [heb. 21].

33. A expressão marcante, *os seus prisioneiros*, revela aquilo que toca Deus bem de perto (ver sobre 72:2), e ressalta o contraste entre Ele e os deuses ávidos do paganismo: a saber: nosso relacionamento com Ele, e nossa necessidade. O contexto mostra que se trata de cativos que são os fiéis, como em 68:5-6, não cabendo a idéia de pessoas presas ao Seu serviço (NEB).

69:34-36. Louvor das Hostes.

Quanto à relação entre o louvor coletivo e a oração do indivíduo, ver o segundo parágrafo introdutório a este salmo. A referência a *Judá* ao invés de Israel indica um período depois dos tempos de Davi, e o versículo 35 se enquadraria na situação de Ezequias, quando Sião foi ameaçada e “todas as cidades fortificadas de Judá” foram tomadas (2 Rs 18:13). Quer seja esta a ocasião, quer seja outra, a triste situação da nação era comparável à de Davi, muito tempo antes. É impressionante, pois, que o acréscimo não era petição, mas louvor; e foi louvor que olhava para além dos dias de declínio e insegurança, para a extensão inteira do domínio de Deus (4) e o aperfeiçoamento da herança do Seu povo. Este salmo é mais uma lembrança de que mesmo as orações mais desesperadas podem, com toda a razão, terminar com a doxologia.

Salmo 70 Apressa-Te, Senhor!

Este Salmo é praticamente idêntico a 40:13-17. É de grande ajuda poder cantar esta petição ou por si mesma, ou em conjunção com o louvor pela ajuda prestada no passado, que domina o Salmo maior. Parece que esta duplicação surgiu através da compilação que se fez de coleções separadas de Salmos (ver a Introdução, II, para mais discussão e exemplos da matéria). Ver também Salmo 71, que começa com três versículos que, em grande medida, coincidem com o início de Salmo 31.

Os comentários principais, portanto, devem ser procurados sobre 40:13-17. Aqui, basta indicar os pontos onde os dois divergem. Quanto ao *título*, ver sobre Salmo 38.

Nos versículos 1-2, a diferença entre este e o Salmo 40:13ss. é que a oração é mais breve, revelando um senso mais forte de urgência; depois, nos versículos 3ss., há algumas variações verbais.

1. A abertura, *Praza-te* não está aqui no texto hebraico; os tradutores a tomaram de empréstimo de 40:13 [heb. 14]. Literalmente, temos:

“Deus, para livrar-me, Senhor, ao meu socorro, apressa-te!” Os tradutores mais antigos tinham razão em começar abruptamente: “Apressa-te” (ARC).

2. Aqui também há uma abreviação da linguagem, tornando mais rápida a petição de 40:14, cujo texto acrescentou “à uma” depois de *envergonhados*, e “para destruí-la” depois de *vida*.

3. *Retrocedam* cf. 6:10 [heb. 11]; 56:9 [heb. 10]. O versículo paralelo, 40:15. [heb. 16] tem “Sofram perturbação”, que RSV também coloca aqui.⁸⁴

4, 5. *Deus . . . Deus . . . SENHOR* (Javê) é uma seqüência que corresponde a “SENHOR (Javê) . . . Senhor (Mestre) . . . Deus meu” em 40:16-17, ilustrando como os termos podem ser intercambiados de modo geral. *Apressa-te* (*hûšâ*) se acha onde aparece “cuida” (*yah^ashob*) em 40:17 [heb. 18]. Mais uma vez, as petições nesta forma do salmo ressaltam a urgência do assunto. Não há um momento a perder; ou pelo menos é assim que parece a situação do ponto de vista humano. Quanto às demais dimensões de tal situação ver, e.g., Dn 10:2-3; 12-13; Jo 11:5-6; Is 60:22b.

Salmo 71 Um Salmo Para a Velhice

Não se menciona nenhum autor para este salmo. Há expressões davídicas (e.g. “a minha rocha e a minha fortaleza”; “os meus inimigos”; “apressa-te!”), mas, já que o escritor está fazendo uso liberal de salmos mais antigos, isto não nos dá informação alguma. Tudo que sabemos, e nada mais precisamos saber, é que ele é velho, ou está envelhecendo, e que tem sofrido problemas excepcionais (7) que não mostram sinais de diminuir. Para compensar a diminuição das suas forças, agora levanta suas lembranças, já de longo alcance, da fidelidade de Deus, e sua crescente esperança no Seu poder para renovar a vida.

71:1-3. Rocha e Fortaleza.

Estes versículos são uma citação quase exata de 31:1-3a [heb. 2-4a], onde se podem achar comentários adicionais. A diferença principal está no hebraico do versículo 3, traduzido *habitável*⁸⁵ onde 31:3 tem “forta-

⁸⁴ Alguns poucos MSS apóiam isto, mas provavelmente são influenciados por Sl 40.

⁸⁵ Heb. *mâ'ôn*, onde 31:3 tem *ma'ôz* (refúgio). Estas duas palavras são muito semelhantes (cf. 90:1, “refúgio”), mas as duas passagens divergem mais depois disto.

leza". Quanto ao resto do versículo, aqui há variação suficiente com a passagem no Salmo 31 para dar a impressão de uma variação deliberada para ressaltar o tema — especialmente caro a um velho — daquilo que é familiar e habitual, introduzindo aqui a palavra *sempre*, ou "constantemente", conforme é traduzida no versículo 6, enquanto "sempre" volta no versículo 14.

71:4-6. Um Amigo Desde o Nascimento.

Estes pensamentos paralelizam os de 22:9ss., embora se expressem de modo diferente. Aqui o Salmista olha para trás, para os limites da sua memória (5) e para além deles (6), para renovar a sua confiança na corda tríplice de um relacionamento que perdurara durante a vida inteira, que sempre bastara noutros tempos de fraqueza, e que não foi planejado por ele mesmo. Do lado dele, tinha havido dependência filial; Deus, porém, já tinha operado em prol dele,

"Antes de meu coração infantil perceber
De quem fluíram estas consolações."⁸⁶

71:7-11. Forças que Vão Faltando.

Parece melhor entender "portento" aqui no seu mau sentido de "uma advertência solene" (NEB), de modo semelhante a Dt 28:46 onde os desobedientes sofrem um fim que serve de exemplo. Este salmista, embora as pessoas tirem as piores conclusões dos sofrimentos dele, conclusões estas que são as mais agradáveis para elas, continua resolutamente o tema que começou nos versículos 5-6, esperando em Deus, que concluirá a boa obra que começou havia tanto tempo. Desta forma, o próprio fato da velhice e da fraqueza (9) se transforma em fundamento válido para o apelo. Nota-se, também, o efeito crucial da frase *mas tu* (7b) que desvia a sua atenção dele mesmo e do inimigo em derredor (8); trata-se do escape para a realidade, e não uma fuga dela. A expressão igualmente enfática "pois tu" do versículo 5, tivera o mesmo efeito. É outro ponto de semelhança com Salmo 22; ver os comentários sobre 22:1-21.

71:12-16. A Esperança que Surge.

Este crescendo começa de um mero sussurro, e a oração, de iní-

⁸⁶ J. Addison, "When all Thy mercies, O my God". O hino acompanha bem o salmo.

cio, se apóia em palavras de Davi pronunciadas durante provações semelhantes. (O versículo 12a ecoa 22:11; 12b retoma 70:1b; o versículo 13 se aproxima de 35:26 e 109:29). Uma oração deste tipo é enriquecida pelos seus ecos; outros peregrinos, conforme a lembrança que ora recebemos, já passaram por este vale. Duas das três orações que nosso Senhor proferiu da cruz, também foram tiradas do Saltério.

15. O volume crescente de louvor é alimentado por um bom número de fatos: nota-se nestes versículos a atenção que se presta àquilo que Deus já fez. Os conceitos que se expressam por *relatar* e *número*⁸⁷ são relacionados entre si no hebraico, como também em várias outras línguas (cf. o sentido duplo da nossa palavra “enumerar”), de modo que há pelo menos um relance da idéia que é retomada no conselho sadio do hino “Conta as bênçãos, conta quantas são”. Quanto ao fato de as bênçãos serem, de fato, mais do que se pode enumerar, ver Ef 3:19.

16. Alguns manuscritos têm o singular *força*, mas mesmo o plural pode expressar isto, como plural de plenitude. Sendo, porém, que o verbo (*sinto-me*) normalmente significa *vir*,⁸⁸ é melhor considerar esta frase (como a seguinte) como sendo uma resolução no sentido de comparecer diante de Deus com louvor, ao invés de sair para realizar proezas.

71:17-21. Uma Colheita Tardia.

Ao retomar o tema do cuidado que Deus teve para com ele, durante toda a sua vida, o cantor agora faz soar a mesma nota que mistura confiança e fatos, que já se ouviu nos versículos 5-9; agora, porém, mostra interesse mais vivo no futuro. Há muita coisa para se fazer: ele está bem disposto para fazê-la. Mais uma vez, parece que é o Salmo 22 que induz suas orações: agora é o fecho eufórico do mesmo que ele toma para si, captando a mesma disposição para passar a história para diante, para a prosperidade. Cf. 18b com 22:22, 30-31.

19-21. Há mais do que um leve indício do milagre do êxodo em 19-20, onde temos a frase *quem é semelhante a ti?* tirada do Cântico do Mar

⁸⁷ NEB (“embora eu não tenha a capacidade poética”) segue LXX, Vulg., na sua interpretação da palavra rara que se traduz *número* em 15b. Esta nota de auto-depreciação parece inapropriada e até falsa; há pouca razão para preferir este lado da equação contar/enumerar.

⁸⁸ G. R. Driver, VT 1 (1951), p. 249, sugere de modo tentativo o significado de “entrar em” = “começar com”. Assim traduz NEB: “Começarei com uma história de grandes atos”.

(Êx 15:11), e com o quadro do livramento dos “abismos da terra” (20, heb. *t^ehômôt* “as profundezas”; cf. Êx 15:5). Sendo assim, as aflições do tempo presente são colocadas neste grande contexto, pela fé, de modo semelhantemente àquilo que Paulo nos ensina, a saber: relacionar nossa situação “àquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos” e que continua a ressuscitar os mortos (Rm 8:11; 2 Co 1:9).

É convidativo interpretar o versículo 20 como sendo uma declaração acerca da ressurreição, mas no texto hebraico as duas primeiras linhas falam de “nos” ao invés de “me”. Israel, como o salmista, já sofreu desgraças, mas também houve tempos de renovação; este pode ter a mesma confiança. Esta esperança, quando é forçada até a sua conclusão lógica, pouco sentido faz se não chega até à ressurreição; o salmista, no entanto, não mostra sinal de procurar nada mais do que um novo surto de vida. Nada aqui se compara precisamente com a esperança de estar na presença imediata de Deus, que coroa os Salmos 16, 17, 49 e 73.

71:22-24. Louvor Sem Interrupção.

O senso de participar da redenção de Israel enquanto desfrutava da sua própria, que foi ressaltado no versículo 20 (ver o comentário), reaparece na invocação dupla do Senhor feita pelo cantor: o clamor individual, *ó meu Deus*, e o clamor de um israelita, *ó Santo de Israel* (22). Este último nome, outrossim (que é raro fora de Isaías),⁸⁹ é um no qual se encontram a “luz inacessível” e o amor da aliança. É apropriado, portanto, que o tema do seu louvor seja o conjunto da *justiça* (24) e “fidelidade” (*verdade*, 22), na libertação dele, e no silenciar do inimigo. Trata-se de vindicação, e não de um espírito vindicativo. Fará parte da alegria do céu (cf. Ap 15:3; 18:20).

Este veterano, portanto, com seu bom nome preservado e com a confirmação da sua fé, pode ficar com a mente sossegada, e dedicar os dedos, lábios e coração ao louvor de Deus, ao contar a sua história.

Salmo 72 O Rei Perfeito

Este salmo radiante conquistou um lugar especial entre os cristãos que falam inglês, através de dois hinos excelentes: “Hail to the Lord’s

⁸⁹ Ocorre em 2 Rs 19:22 (citando Isaías); Sl 71:22; 78:41; 89:19; Jr 50:29; 51:5.

Anointed" ("Saudai o Ungido do Senhor"), por James Montgomery, e "Jesus Shall Reign" ("Jesus Reinará"), por Isaac Watts. Ambos interpretam o império terrestre de Israel em linguagem do domínio de Cristo. O Novo Testamento não o cita em lugar nenhum como sendo messiânico, mas este quadro do rei e do seu reino se aproxima tanto das profecias de Is 11:1-5 e Is 60-62, que, se aquelas passagens são messiânicas, esta também o é. Com esta referência em mente, linguagem que não passaria de extravagâncias do trato da família real, faz sentido literal e sério. Isto não quer dizer que a peça é exclusivamente profética. Como salmo real, orava em prol do monarca reinante, e era uma lembrança destacada da sua alta vocação; esta, porém, era exaltada tão além daquilo que um ser humano podia atingir (e.g. ao declarar-se que seu reino era eterno) que sugeria-se que ninguém menos do que o Messias podia cumpri-la. Não somente os cristãos pensavam assim, como também os judeus. O Targum acrescenta a palavra "messias" a "Rei", no versículo 1, e há alusões rabínicas ao salmo que revelam a mesma opinião: ver a nota de rodapé do versículo 17.

O Título.

O título atribui o salmo a Salomão. AV seguiu a LXX ao fazer dele um salmo *para* Salomão, que o próprio hebraico permitiria. Trata-se, porém, da construção que regularmente se traduz "Salmo de" Davi etc., e, a não ser que aqueles títulos se devam traduzir "Salmo *para*" Fulano,⁹⁰ este exemplo deve ser um genitivo como os demais. Não há razão forte para se rejeitar Salomão como autor: o versículo final é o término de um Livro ou Livros do Saltério, no qual Davi é o autor principal, mas não o único. O salmo tem um estilo bem próprio, e, quer seja uma oração de Salomão que trata inicialmente do seu próprio reinado (possivelmente num aniversário da sua ascensão) ou do seu filho, é apropriado para os tempos dele, quando Israel era um império, embora por pouco tempo, e para os ideais da dignidade real que sua oração em Gibeom expressava (1 Rs 3:6-9).

72:1-4. A Justiça Real.

O papel do rei como guardião da justiça e protetor dos pobres se ressaltava na história — embora, na maioria das vezes, fosse a omissão que

⁹⁰ Ver a Introdução, VI b (p. 46),

vinha à tona: cf. Jr 22:15-17 — e na profecia messiânica: cf. Is 11:4. Nos versículos 1 e 2⁹¹ o *teu* quádruplo chega ao coração do assunto, sendo que, em primeiro lugar, vê-se que a capacidade de julgar justamente é dada por Deus (isto é enfatizado na oração de Salomão pedindo sabedoria em 1 Rs 3, e na profecia acerca do Messias cheio do Espírito em Is 11), e, em segundo lugar, que mesmo os pobres são os pobres *de Deus*, conceito este que é de longo alcance, e que receberá sua expressão clássica em Mt 25:35ss.

A *Justiça* (1, 2, 3) domina esta abertura do Salmo, sendo que segundo as Escrituras, é a primeira virtude de governo, ainda antes da compaixão (que será o tema dos versículos 12-14). Esta lição se inculca explicitamente na Lei mosaica, que proíbe a parcialidade no julgamento, seja quando favorece (surpreendentemente) os pobres ou os ricos (Êx 23:3, 6).

3. *Paz* (heb. *šālôm*), a plenitude harmoniosa que inclui a prosperidade (embora “paz” seja a tradução mais comum),⁹² e que também acompanha a justiça, que é o solo ou clima onde floresce a paz (cf. versículo 7 e também Is 32: 17, onde há a mesma ordem de prioridade). Neste versículo (3) a *justiça* tem algo do seu sentido mais largo, porém também relacionado, de “funcionamento apropriado”; ver a nota sobre Salmo 24:5).

72:5-7. O Reino Sem Fim.

A oração “permaneça ele” (*ele permanecerá*) é uma leitura que se baseia na LXX, embora o texto hebraico que veio até nós se traduza: “que temam a ti”.⁹³ Em qualquer caso, porém, a estrofe fala de um domínio duradouro, à luz do versículo 7, e introduz o que é quase um estribilho com sua alusão à duração do *sol* e da *lua* (5, 7, 17). A possibilidade de esta expressão significar pouco se vê no trato: “Ó rei, vive eterna-

⁹¹ A forma do verbo que começa o versículo 2 favorece a tradução “ele julgará”, que introduz uma série de profecias nos versículos 2-7, ao invés de orações (cf. AV, RV, ARC). A maioria dos intérpretes, no entanto, segue a LXX ao traduzir os verbos como na RSV, ARA. Os versículos 8-10 e 15-17 são introduzidos por verbos que não deixam dúvida quanto ao fato de serem orações.

⁹² NEB coloca as duas palavras juntas “paz e prosperidade” para traduzir a única palavra hebraica.

⁹³ Parece que a LXX tinha um texto com *ya'arîk*, “permaneça”, em comparação com o TM *yîrâ 'ûkâ*, “que te temam”.

mente!”, no Livro de Daniel; ao mesmo tempo, o tanto que pode significar se vê nas profecias messiânicas e no modo de elas serem entendidas nos tempos do Novo Testamento.⁹⁴

6, 7. Este belo símile pode ter sido inspirado pelas “últimas palavras de Davi” (2 Sm 23:1-7), onde o rei justo é como sol e chuva para seus súditos, criando as condições dentro das quais tudo quanto é precioso e bom pode florescer. É o outro lado da realeza, comparado com a “vara de ferro” do Salmo 2:9; estes lados se complementam mutuamente, conforme já mostrou o versículo 4. Outro fato emerge na palavra *justo*, que chama a atenção ao humilde ajudante do rei justo: o súdito justo, de cuja integridade depende a *paz* ou bem-estar (ver sobre 3, supra) da totalidade. Cf. Is 60:21.

72:8-11. o Reino Sem Fronteiras.

De mar a mar pode ser uma referência às fronteiras prometidas em Êx 23:31, “desde o Mar Vermelho até ao mar dos filisteus” (i.e., até às praias palestinianas do Mediterrâneo), e desde o deserto até o Eufrates”. Mesmo se for assim, os versículos 10 e 11 fazem deste território o núcleo de um império de alcance mundial.

9. **Os habitantes do deserto.** Embora esta expressão usualmente signifique criaturas não-humanas, este não é invariavelmente o caso. Cf. 74:14, lit. “a um povo, habitantes no deserto”.⁹⁵

10, 11. *Társis* pode ter sido Tartesso na Espanha; de qualquer forma, o nome se associava com viagens longas; da mesma maneira, *as ilhas* ou “terras do mar” eram sinônimos dos confins da terra: ver, e.g. Is 42:10. *Sabá* e *Sebá* parecem ter sido povos aparentados no Sul da Arábia, ou ortografias diferentes do mesmo nome; neste último caso, “e” terá o sentido de “mesmo” (cf. os artigos sobre estes dois nomes no NDB). A rainha de Sabá era apenas uma entre muitos que fizeram uma viagem deste tipo, levando “presentes” (1 Rs 10:1ss.; 23ss.); o salmo, porém, olha para além destas amostras de cortesia e cultura, para “o maior do que Salomão”, e para ofertas de homenagem total. Tendo isto

⁹⁴ E.g. 110:4; Ez 37:25; Jo 12:34; Hb 7:24-25.

⁹⁵ J. Montgomery, “Hail to the Lord's Anointed”.

⁹⁶ Para reinterpretações sugeridas de 74:14, ver os comentários ali.

em vista, é ainda mais marcante que o primeiro despertar deste grande movimento dos gentios foi saudado por Cristo com resoluções quanto ao sacrifício de Si mesmo (Jo 12:20ss.), e não com pompa salomônica.

72:12-14. O Rei Compassivo.

Salomão continua a falar de modo mais sábio do que agiria em qualquer tempo. Suas orações, na sua ascensão e na dedicação do Templo (1 Rs 3:6ss.; 8. e.g. 38ss.), mostram com quanta sensibilidade admirava o rei que aqui descreve; o veredito do seu povo, porém, foi que “fez pesado o nosso jugo”. Mais uma vez, era exatamente o oposto daquilo que seria reconhecido no seu Filho maior do que ele (Mt 11:28ss.).

72:15-17. Bênçãos Sem Fim.

Muitos tipos de riquezas se mencionam aqui: o *ouro* que se extrai com a coragem e perícia dos homens (cf. Jó 28:1ss.); as *bênçãos* que são invocadas com amor; a riqueza das coisas que crescem ⁹⁷ (*os cumes dos montes* se mencionam como os solos com menos possibilidade de fertilidade) e de cidades populosas (o contexto não trata das nossas florestas urbanas, mas de uma terra que aguarda a ocupação, e defesas para serem guarnecidas); e, não de menor valor, as riquezas da honra e da felicidade⁹⁸ de uma qualidade tal que vem, reconhecidamente, da mão de Deus. Os termos do versículo 17 são virtualmente os da promessa feita a Abraão em Gn 12:2-3.⁹⁹

É uma oração magnífica em prol de um rei e do seu país; de um líder e do seu empreendimento; do Rei e da consumação do Seu reino, para o qual “os reis da terra lhe trarão a sua glória”, e “mediante cuja luz as nações andarão” (Ap 21:24).

⁹⁷ A palavra traduzida *abundância* (mas AV, RV mg. “um punhado”) ocorre somente aqui no Antigo Testamento. G. R. Driver (VT 1 (1951), p. 249) a considera como palavra tomada por empréstimo, com o significado de “quantidade, pedaço”; daí, “uma alocação, i.e., fatura”.

⁹⁸ *Bem-aventurado*, no versículo 17, seria melhor traduzido como “feliz”, como na NEB.

⁹⁹ *Prosper* (o seu nome) é lit.: “Seja produtivo o seu nome”, ou “Que seu nome tenha prole”. Uma tradição rabínica tratou o verbo (*yinnôn*, “ser produtivo”) como nome próprio, fazendo de Yinnon um dos nomes do Messias. Por mais artificial que seja, confirma que o salmo era tratado como uma profecia messiânica.

72:18-20. Doxologia e Conclusão.

A doxologia completa o Segundo Livro dos Salmos (42-72), e não somente este salmo; mesmo assim, a visão de alcance mundial que acaba de ser desdobrada empresta algo do seu conteúdo ao louvor, especialmente em 19b.

20. Este versículo dá a impressão de que *orações* era o primeiro termo coletivo para os Salmos. Agora, na Bíblia hebraica, recebem o título de "Louvores". Estes dois termos em conjunto ressaltam as duas notas mais características do Saltério.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS

DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Estes comentários são feitos de modo a dar ao leitor uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A Introdução de cada livro dá às questões de autoria e data, um tratamento conciso mas completo.

Isso é de grande ajuda para o leitor em geral, pois mostra não só o propósito como as circunstâncias em que foi escrito o livro.

Isso é, também, de inestimável valor para os professores e estudantes que desejam dar e requerem informações sobre pontos-chave, e aí se vêm combinados, com relação ao texto sagrado, o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito.

Os Comentários propriamente ditos tomam respectivamente os livros estabelecendo-lhes as seções e ressaltando seus temas principais. O texto é comentado versículo por versículo sendo focalizados os problemas de interpretação. Em notas adicionais, são discutidas em profundidade as dificuldades específicas.

O objetivo principal é de alcançar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, e tornar sua mensagem plenamente compreensível.

EDIÇÕES VIDA NOVA
EDITORA MUNDO CRISTÃO